



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação
Doutoramento em Educação

**GRAMÁTICA PARA QUÊ? PRODUÇÃO TEXTUAL
ARGUMENTATIVA NA PERSPECTIVA DA
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Tese apresentada em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutora em
Educação, orientada pelo Professor Doutor José Bernardino Duarte

Marcione Teles de Melo Barros / N° A22001445

2023

www.ulusofona.pt



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação
Doutoramento em Educação

GRAMÁTICA PARA QUÊ? PRODUÇÃO TEXTUAL ARGUMENTATIVA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

“VERSÃO FINAL”

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa no dia 22/09/2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 152/2022, de 20 de abril de 2022, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.^a. Doutora Rosa Serradas Duarte – por delegação do Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Vogais:

Prof.^a. Doutora Elsa Estrela – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Prof. Doutor Hurry Beefun – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Prof.^a Doutora Lucimar Dantas – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Prof.^a Doutora Maria Neves Gonçalves - Instituto Politécnico da Lusofonia;

Prof.^a Doutora Otília de Sousa - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Orientador:

Prof. Doutor José Bernardino Duarte - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;

Marcione Teles de Melo Barros / N° A22001445

2023

Falar é um trabalho (certamente menos cansativo que outros). Ler e escrever são trabalhos. A escola é um lugar de trabalho. Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem. Mas, não são exercícios. Se não passarem de exercícios eventuais, apenas para a avaliação, certamente sua contribuição para o domínio da escrita será praticamente nula. Para se ter uma ideia do que significa escrever como trabalho, ou como se escrever de fato “na vida”, basta que verifiquemos como escrevem os que escrevem: escritores, jornalistas. Eles não fazem redações. Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, leem arquivos, leem outros livros. Só depois escrevem e leem e releem, e depois reescrevem, e mostram para colegas ou chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo. A escola pode muito bem agir dessa forma... Desde que não pense só em listas de conteúdo e avaliação.

Possenti

Agradecimentos

Acima de tudo e pelo dom da vida, que é uma dádiva, agradeço primeiro a Deus.

A todos os que comigo partilharam a construção deste projeto, o meu sincero agradecimento:

À universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, na pessoa do diretor do CeiED, Professor Doutor António Teodoro, pelo apoio aos brasileiros e incentivo a investigação;

Ao orientador, Professor Doutor José B. Duarte, pela amizade, competência, disponibilidade e paciência desde 2015, no mestrado;

A escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada no estado de Pernambuco, Brasil, numa cidade chamada Capoeiras, local onde trabalhei por 12 anos e a pesquisa foi realizada;

Um agradecimento especial a gestora da escola pesquisada na época, Rosana Souto, pelo apoio e incentivo;

A professora de língua portuguesa Hiolanda Tenório por ter aceitado ser colaboradora na pesquisa;

A todos quantos partilharam, com sua presença e apoio, um percurso de amadurecimento pessoal e profissional, em particular a Valéria Godói e Geny Alexandre; meu carinho especial também aos professores Carla Bismark, Jeferson Silva e Márcia Alexandre que conheci já no final do percurso e nunca me negaram apoio.

A terminar não posso deixar de manifestar a mais profunda gratidão à minha família, ao meu marido Bruno Barros que sempre me incentivou com apoio abstrato e concreto, a minha filha Brenda Maria, que nasceu no percurso, aos meus pais José Ferreira e Marina Teles, aos meus irmãos Márcia, Márcio e Mércia, aos meus cunhados Evelísio e Fernando, à minha cunhada Fábria, e aos meus sobrinhos Mateus, Natan, Maria Antônia, Maria Sophia e Miguel, pelo apoio e compreensão manifestados em todos os momentos desde o mestrado, num percurso investigativo de anos.

Resumo

A presente investigação busca uma proposta de metodologia em sala de aula que aproxime a gramática internalizada a uma gramática funcional voltada para as competências da produção de textos argumentativos. Diante disto a questão de partida será: Como ligar a gramática internalizada, em cada indivíduo, a uma gramática funcional que seja base de uma literacia geral e desenvolvimento do pensamento crítico pelo domínio do texto argumentativo? O objetivo geral da pesquisa é de analisar a ligação entre a gramática implícita ou internalizada e a gramática funcional que permita ao indivíduo desenvolver uma linguagem que formule os conhecimentos ligados ao currículo e a vida cotidiana e possa produzir textos argumentativos em que assume o seu próprio pensamento. Como aportes teóricos teremos Luft (1985), Halliday (2004), Bakhtin (1997), Adam (1987), Bronckart (1999), Allal (2015), Martin & Rose (2008), Camps & Dolz (1995), Coimbra (2011), Neves (1994, 1999, 2002), Possenti (1996), Geraldi (1997), Perini (2003) e Gouveia (2009), alguns relacionados com a corrente sistêmico-funcional. A parte empírica terá metodologia participativa e serão analisados textos argumentativos dos estudantes do terceiro ano do ensino médio por estarem saindo da escola e com interesses de ingressarem em uma universidade. Será convidado um professor de língua portuguesa, que leccione em um dos terceiros anos, que aceite essa sugestão de metodologia baseada nas propostas sistêmico-funcionais, para em colaboração com a investigadora, propor aos estudantes uma sequência didática de produções textuais argumentativas. Os resultados apontaram que, as produções textuais no gênero argumentativo corresponderam positivamente à pergunta de partida e objetivos. O avanço nas escritas não esteve condicionado ao uso em quantidade de determinadas conjunções, mas no uso adequado delas mesmo em menor quantidade, e condicionado ao sentido e contexto da vida dos estudantes.

Palavras-chave: Gramática implícita. Linguística sistêmico-funcional. Texto argumentativo.

Summary

The present investigation seeks a proposed methodology in the classroom that approximates implicit grammar to a functional grammar focused on the skills of producing argumentative texts. In view of this, the starting question will be: How to link the implicit grammar, in each individual, to a functional grammar that is the basis of a general literacy and development of critical thinking by mastering the argumentative text? The general objective of the research is to analyze the link between implicit grammar and functional grammar that allows the individual to develop a language that formulates knowledge linked to the curriculum and everyday life and can produce argumentative texts in which he assumes his own thinking. As theoretical contributions we will have Luft (1985), Halliday (2004), Bakhtin (1997), Adam (1987), Bronckart (1999), Allal (2015), Martin & Rose (2008), Camps & Dolz (1995), Coimbra (2011), Neves (1994, 1999, 2002), Possenti (1996), Geraldi (1997), Perini (2003) and Gouveia (2009), some related to the systemic-functional current. The empirical part will have a participatory methodology and argumentative texts of third-year high school students will be analyzed for leaving school and interested in joining a university. A Portuguese language teacher, who teaches in one of the third years, who accepts this suggestion of methodology based on systemic-functional proposals, will be invited to, in collaboration with the researcher, propose to students a didactic sequence of argumentative textual productions. The results showed that the textual productions in the argumentative genre corresponded positively to the starting question and objectives. The progress in writing was not conditioned to the use in quantity of finished conjunctions, but in the adequate use of them even in smaller quantity, and conditioned to the meaning and context of the students' lives.

Keywords: Implicit grammar. Systemic-functional linguistics. Argumentative text.

Abreviaturas

ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
GN	- Gramática Normativa
LSF	- Linguística Sistêmico-Funcional
MEC	- Ministério da Educação
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
SD	- Sequência Didática
T.F	- Texto Fraco
T.MD	- Texto Médio
T.ML	- Texto Melhor
ZR	- Zona Rural

Índice Geral

Introdução	14
Parte I – Enquadramento Teórico	17
Capítulo 1 – Conceitos de gramáticas nos estudos linguísticos e o ensino	18
1.1 Gramática internalizada	18
1.2 Gramática normativa e ensino	21
1.3 Duas grandes correntes dos estudos linguísticos: formalismo e funcionalismo.....	27
Capítulo 2 – A gramática funcional	30
2.1 Metafunção ideacional.....	32
2.2 Metafunção interpessoal	33
2.3 Metafunção textual	34
2.4 O ensino de gramática funcional e a língua portuguesa	35
Capítulo 3 – Literacia e a competência comunicativa	37
3.1 Conceito de gêneros textuais	45
3.2 O texto na visão dos PCN e a produção textual na proposta do ENEM	47
Parte II – Da Problemática aos Objetivos.....	53
Capítulo 4 - Síntese de problemática	54
4.1 Questão de partida	55
4.2 Objetivos.....	56
4.2.1 Objetivo geral	56
4.2.2 Objetivos específicos.....	56
Parte III - Percurso Metodológico	57
Capítulo 5 – Metodologia.....	58
5.1 Metodologia escolhida.....	58
5.2 Locus da investigação.....	58
5.3 Sujeitos da pesquisa.....	59
5.4 Instrumentos de coleta de dados	60
5.5 Proposta de entrevista a professora convidada	60
5.6 Proposta de produção de texto argumentativo.....	62
5.7 Embasamento teórico para a metodologia e sequência didática.....	66
Parte IV- Apresentação, Análise e Discussão dos Dados.....	73
Capítulo 6 - Análise dos dados	74

6.1 Análise de conteúdo – Entrevista 01 à professora convidada (Apêndice A).....	74
6.2 Análise de conteúdo- Entrevista 02 à professora convidada (Apêndice C)	76
6.3 Análise dos dados, por categorias – entrevistas 01 e 02 – à professora convidada.....	77
Capítulo 7 - Observação participativa - aplicação da sequência didática pela	
pesquisadora	83
Capítulo 8 - Análise dos textos argumentativos.....	85
8.1 Análise do texto diagnóstico E - melhor - professora investigadora.....	86
8.2 Análise do texto E após intervenção - melhor - professora investigadora	89
8.3 Análise do texto diagnóstico A - melhor - professora convidada.....	91
8.4 Análise do texto A após intervenção - melhor - professora Convidada	92
8.5 Análise do texto diagnóstico N - fraco - professora convidada.....	94
8.6 Análise do texto N após intervenção - fraco - professora Convidada	95
Capítulo 9 - Análise dos elementos da estrutura textual - Primeiro texto (diagnóstico) .	97
9.1 Análise dos aspectos da macroestrutura dos textos diagnósticos	97
9.2 Análise dos aspectos da microestrutura dos textos de diagnósticos	100
Capítulo 10 - Análise dos elementos da estrutura textual – Último texto (Após	
intervenção).....	104
10.1 Análise dos aspectos da macroestrutura (Textos após intervenção).....	104
10.2 Análise dos aspectos da microestrutura(Textos após intervenção)	107
Capítulo 11 - Análise geral dos elementos da estrutura textual.....	110
11.1 Síntese de proposta didática aos professores de língua portuguesa.....	118
Conclusões.....	114
Referências Bibliográficas.....	121
Apêndices.....	I
Anexos.....	146

Índice de Quadros

Quadro 1 - Gramática formal x Gramática Funcional.....	28
Quadro 2 - As variáveis de registro e a sua relação com as meta-funções	32
Quadro 3 - Descrição da transitividade na GSF na meta-função experiencial ideacional	33
Quadro 4 - Arquitetura de análise de um texto de acordo com Bronckart.....	43
Quadro 5 - Competências da Redação do ENEM	49
Quadro 6 - Síntese dos módulos da sequência didática	68

Índice de Figuras

Figura 1 - Esquema de sequência argumentativa de Adam.....	42
Figura 2 - Esquema de texto argumentativo.....	65
Figura 3 - Esquema de Dolz	67

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Sintetiza a análise geral dos elementos da microestrutura.....	112
--	-----

Introdução

Os resultados de exames oficiais, no Brasil, vêm apontando o fracasso das escolas de uma forma geral (segundo os próprios dados do Ministério da Educação) e também no que se refere ao nível de aprendizagem esperado em língua materna. Pode pensar-se que esse resultado negativo está dependente, pelo menos em boa parte, de que a escola e as suas aulas de língua portuguesa fazem interpretações errôneas sobre estudar a língua e sobre estudar a gramática, como se não fosse uma única coisa. Pois a escola brasileira, como se constata nos programas do Ministério da Educação, não prioriza interligar a gramática na sala de aula para melhorar a língua, ela é como uma disciplina em si só, e se basta, e os alunos acabam por estudar apenas a gramática totalmente desvinculada do social, do dia a dia, das conversações, que são constituídas pela língua. Dessa forma, estudar gramática para o aluno tornou-se uma disciplina considerada difícil e entediante que não tem função em sua vida (Silva, 1997).

De acordo com Silva (1997), os professores em sua maioria tendem a gastar o tempo de suas aulas dando regras de gramática aos seus alunos que as memorizam, mas que não sabem quando e onde as usar, e quando é solicitado que façam uma produção textual o estudante é muito cobrado para não errar as regras de concordância, de regência e de pontuação, por exemplo, mas a função, o sentido e o objetivo daquele texto escrito, o aluno não sabe.

Será com base nessas reflexões que a nossa tese se desenvolverá, onde o problema de pesquisa originou-se dos resultados da nossa dissertação de mestrado, de cunho variacionista, baseado nos estudos de William Labov, por termos pesquisado as variações da língua e cuja análise dos dados coletados quantitativamente e qualitativamente nos inquietou. Foi um trabalho que buscou analisar a influência de variantes extralinguísticas (idade, escolaridade, sexo, renda familiar, classe social, entre outros) nos desvios sintáticos em textos argumentativos produzidos por estudantes do ensino médio. O resultado demonstrou que a presença de um grande número desses desvios na concordância verbal não estava tida em conta pela metodologia nas aulas de língua portuguesa.

De acordo com Vieira e Brandão (2007), é preciso desenvolver uma metodologia de ensino fundamentada em bases científicas considerando a dinâmica da língua e a adaptação das estratégias no nível pedagógico. Para que tal objetivo seja alcançado as autoras partem da hipótese de que os alunos já possuem uma capacidade linguística intuitiva, concebida com regras e princípios universais, que deve ser tido em conta na escola.

[...] ao ingressar na escola o aluno deve desenvolver sua capacidade comunicativa de forma que ele possa utilizar melhor a sua língua em todas as situações de fala e escrita, isto é, o aluno deve ser capaz de refletir sobre a capacidade linguística que ele já possui e domina no nível intuitivo, mas sobre a qual nunca antes se tinha debruçado para analisar o funcionamento (Vieira & Brandão, 2007, p. 263).

Partimos do pressuposto de que os estudantes, ao chegarem à escola, já possuem conhecimentos sobre a língua, e que o papel da escola é desenvolver essa capacidade dos estudantes, inserindo aí novos recursos para o desenvolvimento de suas habilidades escritas e orais baseados nas regras gerais da gramática. Diante dessas discussões surgiu uma questão de partida com base em apoios teóricos:

Como ligar a gramática internalizada, em cada indivíduo, a uma gramática funcional que seja base de uma literacia?

Assim, o objetivo geral é analisar a ligação que existe entre a gramática internalizada e a gramática funcional que permita ao indivíduo desenvolver uma linguagem em que formule os conhecimentos ligados ao currículo e à vida cotidiana.

Desta forma esta pesquisa tem por título: “Gramática para quê? Produção textual argumentativa na perspectiva da linguística sistêmico-funcional”, onde as inquietações surgem nesse contexto de resultados pedagogicamente insatisfatórios para a vida do aluno e para os professores, pois, enquanto educadores de língua portuguesa entendemos que para nada servirão as aulas baseadas em gramáticas formalistas e memorizadas que não funcionem ao serviço do desenvolvimento crítico do aluno face à multiplicidade de informação do mundo atual. Esta pesquisa tem o propósito de fazer uma reflexão sobre o ensino de gramática como recurso fundamental da comunicação e não apenas numa dimensão memorativa. Para tanto serão levados em consideração os textos argumentativos produzidos pelos estudantes.

Assim essa pesquisa terá como aporte teórico alguns estudiosos como Adam (1987), Allal (2015), Bakhtin (1997), Bronckart (1999), Geraldini (1997), Gouveia (2009), Halliday (2004), Halliday e Mathiessen (2004), Luft (1985), Martin & Rose (2008), Neves (1994, 1999, 2002), Perini (2003), Possenti (1996) e outros, alguns relacionados com a corrente sistêmico-funcional, defendendo uma exploração das formas da língua como compreensão e construção de textos para se chegar a um sentido. Nessa perspectiva, é necessário ampliar a competência argumentativa dos estudantes, aproximando gramática e texto, explorando os sentidos desse texto por meio de uma estrutura gramatical e elementos léxico-gramaticais em relação ao contexto de cultura e de situação que o caracterizam. Por isso a linha de pesquisa desta tese é questionar de que modo as aulas de língua portuguesa e o ensino de gramática podem utilizar os textos argumentativos produzidos pelos estudantes ao serviço do

desenvolvimento crítico dos mesmos fazendo uma análise dos sentidos e suas funções, entendendo que a língua tem muitos significados, e como esses significados estão sendo expressos pelos alunos em suas escritas.

Na parte empírica a pesquisa será realizada com os estudantes do terceiro ano do ensino médio por estarem saindo da escola e com interesses de ingressarem em uma universidade, pois estes estudantes são os mais apropriados para fazerem parte desta investigação já que estão finalizando o ensino médio e já passaram por todas as etapas do currículo obrigatório, como também, são os estudantes que irão fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e espera-se que eles tenham as habilidades necessárias para escreverem um texto argumentativo dentro das competências exigidas. Será convidado um professor (a) que leciona a disciplina de língua portuguesa, em um dos terceiros anos da escola, que aceite essa sugestão de metodologia baseada nas propostas sistêmico-funcionais, e que, durante as unidades do ano, possa desenvolver com estes estudantes uma sequência de produção de textos argumentativos levando em consideração as competências que devem ser desenvolvidas no processo.

Será uma investigação participativa, pois, enquanto investigadora, farei a pesquisa empírica com uma das turmas de que sou professora. Ao todo serão investigadas 2 turmas de terceiro ano, 90 alunos no total, uma em que sou professora e outra em que é professora uma colega. Através desse processo participativo-dialógico o professor que aceitar a proposta será convidado a comentá-la criticamente quanto à sua aplicabilidade, através de entrevistas, para depois compararmos (investigadora e professora convidada) os resultados com o que se faz no ensino tradicional.

Esta tese terá como estrutura inicial: Na parte I, a Revisão Bibliográfica, na parte II, problemática e objetivos, na parte III, os percursos metodológicos e na parte IV a análise e discussão dos dados.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Conceitos de gramáticas nos estudos linguísticos e o ensino

“[...] para falar e escrever bem não quer dizer que necessariamente o usuário tem que saber todas as regras gramaticais, mas sim, tem a ver com a gramática natural do usuário [...].”

Luft (1985, p.19)

1.1 Gramática internalizada

Ao entrarem na escola os estudantes apresentam um potencial linguístico vasto e bastante variável, e isso é graças a gramática internalizada que cada indivíduo (estudante) traz consigo durante as suas vivências diárias e contatos com as outras pessoas e situações que independem da escola. Isso fica mais claro, quando conhecemos pessoas que nunca frequentaram uma escola, mas que conseguem se comunicar, oralmente, com sucesso.

De acordo com Luft (1985), gramática internalizada trata-se de uma aptidão utilizada pelo falante desde o momento em que ele estreia a sua relação com a linguagem, pois, estando o que diz apropriado ou não conforme os padrões formais, ele consegue organizar suas ideias e seus pensamentos, aferindo um sentido lógico a expressão que fala.

O professor tradicional não se dá conta de que todo falante nativo ‘sabe’ sua língua, apenas precisa desenvolver, crescer, praticar em outras situações. Nunca ouviu falar em gramática “internalizada”. Falta-lhe em geral uma formação linguística mais séria; ou leu e não acreditou nas novas teorias; ou é mais cômodo restringir-se a currículos impostos [...]. Assim, a ingenuidade tradicional parte do pressuposto de que o aluno de língua materna é como um estrangeiro: não sabe a língua [...] Luft (1985, p. 48).

O ambiente em que o estudante cresce será fundamental na conquista da linguagem, pois ele atingirá um conhecimento subentendido dela, que não é oriundo de orientação escolar, pois essa predisposição para se comunicar se dá porque o falante tem intimidade com outras pessoas que estão se comunicando, e isso tudo tem a ver com a condição social, a região, a escolaridade, a cultura dos que convivem no dia a dia com ele, entre outros fatores.

Para Cardoso e Sousa (2010),

[...] usamos a língua de forma natural, inconsciente, observando-se um continuum entre os usos espontâneos e a capacidade para tomar a língua como objecto de reflexão. No entanto, a reflexão sistemática sobre a língua é claramente uma tarefa da escola. É na escola que aprendemos gramática, ainda que sejamos ‘pequenos

linguistas' desde que nascemos, pois, falar uma língua supõe o conhecimento implícito da gramática e do léxico de uma língua (p.114).

Os autores, tanto Luft (1985) quanto Cardoso e Sousa (2010), concordam com a gramática implícita ou internalizada, pois, segundo eles, quando o aluno chega a frequentar a escola, ele já possui um conhecimento do conjunto de regras da língua por ele dominada, mesmo que de forma inconsciente. Assim, por exemplo, digamos que o aluno não utilizará discursos como “parque com minha mãe vou eu para o”, mas sim “eu vou para o parque com minha mãe”. Compreende-se que, mesmo sem manter nenhum contato nítido com as normas que se determinam ao padrão formal, esse aluno já domina aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos da língua, e esse sistema de regras interiorizado por ele é apontada como gramática internalizada.

A gramática (saber linguístico) dos falantes é sempre completa: sistema de todas as regras necessárias para se poder falar. Mesmo a criança de cinco ou seis anos que já fala com desembaraço, e o mais humilde dos analfabetos, necessariamente dominam a gramática completa que preside a seus atos de fala. Do contrário, não haveria como falar. Para a mais simples elocução, para juntar sílabas que seja, é indispensável dominar uma gramática (conjunto de regras) interior Luft (1985, p. 41).

Sabe-se que essas gramáticas internalizadas também possuem variantes, pois os falantes possuem níveis de cultura e níveis sociais divergentes, mas todas elas são de algum modo "completas" em si, na expressão do autor, mesmo as de nível mais irrelevante, pois elas possuem os meios fundamentais à comunicação nesses níveis, e que, para haver comunicação, os falantes não precisam recorrer às regras da gramática normativa.

Cardoso e Sousa (2010) dizem que,

Se a criança, quando chega à escola, já possui uma gramática que usa de forma eficiente, como ensinar gramática à criança? Na verdade, a gramática que a criança possui é uma gramática interiorizada, implícita, um conhecimento que lhe permite falar a língua, mas dificilmente falar sobre a língua. [...] Ainda que, ao entrar na escola, a criança já possua alguma representação de formatos textuais e gramática de textos, há um trabalho longo a desenvolver, precisando a criança, por um lado, de um imput rico e variado de textos e, por outro, de reflexão e de ensino sobre textos (p. 114).

O ensino da língua deve ser baseado no conjunto de experiências trazidas pelo estudante e no tempo que ele precisa para interpretar os saberes novos que lhes serão apresentados. Se o professor o enxergar como um estrangeiro na língua, não conseguirá diversificar os seus métodos para levar em consideração o conhecimento riquíssimo que este estudante traz e acabará não dando o espaço e o tempo necessários para o estudante falar, pensar e tirar dúvidas naqueles conhecimentos novos. O professor precisa observar os seus estudantes e abrir discussões para os diferentes saberes trazidos por cada um, e uma forma de

fazer é através da leitura e da escrita como oportunidades para ensinar a gramática aproveitando o que o estudante já sabe.

O professor de português deve provocar o aluno para que ele exteriorize a gramática internalizada fazendo comparações entre as variantes linguísticas e aceitá-las como possíveis. Luft (1985, p. 53) diz que “o falante exposto a modelos de um ou de outro nível, ou de um ou outro dialeto, um ou outro conjunto de variantes, exercita-se e cresce linguisticamente”. Mas para que isso aconteça o aluno precisa ser ativo no processo de ensino aprendizagem e não passivo, ele precisa, a partir dessa prática espontânea, de exteriorizar o que está dentro, através da gramática internalizada, buscar seus próprios conhecimentos e, depois, a pouco e pouco, adquirir uma competência discursiva apta a diferentes contextos circunstanciais de convivência formal ou não, e assim ir adquirindo poder.

Todavia, de preferência ao conceito de competência discursiva, parece mais abrangente o conceito de “competência comunicativa” de Dell Hymes, que iremos retomar adiante, como “termo mais geral para a capacidade comunicativa de uma pessoa, capacidade que abarca tanto o conhecimento da língua como a capacidade para usar” (Rincón, 2017, p. 1). Assim, a competência comunicativa possibilita diferentes componentes, incluindo a componente discursiva, que de acordo com Rincón (2017)

[...] a competência comunicativa envolve também a competência textual, vista como a capacidade do usuário de, em situações de interação comunicativa, produzir, compreender, transformar e classificar textos que se mostrem adequados à interação comunicativa pretendida, utilizando regularidades e princípios de organização e construção dos textos e do funcionamento textual, já que os textos são a unidade da língua em uso. Evidentemente, incluem-se aqui, na capacidade classificatória, o conhecimento e a capacidade do uso do tipo e do gênero de texto apropriado como instrumento para a interação verbal que está acontecendo. Para além do que já é dado pelas competências linguística e textual, a competência comunicativa acrescenta algo que tem a ver com a competência discursiva, que contextualiza adequadamente o que se diz. Nesse sentido, parece que se pode falar que a competência comunicativa é constituída pelas competências linguística ou gramatical, textual e discursiva (p. 1).

Sob essa ótica percebe-se que os professores devem pautar em suas aulas de língua portuguesa a produção textual dos alunos levando em consideração diversos tipos de gêneros textuais motivadores que os despertem com base nessa competência comunicativa, mas desenvolvendo-a adequadamente, levando-os a descobrir novas formulações com base nos seus conhecimentos internalizados, mas fazendo uma ligação com as regras da gramática normativa.

Luft (1985) diz que o professor não deve, portanto, podar o aluno entre o errado e o certo na língua escrita e na falada, pois isto, pode estigmatizá-lo como um não competente

comunicativo e trazer consequências para ele em sua vida, que sai da escola sem ter consciência de seus conhecimentos, acabando por vezes fracassando, pois este aluno não enxergará que é capaz de aprimorar seus conhecimentos sendo aperfeiçoado e adaptado nas regras da gramática escolar normativa para conviver e habituar-se em algumas situações de uso formal da fala e da escrita.

Cardoso e Sousa (2010) também apontam que é preciso aproveitar as experiências textuais trazidas pelos estudantes para a escola, apesar de concordar que é preciso desenvolver um trabalho de estruturação e organização nesses formatos textuais,

Há mesmo momentos mais do que explicitar um conhecimento adquirido, é necessário ensinar mecanismos ainda não estabilizados. Se há textos que as crianças conhecem, porque diariamente descrevemos objectos e pessoas, relatamos acontecimentos e resumimos eventos, outros há, porém, que são marcadamente escolares, havendo formas e estruturas que precisam de um ensino explícito, sistemático, progressivo (p.115).

O estudante faz uso da fala e da escrita no seu dia a dia através da gramática internalizada, como já foi falado, mas cabe à escola fazer aprender os usos oficiais das regras da língua, para que em situações formais ele possa participar e, de um modo geral, poder inserir-se no mundo social. A escola consegue fazer este estudante participar através do ensino da escrita do texto e seus diferentes contextos e formatos. É preciso, para tanto, sistematizar o ensino e organizar para que o estudante consiga complementar este conhecimento novo com a gramática internalizada que ele já utiliza, e assim as competências de saber falar, ler, escrever consigam seu tempo e espaço necessários para acontecer.

1.2 Gramática normativa e ensino

A gramática normativa é aquela que indica as regras, as normas gramaticais, de uma língua, admitindo apenas uma única forma “correta” para a sua efetivação na sociedade. Dessa forma as variedades são tratadas como “erros” gramaticais. Essa gramática normativa é ensinada na escola e é considerada a única forma de o estudante aprender português. Aliás, existe refutação de autores sobre isso levando algumas discussões adiante, pois a gramática normativa traz as regras da variante culta como padrão e de prestígio, por isso devem ser ensinadas na escola, no entanto onde ficam nesse apanhado as outras variedades, também encontradas no dia a dia dos falantes e em suas escritas? Seriam estigmatizadas e seriam tratadas como preconceito pela escola?

Para Possenti (1996), as questões da importância de se estudar uma gramática normativa para se ter uma linguagem e uma escrita adequadas e que seja base de um comportamento social devem ser levadas em consideração em todo o processo da vida estudantil. Porém, a gramática, tende a ser um manual de regras para ser decorado não para refletir e nem analisar nada, apenas se memoriza e aplica. Até porque quem irá fazer exames como o ENEM, ou concurso público irá precisar desse manual que se encontra na gramática normativa. Mas, o autor também afirma que,

É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas, e sem as quais evidentemente não pode haver aulas de gramática como as que conhecemos. Espero que ninguém diga que não sabem sua língua os falantes de sociedades ágrafas, isto é, nas quais não há escrita e muito menos gramáticas, no sentido de listas de regras ou procedimentos de análise (Possenti, 1996, p.54).

Percebe-se na fala do autor que existem contradições no que diz respeito ao ensino de uma gramática para se aprender uma língua. Gramática deveria ser uma ciência para ser estudada e aplicada em situações reais de uso, e não um estudo conservador e difícil e raramente aplicado, pois os exemplos apresentados são distantes da realidade do aluno. E que a fala deveria ser determinante para que a gramática fosse efetivamente usada, mas como esta é estigmatizada, principalmente no Brasil, por ser “errado”, um tipo de vernáculo considerado aceitável para o dia a dia e nunca na escrita, o aluno fica literalmente distante dos exemplos concretos na sala de aula, que só são usados como exemplos de forma que jamais poderão ser usadas no dia a dia do estudante.

O estudante não se reconhece e não se identifica com nenhum dos exemplos citados na gramática que ele memoriza na escola, dessa forma o ensino de língua portuguesa fica a desejar e gera frustrações em muitos. Alguns autores defendem que é necessário e de extrema importância usar apenas a gramática normativa para os estudantes, outros defendem que é preciso trabalhar em sala de aula não só a Gramática Normativa (GN) como também a descritiva, que é o caso de Possenti (1996) que diz,

Espero que se concorde que essa é uma aula de gramática, e é um tanto irrelevante se, para ministrá-la, usa-se ou não terminologia técnica. Eu sugeriria que se falasse normalmente em concordância, em verbo, em sujeito, em pronome, em plural etc., em que a terminologia fosse cobrada como decorrência de seu uso ativo, e não através de listas de definições (p. 90).

Importante esta proposta de Possenti (1996) de que “a terminologia fosse cobrada como decorrência de seu uso ativo” (p. 94), pois indaga que as diferentes gramáticas, incluindo a internalizada, podem conviver dentro da escola, podendo ser ensinado o padrão

sem condenar o indivíduo (estudante) que usa formas populares. O autor explica que a língua nos dá várias alternativas, e que o indivíduo (estudante) pode dizer uma coisa de muitas maneiras, “A moral da história é que não existem propriamente textos errados e textos corretos (pelo menos, nem sempre), mas, textos mais ou menos adequados, ou mesmo inadequados a determinadas situações” (p.94).

E outros autores ainda afirmam que é preciso unir a GN com as experiências de fala do aluno, para que este consiga ver eficácia em se estudar uma língua que supostamente já conhece, que é o caso de Perini (2003) e outros. Mas todos defendem que a GN está sendo trabalhada em sala de aula equivocadamente, gerando conflitos nos alunos que começam a odiar a disciplina por não entenderem razão por que falam de uma forma e escrevem de outra, e uma é “certa” e a outra “errada”.

Perini (2003) diz que o falante de uma língua pode não ter ou não saber especificar o conhecimento com suas regras, mas ele possui um conhecimento subentendido da língua, que o faz se comunicar seguindo uma lógica das ideias e ser entendido nos grupos da sociedade. E esse conhecimento pode ser adquirido da mesma forma que se aprende a andar, ou por imitação ou por herdar como dotação genética. Podemos entender que é preciso fazer uma ponte entre a gramática internalizada em cada pessoa que é uma base funcional, e que é inata, com as ideias da gramática normativa. Quer dizer que a GN pode ter uma base funcional para que todos consigam falar e escrever sem cair numa prática letiva em que a GN para nada serve no dia a dia. O estudante que está aprendendo uma língua (sua língua), a língua portuguesa, acaba não entendendo por que motivo fala de uma forma e escreve de outra. Por que é tão difícil produzir textos nas escolas brasileiras, se o estudante já fala aquela língua?

De acordo com Perini (2003),

O português (que aparece nos textos escritos) não é a nossa língua materna. A língua que aprendemos com nossos pais, irmãos e avós é a mesma que falamos, mas não é a que escrevemos. As diferenças são bastante profundas, a ponto de, em certos casos, impedir a comunicação. Em outras palavras, há duas línguas no Brasil: uma que se escreve (e que recebe o nome de português) e outra que se fala (e que é tão desprezada que nem tem nome). É esta última que é a língua materna dos brasileiros; a outra ‘o português’ tem de ser aprendido na escola, e a maior parte da população nunca chega a dominá-la adequadamente. A língua falada no Brasil é chamada de vernáculo brasileiro. Assim, diremos que no Brasil se escreve português, uma língua que também funciona como língua de civilização em Portugal e em alguns países da África. Mas a língua que se fala no Brasil é o vernáculo brasileiro, que não se usa nem em Portugal nem na África (p. 36).

Assim, para o Perini (2003), o português e o vernáculo são línguas parecidas, mas o vernáculo é chamado a forma “errada” de falar o português, mas isso ainda é discrepante, pois

se fosse “errado” teria de existir uma forma “certa” de falar, logo no Brasil não se falaria português. Como assim? Não se fala português no Brasil? Pode-se dizer que, no Brasil existem diferentes e diversas variedades linguísticas. Essas variedades acabam sendo aceitáveis na fala dos brasileiros desde a mais informal e regional até as gírias e coloquiais. A variedade de maior prestígio social defendida pela GN normalmente é encontrada na escrita dos brasileiros e ensinada na escola. O português considerado “correto” e com prestígio social é a língua portuguesa encontrada na GN e defendida nas escolas, e o vernáculo acaba fazendo parte da fala menos prestigiada da sociedade “linguisticamente falando”. O autor dá um exemplo disso. Imaginem o seu companheiro de estádio de futebol dizendo para pedir um jornal: “Empreste-mo um minuto”. Ou então uma mocinha dizendo para a melhor amiga: “Se eu a vir amanhã, devolver-lhe-ei estas velhas fitas de vídeo.” (p. 36).

O vernáculo se usa na fala informal e em certos textos escritos, como em peças de teatro, e o português usado na escrita formal só se fala em situações oficiais, como nos discursos de formatura ou em posse de cargos públicos. Dessa forma o aceito pelas convenções sociais, é escrever português e falar vernáculo. Por outras palavras, escrever português erudito e falar português popular.

E como ficaria a gramática normativa nesse apanhado? Será ela a vilã? Será ela a opressora? E os professores? Muitos dizem que a gramática não serve para nada, outros dizem que é muito difícil aprender o português. Perini (2003) faz observações relevantes sobre a gramática que permite uma reflexão preocupante no Brasil,

O aluno de terceiro ano primário já está estudando as classes de palavras e a análise sintática - e não sabe. Ao chegar ao terceiro colegial, continua não sabendo. Um professor de português, mesmo que de colegial, não pode entrar na sala esperando que os alunos dominem a análise sintática, ou que possam distinguir uma preposição de um advérbio, sob pena de graves decepções. E eles estudam esse assunto há oito anos, às vezes mais! Decididamente, alguma coisa está muito errada (p. 53).

Estudar GN cria frustrações nos estudantes, e um dos erros está no que os professores ficam dizendo em suas aulas, que quem sabe a gramática escreve bem e fala bem. Isso não é verdade, escrever bem nem sempre tem a ver com gramática, com regras, e um grande exemplo é Luís Fernando Veríssimo, autor brasileiro que escreve bem, e não sabe gramática. Ele abandonou a escola e não fez letras, mas isso não tem o menor problema e não justifica absolutamente nada, porque outros autores e inclusive os bons alunos que nunca abandonaram a escola também possuem dificuldades com a gramática (Perini, 2003).

Os objetivos da disciplina e da gramática é que estão mal colocados. O estudante aprende que o que está na gramática é o “certo”, e precisa ser memorizado e pronto. E ele não

faz paralelo com o que diz, e isso fica confuso, e ninguém aprende no fim. É o caso do verbo “ver” no futuro do subjuntivo. “Quando eu te vir amanhã”. Se um aluno perguntar por que o professor está dizendo que é “vir” e não “ver”, simplesmente terá como resposta: “faça assim que é melhor para você, memorize a regra e pronto” (Perini, 2003).

Na realidade estudar gramática deveria ser como estudar um universo biológico, aprendendo a estrutura e o funcionamento dos seres, assim como a geografia leva o aluno a conhecer o ambiente em que ele vive,

[...] a gramática lhe traria algum conhecimento da linguagem, esse maravilhoso e complexo mecanismo que lhe permite comunicar-se com seus semelhantes. Em uma palavra, deve-se estudar gramática para saber mais sobre o mundo; não para aplicá-la à solução de problemas práticos tais como ler ou escrever melhor (Perini, 2003, p. 56).

Perini (2003) faz uma comparação do ensino de gramática com o ensino de outras disciplinas como a geografia ou biologia, por exemplo. Mas o estudo da gramática é um conjunto de ordens a serem obedecidas, e esse é o certo e pronto, afirmam os professores em suas aulas. O professor de biologia, por exemplo, não diz que os insetos deveriam ter seis pernas, ele simplesmente diz que os insetos têm seis pernas. Da mesma forma deveriam se comportar os gramáticos, a língua é como é. Para isso, é claro, seria necessário que existisse uma gramática mais próxima, mais real da língua falada pelos brasileiros (vernáculo) como afirma o autor, uma gramática que fizesse sentido, que tivesse uma lógica, mais preocupada em mostrar situações lógicas e não erros e acertos todo o tempo.

Para Possenti (1996) “é relevante pensar que o aluno tem o domínio linguístico efetivo da língua, e a escola deve propor e comparar as diferentes possibilidades de construção de uma frase: a) nós foi pescar; b) a gente foi pescar; c) a gente fomos pescar; d) nós fomos pescar” (p. 90). Para o autor, as frases podem ser ordenadas como sendo a 1º e a 2º aceitas de acordo com o grau de informalidade, a 3º seria estranha, mas pode ser estudada e trabalhada em sala de aula como figura de linguagem (silepse de número) e a 4º seria uma frase regulada pela GN. Esses exemplos reproduzem a gramática internalizada e essa comparação é serviço da gramática descritiva, e a explicação da aceitação ou não das formas é o trabalho da gramática normativa.

Portanto, é preciso que a escola trabalhe as diferentes gramáticas em seus diferentes contextos e situações.

A escola deveria acreditar que a saída é ler muito, aumentar o repertório do aluno, suas possibilidades de contato com mundos linguísticos que ele ainda não conhece através dos livros. O extremo desse projeto, se a escola for bem sucedida, será o aluno acabar aprendendo português arcaico, de tanto ler textos antigos, depois de ler todos os mais recentes [...] Possenti (1996, p. 89).

Possenti (1996) corrobora com a ideia de que é necessário apresentar ao estudante a língua padrão de maior prestígio, já que ele já adquiriu uma língua natural que não foi preciso ser ensinada, mas essa língua padrão deve estar vinculada aos dicionários e à GN, e é preciso oferecer aos alunos diferentes textos em contextos diversos, até mesmo os mais arcaicos. Assim os alunos serão capazes de usar a língua apropriadamente nas situações que os exigem. Mas a escola não deve rebaixá-lo ou reprimi-lo, mas deve acrescentar essas normas da GN ao que ele já conhece, de modo que o discurso seja adequado ao contexto em que se encontra, levando-o a uma visão mais crítica do mundo.

É importante apresentar ao estudante as regras cultas formais da língua oficial da nação em que ele vive e que se encontram na GN. O professor deve orientar o estudante a entender que os manuais da GN serão um direcionamento para falar e escrever de acordo com as regras estabelecidas e cobradas pela sociedade em algumas situações de uso, como no ENEM, Concursos Públicos, entrevistas de emprego, situações formais, mesmo em conversas entre amigos, etc.

Possenti (1996) trata a questão do ensino de GN de maneira produtiva na escola e afirma que,

Não se trata de excluir das tarefas da escola a reflexão sobre a linguagem, isto é, a descrição de sua estrutura ou a explicitação de suas regras, tarefas essas que estariam incluídas nas definições normativa e descritiva de gramática. Trata-se apenas de estabelecer prioridades, deixando claro que não faz sentido, dado o objetivo da escola, descrever ou tentar sistematizar algo de que não se tenha o domínio efetivo. Pense-se no que aconteceu durante décadas no ensino de línguas estrangeiras: ensinavam-se as regras gramaticais dessas línguas e o resultado era invariavelmente a incapacidade dos alunos de as falarem. Não teria sido mais proveitoso ocorrer o inverso, isto é, que se aprendesse a falar essas línguas, ao invés de falar sobre elas? O mesmo vale para a variedade padrão do português: mais vale que ela seja dominada, ainda que não descrita, do que apenas descrita (p. 84).

Por isso, da parte do professor, as regras aprendidas durante o período das aulas não podem limitar o ensino ao uso de uma única variedade, a padrão ou formal, mas, devem servir para adequar o estudante em seu uso da língua em diferentes contextos usando os gêneros textuais como ferramenta importante e essencial para uma prática de sala de aula que procure relacionar esses gêneros com diferentes contextos do mundo real. Cabe ao professor oferecer os diferentes recursos para que o aluno consiga entender que a GN oferece as regras para o funcionamento de uma língua, suas categorias, sua construção e forma, mas que existem também outras variantes que estão no dia a dia do aluno e que podem ser adaptadas à diferentes contextos de uso.

1.3 Duas grandes correntes dos estudos linguísticos: formalismo e funcionalismo

De acordo com Neves (1999) existem duas direções no pensamento linguístico, uma que é o funcionalismo que analisa a relação sistemática entre as formas e as funções de uma língua dentro de um contexto de situação e a outra que é o formalismo tratando da estrutura sistemática das formas sem preocupação com o contexto. O formalismo se preocupa especialmente com a fonética (a natureza física dos sons nas palavras) com a fonologia (como os sons se organizam dentro da língua e como os significados se distinguem) com a morfologia (estudando as palavras isoladamente, sua estrutura e formação) e com a sintaxe (estudando a relação lógica das frases).

Como afirma Neves (1999), para os formalistas “a língua é um sistema autônomo, enquanto, o funcionalismo vê a língua como um sistema não autônomo inserido em um contexto de interação social” (p. 39).

Neves (1999) diz que,

O funcionalismo contextualiza a língua na situação social em que se dá a interação verbal, cujas representações estruturais são então estudadas. Para captar a ‘situação social’, diferentes metodologias são propostas, com grande ênfase na Teoria da Variação. O funcionalismo tem em comum eleger ora o discurso, ora a semântica como componentes centrais de uma língua, indagando continuamente como a língua funciona nesses ambientes (p. 20).

Neves (1999) explica que o funcionalismo é um instrumento social que estuda a semântica (sentido) e a sintaxe (relação lógica das frases no discurso). Quer dizer que, de acordo com a autora, na corrente funcionalista, o discurso do falante será muito bem explorado, tudo o que ele sente, sugere, indaga, e tudo o que está nas entrelinhas, e o sentido que ele coloca em suas palavras também. Esse é um dos fundamentos essenciais da corrente funcionalista.

Portanto, a corrente funcionalista concentra-se na explicação das relações entre forma e função, determinando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical, tendo uma maior atenção em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Em suma, seu interesse vai além da investigação linguística, da estrutura gramatical, buscando ter em conta uma situação comunicativa.

Para Neves (1999) as perspectivas funcionalistas acima de tudo procuram estudar a língua dentro da língua e dentro do discurso, não fora dele. Não adianta análises descontextualizadas sem fundamento, é por isso que a gramática funcional está baseada nas

funções da linguagem, pois o que se escreve precisa ter uma função. Frases descontextualizadas não garantem uma análise do discurso, não entender o que o emissor quer dizer, ou muito menos perceber se o interlocutor entendeu.

O funcionalismo e o formalismo na realidade possuem uma relação complementar, pois a forma não pode excluir o sentido, são as duas necessárias, assim, “cada um dos dois modelos de análise linguística pode contribuir para o progresso do outro, e ambos se articulam na explicação da interação entre as representações mentais e o processamento linguístico” (Neves, 1999, p. 51).

As diferenças entre essas duas correntes são apontadas por Halliday (2004) e adaptadas por Neves (1994) (Quadro 1).

Quadro 1 - Gramática formal x Gramática Funcional

Gramática Formal	Gramática Funcional
Orientação primariamente sintagmática	Orientação primariamente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais pode ser estabelecida relações regulares	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase)	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso)

O funcionalismo estuda a função das palavras no momento de comunicação, sendo a linguagem não suficiente em si, e necessitando de incorporar elementos extralinguísticos nas análises, isto é, o que vem por traz daquela linguagem, o contexto inserido. Numa concepção geral, o funcionalismo tem interesse na verificação como os usuários da língua se comunicam com eficiência nos diferentes contextos, e as discussões focam no uso, no significado e no social da linguagem (Neves, 1994). Já no formalismo a linguagem é vista como autônoma, é uma expressão do pensamento sem ser necessário fazer contextualizações, e limita-se a analisar somente o que está transparente na forma. A gramática formal coloca o eixo sintagmático, que é linear, como primordial na frase combinando os termos da oração para se construir as unidades de sentido, já a gramática funcional tem como principal estudo o eixo paradigmático, que é a palavra, que se pode fazer substituições entre elas e entre os termos da frase. Podemos citar como exemplo disto a palavra cadeira, e imaginar diferentes posições que ela pode ter em uma frase: a) A cadeira é preta. b) Comprei uma cadeira. c) Aquela almofada é da cadeira. Está sendo analisado o comportamento de uma palavra dentro de uma frase, de maneira horizontal, e isso é sintagmático. Se mudarmos a palavra cadeira para as diferentes formas que ela pode ter, como: cadeirão, cadeiras, cadeirinha, cadeirona, estaremos

associando a cada posição da palavra cadeira a outras formas. E esse tipo de análise está no eixo paradigmático, e agora é vertical, que é a análise feita pela gramática funcional (Neves, 1994).

Para Galvão e Neves (2017) a corrente funcionalista concorda com as ideias e propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) permitindo uma aproximação mais eficiente com o ensino da língua portuguesa, no Brasil.

O aparato teórico funcionalista clássico contribui para o ensino na medida em que propõe um estudo de língua numa perspectiva interacionista e prima pelo seu caráter dialógico. Alguns de seus princípios acerca do funcionalismo da linguagem podem ser eficientemente aplicados como suporte para metodologias de ensino, pois o arcabouço teórico-funcionalista ultrapassa a descrição linguística e destaca-se por uma multiplicidade de aplicações. A riqueza epistemológica característica da ambiência do funcionalismo se efetiva por sua aplicabilidade à análise de diferentes fenômenos linguísticos – desde a constituição do léxico e da gramática, passando pelas questões relativas ao uso e ao ensino da língua em diferentes modalidades, e pelos aspectos sócio-históricos envolvidos nas escolhas discursivas (Galvão & Neves, 2017, p. 37).

Para Galvão e Neves (2017), existe aproximação entre esta perspectiva funcionalista e os PCN, cooperando para a eficiência no ensino da língua portuguesa, levando em conta que os PCN procuram estudar a língua como “organismo não autônomo, produto e instrumento de comunicação, de persuasão, de expressão e de simulação” (p. 38).

Esta corrente tem como suporte o entendimento de língua considerando a relação do homem e mundo, ou seja, a língua e as suas funções. Dessa forma, o estudante consegue, ou pelo menos tenta ser aprendiz da língua em contextos formais e informais, existindo uma influência linguística que o instigue e o desenvolva na competência comunicativa.

Capítulo 2 – A gramática funcional

“[...] é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimação da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa”.

Neves (1999, p. 84)

Neves (1999) explica que a Linguística Funcional (LF) se desenvolveu nos anos 80 no Brasil, mas desde os anos 60 ela vem sendo estudada, e uma das pessoas mais importantes nesse processo foi Halliday (2004), ele é do Reino Unido e um dos precursores da teoria em questão. O funcionalismo procura dar conta de como a linguagem é usada, não arbitrariamente, mas como ela satisfaz as necessidades dos usuários que dela se apropriam, delineando um sistema natural adequado à realidade e no qual tudo pode ser explicado de acordo com a produção do falante. Neves (1999) explica que:

[...] qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunica eficientemente (p. 2).

A preocupação da LF é com o modo que os indivíduos se comunicam, pois para uma abordagem funcionalista, o mais importante é que a língua esteja conectada ao uso, ao social, quer dizer, engajada na sociedade. Neves (1999) fala em comunicação eficiente, quer dizer, a linguagem deve ser usada em consonância com todos os elementos envolvidos no ato da comunicação para garantir que a mensagem seja entendida adequando-a às situações informais ou formais de linguagem.

Halliday (2004) trata a gramática e o seu estudo considerando a análise textual o primordial, o como e o porquê o texto adquire um determinado significado e também considera que o texto precisa evidenciar a sua finalidade, e para isso o contexto deve ser levado em consideração. Para o autor, a interpretação de um texto e seu contexto não acontecem sem a presença da gramática, que deve ser a base para a compreensão. Para o autor nenhuma análise textual ou de discurso que não considere a gramática é completa, assim:

Um texto é uma unidade semântica, não uma unidade gramatical. Mas significados são realizados através de fraseados; e sem uma teoria de fraseados – ou seja, uma gramática – não há um modo de fazer explícita a interpretação de alguém do significado de um texto (Halliday, 2004, p.145).

Halliday (2004) diz que tudo que é pronunciado ou escrito aparece em algum contexto de uso e que a linguagem se desenvolveu para corresponder às necessidades humanas nas quais o modo de organização da linguagem é funcional com respeito a essas necessidades, ou seja, não é arbitrário. Uma gramática funcional é uma gramática natural, pois, tem por referência como a linguagem é usada, ela entende o sistema linguístico como uma série de alternativas abertas aos falantes, e é nessa lógica que a escolha feita pelo falante interessa ao linguista sistêmico, já que suas escolhas nos sistemas da língua não são acidentais, mas carregadas de valores sociais.

Assim,

Por que é a língua como é? A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir. Nos casos mais concretos, estas funções são específicas de uma cultura; o uso da língua para organizar expedições de pesca nas Ilhas Trobriand, descrito há meio século atrás por Malinowski, não tem paralelo na nossa sociedade. Mas subjacentes a tais instâncias de uso da língua estão funções mais gerais que são comuns a todas as culturas. Nem todos participamos em expedições de pesca; porém todos nós usamos a língua como um meio de organizarmos outras pessoas e determinamos os seus comportamentos (Halliday, 2004, p. 141).

Halliday (2004) descarta explicações estruturais da língua, e observa o seu sistema e suas funções, partindo do início de que a forma assumida pelo sistema gramatical de uma língua está relacionada com as condições sociais e pessoais que a língua serve. O autor recomendou uma divisão da linguagem em funções que resumem os significados que podem ser realizados e que decorre dos contextos – social e cultural – em que a interação ocorre. Os grupos de significados são a base para a análise de como eles são criados e entendidos, porque permitem a definição de uma relação entre as funções, ou significados, e determinados tipos de estrutura. As principais funções foram identificadas pelo autor como “ideacional” e “interpessoal” que fundamentam o uso da linguagem. Entender o ambiente é ideacional e influir sobre as outras pessoas é interpessoal e associado a estas está uma terceira função que é a textual (Quadro 2) adaptado de Halliday e Mattiesssem (2004).

Quadro 2 - As variáveis de registro e a sua relação com as meta-funções

Descrição	Variáveis de registro	Metafunção
A ação social, o assunto sobre que se fala, a natureza da ação	Campo	Ideacional
A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação	Relações	Interpessoal
A organização simbólica, o canal (fala ou escrita) e o modo retórico da linguagem	Modo	Textual

É bom ressaltar que para Halliday (2004), as meta-funções são relacionadas ao desenvolvimento social humano, atribuindo sentido às experiências. Sendo assim, para o autor, função é sinônimo de uso, pois se dirige à maneira que as pessoas utilizam a língua.

2.1 Metafunção ideacional

A metafunção ideacional da linguagem, de acordo com Halliday e Mattiessen (2004), está ligada às coisas que acontecem independentemente de o interlocutor querer e está vinculado ao dia a dia. Quer dizer, sempre e em todo o momento as pessoas nomeiam tudo o que é visível ou vivenciado trazendo a linguagem para construir a experiência da realidade, e isso permite que todos compreendam o mundo exterior.

Para Halliday e Mattiessen (2004)

As manifestações linguísticas são representadas por nomes (alguém ou algo) que estão implicados em eventos (verbos), sob determinadas conjunturas (advérbios), e além delas há outras estabelecendo relações de sentido (preposições e conjunções) ou determinando seres (adjetivos, numerais e pronomes). Na meta função ideacional as expressões indicam a função que elas desempenham em relação ao conteúdo da oração. Quer dizer, como o significado se relaciona com a linguagem (p. 176).

Halliday e Matthiessen (2004) definem que as experiências ocorrem em meio a mudanças do indivíduo e do mundo, e isto aparece na oração separadas e são estudadas pelo processo de transitividade, e estas divisões são chamadas de categorias, que são os participantes, o processo e as circunstâncias (Quadro 3).

Quadro 3 - Descrição da transitividade na GSF na meta-função experiencial ideacional

Componentes	Definição	Categoria gramatical	Exemplo
Processo	Indica a experiência através do tempo.	Grupos verbais	A aluna <i>estuda</i> em casa depois das aulas, sob influência de seus pais.
Participantes	Entidades envolvidas: pessoas, coisas, animais, seres animados ou inanimados.	Grupos nominais	A <i>aluna</i> estuda em casa depois das aulas, sob a influência de seus <i>pais</i> .
Circunstâncias	Indica o modo, tempo, lugar, causa em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	A aluna estuda em casa <i>depois</i> das aulas, <i>sob</i> a influência de seus pais.

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004)

A linguagem prepara a experiência da realidade facilitando que as pessoas possam compreender o mundo exterior e o mundo da consciência e os recursos constituintes da linguagem permitem que ela forneça informações sobre o mundo e aponte como os seres se relacionam.

A meta-função ideacional, segundo Halliday e Matthiessen (2004), simboliza o modo como representamos as nossas experiências no mundo, sejam internas ou externas, é a nossa realidade, experiência de vida, nosso papel como pessoa que experimenta e observa o mundo. E a compreensão que o usuário faz em torno dele mesmo se reflete pela oração, cujo significado está ligado ao sistema de transitividade da língua e pelos papéis temáticos dos elementos de predicação: processos, participantes e circunstâncias. Portanto, a oração como representação identifica que ação é realizada, por quem é realizada e as circunstâncias envolvidas em sua realização. Mais que o estilo ou a forma, esta meta-função ideacional procura captar pela linguagem a prática na vida real.

2.2 Metafunção interpessoal

De acordo com Halliday (2004), o princípio importante da função interpessoal é que os falantes, no ato da comunicação, adotam um papel discursivo e sinalizam um papel complementar para seus interlocutores. A linguagem possibilita interação com outras pessoas e com o meio social, pois se pode dar opiniões e ter atitudes, assim o texto terá significados, a meta-função interpessoal é a maneira como ocorre a interação, é a relação com o outro, a fim de designar o que está sendo tratado entre locutor e interlocutor. O texto argumentativo, cuja didática procuraremos desenvolver, está ligado a esta meta-função.

Para Galvão e Neves (2017), durante uma comunicação, o falante espera uma ação ou resposta do ouvinte, pois se estabeleceu uma relação, “e inclui formas de intervenção do falante na situação e /ou no ato de fala, entre as quais, a expressão de seus juízos pessoais e de seus pontos de vista sobre determinada situação de comunicação” (p. 46).

2.3 Metafunção textual

Para Galvão e Neves (2017), a meta função textual,

[...] diz respeito à materialização das duas primeiras. Diferentemente das metas funções ideacional e interpessoal, que orientam o mundo social e natural através dos fenômenos extralinguísticos, a função textual estabelece vínculos consigo mesma, com os próprios fenômenos linguísticos. Sem o texto, não há possibilidade de fazer qualquer uso da língua. O texto materializa o discurso e permite a estruturação do conteúdo de uma forma organizada e coerente de acordo com o contexto situacional. Essa função organiza os significados ideacionais e os interpessoais em um todo coerente (p. 46).

O significado textual está unido ao significado ideacional, voltado para o conteúdo da mensagem, e ao significado interpessoal, refletindo nas relações sociais.

Seja na fala ou na escrita, tenta-se articular de forma coesa o que se diz de forma que fique claro para o ouvinte, e isso pode ser planejado ou espontâneo, e o contexto faz toda diferença nessa hora. No discurso planejado o falante pode antes fazer notas e estruturar o que vai falar como é o caso de políticos que podem ter sua fala escrita antes por um profissional. Na conversa diária isso é impossível de acontecer, já que a fala sai espontaneamente, nada estruturado ou pré-pensado.

Galvão e Neves (2017) dizem que,

A combinação e a realização dessas três metas funções ocorrem simultaneamente, determinando a estrutura do contexto conversacional e equilibrando o ato de fala em representação (ideacional), troca (interpessoal) e mensagem (textual). São essas metas funções, agindo conjuntamente que determinam a estrutura gramatical, que será um composto no qual a própria linha melódica terá sua derivação fincada em cada uma delas (p. 46).

As metafunções ideacional e interpessoal se consolidam em forma de texto, inserido em um contexto e dependente da situação de uso, podendo operacionalizar todas as atividades linguísticas desenvolvidas em sala de aula, reconhecendo as diferentes dimensões da organização linguística e proferindo um ensino de língua portuguesa produtivo.

Halliday (2004) diz que “a linguagem se desenvolveu para satisfazer necessidades humanas” e que “o modo como está organizada é funcional relativamente a essas necessidades” (p. 23). Assim, todo o texto, decorre em algum contexto de uso e ainda que

foram esses usos que ao longo dos tempos deram forma ao sistema. É o uso do texto argumentativo que analisaremos em pormenor no último capítulo deste relatório.

2.4 O ensino de gramática funcional e a língua portuguesa

De acordo com os PCN é necessário que haja no ensino uma relação com estudos referentes à linguagem,

[...] diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (Ministério da Educação e Cultura [MEC], 1998, p. 31).

Em uma perspectiva funcionalista o ensino de língua portuguesa deve contemplar as modalidades oral e escrita, não só priorizando a escrita culta, pois, se o ensino priorizar apenas a norma formal da língua, o preconceito linguístico se instauraria nas práticas metodológicas e o ensino se encaminharia em direção oposta às orientações dos PCN. É nesse sentido, portanto, que se busca uma aproximação entre a linguística funcional e o ensino de língua portuguesa no que se relaciona ao ensino de gramática, que deve participar do desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos.

De acordo com Neves (2002, p. 80), gramática é “um sistema de princípios que organiza os enunciados, pelo qual, naturalmente, os falantes nativos de uma dada língua se comunicam nas diversas situações de uso”. Um falante de qualquer comunidade aciona a gramática para organizá-la. Dessa forma percebe-se que a gramática não fica longe do ensino, mas a questão é, como deve ser ensinada? Muitas são as orientações linguísticas para um ensino produtivo e reflexivo, mas este trabalho buscou na linguística funcional esse aporte. Onde os princípios centrais da linguística funcional estão na estrutura gramatical que deve ser analisada em seu contexto discursivo para que se possa proceder à explicação das regularidades observadas no uso da língua em um momento de interação entre falantes. Assim sendo, segundo a LF, não há como deixar de articular os aspectos formais com os aspectos semânticos e discursivo-pragmáticos de uma língua; havendo, portanto, uma estreita relação entre discurso e gramática porque, como assinala Neves (2002), “o discurso não é encontrável despido da gramática” (p. 17).

Neves (2002) afirma que,

A gramática não é uma disciplina que se deva colocar externamente à língua em funcionamento, e que se resolva na proposta de uma simples taxonomia, instituída no plano lógico ou no plano estrutural, independente do uso. Ela não é um esquema adrede organizado independente dos atos de interação linguística, das funções que se cumprem no uso da linguagem, dos significados que se obtêm (p. 80).

As práticas cotidianas das salas de aula no ensino de língua portuguesa precisam favorecer a reflexão sobre a língua em situações de uso em vez do exercício formal da linguagem. É nesse sentido que deve existir a aproximação da GN e da LF para que o estudante consiga desenvolver habilidades de escrita em uma interação linguística em diferentes contextos. Pois, espera-se que o estudante fale e escreva melhor.

Neves (2003) diz que existe um conflito com a gramática ensinada,

Porque ela nem é normativa (para guiar a correção) nem vai ao texto (para, de fato, ensinar um melhor desempenho no uso linguístico). Os professores foram despertados para uma crítica dos valores da gramática tradicional, e, por isso, têm procurado dar aulas de gramática-não normativa, o que os leva a que as aulas de gramática sejam reduzidas a uma simples exposição de taxonomia. Verificam eles que a gramática que ensinam não está contribuindo para a finalidade pretendida de ‘escrever melhor’, mas mantêm as aulas sistemáticas de gramática como um ritual imprescindível à legitimação de seu papel (p. 114).

Note-se que aquela exposição de taxonomia acaba por ser uma exposição reduzida de gramática normativa de modo muito formal. Assim, conclui-se que a escola não se preocupa com o funcionamento da linguagem, a produção discursiva, a criação e a recepção de textos. A verdade é que, a escola segue um ritual, ensinando gramáticas que desconhecem variação e mudança, ensinando com recortes de textos que limitam e bloqueiam o bom uso linguístico, porque se limitam a uma pequena parte da obra literária em causa e os professores tendem a focar em demasia o que chamam de “erro” na fala, escrita e leitura dos estudantes.

Na verdade, a escola não deve dizer que, ler, escrever, e falar nada têm a ver com a gramática, pois a escola tem obrigação de ensinar os registros aos seus alunos e estes se adequarem às situações de uso. É obrigação da escola, diz Neves (2003). Por isso o autor conclui que

Falar e escrever bem é, acima de tudo, ser bem-sucedido na interação. E isso ocorre de maneiras diferentes, como diferentes são as situações de comunicação e as funções privilegiadamente ativadas: é levar alguém a agir, se era isso o que o falante pretendia (Neves, 2003, p. 130).

Capítulo 3 – Literacia e a competência comunicativa

“[...] é aqui que reside a diferença em relação à linguagem dos animais. Talvez pudéssemos dizer acerca da linguagem das abelhas que as suas informações são verdadeiras- a menos que um cientista induza uma abelha em erro. Entre os animais existem também símbolos iludentes; por exemplo, as borboletas que simulam olhos. Mas o homem foi o único que deu um passo no sentido de verificar as suas próprias teorias através de argumentos críticos quanto à sua verdade objectiva. É esta quarta função da linguagem, a função argumentativa”

Popper (1992, p. 32)

Para Popper (1992) a função da linguagem deve estar voltada às emissões e enunciações, e a função da linguagem que tem avanço nos humanos é a argumentativa e está associada à crítica, apesar de ele defender, também, a descritiva (apenas de humanos, que se ajusta aos fatos). Ele afirma que existem outras funções que são inerentes, também, aos animais, as funções de autoexpressão e de sinalização, onde existe a comunicação por meio de gestos faciais e corporais, mostrando e respondendo algo, é o caso das abelhas ou borboletas citadas por ele. Assim segundo o autor, as funções da linguagem são dependentes, apesar de ele priorizar as argumentativas como as funções mais altas da linguagem.

No primeiro capítulo, houve uma explanação do conceito e uso da competência comunicativa, que deve ser pensada e ser inseparável da leitura e da escrita pela escola, sendo assim, deve se aproximar dos conceitos de literacia que é a capacidade de ler e escrever interpretando o que está escrito, podendo ser uma competência específica na área de língua portuguesa, por exemplo.

Para Benavente et al. (1996), a literacia é a capacidade de processamento de informação escrita na vida cotidiana, é o uso eficiente da leitura e da escrita, que não tem a ver com grau de escolaridade, até porque o indivíduo pode apresentar dificuldade no domínio da leitura e da escrita e ser considerado “alfabetizado”, mas, “diminuindo sua capacidade de

participação social, apesar que os graus de escolarização formal de uma população e o seu perfil de literacia, não tenda, também, a aumentar as competências de uso dos saberes” (p. 23). Quer dizer que, quanto mais elevados forem os níveis de instrução de uma população, mais as hipóteses de que o perfil de literacia melhore (capacidade de leitura, escrita e cálculo com base em diferentes materiais escritos no uso da vida cotidiana: pessoal, profissional e social). Para Benavente et al. (1996) a literacia tem a ver com as capacidades de leitura e escrita, e estas evitam os estereótipos de ser alfabetizado e ser analfabeto. Esse conceito permite estabelecer a posição de cada pessoa nesse processo contínuo de competências, também nas exigências sociais postas pela sociedade para o mercado de trabalho, para passar por alguma seleção pública, seja de caráter estudantil, ou seja, para o lado profissional com que cada um se confronta durante a vida.

Segundo Benavente et al. (1996),

[...] [na literacia] não se trata de saber o que é que as pessoas aprenderam ou não, mas sim de saber o que é que, em situações da vida, as pessoas são capazes de usar. A literacia aparece, assim, definida como a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana (p. 23).

Assim, a literacia está como capacidade de aprender e interpretar a realidade do dia a dia, e esta por sua vez está condicionada pelos conhecimentos, valores e comportamentos vividos na sociedade e, claro, pelo sistema de ensino, sendo o mais importante conhecer o mundo, sua lógica e sua mudança. Dessa forma quanto menos capacidades as pessoas tiverem, mais elas terão dificuldades de serem autônomas e de assumirem a sua cidadania para que se permitam desenvolver seus próprios conhecimentos. Assim a literacia é um requisito importante para a condição de ser um cidadão, pois sem as capacidades para refletir e interpretar o mundo o cidadão não alcança o espaço que almeja ou tem dificuldades para alcançar. As competências em literacia permitem que o indivíduo entenda o mundo que o cerca dando respostas às solicitações da sociedade a nível pessoal, social e econômico.

Nesse mesmo pensamento, segundo Perrenoud (2002),

[...] as competências não deixam de ter relação com os programas escolares e com os saberes disciplinares: elas exigem noções e conhecimentos de matemática, geografia, biologia, física, economia, psicologia; supõem um domínio da língua e das operações matemáticas básicas; apelam para uma forma de cultura geral que também se adquire na escola. Mesmo quando a escolaridade não é organizada para desenvolver tais competências, ela permite a apropriação de alguns dos conhecimentos necessários. Uma parte das competências que se desenvolvem fora da escola apela para saberes escolares básicos (a noção de mapa, de moeda, de ângulo, de juro, de jornal, de roteiro etc.) e para as habilidades fundamentais (ler, escrever, contar). Não há, portanto, contradição obrigatória entre os programas escolares e as competências mais simples (p. 2).

Numa perspectiva complementar Sousa (2007) diz que a literacia está relacionada com a capacidade que o indivíduo tem de interpretar um texto a partir do desenvolvimento de suas capacidades de percepção, assim, deve-se considerar que é principalmente na escola que se constroem as comunidades de leitores e se favorecem o desenvolvimento das competências de literacia. É na escola onde essas discussões devem acontecer, onde a prática dos professores acerca de construir os sentidos dos textos deve contribuir para que os alunos adquiram competências de leitura e escrita sendo capazes de interagir com diversos gêneros e, a partir deles, construir conhecimento.

Hymes (1972) que foi o primeiro a discutir o conceito de competência comunicativa, diz que:

[...] a noção de competência não está somente relacionada ao âmbito estritamente gramatical, mas também ao contexto e ao conhecimento sociolinguístico que ele dispara, ou seja, o conhecimento gramatical pode ser inútil ou insuficiente sem as regras de uso porque os enunciados também devem ser apropriados e aceitáveis para serem coerentes nos contextos específicos em que acontecem. [...] uma criança adquire não somente conhecimento de sentenças gramaticalmente bem formadas, mas a capacidade de uso apropriado dessas estruturas. Ela adquire competência quando fala, quando não fala e durante suas experiências sociais e relações interpessoais e intrapessoais (p. 6).

A competência comunicativa, segundo Hymes (1972), possibilita transmitir e interpretar mensagens dentro de contextos específicos, não excluindo a gramática, mas associando-a a sociolinguística em perceber que não existe apropriação da língua longe do contexto social. O autor complementa afirmando que, a competência comunicativa abarca a competência linguística ou gramatical, a textual e a discursiva.

Quer dizer, o estudante precisa produzir textos, compreendê-los, classificá-los e contextualizá-los para conseguir ter uma competência comunicativa, e este seria o objetivo das aulas de língua portuguesa. As aulas precisariam permitir que o estudante conseguisse apresentar o que conseguisse escrever e que fosse adequado à situação de comunicação. Fazendo dessa forma que o ensino de língua portuguesa fosse mais eficiente.

Para Hymes (1972), existe um sentido inclusivo para a língua, isto é, para a competência comunicativa, onde diferentes pessoas têm diferentes comandos sobre ela, englobando conhecimentos linguísticos e sociolinguísticos, entre outros, além de aptidões que devem ser desenvolvidas pelos falantes para se adaptarem a diferentes situações de uso da fala e da escrita.

Por isso a competência comunicativa de um falante está associada à sua capacidade de interagir seja na fala ou na escrita em distintas formações discursivas que se concretizam através de diferentes textos e contextos. Para os indivíduos se comunicarem em uma língua, é preciso mais que simplesmente conhecer as mesmas regras da gramática, é preciso que compartilhem as mesmas regras de conversação, e que conheçam os gêneros textuais favoráveis às interações verbais.

Dominar hoje em dia a competência comunicativa é sinônimo de necessidade urgente, pois se leva em consideração que o indivíduo para ser sujeito ativo de sua própria vida e ter alguma autonomia precisa adquirir conhecimento, mas também competência comunicativa, pois, do contrário não há melhora de condições de vida. A competência comunicativa proporciona uma vida social mais qualificada com conhecimentos e autonomia.

Por isso, um estudante que passa pela experiência de treinar no dia a dia a sua competência comunicativa terá mais chance de entender a complexidade que está nos enlaces de cada interação entre os falantes de uma língua, a cada acontecimento discursivo, a cada atividade de linguagem da qual participa, e é nesse apanhado que entra a competência argumentativa do estudante, já que ela está na linguagem em uso, no momento em que há comunicação com outra pessoa, e ao produzir um discurso o estudante se apropria da língua para interagir socialmente. “Argumentar é mais do que simplesmente conceber um argumento. É também mais globalmente, comunicar, dirigir-se ao outro, propor-lhe boas razões para ser convencido a partilhar de uma opinião” (Breton, 2003, p. 64).

A argumentação é estruturante de todo discurso, mesmo sob forma implícita, pois o indivíduo avalia, julga, critica, ou seja, faz juízo de valor.

Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas de exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática? (Breton, 2003, p. 19).

A prática de produzir texto, e em especial os argumentativos, é fundamental para inserir um indivíduo na sociedade para que ele possa tomar a palavra de forma consciente e tenha poder sobre o que diz, e garanta seu espaço na sociedade através de sua voz falada ou escrita. Assim, fica claro, que propor a produção de textos argumentativos em sala de aula precisa ser objeto de metodologia semanal de cada professor que deseja que seu estudante tenha êxito na escola e como futuro profissional, e como um ser social e pessoal, pois a democracia se efetiva quando desde a escola o indivíduo tem a oportunidade de se expressar, e é lhe dado o direito de ter um pensamento crítico. Como vimos com Popper (1992), a

capacidade de argumentar é uma competência verdadeiramente identificativa da espécie humana, pois que sem ela, os humanos deixam de algum modo de o ser.

3.1 Conceito de gêneros textuais

Os gêneros textuais buscam compreender e explicar a materialização dos textos que são utilizados na vida diária e alguns autores trazem conceitos e propostas de estruturas para se estudar e entender os gêneros, principalmente no que concerne a produção textual. Para Bakhtin (1997), o uso de uma língua ocorre através de um dado gênero, ainda que os falantes não tenham consciência disso. A diversidade dos gêneros é muito grande, abrangendo tanto situações de comunicação oral como de escrita, juntando, as formas cotidianas (saudações, despedidas, felicitações, etc.) formas livres (conversas de salão ou bares, íntimas entre amigos ou familiares, etc.) sendo considerados os gêneros primários e formas mais elaboradas (literárias, científicas, etc) que seriam os gêneros secundários. O autor define gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 301), (gêneros do discurso) por serem fruto da interação verbal elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua. Considera três elementos que configuram um gênero discursivo: conteúdo temático, estilo e forma composicional.

A língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (Bakhtin, 1997, p. 301).

Portanto, a noção de gênero para o autor abre um julgamento das relações entre a expressão da individualidade e as pressões sociais que a determinam. Assim, considera-se que o enunciador, inserido na sociedade, possui um plano discursivo e os gêneros do discurso oferecem portas para sua expressão. Dessa forma os diversos gêneros que circulam na sociedade devem ser objeto de programas de ensino em todos os níveis de escolarização, enquanto o papel do professor será o de realizar um plano didático que desenvolva no aluno a capacidade de usar o gênero, de forma crítica, ao fornecer-lhe uma forma fixa, porém, não pré-determinado. Isso significa dizer que não se pode dar um molde aos gêneros, porque estes não são modelos prontos.

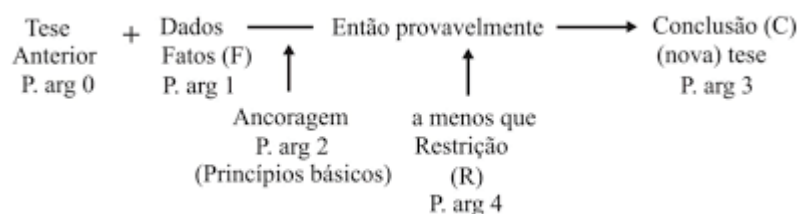
O pesquisador suíço Adam (1987) se vale da estabilidade de Bakhtin e sugere um equilíbrio ao sugerir que os gêneros primários sejam vistos como tipos base e responsáveis pela estruturação dos gêneros secundários. Nesse sentido é proposto sete tipos de sequências:

(i) narrativa; (ii) descritiva; (iii) argumentativa; (iv) expositivo-explicativa; (v) injuntivo-instrucional; (vi) conversacional e (vii) poético-autotética). Posteriormente, o autor reduz esse número para apenas cinco: (i) narrativa; (ii) descritiva; (iii) explicativa; (iv) argumentativa e (v) dialogal. Exclui a injuntiva, por considerar que esta é parte da descrição, e a poética por considerar que o texto poético não é exatamente uma estrutura hierárquica e ordenada por proposições, mas sim o resultado dos ajustes de superfície na base do texto. Adam (1987, p. 67)

Adam (1987) propõe os planos de textos para a construção dos sentidos. Eles fazem parte do sistema de conhecimentos dos grupos sociais, assim como os gêneros, cumprindo suas funções. O plano de texto reflete a maneira como as informações estão organizadas no texto, mostrando a organização das sequências textuais, sempre de acordo com as intenções de quem escreve. Essa sequência textual defendida pelo autor, deve enriquecer o campo dos debates sobre gêneros textuais e possibilitar um pensamento voltado para questões sobre as metodologias de ensino de línguas e sobre a pesquisa do processo cognitivo da linguagem.

A sequência argumentativa para Adam, é uma situação textual na qual um segmento de um texto forma um argumento a favor de outro segmento do mesmo texto. Esse segmento pode ser uma oração, um período ou uma sequência de enunciados (p.69), assim Adam propõe uma estrutura:

Figura 1 - Esquema de sequência argumentativa de Adam



Fonte: Adaptada Adam (1987, p. 69)

Parte-se de fatos que são apoiados em princípios que dão sustentação à conclusão. Esse movimento reflete um discurso argumentativo que prevê um contradiscurso, considerando que se existe um ponto de vista, esse é feito contra outros que a ele se opõem. Em resumo, um texto argumentativo para Adam (1987) “se apoia em dados (argumentos) que visam ancorar pontos de vista para confirmar ou refutar uma tese. Composicionalmente, a sequência argumentativa estabelece a relação entre argumentos (dados) e conclusão” (p. 70). Ele ainda acrescenta afirmando que,

Nas sequências argumentativas, os conectores (mas, embora, no entanto, mas principalmente) cumprem um importante papel, pois, além de articular as unidades linguísticas organizando o plano textual, eles também indicam a orientação

argumentativa do texto, revelando a intenção do produtor subjacente ao plano do texto (Adam, 1987, p. 70).

Os elementos linguísticos (como as conjunções) atuam na organização do plano textual não somente articulando unidades textuais, como também indicando que o texto segue uma certa orientação argumentativa seja de refutar ou argumentar a favor, e mesmo se naquele momento uma conjunção (concessiva, por exemplo) estaria assumindo uma outra função. Na verdade, a intencionalidade e muitas vezes a contextualidade é o mais importante e as substituições de uma por outra conjunção seguindo a mesma semântica. Dessa forma, uma ou outra conjunção seguindo uma linearidade pode ser utilizada ou não, como será visto nas análises dos textos mais adiante, o uso ou não mais adequado de um ou outro conectivo não compromete a organização da microestrutura do texto.

Bronckart (1999), também seguidor da teoria de Bakhtin sobre gênero discursivo, e que foi um dos estudiosos dos processos que envolvem a organização textual e o funcionamento de textos na escola de Genebra, diz que

[...] a situação de comunicação: No contexto onde ocorre a interação, com os agentes participantes, da formação discursiva ou campo, o texto, como um correspondente empírico, pode assumir diferentes formas, também chamadas de diferentes espécies de texto, os quais passam a receber a denominação de gêneros textuais (p. 69).

O texto não está fechado em si mesmo, já que se trata de um objeto em interação com o exterior, mas é autossuficiente do ponto de vista da prática comunicativa social que ele integra, sendo uma construção social. Bronckart (1999) elaborou uma forma fixa de análise para os textos “A proposta do método é conhecer as condições de produção e a arquitetura de um texto em seu funcionamento e organização” (p. 13). Para o autor a primeira coisa a ser observada é a conduta humana e depois as práticas verbais, como vê-se melhor no Quadro 4, adaptado das ideias do autor:

Quadro 4 - Arquitetura de análise de um texto de acordo com Bronckart

Contexto de produção	A arquitetura interna
<i>Parâmetros do mundo físico:</i> – emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido;	<i>Infraestrutura textual:</i> – plano geral do texto, tipos de discurso, tipos de sequências, formas de planificação;
<i>Parâmetros do mundo social e subjetivo:</i> – elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras;	<i>Mecanismos de textualização:</i> – conexão, coesão nominal e coesão verbal;
<i>Conteúdo temático do texto</i> , ou seja, o assunto no texto tratado.	<i>Mecanismos enunciativos:</i> – vozes e marcação das modalizações presentes em um texto.

Fonte: Tabela adaptada pela autora, a partir das ideias de Bronckart (1999, p. 93).

Bronckart (1999) faz uma análise das condições de produção do texto e da arquitetura levando em consideração os parâmetros do mundo físico e do mundo social que corroboram para a constituição do texto. Estes são formados por: emissor e receptor do texto (pessoa física e suas posições sociais), o espaço físico em que o texto é produzido e o momento de produção. A análise, também, observa as nuances particulares do texto argumentativo em particular as sequências textuais que são analisadas trazendo um esquema de tese sobre um dado tema, seu ponto de vista (que pode ser contestável) alinhado a conclusão. Além dos verbos e seus tempos, e inclusive quantidade de palavras utilizadas, tudo organizado em três partes que se entrelaçam: a infraestrutura geral, a textualização e os enunciativos.

Por sua vez, Allal (2015) que é uma seguidora das ideias de Bronckart, Vygotsky e Dolz adotando uma perspectiva sociodiscursiva com a mediação social além de estruturas de sequências didáticas destinadas ao ensino e produção de textos, elabora um processo de co-regulação sobre as produções de textos e segue um esquema criado por ela que se organiza da seguinte forma: a) relação professor e aluno no processo de construção de texto; e b) a autorregulação, revisão feita pelos estudantes em seus textos individual e em duplas. Quer dizer que, os trabalhos seguem o nível individual de aprendizagem, como os processos cognitivos e afetivos e seguem o nível social e interpessoal. Esses planos se encaixam, fazendo com que exista uma evolução em sintonia com o contexto social.

O modelo de co-regulação feito por Allal (2015) segue três níveis de organização: a) estrutura da situação de ensino e aprendizagem; b) intervenções do professor e suas interações com os alunos; c) as interações entre os alunos. Dessa forma,

Diversos aspectos da estrutura de uma situação podem contribuir para a regulação da aprendizagem dos alunos: os objetivos anunciados, as tarefas (instruções, equipamentos) propostas aos alunos, a organização das atividades no tempo e no espaço, as ligações entre as atividades coletivas, individuais e pequenos grupos. Os regulamentos ligados às intervenções do professor e suas interações com aprendizes. As intervenções do professor permitem ajustes na estrutura da situação de ensino/aprendizagem à medida que ela se desenrola. Os ajustes podem dizer respeito à classe como um todo ou apenas a alguns indivíduos. Em suas interações com os alunos, o professor fornece feedback, se envolve em formas de andaimes, participa da co-construção de significados atribuídos a conhecimentos e atividades relativos às interações entre os alunos. Vários métodos de trabalho de pequenos grupos (como tutoria entre pares, aprendizagem cooperativa, gerenciamento de projetos colaborativo) podem promover interações que são fontes de regulação da aprendizagem e processos de autorregulação (Allal, 2015, p. 2).

O modelo de Allal (2015) faz uma relação entre os fatores contextuais e os processos de co-regulação de cada estudante. Nessa concepção, a autorregulação - interna ao

funcionamento do aprendente – articula-se com fontes de regulação ligadas às dimensões sociais, contexto cultural e material. Quando o estudante realiza uma atividade sozinho, ele constrói parte dos recursos sociais e culturais. Esses recursos estão sempre presentes no plano representacional (evocação mental dos objetivos declarados pelo professor, por exemplo) e sobre o nível material (o aluno trabalha com ferramentas culturais, como o dicionário, e ferramentas didáticas, como um roteiro de redação) a aprendizagem escolar depende sempre de um processo de co-regulação entre fontes contextuais de regulação e mecanismos autorregulatórios no estudante. É preciso orientar o estudante previamente antes de ele começar a escrever o seu texto, pois ele precisa ter uma base e um roteiro para seguir, um esquema.

Já para Travaglia (2007), que é um linguísta brasileiro, existem categorizações de texto, que são os tipos textuais, a classe de textos que têm uma mesma caracterização, isto é, um conjunto de propriedades comuns em termos de conteúdo, estrutura, estilo (características linguísticas), funções/objetivos, condições de produção, mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite individualizá-las. Na sociedade e cultura brasileiras são exemplos de tipos textuais: narração, descrição, injunção, dissertação e argumentação.

Para cada categoria de texto haverá os gêneros específicos com características comuns, mesmo que realizadas de diferentes formas, que é o caso, por exemplo, do tipo textual ou categoria textual narrativa que possui a fábula, o conto, a novela como gêneros. Para Travaglia (2007), é muito importante trabalhar em sala de aula estes diferentes gêneros com características em comum, pois o que se aprende para um é transferível para outro.

Sempre haverá, todavia, características que permitam distinguir os gêneros entre si, distinguindo, por exemplo, um romance de um conto, uma fábula de uma parábola, e assim por diante. Essa distinção pode acontecer em função de vários parâmetros de caracterização [...], mas sobretudo da ação social e da função que o gênero apresenta na utilização da linguagem e na construção de um sentido social. (Travaglia, 2007, p. 57)

É importante para o ensino e aprendizagem que os textos sejam analisados em qualquer gênero de sua tipologia ou categoria de texto para que o estudante consiga habilidades discursivas e linguísticas o suficiente para produzir os seus próprios textos dentro de seus contextos específicos. Quer dizer, é necessário dominar e conhecer o gênero para conseguir compor textos.

O tipo textual argumentativo, de acordo com o autor, escolhido para estudo nesta tese surge na probabilidade de o interlocutor(s) concordar ou não com o que o produtor escreve. E caso imaginar que não será aceito, precisa encontrar argumentos para persuadir e convencer.

Como trabalhar os textos argumentativos, assim como trabalhar com qualquer categoria de texto, é a grande pergunta que sempre é feita pelo professor. Assim, Travaglia (2007) afirma que:

O que é um texto do tipo argumentativo e sua caracterização; elementos importantes na argumentação como os argumentos, a conclusão ou tese; as classes e escalas argumentativas que registram que alguns argumentos são mais fortes que outros para sustentar uma dada tese ou conclusão; o locutor e o auditório na argumentação; acordos ou pontos de partida da argumentação; lugares da argumentação; tipos de argumentos; o uso de recursos linguísticos diversos na argumentação tais como: operadores argumentativos, pressuposições, figuras, modalidades, estabelecimento de relações (causa e consequência, oposição, concessão, conjunção, conformidade etc.), repetições, pausas e silêncios (p. 62).

Travaglia (2007) corrobora com as ideias dos anteriores no sentido de que toda análise de texto e a escrita precisa estar pautada numa organização e sequências, amarradas pelos conectivos ou operadores argumentativos fazendo com que o texto siga uma ordem lógica de base argumentativa.

De acordo com Martin e Rose (2008), seguidores de Halliday da LF, o conceito de gênero está comprometido com uma ação social orientado para um fim específico que teve seu pé na escola de Sidney em 1994 e ficou conhecida como “pedagogia de gêneros” e para a sua aquisição na época passou por três fases em períodos distintos: linguagem e poder social, escrever corretamente e ler para aprender. Martin & Rose defendem que o ensino dos gêneros e suas características textuais e linguísticas são envolvimento entre professor e os seus alunos. Para os autores esse ensino do gênero passa por desconstrução e construção do texto junto aos estudantes, de acordo com as necessidades da turma. Ainda para os autores um dos gêneros mais usados juntamente com o informativo e avaliativo, é o gênero argumentativo, considerado importante socialmente falando.

Para Martin e Rose (2008), a Pedagogia de gêneros é uma proposta de letramento ou literacia que vai além da sala de aula, entendendo que muitas vezes os sistemas de ensino são os responsáveis por perpetuar a desigualdade e exclusão dos estudantes com relação a sua participação nas atividades

[...] a desigualdade da participação cria hierarquias de sucesso e de fracasso [...] e círculos de inclusão e exclusão [...] na escola e em cada sala de aula; esses fatores constroem as identidades das crianças como aprendizes com maior ou menor sucesso (escolar) [...] (p. 304).

Dessa forma, os autores defendem que a pedagogia de gêneros democratiza a educação oportunizando a todos os mesmos caminhos de aprendizagem e letramentos baseados em contextos educacionais que a escola espera dos estudantes em suas escritas e em suas leituras.

É preciso enfatizar que os estudos com metodologias da LF no Brasil são recentes e que a pedagogia dos gêneros nasceu justamente para auxiliar estudantes com níveis de letramento ou literacia abaixo da expectativa do sistema escolar a serem bem sucedidos em suas tarefas de leitura e escrita. Fazendo um paralelo com a nossa pesquisa, percebeu-se que em nossa escola, de ensino médio, os estudantes apresentaram uma dificuldade em ler, interpretar e escrever textos no gênero argumentativo (escrita de gênero pouco incentivada no ensino fundamental e o estudante chega com dificuldades no ensino médio) e é por isso que, juntamente com as pesquisas da escola de Sidney (fazendo uma intertextualidade e comparação), nossa pesquisa busca uma metodologia de sequência didática que acompanha o estudante em suas etapas de aprendizagem em busca de uma escrita argumentativa que lhe dê poder. Da mesma forma que Allal (2015) também propõe, buscando acompanhar o estudante nesse processo de escrita e reescrita, individual e em duplas, ou grupos. Assim, busca-se na literacia que os estudantes tenham maior participação na sociedade (ou pelo menos entendam a sua organização) e não se sintam excluídos, mas pelo contrário consigam participar de propostas de intervenção social num contexto em que vivem conseguindo escrever seus textos com maestria. Acredita-se que entender o gênero argumentativo e a sua importância, para o estudante, e acima de tudo o acompanhar nesse processo de escrita, reescrita e reconstrução o ajudará a ter coragem de se submeter a fazer provas externas, como a escrita do texto argumentativo no ENEM.

Muitos autores concordam que é através de esquemas organizados seguindo uma linearidade lógica argumentativa tanto para escrever como para analisar os textos que o ensino de produção textual deve se pautar, e que os gêneros não precisam ser engessados em características individuais e utilizados em momentos específicos, mas podem convergir entre si de acordo com as tomadas de decisão na hora de optar por uma tese a favor ou contra, por exemplo, caso o estudo seja de texto argumentativo, caso da tese em questão. Dessa forma é preciso entender o conceito de gêneros e os esquemas aceitáveis de análise e produção.

3.2 O texto na visão dos PCN e a produção textual na proposta do ENEM

O PCN é um documento oficial para o ensino da língua portuguesa no Brasil, trazendo uma reflexão sobre a prática educativa, buscando parametrizar referenciais nacionais adequados às realidades locais. Os PCN propõem um modelo de trabalho onde a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que levem à

produção de sentidos (MEC, 2006). De acordo com os PCN todo indivíduo em qualquer situação tem necessidade de defender o seu ponto de vista, quer dizer, tem necessidade de argumentar, o que os alunos devem aprender é que há duas formas diferentes de comunicação e que a escrita, assim como a fala, requer prática, técnica e aprendizado.

A competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido/lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo em seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua. O espaço da língua portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal, aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos (MEC, 2006, p. 22).

Percebe-se que para os PCN a linguagem verbal é a porta para o estudante adquirir poder e ter competência para falar e escrever, e todo o processo ensino e aprendizagem deve perpassar por essa reflexão de importância didática, onde “a unidade básica da linguagem verbal é o texto” (MEC, 2006, p. 18), assim

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos (MEC, 2006, p. 18).

De acordo com os PCN, os estudantes precisam começar a estudar a gramática como estratégia, na verdade, para a compreensão e produção dos textos, além, é claro para a interpretação. Não que ela seja colocada em segundo plano, mas colocada em seu lugar funcional, que é em razão do ato comunicativo. A escola não deve focar o seu ensino nas regras da gramática normativa por si só, em enunciados descontextualizados e deslocados do texto, mas “ter o texto como único em enunciado, múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto de análise e síntese” (MEC, 2006, p. 19).

A escola precisa dar possibilidade do uso da língua ao estudante em diferentes situações, tanto orais como escritas, pois

[...] quanto mais dominamos as possibilidades de uso da língua, mais nos aproximamos da eficácia comunicativa estabelecida como norma [...] a funcionalidade dos discursos estipula o como e o que dizer. A linguagem verbal é dialógica e só podemos analisá-la em funcionamento, no ato comunicativo, considerando todos os elementos implicados nesse ato (MEC, 2006, p. 21).

Em se tratando de textos argumentativos, os PCN colocam o estudante numa posição de escolha consciente de um ponto de vista, é importante liberar a opinião do estudante, mesmo que seja totalmente diferente da opinião do professor, pois, só assim o professor “permite que o estudante crie um sentido para a comunicação do seu pensamento. Deixar falar/escrever de todas as formas, tendo como meta a organização dos textos” (MEC, 2006, p. 22). É na escola onde o estudante consegue essa experiência, ele precisa confrontar, defender, explicar as suas ideias, mas de forma organizada, refletindo sobre como a linguagem é usada: “a posição dos interlocutores, o contexto extra verbal, suas normas, de acordo com a expectativa em jogo, a escolha dos gêneros e recursos” (p. 22). O estudante precisa olhar para o texto de maneira crítica, fazendo escolhas coerentes para a fala e para a escrita. Ele precisa se ver no texto, ver o outro no texto e criar o seu próprio texto.

De acordo com os PCN, durante a prova do ENEM, mais especificamente na produção textual, o texto deve estar organizado por competências, pois “foca, especificamente, as competências e habilidades básicas desenvolvidas, transformadas e fortalecidas, com a mediação da escola” (MEC, 2006, p. 30).

A prova propõe uma produção textual constituída a partir de uma sugestão de cunho social, político ou cultural da atualidade e com o desígnio de contribuir com essa proposta argumentativa, o Ministério da Educação (MEC) elaborou o guia do participante, deixando claro para os participantes o que espera deles em nível de competências, que nesse caso são 5 as competências avaliadas (Quadro 5):

Quadro 5 - Competências da Redação do ENEM

Competência 1	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa
Competência 2	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa
Competência 3	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista
Competência 4	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação
Competência 5	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos

Fonte: MEC (2006).

De acordo com os PCN, as competências que têm maior afinidade com a escrita argumentativa são a número 3, “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”, quer dizer, que, o participante precisa “selecionar” estratégias argumentativas, e para isso precisa conhecê-las e a número 4, “Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação”, sendo preciso agir de forma coesa e coerente na hora de organizar o texto argumentativo, e tudo isso deve ser alcançado no processo ensino aprendizagem em sala de aula (MEC, 2006).

É claro que as outras competências contribuem para o texto ter sua natureza argumentativa e devem ser aprovadas no desenvolvimento geral do texto: tema, tese, argumentos e proposta de intervenção. Então, espera-se que o participante do ENEM, o estudante, acione seus conhecimentos linguísticos e saiba fazer opções argumentativas referentes ao contexto da redação confirmando uma competência na produção de escrita argumentativa.

Fazendo um paralelo dessas cinco competências exigidas na redação do ENEM, elaboradas pelo MEC, com a proposta de análise dos elementos da macroestrutura textual (coerência: enunciação clara de um ponto de vista, justificação do ponto de vista, presença de argumentos, integração de refutação e formulação de uma conclusão) e microestrutura (coesão: orações coordenadas explicativas e adversativas e orações subordinadas concessivas, causais e condicionais) defendidas por Cardoso e Souza (2010), o estudante conseguirá adquirir uma competência comunicativa para escrever textos argumentativos e poder participar do ENEM mais preparado, seguindo, é claro, a sequência didática proposta.

Apreende-se que nas cinco competências do ENEM, o estudante pode ser orientado a fazer mais e ir mais além na sua escrita argumentativa, pelo menos para tentar compreender em outras palavras o que lhe é proposto na escola, pois, a atividade de produção textual no sistema escolar está amparada pelo discurso oral do professor baseado em um modelo tradicional de ensino, em que o processo de escrita fica pré-definido antes mesmo de o aluno começar a escrever, pois quando o faz apresenta ideias pré-fabricadas, respostas determinadas e condicionadas pelo professor.

Apesar dessa visão tradicional ainda existir nas salas de aula e na relação professor e alunos na hora da produção textual, existem propostas que são transformadoras em relação a essa prática, e a linguística textual é uma delas, trazendo recursos linguísticos e propostas discursivas capazes de levar o aluno a produzir textos com sentido. Por isso “O escrever se

transforma num desafio tão grande que sempre nos sentimos doentes diante dele, incapazes de encará-lo de frente” (Koch & Travaglia, 2002, p. 20).

Dessa forma, Koch e Travaglia (2002) dizem a respeito dos textos e os discursos que,

Isto vai significar, inclusive, uma revitalização do estudo da gramática: não, é claro, como um fim em si mesmo, mas com o objetivo de evidenciar de que modo o trabalho de seleção e combinação dos elementos linguísticos, dentro das variadas possibilidades que a gramática da língua nos põe à disposição, nos textos que lemos ou produzimos, constitui um conjunto de decisões que vão funcionar como instruções ou sinalizações a orientar nossa busca pelo sentido (p. 37).

Nesta perspectiva a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas, sendo responsável pela produção de sentidos, onde a produção do texto requer uma leitura de outros textos, isto é, fazer uma visita a outros sujeitos que disseram algo sobre o que se quer dizer agora. O texto tem por função materializar uma intenção comunicativa que se estabelece com base não só em valores informativos, mas também em valores linguísticos e extralinguísticos referentes à identidade dos autores e a relação sócio-interativa.

Para Koch e Travaglia (2002), o texto é o “[...] resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza” (p. 40). Assim o texto deve ser visto como uma atividade linguística, social e discursiva em busca de sentidos para quem o escreve e para quem o ler. Dessa forma, segundo os autores, a construção textual é relativa aos conhecimentos de mundo dos interlocutores, daí a necessidade da constante análise estratégica por parte do aluno (escritor) que não seja voltada apenas para suas expectativas, seus objetivos, seus conhecimentos. Ele precisa, principalmente, estar atento às pistas deixadas pelo interlocutor, para que o texto seja bem compreendido.

Assim,

As ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, o contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem (MEC, 2006, p. 18).

Na prática escolar, o aluno passa um tempo sendo treinado para fazer esta redação do ENEM e muitas vezes até curso preparatório faz só para este fim, mas com os PCN (MEC, 2006) o ensino busca uma nova matriz de referência para a produção textual, que não deve ser

algo treinado apenas nas vésperas de ser cobrado esse conhecimento, mas deve ser uma prática constante em sala de aula.

De acordo com o MEC (2006) a prática constante da escrita de textos deve ser levada à sério pelos professores para sugerir entre seus estudantes, principalmente a escrita dos textos argumentativos, que dará, ou pelo menos norteará os estudantes para ter uma competência comunicativa ou discursiva, dando-lhe poder e o aprimorando em seu pensamento crítico ao longo dos três anos do ensino médio e não só nos momentos finais de suas saídas da escola, que é o caso do terceiro ano. Todas as ações dos professores em suas práticas escolhidas previamente em suas metodologias devem estar voltadas para a compreensão, leitura e escrita de textos.

O estudante do ensino médio, muitas vezes, passa muito tempo das aulas de língua portuguesa decorando nomenclaturas e fazendo atividades mecânicas sobre algum conteúdo específico de gramática “normativa” e na verdade, não sabe para que serve na prática tal conhecimento, tal conteúdo. Pode-se dizer que, as conjunções seriam um exemplo disso. Se o estudante estivesse lendo, ouvindo, dialogando e debatendo em sala, provavelmente os usos das conjunções teriam, para ele, um sentido mais funcional, ele não se sentiria frustrado quando fosse cobrado a escrita dos textos argumentativos.

O professor poderia propor aos seus estudantes que saíssem nas ruas ouvindo as pessoas, que lessem mais obras críticas e com temas diversos, principalmente os mais polêmicos, e partindo daí pedisse aos seus estudantes que escrevessem seus textos, depois reescrevessem, depois dessem para alguém os ler, depois reescrevessem novamente. Os estudantes precisam ter contato com textos de outros, com os argumentos defendidos por outros, para ir adquirindo aos poucos coragem de argumentar e conseguir defender os seus pontos de vista.

A disciplina de língua portuguesa, precisa, de acordo com o MEC (2006), oferecer ao estudante uma capacidade de refletir a língua de maneira sistemática, fazendo com que o estudante do ensino médio passe os três anos produzindo textos e compreendendo a sua importância para a sua evolução enquanto cidadão, pois se ele sair da escola sem essa prática de escrita argumentativa, dificilmente aprenderá depois, pois a competência é aprimorada e aperfeiçoada na prática diária da sala de aula em diferentes situações.

Parte II – Da Problemática aos Objetivos

Capítulo 4 - Síntese de problemática

Os resultados dos exames externos que os estudantes se submetem a fazer, como o ENEM, vestibulares e concursos públicos, estão trazendo à tona um problema que se arrasta há muitos anos na educação brasileira, quanto aos resultados negativos desses exames, e quem aponta isso é o próprio MEC (1998). E no que concernem as aulas de língua portuguesa essa dificuldade ainda é maior, pois os professores estão controversos ao que sugerem os PCN. Os PCN sugerem que as aulas de língua portuguesa sejam voltadas para a produção de texto dos vários gêneros de que o estudante realmente precisa para se tornar um cidadão apto a exercer a sua cidadania com eficiência e para poder aprender eficazmente na escola. Mas, como citamos de vários autores, nas aulas de língua portuguesa, concluímos que o currículo ainda se encontra muito fragmentado e que os conteúdos são de pouca relevância para os alunos, pois não veem neles um sentido funcional. No plano teórico-didático a abordagem dos fatos da língua está distante do que o estudante espera e precisa vivenciar em classe para tornar-se um usuário ativo e eficiente.

No plano da teoria aplicada vê-se o predomínio de práticas gramaticalistas em torno da gramática normativa memorizada e os estudantes acabam não compreendendo os objetivos do trabalho pedagógico com a língua e se perguntam: por que e para que estudar português? Vários autores, nomeadamente Perini (2003), como vem atrás, concluem que o estudo da gramática normativa nas aulas de língua portuguesa acaba sendo dispensável já que nada acrescenta à prática sócio-comunicativa do aluno.

Na prova do ENEM um dos requisitos de maior pontuação é a produção de um texto argumentativo, mas os resultados dessa prova têm sido frágeis, afirma o MEC (1998), partindo da constatação de que a maior dificuldade dos alunos do ensino médio está em produzir esses textos argumentativos, principalmente no que se refere à organização das ideias e a defesa de um ponto de vista coerente. Esta nossa pesquisa traz uma proposta de ensino de língua portuguesa, particularmente do texto argumentativo, que procure usar a gramática como formativa e não memorativa, para, assim, as aulas de língua materna servirem para desenvolver a criticidade do aluno face à multiplicidade de informações de que ele dispõe todos os dias no mundo atual.

Este enfoque permitirá que o professor comece a organizar as suas aulas com base em uma funcionalidade para a vida do estudante, e para isso as aulas devem incluir textos diversificados (descritivo, narrativo, injuntivo, argumentativo, entre outros) como consta nos

livros didáticos de Cereja e Cochar (2013), tanto para a produção quanto para a interpretação, valorizando os discursos e relacionando-os com contextos diferenciados na própria vida do estudante. É preciso fazer o estudante mergulhar no texto, dominá-lo, para depois introduzir as normas de gramática com o objetivo de apurar o texto produzido por ele, pois não há quem fale ou escreva sem gramática, mas cabe ao professor proporcionar atividades em que o aluno domine a norma padrão como mais uma variedade de língua ao lado de outras que ele naturalmente domina.

Argumenta Geraldi (1997) que “A linguagem, ao mesmo tempo em que funciona como bloqueio de acesso ao poder, pode também ser utilizada como meio de rompimento desse bloqueio” (p. 86). Concordamos que a norma culta funciona como instrumento de defesa de privilégios e por isso os alunos de origem popular não devem desprezar as variedades de língua que dominam, mas precisam dominar a norma culta para poderem ter acesso ao poder e assumir uma postura promotora de democracia. Em suma, não é apenas escrever o português culto, pois o estudante precisa dominar diferentes gêneros, escrever um bilhete, um informativo para os colegas, uma carta pedindo um emprego, e, sobretudo textos argumentativos onde ele defenda um ponto de vista com coerência de ideias e coesão formal. O estudante precisa escrever textos para diversos tipos de interlocutores: conhecidos, parentes, autoridades e o professor. Mas importa absolutamente deixar de reduzir a produção de texto à recepção do professor, uma tendência na escola atual, como constata os autores que citamos.

Será com leituras diversas, com análises e produções textuais que o estudante terá competência comunicativa para se adequar às situações, levando em consideração que estamos em uma era multicultural veloz, e que o estudante será desafiado para que seja capaz de contribuir para uma melhor qualidade de vida e colaboração no aperfeiçoamento da sociedade em que participa desenvolvendo os seus próprios conhecimentos e a sua criticidade ao serviço da cidadania.

4.1 Questão de partida

Tendo por base essa problemática nossa questão de partida será:

Como ligar a gramática internalizada, em cada indivíduo, a uma gramática funcional que seja base de uma literacia geral e desenvolvimento do pensamento crítico pelo domínio do texto argumentativo?

4.2 Objetivos

4.2.1 Objetivo geral

Analisar a ligação entre a gramática internalizada e a gramática funcional que permita ao estudante produzir texto argumentativo de modo a desenvolver o seu pensamento crítico face à multiplicidade de informação.

4.2.2 Objetivos específicos

- a) Refletir em que medida o ensino de língua portuguesa deve levar em considerações diferentes gramáticas (nomeadamente, a implícita, a normativa e a funcional).
- b) Refletir sobre a gramática sistêmico-funcional e verificar a sua aplicabilidade na produção de texto argumentativo.
- c) Desenvolver nos estudantes a competência comunicativa e a produção de texto argumentativo com uma metodologia progressiva.

Parte III - Percurso Metodológico

Capítulo 5 – Metodologia

5.1 Metodologia escolhida

O estudo pode ser compreendido como uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Minayo (2008), tem ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. A pesquisa qualitativa defende o estudo das condições concretas da vida dos homens, levando em consideração que eles não são passivos, mas interpretando o mundo em que vivem continuamente.

Os instrumentos de investigação serão as entrevistas com a professora convidada e as análises de produções textuais dos estudantes. Será uma investigação participativa. Por outras palavras, o investigador procura se envolver na pesquisa e com os sujeitos inquiridos. Segundo Bastos (1995), a tarefa desafiante da investigação-participativa, no contexto educacional, é o da reconstrução do currículo escolar, pois ela estaria inserida em um processo de caráter conscientizador e comunicativo. O autor sugere o desenvolvimento de uma ciência educativa crítica que não seria sobre educação e sim pesquisa para a educação, onde a investigação participativa se destaca como metodologia alternativa em busca de uma investigação-intervenção mais crítica e focada na realidade concreta dos grupos envolvidos. A nossa investigação vai ser participativa porque vamos procurar interessar estudantes e uma professora na nossa pesquisa. Sistematizando as exigências para uma investigação participativa, adaptamos uma proposta de Peyronie (1992) que procuramos ter em conta ao longo da investigação:

- Dimensões da implicação: interrogação sobre as dimensões sociais, relacionais e afectivas em jogo.
- Referências teóricas: apoio na contextualização dos problemas, na construção de hipóteses e na leitura dos dados.
- Mediações (ou dados): registros, transcrição dos diálogos da aula e portfolio das produções escritas, a permitir distanciamento e revisão das análises (p. 68).

5.2 Locus da investigação

A pesquisa será realizada em uma única escola, escola pública, que se localiza no nordeste brasileiro, em uma cidade que tem cerca de 20.000 habitantes. Esta escola funciona em dois dias completos (aulas em tempo integral) com estudantes do ensino médio e três dias em meio período (só à tarde) e atende à demanda do ensino médio. Esta escola atende a

população há mais de 30 anos na região, é considerada de grande importância, nesta região, e tem um quadro de mais de 30 professores.

Constatamos que a maioria dos estudantes tem como principal fonte de renda o programa do governo federal, o bolsa-família. Essa realidade faz com que algumas famílias vejam o estudo apenas como uma obrigação e não como uma necessidade. Pelo contato com os estudantes há anos nessa região percebemos que eles declaram que preferem trabalhar porque conseguem seu próprio dinheiro e podem comprar as coisas de que necessitam. Por isso que na sexta feira, que é o dia da feira na cidade, a escola fica com um número reduzido do seu alunado, pois muitos estão trabalhando.

Outro fator importante na pesquisa é o local de onde vêm os alunos. A escola atende distintas comunidades rurais (em cerca de 80% dos alunos) com pequena percentagem de alunos de origem urbana. Esse fator leva a uma variedade cultural muito diversificada, mas de predominância rural.

5.3 Sujeitos da pesquisa

A população a ter em conta nesta pesquisa é formada por estudantes que estão matriculados em turmas do 3º ano do ensino médio diurno. Normalmente são matriculados 45 por turma, nesse caso nossa pesquisa tem o foco em 2 turmas num total de 90 estudantes. Teremos uma atenção global ao funcionamento da turma, mas serão analisados em profundidade os textos dos três melhores, três médios e dos três mais fracos de cada turma, num total de 18 estudantes acompanhados no final do percurso. Todos os textos serão lidos, corrigidos e observando os critérios significantes para a pesquisa. Analisaremos a organização do texto e sua macroestrutura (introdução, desenvolvimento, conclusão, justificativa, refutação, entre outros) e os elementos da microestrutura (conjunções coordenadas e subordinadas utilizadas por eles). Os que não seguiram o uso desses elementos foram considerados fracos, os que seguiram em parte foram considerados médios e os que seguiram em sua totalidade foram considerados melhores a nível de exemplificações. Numa primeira fase da investigação analisaremos os textos desses estudantes realizados antes da intervenção a fazer (textos diagnósticos) em que será aplicada a metodologia de produção de textos argumentativos em uma sequência didática que abaixo descreveremos em 5.7.1, tanto na turma que o investigador-participante leciona como na turma do professor colaborador, que será entrevistado, também, no final da sequência didática. E depois,

serão analisados os últimos textos com tema igual ao primeiro para observar a evolução ou não dos estudantes. Este será entrevistado antes de a metodologia ser aplicada e no final, para ser observado toda a evolução do processo.

5.4 Instrumentos de coleta de dados

Os dados do atual estudo serão coletados em etapas:

- a) Entrevista com o professor colaborador da escola pesquisada e recolha de textos argumentativos produzidos antes e depois da intervenção
- b) Proposta pela professora investigadora aos seus alunos sobre produção de texto argumentativo

5.5 Proposta de entrevista a professora convidada

Percebemos que era necessário ter na metodologia não só os textos da professora investigadora, mas também os textos de uma convidada. Uma professora ou professor que lecionasse na mesma escola e que as suas turmas, também, fossem de terceiro ano do ensino médio, as últimas do ciclo. Ter um olhar de outro profissional que juntamente com a professora investigadora pudesse aplicar a sequência didática em suas turmas e pudesse ver ou não a evolução dos estudantes, além disso entender a proposta de funcionalidade de Halliday (2004), que aponta a cultura e a intenção comunicativa nos textos dos estudantes para além das regras e conjunções, por exemplo. É positivo para essa metodologia o envolvimento e identificação do investigador com a professora convidada (e com os estudantes da professora convidada), tendo por objetivo encontrar problemas reais da escrita dos textos e poderem encontrar soluções em conjunto ao final da pesquisa, com os seus resultados. Nesse caso a participação do convidado acaba sendo uma experiência educativa e assim é primordial que o convidado conheça todos os passos metodológicos, sem diferença entre quem pesquisa e quem é pesquisado ou pesquisada.

A professora convidada para a entrevista participa com uma de suas turmas na pesquisa. É importante para a pesquisa que a professora convidada esteja lecionando a disciplina de língua portuguesa em um dos terceiros anos da escola e aceite nossa proposta de sequência didática.

O guião com as perguntas deverá levar a uma conversa entre entrevistado e entrevistador de maneira espontânea. Será feita uma entrevista (conversa) com esta professora antes de começar a Sequência Didática em suas aulas para perceber o que ela pensa sobre essa proposta metodológica de produção de texto argumentativo, com base na linguística funcional, perguntando se é aplicável ou não, se pode ajudar os alunos a construírem a argumentação para adquirirem uma competência de pensamento crítico argumentativo. No final do processo será feita outra entrevista com o professor para saber agora o seu olhar sobre essa temática e o que realmente ele conseguiu observar de evolução entre os alunos e se funcionou ou não a metodologia em suas aulas e compararmos ao ensino tradicional.

De acordo com Estrela (1994), a entrevista pode ser semi-diretiva com base num guião, mas centrada em conhecer as concepções do entrevistado segundo alguns princípios da condução da entrevista, como evitar dirigir e não restringir a temática abordada deixando o entrevistado à vontade para falar sobre o tema que lhe for abordado, mas pedindo para esclarecer pormenores menos claros. O autor diz que o guião contém as questões que serão colocadas ao entrevistado com base na problemática da investigação, e essas questões serão elaboradas com o intuito de questionar os docentes, que aceitem serem colaboradores, a respeito da aplicabilidade da metodologia de produção textual argumentativa sob a luz da LF em sala.

Sobre esse recurso, Triviños (1987) afirma que o pesquisador pode formular perguntas ao entrevistado com o objetivo de obter dados que interessam à investigação e que a entrevista é uma forma de interação social e uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

O tratamento das entrevistas será feito através de análise de conteúdo (Bardin, 2009) que é uma metodologia de pesquisa que interpreta todo o conteúdo presente em textos captando o seu sentido simbólico. O pesquisador que trabalha com análise de conteúdo está sempre buscando um sentido atrás de outro, que não aparece na primeira leitura, e precisa ser desvendado.

Para Bardin (2009) a análise de conteúdo é marcada por uma diversidade de formas que, são adaptadas ao campo da comunicação.

A análise de conteúdo é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto a vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e aos objetivos pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento (Bardin, 2009, p. 35).

Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo está dividida em etapas, que asseguram os dados e os organizam de maneira estruturada para a análise geral das respostas. O autor propõe o uso de categorias que “tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (p. 119). Assim explica que:

As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. As distorções devidas à subjectividade dos codificadores e à variação dos juízos não se produzem se a escolha e a definição das categorias forem bem estabelecidas. O organizador da análise deve definir claramente as variáveis que trata, assim como deve precisar os índices que determinam a entrada de um elemento numa categoria (Bardin, 2009, p. 120).

Bardin (2009) explica que as categorias devem estar organizadas e as análises devem ser separadas da melhor maneira possível para organizar as mensagens. Dessa forma a análise do trabalho desenvolvido pelo professor na turma e nos estudantes investigados traz dados intrínsecos a esse trabalho: a postura do professor, seu perfil, seu gosto, seus anseios, diversificadas concepções a ser organizadas nas diferentes categorias.

O professor ou professora convidados precisa se sentir à vontade para conversar sobre o tema sem se sentir acuado(a) para entender a proposta de cara. Pode ir entendendo aos poucos e ir aceitando participar, interagindo com o entrevistador e conhecendo a teoria de funcionalidade (através das perguntas) na escrita dos textos argumentativos que serão produzidos. Entende-se que mesmo que não explicado antes ou orientado para esse fim, o convidado em suas aulas já apresentasse resquícios dessa proposta, levando em consideração que sequências didáticas são feitas a todo o tempo pelos professores, no entanto o diferencial nesta pesquisa é aplicar uma Sequência Didática (SD) para tentar fazer com que o estudante adquira uma competência comunicativa e essa SD, nesse caso, precisa vir associada a uma teoria. É louvável que exista professores que se dispõem a participar de pesquisas assim. O que chamamos de pesquisa-ação ou pesquisa com metodologia participante, pois torna a pesquisa viva e muito mais dinâmica para a escola, em questão, pesquisada.

5.6 Proposta de produção de texto argumentativo

Para além de outros gêneros textuais que devem ser praticados na sala de aula, já citados no capítulo 4, o gênero argumentativo foi o escolhido para a escrita dos estudantes nesta pesquisa, pois tanto para a produção textual quanto para a interpretação que o aluno vai aprofundando o texto argumentativo relaciona os estudantes com os contextos da própria vida

fazendo-o defender seu ponto de vista com coerência e dando-lhe possibilidade de ingresso pela prova do ENEM em uma universidade pública.

Nossa metodologia está voltada à construção de escrita de textos argumentativos, que de acordo com Costa (2016) são construídos através das formas léxico-gramaticais, especificamente a organização dos períodos com base nos conectores argumentativos (microestruturas) e a organização da estrutura do texto (macroestruturas). Lembramos que nossa pesquisa se volta a um estudo de gramáticas implícita, normativa e funcional em busca de dar poder e autonomia ao estudante que precisa escrever textos com competência, particularmente no gênero argumentativo, objeto da nossa pesquisa. A esse propósito lembramos Possenti (1996), já citado, sobre o ensino de gramática:

Espero que se concorde que essa é uma aula de gramática, e é um tanto irrelevante se, para ministrá-la, usa-se ou não terminologia técnica. Eu sugeriria que se falasse normalmente em concordância, em verbo, em sujeito, em pronome, em plural etc., em que a terminologia fosse cobrada como decorrência de seu uso ativo, e não através de listas de definições (p. 90).

Temos o intuito de desenvolver no aluno a competência de escrita argumentativa necessária ao seu aprimoramento como sujeito ativo na sociedade orientando-o a consolidar a produção de tipos de texto que já trabalhou no passado (texto descritivo, texto narrativo, outros), mas de modo especial a produzir textos argumentativos em um período letivo do 3º ano do Ensino Médio.

O texto argumentativo deve ser realizado em atividades aplicadas em sala de aula (em uma sequência didática específica). Por isso serão cerca de oito textos no total escritos ao longo de alguns meses, em que o tema do primeiro texto não terá apoio didático, pois os textos realizados após o primeiro serão precedidos de orientações sobre realização do texto argumentativo. A intenção é observar a evolução, o desenvolvimento natural da competência argumentativa dos estudantes em situação escolar na hora de escrever os textos. Ou seja, analisar como a argumentação pode ser construída, os elementos e as características de uso que permeiam e influenciam na construção do(s) sentido(s) desejado(s) pelo autor. Objetivando analisar não só o que os textos escritos de alunos em vias de conclusão do ensino médio podem mostrar a respeito do desenvolvimento de seus próprios conhecimentos, mas também o modo como empreenderam a competência comunicativa em suas argumentações.

Nessa perspectiva de análise de base funcional, os significados dependem de uma conexão com o contexto social, bem como dependem dos elementos léxico-gramaticais, mas o sentido geral deve ser relacionado simultaneamente a rotinas sociais e a formas linguísticas entendendo o percurso de aprendizagem que o aluno fez até chegar aquele nível de escrita,

tendo em conta não só os dados de base argumentativa e os elementos de persuasão, mas também os sentidos.

Para Camps e Dolz (1995), todo argumento surge de uma situação controversa, de um conflito de interesses. No entanto, para que o argumento alcance o seu objetivo é preciso criar uma opinião favorável sobre o assunto, ou mudar a posição do interlocutor, sendo necessário para isso um roteiro coerente de escrita argumentativa.

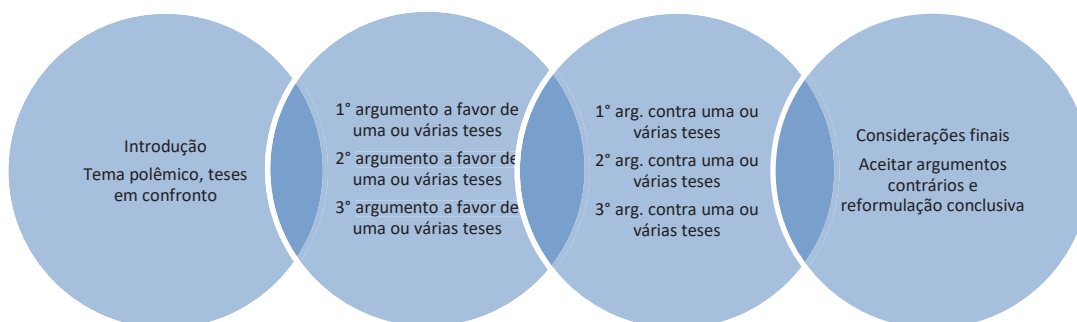
Às vezes, os alunos não entendem a natureza da controvérsia, nem dos interesses representados pelos diferentes atores sociais. Não conseguem identificar a posição do argumentador nem do adversário. Eles não entendem o raciocínio subjacente, as ironias, os contra-argumentos, as concessões, etc. Saturados com mensagens contraditórias, estão sujeitos a pressões ideológicas, se deixam influenciar sem poder justificar sua escolha ou são incapazes de tomar uma decisão autónoma. [...] Compreender como funciona a argumentação pressupõe a constituição de um corpus de textos argumentativos (orais ou escritos) destinados a servir de referência para o professor e o aluno. [...] Aprender a argumentar envolve passar por atividades de leitura, observação, comparação e análise de textos autênticos publicados pela imprensa (editoriais, cartas de leitores, artigos de opinião), fragmentos de obras da literatura clássica e contemporânea, veiculação de anúncios em campanhas publicitárias ou textos escritos pelos próprios alunos. [...] Saber argumentar constitui, para todos os atores de uma democracia, o meio fundamental de defender suas ideias, de examinar criticamente as ideias dos outros, de refutar os argumentos de má-fé e de resolver muitos conflitos de interesses (Camps & Dolz, 1995, p. 8).

Adaptamos de Camps e Dolz (1995, p. 6) algumas linhas de orientação na construção do texto argumentativo:

- a) reconhecer um tema controverso e estar ciente dos vários pontos de vista que existem nele;
- b) justificar seu ponto de vista com um conjunto de argumentos apropriados;
- c) debater, mas aceitar e incorporar alguns dos argumentos do adversário que pareçam aceitáveis;
- d) saber encontrar uma posição de compromisso.

Assim poderíamos adaptar estas e outras propostas dos autores ao esquema seguinte (Figura 2):

Figura 2 - Esquema de texto argumentativo



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora.

Assim, trata-se de um esquema nosso com base em Camps e Dolz (1995), para auxílio de quem argumenta, entre outros possíveis, sendo necessário compreender o que está em jogo em situações sociais, em que um conflito de opiniões é vivido, no qual importa aprender a argumentar. Assim, ser capaz de argumentar constitui, para todos os atores de uma democracia, o meio fundamental para defender suas ideias, analisar criticamente as ideias dos outros, refutar argumentos que pareçam errados e resolver conflitos de interesse.

Para Camps e Dolz (1995), é preciso observar e analisar as capacidades dos estudantes ao ler e ao escrever textos argumentativos. Para isso, aulas baseadas em sequências didáticas são mais eficientes, mas devem ser adaptadas às capacidades iniciais e, quando vivenciadas às sequências, avaliar o progresso dos estudantes.

Por outras palavras, para que o professor conduza momentos de construção da competência comunicativa e conduza os estudantes às produções de textos argumentativos na sala de aula deve levar-se em consideração o que propõe Costa (2016),

Para serem capazes de produzir enunciados argumentativos, os alunos têm de ter disponíveis competências textuais, como a consciência do modelo de texto, e recursos linguísticos, como nexos causais, condicionais e contrastivos [...] assim, para se saber se podemos pôr os alunos a escrever textos de caráter argumentativo, é necessário saber se as estruturas linguísticas prototípicas dos enunciados argumentativos estão disponíveis na gramática, entendida como conhecimento implícito do aluno (p. 175).

Os estudantes precisam compreender o que são argumentos a favor e argumentos contra, é preciso ajudá-los a estruturar uma sequência didática que permita ao estudante ir evoluindo em sua capacidade de escrita argumentativa. De acordo com Costa (2016), o que o professor deverá priorizar nessa SD são os elementos da macroestrutura do texto (coerência) e os elementos da microestrutura do texto (coesão). Na análise da macroestrutura do texto deve-

se priorizar o conteúdo global ligado à coerência e evidenciando capacidades e dificuldades em tarefas de realização de escrita, no nosso caso, argumentativa. De acordo com Brassart (1990) entre outros autores citados por Costa (2016), os elementos da macroestrutura correspondem a dimensões acima citadas de Camps e Dolz (1995):

- enunciação clara de um ponto de vista;
- justificação do ponto de vista;
- presença (e quantidade de argumentos);
- integração de contra-argumentos;
- formulação de uma conclusão (p. 186).

Já as microestruturas, de acordo com Costa (2016), estão associadas aos elementos de coesão, aos conectores. Neste caso, serão procuradas especificamente estruturas sintáticas predominantes nos discursos argumentativos, que são adaptadas do autor:

- a) Coordenadas explicativas que exprimem uma razão, confirmam uma ideia (que, porque, pois);
- b) Coordenadas adversativas que exprimem contrastes de ideias (mas, porém, todavia, contudo e, no entanto);
- c) Subordinadas concessivas que estão ligadas à quebra de expectativa, ou seja, fato contrário (embora, se bem que, ainda que, apesar de, mesmo não);
- d) Subordinadas causais, que como o próprio nome diz, exprimem uma causa (porque, que, como, já que, visto que, uma vez que);
- e) Subordinadas condicionais que exprimem uma condição ou hipótese (se, caso, contanto que, desde que, a não ser que) (p. 193).

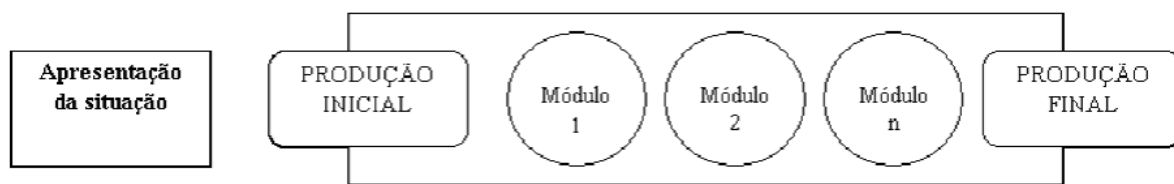
5.7 Embasamento teórico para a metodologia e sequência didática

Nossa metodologia terá apoio teórico de Camps e Dolz (1995) que defendem um esquema para quem precisa escrever um texto argumentativo e dizem que:

[...] argumentar é o oposto de manter um ponto de vista, se o argumentador tentar atingir seu objetivo (seja para criar uma opinião favorável sobre uma questão, ou para modificar a posição do interlocutor), ele não terá escolha a não ser: 1 reconhecer um tema polêmico e estar ciente dos vários pontos de vista que existem nele; 2 discutir os diferentes pontos de vista e os possíveis recursos argumentativos para defendê-los; 3 ter sua própria opinião sobre o tema discutido; 4 avaliar os argumentos opostos; 5 justifique seu ponto de vista com um conjunto adequado de argumentos; 6 usar argumentos rigorosa e conscientemente; 7 desenvolver estratégias para atrair os sentimentos dos outros; 8 reconhecer os argumentos do oponente e saber como refutá-los; 9 aceitar e incorporar alguns dos argumentos do adversário como atribuições; 10 saber como negociar uma posição de compromisso (p. 6).

Trata-se de considerações que são adaptados na Figura 2 e que foi apresentado à professora, nossa colaboradora, e aos nossos estudantes para realização de uma sequência didática em oito momentos. Adaptada de Coimbra (2011). Como vamos descrever.

Figura 3 - Esquema de Dolz



Fonte: Dolz et al. (2004) adaptado de Coimbra (2011).

Coimbra (2011) apresenta em sua tese de doutoramento um modelo aplicável de sequência didática, adaptados por nós no Quadro 5.

Em primeiro lugar, observaremos e analisaremos as habilidades dos estudantes ao escreverem, sem qualquer orientação específica, um texto argumentativo; segundo, analisaremos previamente alguns casos exemplares de textos argumentativos e proporemos uma sequência didática com produção de vários textos argumentativos adaptada às capacidades iniciais observadas naquela primeira proposta de escrita de texto argumentativo. Mas no fim, faremos uma comparação do primeiro com o último texto que terão temas polêmicos iguais, para observarmos a evolução feita pelos estudantes no percurso, e se os elementos da macroestrutura (coerência textual) e da microestrutura (coesão textual) foram por eles assimilados tentando levá-los a adquirirem uma competência de escrita argumentativa que os garantam maior participação na sociedade e funcionalidade em suas vidas. Na prática esperamos que essa sequência didática permita ao estudante tomar consciência de seu progresso ao comparar os dois textos produzidos.

Nossa sequência didática pode ser interpretada pelo esquema abaixo que assume em sua estrutura teórica uma concepção de ensino e aprendizagem que se realiza em atividades diárias mediadas pela linguagem escrita e pelos debates em sala com a participação dos estudantes como sujeitos agentes.

Compreendemos que os estudantes só se apropriarão dessas capacidades através dos módulos, encontrados na SD, dependendo do bom planejamento e adequação das aulas por parte do professor, que deve assegurar as práticas do uso da linguagem oral e escrita em sala de aula levando a sua metodologia a ser propulsora de um tipo de texto necessário às práticas sociais do uso da linguagem de maneira persuasiva e fazendo o estudante perceber e entender a língua em funcionamento.

Para que os estudantes tomem posse das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas escritas argumentativas dando-lhes poder tanto na linguagem oral como na escrita, é necessário que se criem contextos de produção textual específicos, como os encontrados na sequência didática que mostraremos no Quadro 6.

Quadro 6 - Síntese dos módulos da sequência didática

(continua)

CALENDÁRIO 1º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Produção inicial (diagnóstica)	Observar as habilidades dos alunos ao escreverem o primeiro texto argumentativo produzido sem qualquer orientação específica do gênero. Será dado apenas um tema polêmico (este tema será igual ao último texto da sequência para ser feito uma comparação do progresso).	Fazer um diagnóstico inicial sobre a capacidade de escrita argumentativa dos alunos.
Módulo 1	Apresentar um texto argumentativo aos alunos que deve ser polêmico e em grupos de cinco fazer debate. Será sorteado um grupo para fazer apresentação dos diferentes pontos de vista. Para cada um destes grupos sortearmos quem vai ser o porta-voz. Será depois sorteado um grupo que vai criticar essa apresentação. Os procedimentos serão anunciados no início da aula para que ninguém fique inativo e todos procurem participar do debate.	Preparar o aluno para a leitura de texto; compreensão global do texto (conteúdo temático sobre diferentes pontos de vista e justificativa).
Módulo 2	O professor apresenta um texto do gênero argumentativo aos alunos, com diálogo sobre as diferentes teses em presença, enunciando os elementos constituintes do gênero (a macroestrutura do texto, que tem a ver com a coerência do texto). Com essa explicação prévia sobre os elementos estruturais do texto argumentativo, os alunos, novamente em grupos de cinco, sistematizarão os elementos encontrados.	Observar: a) Elementos que influenciam na construção dos sentidos. b) Continuidade, progressão e coerência.
Módulo 3	Os alunos produzirão o segundo texto argumentativo observando a progressão da macroestrutura do texto.	Perceber a progressão do texto argumentativo para que este seja coerente.

(continuação)

CALENDÁRIO 1º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Módulo 4	O professor faz uma explicação sobre os conectores da microestrutura do texto argumentativo que são entre outras as conjunções coordenativas adversativas, explicativas e as conjunções subordinativas concessivas, causais e outras, baseado em um texto motivador. Depois entrega outro texto aos alunos para que estes encontrem e reconheçam os conectores.	Compreender que todo texto precisa de elementos de coesão que amarram as palavras e orações dando-lhes coerência para que a argumentação possa ser construída.
Módulo 5	Os alunos individualmente produzem um terceiro texto argumentativo, buscando agora inserir os conectores adequados para a continuidade do texto, sendo observados e orientados em sala de aula pelo professor.	Desenvolver a capacidade de escrita argumentativa reconhecendo os conectores e suas diferentes funções em textos argumentativos.
CALENDÁRIO 2º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Módulo 6	Os alunos agora produzem um quarto texto argumentativo procurando consolidar o uso dos elementos da microestrutura adequadamente e observando se os elementos da macroestrutura estão em consonância com o todo.	Compreender que o texto precisa apresentar os elementos da microestrutura: conectores que amarram as ideias com coerência e os elementos da macroestrutura dando coerência.
Módulo 7	Debater com os alunos como funciona o gênero argumentativo sobre temas de relevância sociais controversos. Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição, com exemplos (levar textos argumentativos para mostrar as tomadas de posição).	Entender o que é uma opinião favorável e uma refutação dentro do texto.
Módulo 8	Os alunos produzem o quinto texto buscando agora escrever com argumentos a favor e refutação dos argumentos da tese oposta utilizando os conectores adequadamente fazendo a tomada de posição.	Escrever com competência argumentativa e compreender os confrontos.

Quadro 6 – Síntese dos módulos da sequência didática

(continuação)

CALENDÁRIO 2º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Módulo 9	Mostrar aos estudantes exemplos de gêneros textuais argumentativos para perceberem que dentro do texto existem elementos que identificam um determinado contexto. Os textos não existem no vazio, mas, eles existem, em um determinado contexto de produção. Em grupos, os alunos, devem ter como base outros textos e fazerem o mesmo: encontrar o contexto dentro do texto.	Entender os elementos do contexto que existem dentro do texto.
Módulo 10	Os alunos escrevem o sexto texto argumentativo explorando os elementos da macroestrutura e da microestrutura e o contexto que se encontra no texto.	Escrever com competência argumentativa relacionando a gramática funcional com a gramática normativa, tendo em conta os diferentes contextos encontrados nos textos.
CALENDÁRIO 3º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Módulo 11	Serão dados aos alunos textos de diferentes tipos textuais argumentativos. Em grupos, deverão fazer uma interpretação em debate sobre o contexto implicado e sobre os argumentos a favor e os contra buscando uma conclusão que dê solução à temática abordada.	Compreender como se dá a continuidade do texto até chegar a uma conclusão coerente com uma solução às problemáticas levantadas no percurso.
Módulo 12	Os alunos produzem o sétimo texto argumentativo buscando dar uma conclusão coerente à temática abordada.	Consolidar a capacidade de escrita argumentativa para poder participar ativamente na sociedade.

(conclusão)

CALENDÁRIO 4º período (2 aulas de 45 min)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: EXPLICAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL	OBJETIVOS
Módulo 13	Os alunos divididos em grupos de cinco (como no momento 2) fazem debate de um tema polêmico. Um grupo será sorteado para fazer apresentação dos diferentes pontos de vista, os argumentos a favor e a justificativa, mas para cada um destes grupos sortearmos quem vai ser o porta-voz. Será depois sorteado um outro grupo que vai criticar essa apresentação. Os procedimentos serão anunciados no início da aula para que ninguém fique inativo e todos procurem participar do debate.	Compreensão global do texto através de debate oral buscando encontrar nos discursos os pontos de vista que são sustentados pelos elementos da microestrutura e da macroestrutura elevando o debate para o nível de argumentos a favor e refutação com tomada de posição onde todos possam participar encontrando juntos algumas linhas de conclusão.
Produção final (comparativa/ produção inicial)	Produção do oitavo e último texto da sequência didática com tema polêmico e estratégia de consolidação de capacidade de escrita argumentativa. Mas este tema será igual ao primeiro para compararmos a evolução depois que foi desenvolvida nas aulas precedentes a produção de texto argumentativo.	Consolidar a capacidade de escrita argumentativa para poder participar ativamente na sociedade tomando consciência do progresso de aprendizagem ao comparar o primeiro texto e este último.

Fonte: Adaptado de Coimbra (2011).

Serão 13 módulos organizados na SD, além da produção inicial e da final, distribuídos em aulas de 45 min, em um período de aproximadamente (oito) 8 meses, em que nesse percurso os estudantes escreverão oito textos, sendo o primeiro texto de tema igual ao último. Sabemos que na prática aparecerão muitos textos que terão significância na pesquisa, mas, como já dissemos na seção 5.3, iremos analisar em profundidade os textos dos três estudantes mais fortes, (os melhores) os três estudantes médios e os três estudantes mais fracos de cada turma (uma da investigadora participante e a outra da professora convidada) entre os casos significativos escolheremos exemplificações, pois sabemos que muitos aparecerão e podiam ser analisados, mas deixaremos todos os textos em anexos para que os nossos leitores possam acompanhar o processo. Lembramos que é uma investigação participativa, uma turma é minha como investigadora, e outra turma é da professora convidada que aceitou colaborar comigo. Se em cada turma são matriculados 45 estudantes nos terceiros anos, teremos 720 textos para ler, assim são $(45+45: 90) \times 8$ textos: 720. Porém analisaremos os casos mais significativos das duas turmas em uma sequência de oito textos, teremos um total 144 textos para serem analisados, pois 3 melhores $\times 8$: 24, 3 médios $\times 8$: 24, 3 mais fracos $\times 8$: 24, logo 72 em cada uma das duas turmas (72 textos da professora convidada e 72 textos da professora investigadora) que somarão 144 textos que ficarão nos anexos, no

entanto apenas os 36 textos (3 fortes diagnósticos e 3 finais, 3 fracos diagnósticos e 3 finais, 3 medios diagnósticos e 3 finais da professora investigadora e essa mesma sequência da professora convidada) serão analisados em profundidade. Escolhidos em suas significâncias como exemplificações nos elementos de macro e microestruturas.

Além da SD apresentada à professora convidada, apresentamos a Figura 2, onde ela pode, com calma, observar os caminhos que iria passar orientando os seus estudantes.

Na construção dos textos argumentativos temos em conta “parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (Neves, 1994, p. 3). Tendo em conta esta citação, lembramos que Neves é uma seguidora da gramática funcionalista de Halliday (2004), atrás evocado. A gramática passa, então, a ser praticada como um potencial para a construção de significados. Assim considerada, ela é moldada pelas características da situação comunicativa específica em que se dá – os interlocutores, os objetivos do evento da fala, o contexto discursivo – e estabelece relações entre o sistema linguístico, seus elementos e as funções que eles cumprem na comunicação.

Em suma, a presente investigação visa examinar nas atividades de produção textual dos estudantes a ligação da gramática internalizada à gramática funcional que seja base em suas vidas para uma literacia geral. Espera-se que ao concluírem o ensino médio estes estudantes estejam aptos a concorrerem aos exames externos como o ENEM, por exemplo, compreendendo a importância das diferentes gramáticas (internalizada, normativa e funcional) para o aprimoramento de suas produções textuais em busca de desenvolverem, entre outros textos, textos argumentativos com competência. Mas, mais que esse exame ou outros, a competência de produção textual diversificada, incluindo o texto argumentativo, possibilitará uma melhor participação na sociedade.

Parte IV- Apresentação, Análise e Discussão dos Dados

Capítulo 6 - Análise dos dados

O guião da entrevista, completo, encontra-se no apêndice A. Todas as perguntas da entrevista partiram dos objetivos da pesquisa, e aqui, foram divididos em blocos para melhor entendimento do percurso feito por nós.

Bloco A – Motivação e resumo geral da temática

Bloco B – Perfil do entrevistado

Bloco C – Caracterização da turma escolhida

Bloco D – Ensino de língua portuguesa e gramática

Bloco E – Linguística Sistêmico-Funcional e as competências da redação do ENEM

Bloco F – Sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa

6.1 Análise de conteúdo – Entrevista 01 à professora convidada (Apêndice A)

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Perfil do entrevistado	Formação inicial	- <i>Eu sou formada em letras</i> - <i>Sou pós-graduada em português</i>
	Realização profissional	- <i>Foi a profissão que escolhi desde criança</i> - <i>Gosto muito do que faço</i>
	Expectativas profissionais	- <i>Eu queria fazer psicologia</i> - <i>Para me ajudar como professora também</i> - <i>Eu pretendo fazer mestrado logo</i> - <i>Crescer na profissão</i> - <i>Ganhar mais conhecimento na área</i>
Caracterização da turma	Faixa etária dos alunos e quantidade por sala	- <i>Dezesseis ou dezessete anos</i> - <i>Quarenta alunos por sala</i> - <i>Eu acho que essas bancas que são mesinhas e cadeira ocupam um espaço muito grande</i>
	Estrutura da sala	- <i>Não dá para fazer aulas com círculo</i> - <i>Não favorece o nosso trabalho</i> - <i>As salas são muito quentes</i>
		- <i>Esses alunos não foram meus alunos do ano passado</i> - <i>Eu ainda estou em avaliação com eles</i> - <i>Eu percebo assim... que as dificuldades deles são muitas</i> - <i>Principalmente na questão da escrita</i> - <i>Que eles têm uma dificuldade muito grande porque eles querem muito escrever como falam.</i>
	As diferentes gramáticas possíveis de utilização em sala para o ensino e	- <i>Eu acredito que ele já chega com uma gramática desde quando eles começam a falar</i> - <i>Eles falam com uma certa concordância</i> - <i>Esta gramática já está internalizada neles</i> - <i>A gente tem de partir do que ele já sabe e das dificuldades</i>

Percepção da entrevistada a respeito do ensino de língua portuguesa e uso das gramáticas.	aprendizagem. O ensino de língua portuguesa deve ou não se basear na gramática normativa.	- Poder inserir a gramática normativa - A gente tem de fazer um elo entra as duas (gramáticas) - Mostrar pra eles que deve sim haver uma evolução - Eles precisam aprender a linguagem da gramática normativa - Para que saiba utilizá-la quando for preciso - Se a gente parte da gramática que ele já conhece, que ele já vem sabendo, essa gramática tradicional pode ter alguma funcionalidade - Mas se a gente ignorar o que ele já sabe não vai ter evolução - Eu procuro diagnosticar o que ele já sabe, quais as dificuldades - A partir dali criar meios com que ele evolua na escrita - Acho que as aulas de língua portuguesa têm que ter essa função de mostrar ao aluno a funcionalidade dessa nossa língua - Ele não veja as aulas como uma coisa distante da vida dele - Desde que comecei (lecionar) fui de trabalhar somente as regras da gramática - Como colocar a gramática normativa - Busquei partindo das dificuldades dos alunos - Dos textos deles para inserir essa gramática nessas regras
Percepção da entrevistada a respeito da linguística sistêmico-funcional e as competências da redação do ENEM.	Caracterização da teoria sistêmico-funcional. Linguística funcional na sala de aula. Dizer como compreende as competências exigidas na redação do ENEM.	- Eu tenho trabalhado bastante com o livro de Cereja Cochar Magalhães - É um livro muito importante aqui no Brasil - Ele já mostra essa gramática funcional - Questiona a partir dos textos o uso da linguagem culta - Para que o aluno ali perceba a funcionalidade da língua - Eu sinto dificuldade em encontrar material - Quando não é esse livro que eu citei que trabalho a gramática com funcionalidade - Seria uma gramática voltada para o texto - Onde a partir dali fosse mostrado a gramática normativa - Não solta como antigamente - Que só era trabalhada somente em frases palavras soltas - Trabalhar o erro sendo destacado o tempo todo eu não acho que seria interessante - Tentar mostrar pra ele pra que ele perceba o que está errado e não somente o que acha - Eu sempre trabalho essas competências - Eu sempre falo que é muito pouco tempo que a gente tem - São seis aulas - Mas a gente tem que trabalhar nessas seis aulas as redações - Os textos argumentativos - Na verdade, literatura - Temos que trabalhar a gramática - Enfim, são muitos conteúdos - E fica o tempo muito curto - Acredito que não seja a maioria (sai preparado para o ENEM) - Até porque muitos não estejam motivados a aprender - Muitas vezes a gente tenta fazer com que eles queiram aprender
	Conceituar	- Dependendo do jeito que a gente planeja a aula

Percepção da entrevistada sobre sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa	sequência didática.	- <i>A gente pode sim organizar essas aulas</i> - <i>Objetivando chega a isso</i> - <i>Ao aluno argumentar</i> - <i>Seja na aula que estejamos falando de literatura</i> - <i>Seja na aula de gramática</i>
	Caracterizar esquema argumentativo para o melhor aprendizado do aluno.	- <i>A primeira coisa que faço é lançar um debate sobre algum assunto polêmico</i> - <i>Acontece e depois disso é que vamos partir para a escrita</i> - <i>Em minhas aulas eu não deixo que ele leve a redação para casa</i> - <i>Eu prefiro que seja feito na escola para que eu esteja acompanhando a escrita</i>
	Caracterizar competência argumentativa no final do ensino médio.	- <i>Acredito na modalidade muito mais funcional do que a tradicional</i> - <i>Eu trabalho muito com sequências didáticas</i> - <i>Vejo que o resultado é bem mais proveitoso</i> - <i>Seria uma utopia dizer que todos vão acompanhar essa sequência</i> - <i>A gente trabalha, mas muitas vezes não consegue chegar ao objetivo</i>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (Apêndices A e B).

6.2 Análise de conteúdo- Entrevista 02 à professora convidada (Apêndice C)

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da turma escolhida para a amostra.	- Caracterizar a turma em termos estruturais.	- <i>...eu escolhi aleatoriamente.</i> - <i>...atividades propostas eles sempre fizeram sem reclamar.</i>
	- Caracterizar a turma em termos socioeconômico e social. - Caracterizar as relações interpessoais: aluno e professor	- <i>... uma turma com 45 alunos, com umas bancas que não são muito adequadas também...</i> - <i>o espaço fica também muito apertado e fica sem ventilação...não temos é... ar condicionado.</i> - <i>...o calor, o desconforto, falta de ventilação, como eu falei, isso eu acho que atrapalhava...</i>
Percepção da entrevistada a respeito do ensino de língua portuguesa e uso das gramáticas.	- Caracterizar as diferentes gramáticas possíveis de utilização em sala para o ensino e aprendizagem. - Expressar até que ponto o ensino de língua portuguesa deve ou não basear-se na	- <i>eu percebi que muitas coisas da situação didática que eu estava seguindo ...já eram coisas que eu fazia antes...os debates antes da escrita dos textos...isso eu já fazia...</i>

	gramática normativa.	
Percepção da entrevistada a respeito da linguística sistêmico-funcional e as competências da redação do ENEM.	- Dizer se e como aplica a linguística funcional na sala de aula. - Dizer se e como desenvolve competência de escrita argumentativa. - Dizer como compreende as competências exigidas na redação do ENEM.	- <i>Veio acrescentar a questão de no início...que a proposta mostra que a gente não deveria passar nenhuma dica de escrita e tal...como escrever o texto e entregar pra eles e não falar nada e depois a última redação ser sobre o mesmo tema depois de todo o processo da sequência didática que a gente seguiu durante os oito meses.</i> - <i>...eu acho que ainda é pouco tempo de aula de língua portuguesa.</i> - <i>Eles mesmos analisaram no final do ano que muito ajudou a eles na redação do ENEM pois foi essa sequência que foi seguida durante o ano.</i> - <i>vai despertando neles a criticidade e ficar para o terceiro ano apenas...</i> - <i>...talvez não dê tempo d'ele desenvolver essas competências.</i>
Percepção da entrevistada sobre sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa.	- Caracterizar esquema argumentativo para o melhor aprendizado do aluno. - Caracterizar competência argumentativa no final do ensino médio.	- <i>São poucos que têm a diferença...geralmente a maioria que fala bem no debate...que se desenrola...escreve também quando vai para o papel, escreve bem...</i> - <i>mas...têm algumas exceções...como eu falei.</i> - <i>A gente vê que infelizmente muitos não avançam porque também não têm muito interesse...</i> - <i>...mesmo a gente fazendo todo o trabalho, todo o processo...muitos não querem nem fazer ENEM,</i> - <i>...também não querem fazer vestibular, só querem terminar o ensino médio e acabam não se interessando.</i> - <i>... muitos vão para esses horários extra porque acham que isso vai ajudá-los a melhorar...</i> - <i>... até porque eles sabem que quanto mais praticarem o texto argumentativo... melhores eles ficarão...ganharão mais competência...</i> - <i>Não...essa turma que eu acompanhei melhor evoluiu mais...porque acompanhei mais de perto...</i> - <i>...a outra não deu pra fazer a mesma sequência...então deu pra ver mais os avanços dessa turma.</i> - <i>Pretendo seguir essa orientação de iniciar sem dar dicas aos alunos...pedir primeiro um texto argumentativo sem dicas e depois fazer a comparação ao final do ano com o mesmo tema...ver o avanço.</i>

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora (Apêndices C e D).

6.3 Análise dos dados, por categorias – entrevistas 01 e 02 – à professora convidada

Um dos tipos de dados de análise nesta investigação é qualitativo, a partir da captura das falas da professora de língua portuguesa participante, por meio de entrevista semiestruturada. Que de acordo com Minayo e Costa (2018),

Essa modalidade difere do tipo aberta, por obedecer a um guia que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador na interlocução. Por ter um apoio claro na sequência ordenada de um roteiro, a abordagem dos entrevistados é assegurada, sobretudo, aos investigadores menos experientes, para que tenham suas hipóteses ou pressupostos contemplados numa espécie de conversa com finalidade (p. 143).

Lembro que, a entrevista é com a mesma professora, uma no começo do ano de 2018, antes de ser aplicada à sequência didática e a outra entrevista no final da aplicação, depois de um ano. A pesquisa foi feita com duas turmas, uma turma de terceiro ano da investigadora (pesquisadora participante) e a outra turma, também de terceiro ano da professora que participou da pesquisa (professora convidada) e para isto foi preciso capturar dela a sua visão sobre essa metodologia antes e depois de ser aplicada. Neste caso, a análise dos dados torna-se mais profunda a fim de que a interpretação de todo o material leve a um resultado completo ao cumprimento dos objetivos desta tese sobre a melhoria da competência argumentativa.

Assim,

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação (Minayo & Costa, 2018, p. 141).

Neste caso, específico, a entrevista promoverá informações no que se refere diretamente a professora participante em relação a sua realidade sob a forma de opiniões, sentimentos, comportamentos e ação. Consequentemente, a entrevista, precisa agrupar o contexto de sua produção e, ser complementada por informações da observação do cenário do estudo (Minayo & Costa, 2018).

Foi apresentada à professora a proposta de uma sequência didática, que ela deveria vivenciá-la em sala de aula com seus estudantes durante alguns meses e, também, os elementos teóricos que nortearam a pesquisa, como os conceitos de gramática implícita, gramática normativa e o ensino de língua portuguesa, os conceitos de linguística Sistêmico – Funcional, e a visão dos PCN na redação do ENEM. Ao apresentar esse percurso à professora e os preceitos teóricos com que nos norteamos, apresentamos a ela o nosso objetivo final, que era tentar fazer com que o estudante adquirisse ao final do percurso da DS uma competência de escrita argumentativa.

A primeira categoria em análise diz respeito ao **perfil da entrevistada**, ela sempre teve o sonho de ser professora de língua portuguesa, dessa forma se realiza no que faz. É formada em letras e tem especialização em língua portuguesa. Foi percebido na primeira

entrevista que a professora estava cheia de planos para fazer cursos diferentes, como expectativa de crescimento profissional, mas que, na segunda entrevista ficou claro que não houve sucesso. Ela tem interesse em fazer um mestrado em letras para se aperfeiçoar mais na área, mas não está conseguindo passar na prova de ingresso. Lembrando que, no Brasil, para entrar no mestrado passa-se por etapas mínimas de conhecimentos pedagógicos e específicos para entrar em alguma linha de pesquisa na área. Iniciou outro curso de pós-graduação, mas não concluiu. Razão esta que não foi explicada. Mas, mostra-se disposta a colaborar todo o tempo e cria expectativas com essa proposta nova, argumentando que isso vai acrescentar muito em sua dinâmica em sala. Porém, a professora já sinaliza que sempre trabalhou com sequência didática e que não foi uma metodologia inédita para ela.

No que diz respeito **caraterização da turma escolhida**, que é a categoria seguinte, a professora diz que fez uma escolha aleatória, até porque de uma turma para outra não existe diferença, todos de terceiro ano são da mesma faixa etária e moram na mesma cidade, o número de estudantes por sala varia de 40 a 45 e as salas são apertadas para essa quantidade de estudantes. Sobre o desempenho deles, como a entrevista foi feita no começo do ano, ela não soube falar sobre diagnósticos por não ter trabalhado com eles no ano anterior. Na segunda entrevista ela já esboçou um comentário sobre o interesse deles em sempre melhorar ao escrever seus textos, apesar de o espaço físico não ajudar para atividades mais interativas, como círculos na sala, por exemplo. Ela percebeu que os estudantes querem escrever como falam, que esta é a maior dificuldade deles, mas não reclamam quando ela propõe as atividades.

A terceira categoria, que é sobre a **percepção da entrevistada a respeito do ensino de língua portuguesa e uso das gramáticas** fez a professora confirmar que os estudantes já chegam à sala de aula com algum conhecimento que trazem de casa. A professora percebe que eles falam e escrevem com alguma concordância e que isso precisa ser aproveitado em sala. Na primeira entrevista, no que diz respeito à utilização da gramática normativa em sala, a professora esboçou em sua fala que era preciso ensinar a gramática normativa para o aluno saber usar nos momentos que forem necessários, logo em seguida falou que “Se a gente parte da gramática que ele já conhece, que ele já vem sabendo, essa gramática tradicional pode ter alguma funcionalidade”. Quer dizer, ela afirma a importância da gramática, mas depois a coloca em uma posição de “alguma funcionalidade”. E continua “Acho que as aulas de língua portuguesa têm que ter essa função de mostrar ao aluno a funcionalidade dessa nossa língua”. “Desde que comecei (lecionar) fui de trabalhar somente as regras da gramática. Como colocar

a gramática normativa”. Pela fala da professora, percebe-se que as aulas dela durante muito tempo foi baseada na gramática normativa, mas em sua própria fala, ela afirma que já utilizava a sequência didática para a produção dos textos de seus estudantes. Na segunda entrevista, sobre a mesma categoria, ela não quis aprofundar, e apenas disse que já utilizava em suas aulas a sequência didática, que já fazia daquele jeito “[...] eu percebi que muitas coisas da situação didática que eu estava seguindo [...] já eram coisas que eu fazia antes...os debates antes da escrita dos textos...isso eu já fazia [...]”.

Sobre a quarta categoria, **percepção da entrevistada a respeito da linguística sistêmica- funcional e as competências da redação do ENEM**, a professora afirma que trabalha com um livro específico que traz essas abordagens funcionais e faz o estudante pensar. O livro citado pela professora é muito usado no Brasil pelas escolas, pois ele tem uma linguagem, realmente, mais funcional e prática para os estudantes avançarem em interpretações e produções textuais. A professora diz que tem dificuldade de encontrar outros materiais para trabalhar e que “Quando não é esse livro que eu citei que trabalho a gramática com funcionalidade seria uma gramática voltada para o texto onde a partir dali fosse mostrado à gramática normativa”.

Na segunda entrevista sobre a mesma categoria a professora diz que a sequência didática:

Veio acrescentar a questão de no início...que a proposta mostra que a gente não deveria passar nenhuma dica de escrita e tal...como escrever o texto e entregar pra eles e não falar nada e depois a última redação ser sobre o mesmo tema depois de todo o processo da sequência didática que a gente seguiu durante os oito meses.

E que os alunos participantes “Eles mesmos analisaram no final do ano que muito ajudou a eles na redação do ENEM essa sequência que foi seguida durante o ano”. A professora percebe a importância de se observar o percurso do estudante e principalmente de não repassar logo de cara como se estrutura e como se faz, mas deixa-lo livre, inclusive para que a gramática implícita seja exposta e só depois a pouco e pouco ir repassando as regras todas, até porque o próprio estudante enxerga no final a importância do todo.

Na primeira entrevista, no que diz respeito à subcategoria que fala sobre as competências da redação do ENEM, ela diz que trabalha sempre com elas, mas que seis aulas por semana de língua portuguesa é pouco para trabalhar textos argumentativos com os alunos, literatura e a gramática. Fala essa que foi repetida na segunda entrevista.

Na última, e quinta categoria, que é a **percepção da entrevistada sobre sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa**, ela diz, na primeira entrevista, que as aulas podem ser organizadas para o aluno adquirir uma competência de

argumentar em todas as aulas, sejam as de literatura, ou seja, as de gramática. Na segunda entrevista ela diz que “a maioria que fala bem no debate [...] que se desenrola [...] escreve também quando vai para o papel, escreve bem [...]”. E ela diz que, além das seis aulas por semana o aluno precisa de um horário extra “eles sabem que quanto mais praticarem o texto argumentativo [...] melhores eles ficarão [...] ganharão mais competência [...]”. Na primeira entrevista sobre a subcategoria de adquirir competência de escrita argumentativa, a professora diz que sempre trabalha com sequência didática e que trabalha com um tema polêmico e depois pede um texto e que este texto deve sempre ser feito na sala de aula, e que ela acredita na modalidade funcional, mas percebe que nem todos os estudantes acompanham o avanço. Na segunda entrevista com esta mesma subcategoria a professora diz que conseguiu ver evolução na turma escolhida para aplicar a metodologia de sequência didática, porque conseguiu acompanhar mais de perto “[...] a outra não deu pra fazer a mesma sequência [...] então deu pra ver mais os avanços dessa turma”.

Com esta fala agora, percebe-se que a professora não conseguiu acompanhar os estudantes da outra turma (ela tem duas turmas de terceiro ano, mas apenas em uma está aplicando a SD) como acompanhou esta da sequência proposta a ela, e isso se deve ao fato de ela estar diante de uma metodologia pensada especificamente para que o aluno adquirisse a competência. E ela conclui, justamente reafirmando que continuará com esta “única” prática inovadora em suas aulas “Pretendo seguir essa orientação de iniciar sem dar dicas aos alunos [...] pedir primeiro um texto argumentativo sem dicas e depois fazer a comparação ao final do ano com o mesmo tema [...] ver o avanço”.

Para a professora participante o uso da gramática normativa era importante, mas que memorizar as regras não fazia muito sentido nesse contexto de funcionalidade para adquirir uma competência. Para ela a SD já era conhecida e ela aplicava, mas nesse período específico não conseguiu acompanhar a sua outra turma, a que não seguiu a metodologia específica para se adquirir uma competência de escrita argumentativa. A professora participante parece muito dedicada aos seus estudantes por isso ela não hesita em buscar soluções e práticas novas para utilizar em sala de aula.

Percebeu-se que a participação da professora convidada na pesquisa foi de importância nesse processo, levando em conta que a experiência dela e as suas contribuições fizeram florescer uma expectativa a nível de comparação com as suas turmas. Tanto a investigadora quanto a convidada escolheram uma de suas turmas para fazer parte da pesquisa e as outras turmas delas trabalharam diferente, e isso também foi bom para ser feita uma

comparação entre a evolução da turma que seguiu a SD e a outra turma que não, quem conseguiu avançar mais e quem não, por exemplo. Pelo discurso da professora convidada a turma que ela não seguiu a SD não evoluiu, até porque ela não conseguiu fazer nenhum trabalho com a turma que justificasse. Envolvida com as produções da turma escolhida, acabou deixando mais de lado a outra turma.

A professora conseguiu seguir a SD em sua organização geral, mas confessou que o tempo foi pouco para as produções e que as influências externas como o calor e o espaço em sala influenciaram para um melhor resultado. Externou, também, que não conhecia a linguística funcional de Halliday e que foi bom entender que existe trabalhos voltados para as interpretações do discurso, funcionalidade e cultura da língua, seja falada ou escrita, no nosso caso, escrita.

Capítulo 7 - Observação participativa - aplicação da sequência didática pela pesquisadora

A professora investigadora também aplicou a sequência didática em uma de suas turmas de terceiro ano (escolhida aleatoriamente, mas depois os textos foram colocados juntos aos textos da professora investigadora). A SD foi aplicada durante oito meses, em duas aulas geminadas (juntas) por semana. Para isto, a investigadora organizou a turma para os trabalhos, já que ela era professora de língua portuguesa da mesma. Os estudantes têm entre 16 ou 17 anos cursando o terceiro ano do ensino médio. Foi constatado a princípio que os estudantes tiveram resistência para seguir o passo a passo da sequência, pois estes não eram acostumados a escrever seguindo uma ordem de orientações. Mas, no terceiro módulo eles já estavam, inclusive, gostando de seguir um roteiro. As observações aconteciam durante todo o tempo em que a pesquisadora estava na sala de aula com este propósito.

Dessa forma, o pesquisador pôde acompanhar de perto a evolução dos estudantes e como eles tentaram agregar tudo o que estava acontecendo no cotidiano das aulas e em suas escritas de textos argumentativos, já que, tudo aquilo seria para que eles conseguissem melhores notas na redação do ENEM.

Em quase todos os módulos as participações dos estudantes eram muito proveitosas, com exceção para alguns dos estudantes, que não tinham objetivos de fazer a prova do ENEM e eram totalmente desmotivados a seguir tal sequência, levando em consideração que a maioria são oriundos da zona rural (ZR) da região e que não têm perspectivas de ingresso em universidades e ficariam em suas casas em trabalhos domésticos e braçais com seus pais.

Muitos estudantes ao serem cobrados sobre algumas prioridades nas escritas dos seus textos, como o caso das microestruturas como essenciais nos textos, muitos se perdiam, pois não estavam acostumados a escrever usando conjunções específicas para cada situação. Percebeu-se, também, que todo o tempo a pesquisadora precisava retomar e explicar como a macroestrutura se estruturava nos textos argumentativos. A organização do texto para alguns era muito complexa, e conhecimentos mínimos eram desconhecidos por alguns.

A hora dos debates em sala eram os mais empolgantes, pois a maioria queria participar e contribuir mesmo que não concordasse com o tema gerador da polêmica. Isso foi um ponto forte da sequência, pois no outro momento em que eles precisavam escrever os textos, os argumentos debatidos em sala e as refutações estavam todas em suas mentes e isso facilitava muito.

A questão sobre os conceitos que os estudantes já trazem de suas casas interiorizados em gramáticas internalizadas foram todos aproveitados nos momentos em que era necessária a funcionalidade da língua, onde o empírico sobressaia à gramática normativa. O estudante ao falar os seus argumentos não se preocupava em acentuar, ou pontuar, ou muitas vezes concordar, ele preocupava-se em ter coerência e ser entendido por todos e até brigava para ser compreendido no grupo, e para isso trazia exemplos de seu dia a dia e isso foi muito louvável nos momentos das aulas onde a sequência didática estava sendo aplicada.

A maioria dos estudantes da turma da pesquisadora ficou muito entusiasmada em seguir um roteiro e no fim repetir a escrita do primeiro tema polêmico, que começaram a querer disputar com a turma da professora convidada (turmas que ficavam uma ao lado da outra, turmas de terceiro ano do ensino médio, concluintes). Eles queriam chegar ao final e poder fazer uma comparação de quem se saiu melhor, isso foi visto como louvável pela pesquisadora sentindo que conseguiu entusiasmar a maioria, já que todo aquele processo seria para ajudá-los a ingressar em uma universidade.

Em todo o processo, nos 8 módulos trabalhados, a professora investigadora percebeu que os estudantes foram evoluindo de acordo com os desafios propostos, a maioria quer ter uma competência e se empolga ao saber que pode ter poder com isso. Observamos que a escolha de uma ou outra conjunção foi baseada na semântica do contexto da escrita internalizada de cada estudante, muitas vezes, longe do conceito trazido pela gramática normativa sobre a conjunção.

Depois de um ano vivenciando com os estudantes tais momentos proveitosos de debates e de escritas argumentativas, chega-se ao final com o sentimento de dever cumprido e agora só esperar que eles façam as suas redações e sejam avaliados por outros. Fazendo uma ressalva na questão da entrada da universidade. Infelizmente, a maioria não fez a prova do ENEM, por questões pessoais.

Capítulo 8 - Análise dos textos argumentativos

Os textos foram produzidos por 90 estudantes, nas duas turmas de terceiro ano, que participaram da SD. Foram 8 textos no total produzidos por cada um deles durante todo o processo, dando um geral de 720 textos (90x8). Todos os textos foram lidos à medida que eram produzidos de acordo com a sequência didática e separados em suas significâncias, mas para serem analisados em profundidade foram escolhidos três textos dos considerados melhores, três médios e três dos mais fracos das duas turmas (professora investigadora e professora convidada). Os textos foram separados pelos critérios pré-definidos para a análise da macroestrutura (presença e organização de introdução, desenvolvimento e conclusão) e microestrutura (presença e organização das conjunções escolhidas previamente para refutar, concluir, argumentar a favor ou contra, tomada de posição e etc). Muitos textos apareceram com valor para a pesquisa, mas foram escolhidos apenas três de cada categoria, levando em consideração os pormenores relacionados com as questões desta pesquisa. Em por menor, digamos que, não existam textos mais “errados”, ou mais “certos”, ou mais “fracos”, o que existem são textos mais adequados ao gênero. Será analisado o primeiro texto sem orientação e o último texto com o mesmo tema do primeiro, para comparar os aspectos significativos da pesquisa. Nesse caso 36 textos serão analisados em profundidade para a pesquisa. Os outros textos produzidos na SD destes mesmos estudantes estarão em ordem com os temas abaixo nos Anexos A a R, dando um total de 144 textos.

Os temas trabalhados na SD durante os oito meses para desenvolver a competência de escrita argumentativa foram sete, lembrando que o tema diagnóstico sem as orientações foi o mesmo do último texto para ser observada a evolução.

Temas polêmicos trabalhados nas produções textuais:

1º tema: (Diagnóstico) Aborto: Um direito ou uma proibição (Apêndice E).

2º tema: O aumento da depressão entre os jovens no Brasil (Apêndice F).

3º tema: Conceito de família no século XXI (Apêndice G).

4º tema: Estatuto do desarmamento e a violência endêmica no Brasil (Apêndice H).

5º tema: A influência da ciência na sociedade (Apêndice I).

6º tema: As dificuldades dos imigrantes refugiados (Apêndice J).

7º tema: Variação linguística e situações de uso social (Apêndice K).

8º tema: (Igual ao primeiro para comparar) Aborto: Um direito ou uma proibição (Apêndice E).

Lembremos que conforme Neves (1994) e a orientação da gramática funcionalista de Halliday (2004), na construção dos textos argumentativos temos em conta “parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (Neves, 1994, p. 3) e que a gramática passa a ser praticada como um potencial para a construção de significados. Assim considerada, ela é moldada pelas características da situação comunicativa específica em que se dá – os interlocutores, os objetivos do evento da fala, o contexto discursivo – e estabelece relações entre o sistema linguístico, seus elementos e as funções que eles cumprem na comunicação.

A princípio serão analisados em profundidade, à nível de exemplificação geral, as macroestruturas e microestruturas dos textos: melhor E da professora investigadora (diagnóstico e após intervenção), o texto melhor A da professora convidada (diagnóstico e após intervenção) e o texto fraco N da professora convidada (diagnóstico e após intervenção) e depois, serão analisados os demais textos escolhidos entre melhores, medios e fracos, em seus aspectos de macroestrutura e microestrutura, significativos para a pesquisa.

8.1 Análise do texto diagnóstico E - melhor - professora investigadora

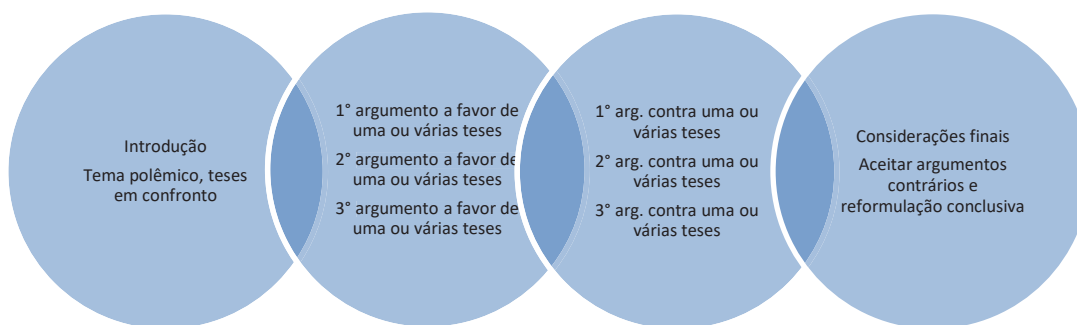
Lembramos de Camps e Dolz (1995) algumas linhas de orientação na construção do texto argumentativo:

- a) reconhecer um tema controverso e estar ciente dos vários pontos de vista que existem nele;
- b) justificar seu ponto de vista com um conjunto de argumentos apropriados;
- c) debater, mas aceitar e incorporar alguns dos argumentos do adversário que pareçam aceitáveis;
- d) saber encontrar uma posição de compromisso (p. 6).

Lembrando que o tema para ser analisado foi: Aborto: Um direito ou uma proibição. Na análise dos textos verificamos que os estudantes, de um modo geral, depois de um 1º momento de introdução, incluíram num 2º momento a argumentação de que o aborto, para muitas pessoas, é julgado solução para situações de gravidez indesejadas. Depois num 3º momento incluem a formulação da tese de que a sociedade deve criar medidas para prevenir e/ou ajudar as pessoas naquelas situações (contra-argumentação). Mas entre os argumentos do 2º momento vamos encontrar “indícios” do 3º momento. Por outro lado, a priori parece mais lógico não formular (e impor) logo de início o “nosso” ponto de vista, mas fazer análise dos argumentos que nos parecem errados e no momento seguinte formularmos a contra-argumentação, deixando para conclusão um ponto de vista fundamentado. E por isso

formulámos na nossa metodologia um esquema de texto argumentativo (Figura 2), que vamos passar a ter em conta. O esquema está dividido em quatro momentos que levaremos em consideração nas produções argumentativas dos estudantes: introdução, argumentação, contra-argumentação e conclusão.

Recordando o esquema (Figura 2):



Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora.

Texto manuscrito digitalizado encontra-se no Anexo E, redação 1, mas, porque de difícil leitura, aqui se transcreve:

O aborto hoje, ainda é muito questionado pela população. A grande dúvida é se o aborto é um direito ou um crime. Se ao ser estuprada e engravidar, e se recusa a continuar a gravidez, assim cometendo um aborto isso seria um direito ou um crime da cidadã. Mas aí vem a pergunta que muitas pessoas se fazem, será que esse bebê tem que perder a vida por uma coisa que não teve culpa?

Por entanto, o estupro está muito relacionado ao aborto. E nesses casos de estupro, a vítima pode vir a engravidar. Por este motivo, elas ficam com trauma e a única saída que elas vem é abortar, colocando a sua própria vida em risco. Pensando que ao fazer esse ato, todo o trauma e medo vão sumir. Entretanto elas não pensam na vida que está sendo gerada dentro de si própria, e que ela não tem culpa alguma deste crime.

Muitas pensam que o aborto é um crime. Porque muitas pessoas jovens ‘apaixonadas’, caem na conversa dos seus namorados e também para agradar o seu companheiro acabam fazendo sexo sem se prevenir, e acabam engravidando. E por serem muito jovens não tem capacidade alguma, assim optando pelo aborto. E isso sim é um crime.

Em relação ao estupro, a vítima ao engravidar vê uma única saída, o aborto. Mas há sim uma saída, gerar esta criança e doar para pessoas que não tem capacidade de engravidar, e dando assim a vida a esta criança que nunca teve culpa de nada. E isso cabe também para os casos de engravidar sem querer e sem precavir.

A princípio foi escolhido um dos textos da professora-investigadora para fazer uma análise. O texto escolhido foi o E, considerado melhor. Esta análise será do primeiro texto diagnóstico considerado melhor e o último texto após a intervenção, e depois faremos uma

análise mais geral dos demais textos entre médios, melhores e fracos, em seus elementos de macro e microestruturas.

Neste primeiro texto, em uma análise considerada de macroestrutura, onde se observa a organização e evolução do texto em argumentações e refutações em sua coerência, o texto trouxe na introdução um questionamento sobre o estupro gerando gravidez, se seria crime ou direito de a cidadã abortar. “Isso seria um direito ou um crime da cidadã”. Além disso, existe um questionamento sobre o feto, “será que esse bebê tem que perder a vida por uma coisa que não teve culpa?”. Percebeu-se uma preocupação se o estupro justifica o aborto e se o feto pode ser penalizado.

No primeiro parágrafo do desenvolvimento aparece uma argumentação de que as mulheres que cometem aborto estão em seus limites, com traumas, porque poderiam ser vítimas de estupro, por exemplo, “E nesses casos de estupro, a vítima pode vir a engravidar. Por este motivo, elas ficam com trauma e a única saída que elas vêm é abortar”. Já no final deste mesmo parágrafo é feito um indício de contra-argumentação, pois as vidas que estariam sendo geradas nada teriam culpa do ato sofrido pela “suposta mãe”, seriam vítimas. “Elas não pensam na vida que está sendo gerada [...]”. Novamente vê-se a preocupação com o feto no ventre da mãe que pode ser morto.

No segundo parágrafo do desenvolvimento argumenta-se que muitas jovens apaixonadas têm relações com seus namorados sem se prevenir – “jovens apaixonadas caem na conversa de seus namorados”, e acabam engravidando, e a interrupção dessa gestação “seria sim, um crime”, num indício mais de contra-argumentação a juntar a outro no início do parágrafo: “Muitas pensam que o aborto é um crime”.

No terceiro parágrafo do desenvolvimento e último, considerado conclusão, é feita uma retomada da argumentação sobre o estupro: “Em relação ao estupro a vítima ao engravidar vê uma única saída, o aborto”, e traz, com base na contra-argumentação, a solução de doar a criança fruto do estupro para mães que não conseguem ter seus filhos, para que as crianças não sofram as consequências com suas próprias vidas, pois nada têm a ver com as decisões das mães.

No percurso do texto o momento em que o estudante trouxe uma proposta na argumentação, no segundo parágrafo do desenvolvimento, quando suscita a tese de que relacionar-se sem se prevenir pode gerar uma gravidez e por consequência, um aborto. Mas, durante todo o texto, inclusive na introdução, o tema que se destacou e foi argumentado continuou sendo o estupro como justificativa para o aborto. O contra-argumento aparece, ou a

refutação, quando o estudante no primeiro parágrafo do desenvolvimento aborda a questão da vida gerada, que nada tem culpa. E volta na conclusão a esse contra-argumento sugerindo a doação da criança.

Encontrou-se no texto E diagnóstico, nos elementos da microestrutura, as conjunções que justificam o uso de determinadas tomadas de posição, como as conjunções adversativas, “mas” e “entretanto”. Isso mostra que, apesar de o estudante não ter tido orientação prévia, ele soube se sobressair no uso de conectores que justificaram as suas tomadas de posição durante o percurso do texto argumentativo.

Percebe-se que as informações internalizadas durante a vida do estudante foram expostas na redação diagnóstica, a gramática interna foi colocada à prova e o seu conhecimento de mundo e realidades acabaram vindo à tona em seus argumentos, que mesmo sem orientação prévia o texto que foi construído na aula da professora investigadora teve uma coerência e desenvolveu-se em torno da tese “estupro”, mas com uma contra-argumentação pela proposta de adoção da criança. Se tivermos em conta as condições em que o texto foi escrito, o estudante parece saber onde pretendia chegar. Entendeu-se que, o estudante procurou justificar o aborto com sendo o estupro um fator forte, no entanto na conclusão trouxe como solução não matar a criança, mas doá-la. Fruto de sua vida em cidade pequena do interior, o estudante não consegue ultrapassar os seus valores e sua escrita consegue ser persuasiva no sentido de convencer que a vida pode continuar em outros moldes. E esse fator em sua argumentação exterioriza os seus traços culturais e valores deixando o seu texto rico, no que concerne ao contexto.

8.2 Análise do texto E após intervenção - melhor - professora investigadora

Texto digitalizado encontra-se no Anexo E, redação 8:

Muito se tem discutido, até que ponto o aborto é um crime. Ademais, segundo o artigo 124 a 127 do código penal o aborto se torna legal, uma vez que o feto traga riscos à gestante, ser fruto de um estupro ou quando o feto tem anencefálico.

Em primeiro plano, pesquisas da Universidade de Brasília (UNB), mostram que mulheres entre 20 a 40 anos já abortaram ao menos uma vez em clínicas ilegais. Todavia, a religião professada se coloca em peso contra a legalização do aborto. E o aborto infringe os direitos da sociedade civil, assim, considerado crime pela Constituição Federal.

Em segundo plano, uma decisão do Supremo Tribunal Federal, em 2012, concluiu uma vez que o feto ser anencefálico, o aborto torna-se legal. Entretanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) se manifestou, para que países em epidemia de microcefalia crie a possibilidade de torna o aborto legal.

Torna-se evidente, portanto, que a sociedade considera o aborto um crime que inflige o direito à vida. O Ministério da Saúde juntamente com o SUS (Sistema único de Saúde) façam campanhas vinculadas na mídia, para conscientizar a população, uma vez que o risco de morte que o aborto causa a uma mulher.

O texto E da professora investigadora foi realizado depois de oito meses passando por uma sequência didática organizada para se obter uma competência de escrita argumentativa. No aspecto da macroestrutura, observou-se que continuam os quatro parágrafos no total e o primeiro considerado introdução, os dois do meio desenvolvimento e o último a conclusão. Como foi demonstrado, um pouco mais atrás, em uma proposta de sequência para texto argumentativo, onde o estudante escreveria parágrafos com argumentos a favor e parágrafos com argumentos contra e teses em confronto, o texto E apresenta uma sequência de argumentos colocando a tese “O aborto é praticado apesar de ser crime e a igreja condenar” em evidência, logo mais abaixo, na construção do texto argumentativo, coloca-se em comum a questão de saber encontrar uma posição de compromisso, quando o texto E traz a ideia de que o “aborto é crime”.

Aparecem elementos da organização do texto argumentativo encontrados durante o percurso do texto E. Na introdução, o texto E trouxe dados novos retirados de um artigo e aponta que o aborto pode ser considerado legal se o feto for vítima de estupro ou tiver desenvolvido no útero da mãe algum problema no cérebro. “o aborto se torna legal, uma vez que o feto traga riscos a gestante [...]”. No primeiro parágrafo do desenvolvimento, novamente traz dados pesquisados e mostra o aborto como praticado por muitas mulheres ao longo da vida. Porém, agora, neste mesmo parágrafo o estudante trouxe a religião, apresentada como justificativa ao “não abortar”, um dado novo diferente do texto diagnóstico. “[...] a religião contra a legalização do aborto [...]”. Apesar de não ser um argumento científico, é um indício da contra-argumentação a favor de outras soluções que não o aborto. No segundo parágrafo o estudante aponta a microcefalia como outra justificativa excepcional ao aborto, trazendo também a OMS como favorável ao aborto em caso de doença grave “A OMS se manifestou, para que o país em epidemia de microcefalia crie possibilidades de tornar o aborto legal”.

Por fim, no último parágrafo, o estudante já inicia utilizando uma conjunção que justifique o parágrafo – “portanto” – e aponta que aborto é considerado crime, pela sociedade, infligindo o direito a vida e que “O SUS faça campanhas vinculadas na mídia para conscientizar a população [...] risco de morte [...] a mulher”. Observa-se que a estrutura e organização das ideias do texto depois de oito meses seguindo um roteiro mudou, e agora, inclusive, consegue trazer dados retirados de artigos para referenciar e consegue concluir

dando soluções às problemáticas levantadas, baseado em políticas públicas e direitos humanos. Percebeu-se o uso de argumentos mais convincentes contra o aborto diferentes do primeiro texto e uma coerência mais organizada dessa contra-argumentação contra as “razões” a favor do aborto.

No aspecto da microestrutura, nos elementos de coesão encontrados nas conjunções, encontrou-se a presença de algumas conjunções, sendo: explicativas, mas agora elas se diferem em: “visto que” e “uma vez que”, e duas adversativas: “todavia” e, “entretanto”. E, por fim apareceu na conclusão a conjunção “portanto”.

Assim, a evolução em nível de competência argumentativa fica evidenciada, pois não é o número de conjunções encontradas que fazem a diferença na sequência e construção do texto, mas a decisão de usar uma ou outra nas tomadas de decisão, e isso foi feito com mestria pelo estudante que conseguiu ir e vir em seus argumentos sem tomar posse apenas de um único recurso.

Então, depois de uma sequência de oito meses apresentando ao estudante outros textos e dando-lhe oportunidade de escrever em outros temas, chega-se nesse texto onde o discurso e as tomadas de posição estão amadurecidos. Onde as suas leituras prévias desse tema e de outros o fizeram organizar melhor as ideias e é claro, a sua pragmática diária fez com que o contexto tivesse maestria ao todo, justificando o uso ou não de determinadas expressões, ou substituindo umas por outras.

8.3 Análise do texto diagnóstico A - melhor - professora convidada

O texto digitalizado encontra-se no anexo A, redação 1. Transcreve-se para melhor leitura:

O aborto é discutido no Brasil de uma forma positiva e negativa, pois depende da situação que está sendo vista em ambos os lados.

Como exemplo pode-se citar uma mulher que sofreu uma violência sexual e acabou obtendo uma gravidez indesejada. Nesse tipo de situação a vítima na maioria das vezes acaba sendo obrigada a praticar o aborto, pois a pessoa com que se relacionou não teve nenhum tipo de laço afetivo, dessa forma o bebê acaba sendo odiado pela vítima.

Entretanto é proibido por lei o aborto, pois o bebê não pode escolher entre a vida e a morte. Dessa forma quem comete o ato de aborto acaba sendo autor do próprio crime. Na sociedade há muitos religiosos que são contra o aborto, pois dizem que Deus não permitiria um ato de crueldade ao ser humano. Porém há grupos feministas que apoiam o aborto, pois dizem que a mulher é dona do seu próprio corpo e que podem decidir o que fazer com ele.

Conclui-se que ao tocar neste assunto não só se fala do que a mulher sofre como também o bebê que está sendo citado. Deve-se pensar em como ajudar ambos os lados e o solucionar corretamente.

Fazendo a mesma análise com o texto A da professora convidada, considerado melhor, no aspecto da macroestrutura do texto, percebe-se que houve uma preocupação em dividir o texto em parágrafos, sendo o primeiro a introdução, trazendo o aborto como ponto positivo e negativo. Como ponto negativo, logo no primeiro parágrafo do desenvolvimento aborda-se o estupro, e a criança sendo morta por não ser amada, porque não foi desejada, então assim é justificado o ato nesta linha argumentativa. No segundo parágrafo do desenvolvimento já veio a palavra “proibido”, sendo um crime abortar segundo os princípios da igreja “[...] Deus não permitiria um ato de crueldade ao ser humano”, o que parece um indício de contra-argumentação. Neste mesmo parágrafo houve uma retomada de posição da linha argumentativa, quando se levantou as ideias feministas que são a favor do aborto “[...] a mulher é dona do seu próprio corpo e que pode decidir o que fazer com ele”. No último parágrafo, não houve soluções concretas para as problemáticas, apenas que deve ter soluções “Deve-se pensar em como ajudar ambos os lados e solucionar corretamente”, mas não apresenta quais soluções seriam essas.

No sentido da análise de microestrutura textual, encontram-se conjunções explicativas, como “pois”, e adversativas, sendo “entretanto” e “porém”. Apesar de ser um texto sem orientação prévia, percebeu-se alguma maturidade em utilizar as conjunções e as tomadas de posição. Percebe-se ainda que a escrita tem uma preocupação em manter os princípios e os valores de quem escreve, mesmo que de maneira camuflada. Todo o tempo indo e vindo defendendo os dois lados. Isso mostra uma maturidade do escrevente sem comprometimentos com nenhuma bandeira, mas tentando buscar meios contextuais de sua vida que justifiquem as suas tomadas de posição.

8.4 Análise do texto A após intervenção - melhor - professora Convidada

Texto digitalizado encontra-se no Anexo A, redação 8. Transcreve-se para melhor leitura:

Observa-se que no Brasil o aborto é uma questão polêmica, que possui discussões éticas, morais e religiosas. Colocando em risco a vida, pois trata-se da gestante e do feto que sofrem consequências drásticas, será o aborto uma forma segura para ambos os lados?

A princípio as mulheres possuem um direito a liberdade de escolha, onde foi conquistada desde a primeira fase do feminismo, porém tal escolha pode ocasionar

graves riscos a saúde, além disso, está afetando a vida do bebê e dependendo do caso acusado de um crime.

Portanto, a ação deve ser observada como um fruto de assassinato, pois acaba tirando o direito a vida, colocando, assim a sociedade em oposição as leis impostas sobre o aborto.

Por outro modo, as mulheres estão expostas a relações indesejadas provadas de estupro, fetos com deformações cerebrais e gravidez em risco, por essas circunstâncias deve-se levantar os direitos das mulheres.

Diante disto, a saúde tanto física como mental é criada em primeiro lugar nas realizações de leis, é função do governo federal prover centros de ajuda, atenção e palestras nas comunidades, e nos casos de modo “especial” programas específicos de ajuda.

Agora, após a intervenção observou-se que, aparecem cinco parágrafos ao invés de quatro, o desenvolvimento aparece mais dividido. Já na introdução apareceu um questionamento “[...] será o aborto uma forma segura para ambos os lados?”, pois o estudante coloca o aborto como polêmico para a mãe e o feto, sendo uma questão ética e religiosa. No primeiro parágrafo do desenvolvimento, é feito uma reflexão sobre o direito da mulher em abortar como “direito á liberdade”, que é defendido pelo feminismo. Já no segundo parágrafo do desenvolvimento aparece essa opção como um crime “pois acaba tirando o direito à vida” o que é um indício de contra-argumentação. No terceiro parágrafo do desenvolvimento houve uma retomada do tema “direito da mulher”, onde elas podem ser “expostas a relações indesejadas provocadas por estupros”, e assim gerar fetos doentes com “deformações cerebrais”, o que é de algum modo um apoio à argumentação sobre aborto. Por fim, no último parágrafo, o texto A trouxe uma solução, que é “função do governo federal prover centros de ajuda, atenção e palestras nas comunidades”. Trata-se da retomada final da linha contra-argumentativa pelo apelo ao governo no sentido de desenvolver medidas que possam prevenir situações de desespero.

Em relação ao texto diagnóstico, houve um crescimento amadurecido no uso das tomadas de posição e conjunções para argumentar a favor e contra, diferentes do texto diagnóstico, trazendo o tema “aborto” como duas faces da mesma moeda em sua coerência, onde a contra-argumentação aparece no segundo parágrafo, contrariando o primeiro.

No aspecto da microestrutura, o número de conjunções diminuiu, foi utilizada a conjunção explicativa “pois” uma vez, adversativa, “porém” uma vez, apareceu também uma conjunção conclusiva “portanto”.

Assim, como o texto E analisado da professora investigadora, o texto A da professora convidada apresentou uma evolução no uso das conjunções com mais mestria (mesmo que em menor quantidade) no último texto depois da intervenção. Observou-se nos dois textos que

não é a quantidade de conjunções que determinam a boa coerência, mas o bom uso delas nas tomadas de decisões seja a favor ou contra e suas refutações. Outro fato observado é que as decisões de usar uma ou outra conjunção não têm a ver com o seu significado na gramática normativa, mas com seu sentido no uso e em seu contexto.

8.5 Análise do texto diagnóstico N - fraco - professora convidada

Texto digitalizado encontra-se no anexo N, redação 1. Transcreve-se para melhor leitura:

O aborto é uma proibição, pois é um ato de violência e acontece que as mulheres não deseja ter filhos e sua opção é tirar o bebê. Antes de nascer.

Pode causa várias doenças no útero e infecção no corpo, levar a morte para a mãe em situação, como vai a consciência da pessoa e acontecer que poderá ir junto para a vida inteira e uns é depressão, tristeza ironia, suicídio pela magoa que está no coração e na alma, tudo isso é causado em um ser humano que matou o mundo do inocente. E ainda mata a criança como se tudo fosse bem e que nada vai acontecer.

Todos temos o direito de viver em qualquer situação que esteja. Amar o próximo como a si mesmo e cuidar. Lutar e ter a consciência limpa em que cada criança tem o seu direito como todos temos de ganhar o mundo que todos vivemos. Criar projetos em colégios e sua contra o aborto.

A análise, agora, será de um texto considerado fraco da professora convidada, mas que foi significativo para a pesquisa e para o crescimento pessoal do estudante. O texto escolhido foi o N, e em seu diagnóstico inicial trouxe três parágrafos em sua composição. A introdução traz uma afirmação que: “O aborto é uma proibição, pois é um ato de violência”. No desenvolvimento aparece, apenas, um único parágrafo, onde fala que abortar pode causar doenças no corpo e na alma, tipo consciência pesada para o resto da vida, “[...] acontecimentos para a vida inteira [...] depressão, tristeza e insônia, suicídio pela mágoa que está no coração [...]”. Observa-se que o texto não traz em seu desenvolvimento conjunções de adversidade ou concessão, apenas descreve possíveis consequências psicológicas para uma mulher que se arrependeu de cometer o aborto. De alguma forma o texto coloca como se “toda mulher sentirá remorso e arrependimento”. Generaliza o ato e a consequência. No último parágrafo aborda novamente que todos têm o direito a viver e que o amor ao próximo deve prevalecer, “Amar o próximo como a si mesmo e cuidar”. Finaliza afirmando que as escolas poderiam conscientizar contra o aborto.

Um texto considerado fraco em seus elementos de macroestrutura, de organização, mas percebe-se mesmo assim que em todo o tempo tinha uma preocupação com o social e os

direitos humanos do texto, e isso se vê nas tomadas de posição. Mesmo sem usar tantas conjunções, mas o intuito era ter intencionalidade.

8.6 Análise do texto N após intervenção – fraco – professora Convidada

Texto digitalizado encontra-se no Anexo N, redação 8. Transcreve-se para melhor leitura:

Sabe-se que o aborto é um crime que não tem volta, uma vez feita pode continuar como se fosse droga ou prazer, assim aumentando a violência de um corpo inocente que não tem culpa dos acontecimentos da realidade.

Observa-se que o embrião na primeira semana é uma vida, pois ninguém deve matar o próximo. ‘Temos o direito à vida, e não sobre ela’ (Daniel Melgaço).

A saúde é muito importante, pois se colocar a mulher em risco, estupro ou o feto nasce especial é possível ser legal, pois será para o bem da gestante.

É um grave isso quer tirar uma criança que nem nasceu para corrigir outro problema que está no ser humano que tem solução para resolver com coragem e maturidade.

Portanto, a assistência do estado proporciona ajudar a gestação, e em caso sério a proteção é necessário do cidadão, todavia as doações em orfanatos as portas estão abertas para receber a pessoa que não deseja a maternidade e a disposição da renuncia e o desrespeito com a natureza e o viver.

Após os oito meses de crescimento nas atividades da sequência didática, o estudante N escreveu o texto com cinco parágrafos, um, considerado introdução, três, o desenvolvimento e o último, a conclusão. No aspecto da macroestrutura do texto, na introdução aparece o tema aborto, novamente como crime, “O aborto é um crime que não tem volta”. No primeiro parágrafo do desenvolvimento, trouxe uma citação, justificando o porquê de não abortar, “[...] o embrião na primeira semana é uma vida”. No segundo parágrafo do desenvolvimento, aconteceu uma argumentação excepcional, colocando como legal o aborto em alguns casos “estupro ou o feto nasce especial”. No terceiro parágrafo do desenvolvimento, retoma a ideia de que é erro abortar e seria mais fácil encontrar uma solução com maturidade. Quer dizer que, a escolha da tese pelo estudante de que “o aborto é considerado crime” foi falado em dois parágrafos, admitindo o aborto no parágrafo do meio (terceiro parágrafo), quando diz que existem casos em que ele é aceito. E por fim, na conclusão, o texto N aponta soluções, como fazer doações e ajudar as gestantes, “proteção necessária ao cidadão”.

No aspecto da microestrutura aparecem conjunções, uma adversativa, “todavia” e uma conclusiva “portanto”. De uma maneira significativa o texto fraco N teve uma evolução.

Mais uma vez, assim como nos textos considerados melhores, não foi a quantidade de conjunções que determinou a coerência do texto, mas o uso adequado de algumas, mesmo em quantidades menores. No final do texto, a presença de um parágrafo retomando as medidas a tomar para evitar o aborto colocou o texto em outro nível diferente do primeiro, mostrando a sua evolução.

Numa síntese deste capítulo, nota-se progresso nos textos após intervenção didática. Considerando argumentação as razões que levam ao aborto e que os textos lembram, todos os estudantes nos textos da segunda fase alinham alguns contra-argumentos acerca do aborto, embora reconhecendo exceções. Nessa contra-argumentação são sugeridas ações dos governos no sentido de esclarecer as pessoas envolvidas sobre medidas a tomar para proteger as crianças e as mães.

Outro fator a ser observado são as escolhas de usar as conjunções. Não foi baseado em seus conceitos oriundos da gramática normativa, mas percebeu-se que a escolha entre uma ou outra conjunção veio de seu contexto de uso e da vivência pessoal de cada estudante. Quer dizer, a gramática internalizada veio à tona na hora de fazer escolhas argumentativas.

Foi percebido que, a sequência didática permitiu que o estudante pudesse se expressar oralmente e colocar na escrita do texto suas ideias, estas argumentativas, com o intuito de persuadir o leitor. A SD abriu possibilidades de aulas mais funcionais e participativas sem necessariamente precisar decorar conjunções para serem usadas. O contexto e a pragmática vividos pelo estudante em seu dia a dia deram-lhe maturidade de fazer escolhas e decidir por qual caminho defender ou atacar o mais coerente dentro da tese escolhida.

Sejam os melhores textos ou os mais fracos textos a evolução aconteceu naturalmente pelos estudantes que aceitaram fazer a SD. A presença e a quantidade de argumentos, a formulação de uma conclusão trazendo soluções ou a tomada de posição com refutação foram decisões tomadas por todos e fez a diferença no último texto (oitavo texto) após a intervenção.

Capítulo 9 - Análise dos elementos da estrutura textual - Primeiro texto (diagnóstico)

As análises que seguem são dos textos considerados melhores, médios e fracos das duas turmas, realizados sem nenhum tipo de orientação, aqueles que fazem um diagnóstico inicial sobre a capacidade de escrita argumentativa dos estudantes. À medida que os textos iam sendo lidos na sequência da aplicação, foram sendo separados pela investigadora entre melhores, médios e fracos nos critérios que seriam analisados, e depois de maneira aleatória, entre eles, foram escolhidos os três de cada modalidade nas duas turmas pesquisadas. Nesse caso, como são três de cada modalidade e de duas turmas, será um total de 18 textos analisados (em profundidade) na fase diagnóstica: 6 melhores, 6 médios e 6 mais fracos, das duas turmas pesquisadas. Encontram-se nos anexos A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R nas redações 1.

9.1 Análise dos aspectos da macroestrutura dos textos diagnósticos

Lembramos o esquema sugerido por nós na (Figura 2): introdução, argumentação, contra-argumentação e conclusão como norteador para a construção dos textos pelos estudantes e para as análises da macroestrutura textual.

Como explica Sestito (2020), trazer na introdução questionamentos acaba sendo uma boa estratégia para a escrita argumentativa. É claro que, é preciso mais na frente responder ao que se questionou, de preferência logo após repetir a pergunta.

Dessa forma, foram encontrados nos textos D e E das modalidades melhores, nos anexos D e E nas redações 1, questionamentos em suas introduções, e apesar de estar na modalidade média, o texto K, no anexo K, redação 1, também, trouxe questionamentos, e os textos mais fracos Q e R nos anexos K e R, nas redações 1, também em suas introduções surpreenderam com questionamentos, que foram respondidos depois na argumentação.

Percebe-se, então, que apesar de modalidades distintas, fazer perguntas na introdução fez parte da escrita de diferentes estudantes, mesmo aqueles que sentiram dificuldade nesse primeiro texto. Então, as estratégias de argumentação apareceram interiorizadas nas escritas dos textos diagnósticos de alguns estudantes (para a nossa surpresa) e acabaram ajudando na formulação do ponto de vista. Alguns exemplos:

Será que esse bebê tem que perder a vida por uma coisa que não teve culpa?
(T.ML.E) (Anexo E, redação 1).

Aborto: assassinato ou escolha? Até que ponto a mulher tem o direito sobre o feto? Quais as consequências para a saúde da mulher? (T.ML.D) (Anexo D, redação 1).

Mais afinal de contas o aborto deveria ser um direito para as mulheres ou deveria ser proibido? (T.MD.K) (Anexo K, redação 1).

Mas por que isso acontece? (T.F.Q) (Anexo Q, redação 1).

Mas está certo ou errado? Afinal é um crime tirar a vida de um inocente? ou é um direito de fazer o que quiser com o próprio corpo? (T.F.R) (Anexo R, redação 1).

Encontra-se nos textos A (Anexo A) e H (anexo H), da modalidade “melhor” e “médio”, de forma simples e direta os pontos de vista que determinarão o caminho das argumentações, e podem ser consideradas refutáveis sobre o tema aborto. As palavras foram: positiva, negativa, legal, ilegal. (Lembrando que são dos textos diagnósticos, redações 1): “O aborto é discutido no Brasil de uma forma positiva e negativa” (T. ML. A); “O aborto pode ser considerado ilegal ou legal” (T. MD. H).

Os textos B, F, I, L, N, O e P (encontrados nos anexos B, F, I, L, N, O e P, nas redações 1) que se encontram nas modalidades “melhor”, “médio” e “fraco” seguem o raciocínio de colocar o aborto como crime em suas introduções. Os níveis dos pontos de vista apresentados variam porque as modalidades são distintas, e percebe-se um amadurecimento maior em uns que em outros textos, mas o objetivo é o mesmo, buscando deixar alguma luz sobre o rumo que a argumentação terá.

O aborto é o ato de tirar o feto antes mesmo do tempo (T.ML.B).

O ato sem pensar no mal em que está causando por cometer esse tipo de crime (T.MD.I).

Mas o que parece ser uma solução pode ser a chave para outros problemas. Acabam tirando o feto que não tem como se defender (T. ML. F).

O aborto é um caso muito sério e importante de se falar (T. MD. L).

O aborto é uma proibição (T. F. N).

O aborto é um crime, então o aborto é proibido (T. F. P).

Abortar não é somente se livrar de uma criança é tirar dela o direito de viver (T. F. O).

O texto da modalidade “fraco” M (Anexo M) trouxe em sua introdução um ponto de vista diferente dos demais, assegurando que a mulher tem o direito ao aborto: “A mulher deveria ter o direito de escolher em abortar” (T. F. M).

As introduções que não apresentam perguntas estão nos textos G e J (anexos G e J) da modalidade “médio”. Ou apresentam fatos ou apresentam ideias vagas sem probabilidade de que sejam refutadas com mestria.

Mas afinal o aborto é visto de várias maneiras (T.MD.G).

O aborto se utiliza de vários métodos que põe em risco a vida da mãe além de tirar a vida do feto (T. MD. J).

No que diz respeito à habilidade de introduzir argumentos, ou como diz Costa (2016) “apresentar razões para defender o ponto de vista enunciado” (p. 188), o que nos textos apresentados corresponde a apresentar indícios e desenvolver na contra-argumentação, todos os 18 textos apresentaram, de que se dão exemplos.

O feto no útero da mulher considerado desenvolvido, perigo abortar. Consequências para a saúde da mulher que praticou o aborto são inúmeras (T.ML.D) (Anexo D, redação 1).

O estupro está relacionado ao aborto. Jovens acabam fazendo sexo sem se prevenir (T.ML.E) (Anexo E, redação 1).

Feto desenvolvido o aborto traz problemas para a mulher. Adolescentes de 13 ou 14 anos, optam pelo aborto por ser um meio mais acessível, pois o pai, também adolescente não quis assumir (T.ML.F) (Anexo F, redação 1).

Hoje em dia é difícil de engravidar pois existe muitas formas de se prevenir. O aborto não é se livrar de uma criança é tirar dela o direito de viver (T. MD. G) (Anexo G, redação 1).

O aborto é uma proibição, um crime. Antes de pensar em abortar deve pensar em se prevenir (T. MD. L) (Anexo L, redação 1).

Muitos jovens tem relação sem se prevenir e por consequência tiram a vida de uma criança. A sociedade e igreja julgam a mulher que faz isso sem saber os motivos (T. F. R) (Anexo R, redação 1).

Em todos os parágrafos (os que tinham parágrafos) existiam apenas argumentos favoráveis à ideia central escolhida pelo estudante, quer dizer, o seu ponto de vista sobre a sua oposição ao aborto.

No que diz respeito ao último tópico, sobre formular uma conclusão, doze (12) dos 18 textos analisados na fase diagnóstica mostram a presença de ideias conclusivas, muitas até trazem políticas públicas em suas últimas considerações. Mas, seis (6) não demonstraram conseguir concluir o texto continuando a levantar considerações sobre o ponto de vista. Seguem exemplos daqueles 12 textos:

Aborto não é somente se livrar de uma criança, é tirar dela o direito de viver... (T. MD. G) (Anexo G, redação 1).

Não cometa o aborto, isso não é legal, só se for em último caso mesmo (T.MD.H) (Anexo H, redação 1).

Mas como todos nós sabemos o aborto é uma proibição, e também na minha opinião um crime gravíssimo (T.MD.L) (Anexo L, redação 1).

A mulher é quem escolhe com quem quer ter relações [...] (T.F.M) (Anexo M, redação 1).

O aborto é uma escolha de cada um, um ser inocente não merece morrer (T. F.O) (Anexo O, redação 1).

[...] isso também acontece pelo simples fato de uma mulher não se proteger [...] (T.F.P) (Anexo P, redação 1).

Na análise dos 18 textos diagnósticos, divididos entre melhores, médios e fracos, a maioria dos estudantes conseguiu dominar de forma genérica os padrões de escrita argumentativa, ainda que de maneira principiante, e conseguiram expor em suas escritas a sua gramática internalizada defendendo o que acreditam e aprenderam ao longo da vida até chegarem à escola. É percebido que o contexto está presente nas escritas dos textos de todos os participantes (suas experiências individuais, suas leituras pré textuais, sua rotina e convivência na escola e na sociedade) justificam a escolha desta ou daquela palavra. As suas argumentações aparecem frágeis nesse primeiro momento diagnóstico, mas mesmo assim têm qualidade em suas organizações e em seus propósitos discursivos e persuasivos. Mesmo que naquele momento diagnóstico as argumentações e as contra argumentações apareçam imaturas e inconstantes, e mesmo que algumas expressões deveriam ter sido utilizadas em determinadas situações de contexto e não foram, mesmo assim, o uso de outras as substituíram e no contexto geral e organização ficou coerente, cumprindo, assim, o seu primeiro objetivo de acordo com as especificações e significâncias exigidas.

9.2 Análise dos aspectos da microestrutura dos textos diagnósticos

De acordo com Costa (2016) já citada anteriormente, os elementos da microestrutura do texto têm a ver com “construções usadas tipicamente na argumentação, como contrastivas, causais, ou as condicionais” (p. 193). Isto tudo pode ser chamado de coesão textual, que pode ser conceituado como a organização correta das palavras e dos conectivos, de modo que elas se ligam entre si e entre as frases, períodos e parágrafos de um texto. Esses elementos contribuem na literacia de escrita argumentativa, envolvendo ou não a competência do estudante ao utilizar diferentes conectivos, recursos para garantir os registros da língua de maneira argumentativa.

Assim, já citado na seção 5.6 – Proposta de produção de texto argumentativo, as microestruturas adaptadas de acordo com Costa (2016) que serão analisadas especificamente nas estruturas sintáticas predominantes nos discursos argumentativos serão:

- a) Coordenadas explicativas que exprimem uma razão, confirmam uma ideia (porque, pois);

- b) Coordenadas adversativas que exprimem contrastes de ideias (mas, porém, todavia, contudo e, no entanto);
- c) Subordinadas concessivas que estão ligadas à quebra de expectativa, ou seja, fato contrário (embora, se bem que, ainda que, apesar de, mesmo não);
- d) Subordinadas causais, que como o próprio nome diz, exprimem uma causa (porque, que, como, já que, visto que, uma vez que);
- e) Subordinadas condicionais que exprimem uma condição ou hipótese (se, caso, contanto que, desde que, a não ser que).

Mas, nas produções textuais dos estudantes não foram encontrados todos estes conectores. Então, foram divididos os principais conectores encontrados nos 18 textos diagnósticos, entre os melhores, médios e fracos: porque, pois, mas, porém, contudo, no entanto, embora, como, visto que.

As conjunções adversativas usadas pelos estudantes nos textos diagnósticos apontam que a conjunção “mas” foi a mais usada. Apesar de aparecer poucas vezes em tantos textos, mas levando em consideração as dificuldades dos estudantes em escrever, foi um avanço terem conseguido usar, ainda que, algumas vezes determinadas conjunções. Ela aparece oito (8) vezes, e na maioria delas nos estudantes considerados melhores, quatro (4) vezes. Na sequência aparecem duas (2) vezes nos estudantes considerados médios.

Em segundo lugar aparece a conjunção “porém” aparecendo duas (2) vezes nos textos dos melhores e duas (2) vezes nos textos dos estudantes médios, totalizando quatro (4) vezes, e nenhuma vez nos textos dos mais fracos. Da mesma forma a conjunção “contudo” que aparece duas (2) vezes, uma vez em um texto de um estudante considerado melhor e uma vez no texto de um estudante considerado médio.

A conjunção “no entanto” aparece apenas uma vez em um texto de um estudante considerado melhor. Das conjunções concessivas, apenas “embora” aparece nos textos, uma vez no melhor e uma vez no médio. “Se bem que”, “Ainda que” e “Apesar de” consideradas conjunções concessivas não aparecem nenhuma vez nos textos.

As conjunções condicionais “se”, “caso” e “desde que” não foram encontradas em nenhum dos textos diagnósticos. A conjunção “portanto” considerada conclusiva foi encontrada em apenas um texto de um estudante considerado melhor.

Na hora de refutar ou argumentar contra, a conjunção adversativa/constrastiva “mas” como já foi visto, foi a mais utilizada como conector de mudança do foco do tema polêmico, ou seja, para introduzir contra-argumentos. Alguns trechos retirados dos originais:

Atualmente algumas mulheres provocam o aborto. Algumas por serem novas demais e muitas outras por estarem procurando uma solução. Mas o que parece ser uma solução pode ser a chave para outros problemas (T. ML. F) (Anexo F, redação 1).

Porém o que dá o direito a estas mulheres de tirar a vida de um ser vivo? Muitas alegam que não estão preparadas para serem mães, ou que não irão parar suas vidas para cuidar de uma criança. Mas será que essas respostas ainda são aceitas num mundo tão informado e globalizado (T.MD.K) (Anexo K, redação 1).

Muitos acham complicado falar sobre o aborto, acham que é uma coisa de outro mundo, mas na verdade não é nada disso (T. MD. L) (Anexo L, redação 1).

Todos nós temos o direito de fazermos o que quisermos com o nosso corpo, mas nesse caso significa que está tirando a vida de outra pessoa (T. F. R) (Anexo F, redação 1).

Observa-se nesses exemplos retirados dos textos dos estudantes que independente de serem considerados melhores, médios ou fracos, a conjunção “mas” foi utilizada com o objetivo de fazer oposição às afirmações que foram ditas anteriormente. Lembrando que os conectores têm a função de assumir posições comunicativas, e que:

[...] o mais importante, na atividade de produção e recepção de textos, é identificar o tipo de relação estabelecida, e não se ocupar da classificação dos conectores com suas respectivas nomenclaturas. Tampouco tem relevância servir-se do estudo das conjunções apenas para se explorar a complicada classificação das orações em suas múltiplas subdivisões. O que vale, portanto, como competência comunicativa é avaliar o valor semântico de cada uma das conjunções e os efeitos semânticos que provocam nas relações entre as orações (Antunes, 2005, p. 150).

O estudo dos conectores adversativos e outros, dessa maneira, devem acontecer a partir de um texto que traz um tema que possa depois ser refutado, pois o estudante perceberá que as regras gramaticais servem para que ele se faça entender nos momentos de interação com o outro.

Nas conjunções “pois” e “como”, explicativa e causal os considerados fracos se destacaram dos médios, e com a conjunção “porque” eles se destacaram, inclusive, dos considerados melhores, pois utilizaram quatro (4) vezes, enquanto os melhores duas (2). Observa-se assim que os considerados fracos conseguiram não só usar as conjunções coordenadas, mas também, subordinadas. Isso aponta para uma observação que nada é determinante no caminhar para adquirir uma escrita com competência argumentativa, e que o uso dos conectores pode oscilar entre os níveis. Outro fato que deve ser observado é que a escolha por conjunções explicativas e causais não perpassou pelo seu conceito na gramática normativa, mas sim pelo contexto discursivo vivido pelo estudante e o sentido que a conjunção daria a pragmática do texto. Dessa forma poderemos encontrar conjunções explicativas no uso de causais ou vice e versa. Mas, o mais importante a ser notado foi a

decisão do estudante pelo sentido, já que o intuito da SD era, justamente, a funcionalidade da produção dos textos argumentativos. As conjunções “já que” e “uma vez que” consideradas causais, não foram usadas em nenhuma das modalidades.

Exemplos dos usos das conjunções: como, pois e porque, retirados dos textos dos estudantes mais fracos.

A proibição devia vir a partir de jovens e mulheres que não se previniram, e escolhem o aborto **como** recurso de não continuar a gravidez (T. F.M) (Anexo M, redação 1).

O aborto é uma proibição, **pois** é um ato de violência (T. F.N) (Anexo N, redação 1).

Abortar não é somente se livrar de uma criança, é tirar dela o direito de viver **porque** [...], tem condição de viver em sociedade porque também ele é um ser humano (T. F.O) (Anexo O, redação 1).

Em forma de síntese deste subcapítulo sobre as microestruturas dos textos diagnósticos observou-se que a presença de conectores explicativos nos textos foi considerada satisfatória em relação aos aspectos significativos da pesquisa, nomeadamente quanto às “estruturas sintáticas” a) segundo Costa (2016): Coordenadas explicativas que exprimem uma razão, confirmam uma ideia (porque, pois) foram utilizadas pelos estudantes em diferentes modalidades. Mas, ressalta-se que entre os mais fracos o avanço foi considerado maior, no sentido que utilizaram a conjunção subordinativa “como” mais vezes que os médios e melhores. Essa observação é de muita relevância para a pesquisa levando em conta que para os estudantes considerados mais fracos é mais difícil avançar.

Sobre as conjunções adversativas (mas, porém, todavia, contudo e, no entanto), pode-se dizer que o uso foi utilizado por todas as modalidades e até os considerados fracos conseguiram contra-argumentações, mesmo sem terem tido orientação prévia para isso. Fica aqui, também uma reflexão sobre a gramática internalizada que foi colocada à prova sem mesmo os estudantes perceberem. O uso das expressões de defender a tese e o uso de adversidades ou tomadas de posição foram feitas com base nas experiências dos estudantes com outros textos, com outras leituras de mundo. Agora, o que a escola precisa fazer é conduzir o estudante com orientações funcionais da língua e da escrita para que o estudante não se sinta um estrangeiro de sua própria língua (Possenti, 1996). E lembramos o desafio de Antunes, (2005): “o mais importante, na atividade de produção e recepção de textos, é identificar o tipo de relação estabelecida, e não ocupar-se da classificação dos conectores com suas respectivas nomenclaturas” (p. 150).

Capítulo 10 - Análise dos elementos da estrutura textual – Último texto (Após intervenção)

O último texto tem o mesmo tema do primeiro texto (Aborto: Um direito ou uma proibição) e foi escrito depois de oito meses aplicando a sequência didática com os estudantes. Ele tem por objetivo perceber a evolução dos estudantes em suas escritas argumentativas e deve ser comparada a produção inicial verificando os avanços obtidos e os problemas que ainda apresentam.

10.1 Análise dos aspectos da macroestrutura (Textos após intervenção)

Como já foi explicado na seção 5.6, serão analisados os elementos da coerência textual, mas agora, observando o progresso dos estudantes depois de oito meses aplicando a sequência didática e seguindo os módulos apresentados na página 52 para adquirir uma competência discursiva, com os elementos do texto argumentativo.

Lembrando o esquema de texto argumentativo (Figura 2): introdução, argumentação, contra-argumentação e conclusão, ao qual nortearíamos as análises das macroestruturas do texto.

Foi observado que muitos estudantes conseguiram escrever os vários pontos de vista (Momento 1, como acima).

Nos dias atuais o aborto é considerado crime pelo fato de ir contra um dos nossos direitos: a vida. Vemos que existem muitas meninas que desejam abortar seus filhos, por serem novas demais, por seu filho ser fruto de um estupro ou por terem medo dos pais (T. ML. B) (Anexo B, redação 8).

Há muitos anos as nações discutem questões científicas, éticas, morais e religiosas que envolvem o aborto. Ele é legalizado e feito de forma segura em vários países, mas é ilegal e visto como crime noutros. Ademais, uma das principais discussões é se a legalização do aborto diminuiria uma gravíssima questão de saúde pública: as complicações pós-aborto que são a terceira causa de morte entre as mulheres (T. MD. G) (Anexo G, redação 8).

Sabe-se que, no mundo atual tem-se uma sociedade desprovida de valores, onde o aborto tem um lugar destaque. É evidente que, o assunto é discutido mais não é dado a devida importância (T. MD. I) (Anexo I, redação 8).

O aborto é considerado crime perante a constituição Brasileira. Assim, é notório o aumento no número de abortos clandestinos no país. No entanto, a discussão sobre a legalização do aborto é frequente, isso se deve ao grande número de mulheres mortas após tais procedimentos (T. F. O) (Anexo O, redação 8).

Agora, exemplos que trazem questionamentos em sua introdução:

[...] pois trata-se da gestante e do feto que sofrem consequências dramáticas, será o aborto uma forma segura para ambos os lados? (T.ML.A) (Anexo A, redação 8).

Será que estamos perdendo nossos valores. No mundo em que vivemos é bom parar para se pensar, questões como a do aborto podem ser dadas como naturais? O aborto pode ser legalizado? Ou não isto está acima de nossos preceitos ético morais (T. MD. K) (Anexo K, redação 8).

Sobre a presença e quantidade de argumentos (momento 2) percebeu-se que todas as três modalidades entre melhores, médios e fracos os apresentaram. Mas entre os argumentos a favor do aborto, aparecem “indícios” da contra-argumentação que se vai formular depois. Exemplos de argumentos retirados dos textos.

A princípio, as mulheres possuem um direito à liberdade de escolha, onde foi conquista desde a primeira fase do feminismo, porém tal escolha pode ocasionar graves riscos a saúde, além disso está afetando a vida do bebê e dependendo do caso acusada de um crime (T. ML. A) (Anexo A, redação 8).

[...] a prática do aborto é cometida por adolescentes que não tem estrutura financeira muito menos psicológico para criar uma criança que ‘veio’ de uma gravidez indesejada que por ela não usar preservativo acabou ficando grávida (T. MD. H) (Anexo H, redação 8).

De fato é difícil opinar assuntos tão tabu e opiniões contrárias em nossa sociedade, porém o aborto já pode ser considerado um problema de saúde pública, tendo em vista que uma em cada 5 mulheres já abortou ou irá abortar ao longo da vida e que geralmente esses procedimentos são feitos em clínicas clandestinas podendo levar a mulher a morte (T. MD. K) (Anexo K, redação 8).

Ainda que o caso do estupro seja permitido em três situações segundo o art 5º de nossa Constituição Federal, todos nós temos direito à vida, mesmo que a prática do aborto seja proibida por lei, existe práticas clandestinas que põem em risco a vida tanto da mãe quanto ao ser que ela carrega em seu ventre (T. F. M) (Anexo M, redação 8).

No entanto a mulher que foi alvo de um estupro tem o direito de abortar uma criança que ela não quer, apesar de ela ser inocente e não ter culpa, as vezes até por não ter condições de criá-la, por a família não aceitar e etc (T.F.P) (Anexo P, Redação 8).

Sobre a presença de contra-argumentos (momento 3), foi notado que entre os melhores textos apareceram cinco (5), nos médios foram encontrados sete (7) e entre os mais fracos foram encontrados dois (2). Nesse caso, observa-se que os estudantes considerados médios conseguiram contra-argumentar mais vezes que os considerados melhores, sendo assim os valores de modalidades aqui se inverteram, levando em consideração a importância da refutação nos textos argumentativos, pois mostra os pontos de vista opostos provocando debates sobre o tema proposto (Coimbra, 2011).

A seguir casos de uma tese contrária acerca da qual era preciso contra-argumentar com a possibilidade de adoção ou pedido de ajuda à segurança social.

Contudo, ainda se esquecem das consequências que vem com o aborto comom depressão, câncer, disfunções hormonais, entre outras que sempre gera uma disparidade social que sempre é promovido por minorias, mas se esquecem que a menor minoria é o indivíduo e promover o aborto é promover o genocídio da raça humana (T.ML.D) (Anexo D, redação 8).

Porém ele é permitido se o feto tiver mal formação, quando a gravidez coloca a vida da mãe em risco, ou se o feto for um caso provocado de estupro (T. ML. F) (Anexo F, redação 8).

Neste contexto é sugestivo que as autoridades da esfera política e religiosa se unam com um propósito de incentivar as mulheres a procurar apoio em casas especializadas, e as famílias serem alertadas, para prover a instrução necessária da decisão que se deve tomar, tendo assim um controle saudável para a mulher e a criança em formação (T. MD. J) (Anexo J, redação 8).

Sobre a formulação de uma conclusão (momento 4), apenas o texto considerado fraco “M”, não apresentou. Todos os outros, que foram analisados em profundidade após intervenção, nas diferentes modalidades apresentaram uma conclusão (Anexo M, redação 8).

Exemplos de conclusões com soluções:

Diante disto, a saúde tanto física como mental é criada em primeiro lugar nas realizações de leis, é função do governo federal prover centros de ajuda, atenção e palestras nas comunidades, e nos casos de modo ‘especial’ programas específicos de ajuda (T.ML. A) (Anexo A, redação 8).

Torna-se ividente, portanto, que a sociedade considera o aborto um crime que inflige o direito à vida. O Ministério da saúde juntamente com o SUS (Sistema Unico de Saúde), façam campanha vinculadas na mídia, para consertizar a população, uma vez que o risco de morte que o aborto causa a uma mulher (T. ML. E) (Anexo E, redação 8).

Desse modo, é de extrema importância quando forem ter relações sexuais, usar preservativos paa que não aconteça a gavidez indesejada e não abortarem, pois é crime (T.MD. H) (Anexo H, redação 8).

Portanto, a assistência do estado proporciona ajudar a gestação, e em caso sério a protenção é cenessário do cidadão, todavia as doações em orfanatos as portas estão abertas para receber pessoa que não deseja a maternidade e a disposição da renuncia e o disrespeito com a natureza e o viver (T. F. N) (Anexo F, redação 8).

Em síntese, os estudantes conseguiram avançar em suas escritas argumentativas no número de contra-argumentos, e isso se caracteriza como ponto positivo para a realização da SD. No que diz respeito à formulação de uma conclusão a maioria, também, conseguiu fazê-la, mostrando entender que precisava dar soluções às problemáticas encontradas. É importante ressaltar que entre o primeiro texto diagnóstico e este último, os estudantes participaram de debates e produziram outros textos sobre temas polêmicos cuja lista incluímos no início do nosso capítulo 8 (se encontram em sequência de aplicação entre os melhores, médios e fracos nos Anexos B a Q).

10.2 Análise dos aspectos da microestrutura (Textos após intervenção)

Como já citado, na seção 5.6 deste, analisaremos os elementos da coesão textual, os conectores que fazem as ligações das ideias ou as estruturas sintáticas na terminologia de Costa (2016) citado.

- a) Coordenadas explicativas que exprimem uma razão, confirmam uma ideia (que, porque, pois);
- b) Coordenadas adversativas que exprimem contrastes de ideias (mas, porém, todavia, contudo e, no entanto);
- c) Subordinadas concessivas que estão ligadas à quebra de expectativa, ou seja, fato contrário (embora, se bem que, ainda que, apesar de, mesmo não);
- d) Subordinadas causais, que como o próprio nome diz, exprimem uma causa (porque, que, como, já que, visto que, uma vez que);
- e) Subordinadas condicionais que exprimem uma condição ou hipótese (se, caso, contanto que, desde que, a não ser que).

Apesar de citarmos Costa (2016) e os conectores que deveriam vir nos textos, apenas as principais conjunções encontradas nos textos dos estudantes entre os melhores, médios e fracos serão mencionados (“que”, “pois”, “porém”, “portanto”, “como”, “no entanto”, “visto que”, “contudo”, “mas”, “todavia” e “entretanto”) pois, apesar de todos os conectores terem sido cuidadosamente explicados no período da SD, os estudantes escolheram estes para utilizar.

Tendo em conta os 18 textos em análise, percebemos que as conjunções adversativas “todavia” aparecem 3 vezes nos textos dos estudantes considerados médios e 1 vez nos considerados melhores, a conjunção adversativa “mas” apareceu 4 vezes nos textos dos estudantes médios, mas apenas 1 vez nos melhores e 1 vez nos fracos. A conjunção “contudo” aparece 1 vez em cada modalidade, mas, “entretanto”, aparece 2 vezes nos considerados mais fracos, onde nos médios não aparece nenhuma vez. A conjunção “porém” repetiu-se seu uso igual nos textos diagnósticos em 4 vezes, 2 vezes nos melhores e 2 vezes nos médios e nenhuma vez os mais fracos utilizaram. Pode-se dizer que, aqui como em outros momentos, os estudantes conseguiram inverter as ordens de melhores, médios ou fracos e conseguiram evoluir em suas escritas se compararmos o texto diagnóstico com este. O papel das conjunções adversativas é muito importante na construção do texto argumentativo e isto foi revisto pelos estudantes em alguns casos. Vejamos alguns exemplos:

A conjunção adversativa em causa é: No entanto

O aborto no Brasil é considerado crime perante a constituição brasileira, **no entanto** nos últimos anos a discussão sobre a legalização é frequente, isso ocorre devido ao grande número de mulheres mortas após, se submeterem a clínicas clandestinas de aborto. O aborto é legalizado nos casos de estupro, risco de vida da mãe ou feto anecéfalo (T. MD. G) (Anexo G, redação 8).

Todo ser humano tem direito a vida. A criança que se gera a cada dia dentro do ventre de uma mulher é inoscente, ela não tem culpa do que aconteceu e o porque que está ali. **No entanto** a mulher que foi alvo de um estupro tem o direito de abortar uma criança que ela não quer apesar de ela ser inoscente e não ter culpa, as vezes até por não ter condições de criar -la. Por a família não aceitare, etc (T. F. P) (Anexo P, redação 8).

A conjunção adversativa em causa é: mas

Em outros casos, existe também a gravidez indesejada, **mas** que ‘veio’ fruto de uma violência como, por exemplo o estupro, sofrida pela mulher ou adolescente (T. MD. H) (Anexo H, redação 8).

O aborto é considerado um crime, pois quem o aborta está escolhendo por um ser vivo incapaz de se pronunciar, **mas** que é um ser humano igualmente a todos nós, e tem o seu total direito de viver (T. MD. L) (Anexo L, redação 8).

A conjunção adversativa em causa é: porém

Vemos que em um aborto muitas ‘meninas’ morrem por ainda não terem seus corpos preparados para a realização de um aborto e, quando muitas não conseguem abortar depois do nascimento o jogam na rua, ou o deixam largado, gerando mais problemas futuros na sociedade. **Porém** ele é permitido se o feto tiver mal formação, quando a gravidex coloca a vida da mãe em risco, ou se o feto for um caso provado de estupro (T. ML. F) (Anexo F, redação 8).

Segundo a lei da Constituição Federal, todos nós temos o direito a vida, **porém** no caso do aborto dependendo do motivo, pode-se não ser um crime, e sim a total liberdade da mulher escolher se quer ou não criar aquele ser vivo (T. MD. L) (Anexo L, redação 8).

As conjunções consideradas explicativas tiveram os seus usos moderados, “porque” só foi usada uma vez pelos mais fracos. A conjunção “visto que” só foi usada pelos considerados melhores, e, “pois”, foi usado na mesma quantidade pelos estudantes considerados médios e fracos. Foi a conjunção “como”, causal, a utilizada mais vezes pelos estudantes considerados melhores. Lembramos aqui que, as conjunções causais e as explicativas aparecem nos textos dos estudantes em muitas situações se misturando em seus sentidos como se tivessem a mesma carga semântica. Para os estudantes é natural trocar os usos das conjunções de acordo com as escolhas que eles vão fazendo, mas a conjunção causal “como” pode ser trocada pela conjunção “visto que” considerada explicativa, ou até mesmo pela conjunção “pois”, tudo depende da escolha feita pelo estudante. Então, toda interpretação e uso da conjunção causal ou explicativa será sempre de ordem semântica ou interpretativa, mesmo que os conceitos sejam distintos, onde a conjunção explicativa é coordenada

estabelecendo relação de explicação entre os elementos conectados onde um é a razão do outro e a conjunção subordinada causal denota causa, a razão de um acontecimento.

Assim temos alguns exemplos:

A conjunção em causa é: como

Portanto, a ação deve ser observada **como** fruto de assassinato, pois acaba tirando o direito a vida [...] (T. ML. A) (Anexo A, redação 8).

Além disso, soma-se ao advento as concupiscências da conduta antrópica, visto que satisfaria interesses políticos **como** o de um novo nincho econômico de cunho medicinal (T. ML. C) (Anexo C, redação 8).

Contudo, ainda se esquecem das consequências que vem com o aborto, como depressão, câncer, disfunções hormonais entre outras [...] (T. ML. D) (Anexo D, redação 8).

Em segundo plano, o parlamentar Anderson Ferreira, em 2016, mudou o código penal com o projeto de lei onde aumenta a pena para a prática do aborto em casos de anomalias **como** a microcefalia (T. MD. G) (Anexo G, redação 8).

Muitos se perguntam por que ela fez isso? Era só uma criança não tem culpa de nada e realmente não tem mesmo. A sociedade e a igreja julgam **como** um monstro a mulher que faz isso sem saber ao certo seus motivos (T. F. R) (Anexo R, redação 8).

A conjunção em causa é: visto que

Além disso soma-se ao advento as concupiscências da conduta antrópica, **visto que** satisfaria interesses políticos como o de um novo nincho econômico de cunho medicinal (T. ML. C) (Anexo C, redação 8).

Todavia, a religião professada se coloca em peso contra a legalização do aborto. **Visto que**, o aborto infringe os direitos da sociedade civil [...] (T. ML. E) (Anexo E, redação 8).

A conjunção em causa é: pois

[...] mas de resolver esse ‘problema’ dando pra adoção, pedindo pra alguém da família. Pois além de causar problemas para a mulher, pode causar a morte, além de ser muito arriscado, pois pode não matar o bebê e ele nascer com alguma deficiência (T. ML. F) (Anexo F, redação 8).

Entretanto o ato de aborto no Brasil é considerado um crime, **pois** muitas meninas morrem por não terem seus corpos fisicamente preparados para uma gravidez, e nem para um aborto (T. F. R) (Anexo R, redação 8).

A conjunção em causa é: porque

As mulheres que querem praticar o aborto, não é que isso seja certo mais elas tem seus motivos. Para ter um bebê é preciso ter alguma renda algum dinheiro para cuidar de seu filho (a) que nem todas têm, também é causado **porque** tem mulheres que trabalham, são solteiras precisam do seu emprego, e ter uma criança agora iria distanciar-la do seu emprego (T. F. Q) (Anexo Q, redação 8).

A conjunção “portanto”, considerada conclusiva, apareceu em todas as modalidades entre os melhores, médios e fracos, aqui alguns exemplos:

Portanto, a ação deve ser observada como um fruto de assassinato, pois acaba tirando o direito a vida, colocando, assim a sociedade em oposição as leis impostas sobre o aborto (T. ML. A) (Anexo A, redação 8).

Portanto, como para alguns o aborto é uma proibição e para outros é um direito, e na Constituição temos o direito a vida [...] (T. MD. L) (Anexo L, redação 8).

Portanto, a assistência do estado proporciona ajudar a gestação e em caso sério a proteção é necessário do cidadão [...] (T. F. N) (Anexo N, redação 8).

Portanto, a necessidade de ações que revoguem a proibição, enficaz, com intuito de melhorar a situação dos direitos da mulher, o aborto é considerado um crime porque, terá a vida de um ser humano que não tem culpa de nada (T. F.O) (Anexo O, redação .8)

As escolhas das conjunções pelos estudantes não foram baseadas em suas definições de nomenclaturas, mas de acordo com o contexto vivido pelo estudante ele fez escolhas entre o uso de uma ao invés de outra. Como falado por Neves (1999) “O funcionalismo tem em comum eleger ora o discurso, ora a semântica como componentes centrais de uma língua, indagando continuamente como a língua funciona nesses ambientes (p. 20)”.

Capítulo 11 - Análise geral dos elementos da estrutura textual

Lembramos que foram analisados os textos diagnósticos (primeiro texto da SD) escolhendo três considerados melhores, três entre os médios e três entre os mais fracos nas duas turmas pesquisadas dando um total de 18 textos, e a mesma quantidade para os textos após intervenção (último texto), dando um total de 36 textos analisados. Os outros textos, sobre os outros temas, produzidos por estes mesmos estudantes durante os módulos da SD estão nos Anexos B a Q dando um total de 108 textos.

Observou-se que, depois de oito meses seguindo os módulos na SD, do primeiro texto produzido até o último das duas turmas, os estudantes conseguiram avançar e escrever textos argumentativos utilizando contra-argumentos. Nos textos diagnósticos a maioria dos estudantes conseguiu contra argumentar, e depois do uso da SD isso foi melhorado com mais discernimento por alguns, quer dizer, apenas uns poucos estudantes não conseguiram fazer uma refutação em seus argumentos. Esse avanço foi percebido mais nitidamente entre os estudantes considerados médios. Em relação à formulação de uma conclusão nos textos diagnósticos aparece um número significativo de estudantes que o fazem, e nos textos após intervenção didática este número fica expressivo, praticamente todos. Apenas um estudante não conseguiu concluir o seu texto com mestria e acabou continuando a argumentação do parágrafo, que foi o fraco M (Anexo M, redação 8).

Sobre o ponto de vista e sua justificação estão muito equivalentes e mostra que os estudantes conseguiram desde o princípio defender o seu tema, e na mesma sequência a presença dos argumentos, que foi encontrado desde o texto diagnóstico, inclusive a quantidade aumentou no texto após intervenção.

Percebe-se que a conjunção “todavia” considerada adversativa em seu sentido, avançou nos textos após intervenção, pois não foi utilizada nos diagnósticos. O contrário da adversativa “mas” que teve o seu uso reduzido após intervenção. A conjunção conclusiva “portanto” também avançou em seu uso nos textos após intervenção, e isso foi visto no número de conclusões feitas pelos estudantes que aumentou nas análises vistas na macroestrutura. O uso da conjunção explicativa “porque” teve o seu decréscimo nos textos após intervenção. A conjunção “entretanto” adversativa teve dois casos na fase final, e foi escrito por estudantes considerados fracos. A conjunção “No entanto” teve seu uso com aumento após a intervenção. O uso da conjunção “pois” usada tanto como explicativa como conclusiva de acordo com o contexto e escolha do estudante teve o seu uso equiparado tanto

nos textos diagnósticos como nos textos após intervenção, com uma diferença insignificante. As outras conjunções seguiram o mesmo padrão de uso, sem tantos acréscimos ou diminuições.

Tabela 1 – Sintetiza a análise geral dos elementos da microestrutura

Conjunções	Textos Diagnósticos	Textos após intervenção
Mas	8	6
Porém	4	4
Contudo	2	3
Entretanto	3	2
No entanto	1	4
Todavia	0	4
Porque	7	2
Pois	11	12
Como	8	9
Visto que	1	2
Portanto	3	8

Fonte: Dados da pesquisa realizada pela autora.

Os estudantes conseguiram avançar em suas escritas em busca de competência comunicativa no aspecto discursivo, nos textos argumentativos e seus elementos. A sequência didática conseguiu fazer com que o estudante acompanhasse os módulos de maneira funcional conseguindo utilizar as conjunções em seus textos nos sentidos intencionados. Durante a SD foi proposto momentos de debates e percebe-se que isso ajudou para que os estudantes conseguissem, nos textos após intervenção, fazer as contra argumentações.

O uso dos elementos da macroestrutura foi confirmado pelo uso das microestruturas no texto após intervenção. Um justifica o uso do outro. O mais importante a se falar nessa análise é que para se chegar nesse resultado não foi preciso ensinar a gramática normativa com suas regras todas, mas foi pedido para que o estudante escrevesse seu texto baseado na semântica por trás das conjunções e a sua pragmática. É claro que, cada estudante colocou no papel a sua experiência, a sua gramática internalizada associada à cultura e aos costumes vividos. Mas, o mais importante a se falar é que o objetivo de tentar fazer com que o

estudante adquirisse uma escrita com competência comunicativa foi alcançado, e buscando a funcionalidade da língua nas aulas. Outra observação a ser feita é que para além das macroestruturas e microestruturas existem outros critérios que devem ser levados em consideração para perceber a qualidade dos textos e a evolução. As escritas dos estudantes são realizadas em meio a situações adversas, como salas de aula apertadas e quentes, ambientes sem ventilação e cadeiras muito próximas. E mesmo assim eles conseguiram avançar e contextualizar as suas defesas de pontos de vista. Os estudantes trouxeram as suas vidas e as suas experiências para a argumentação e isso todos fizeram. Não existe texto sem pragmática e contexto por trás e isso foi louvável na escrita de todos, e vai para além de conjunções, mas para escolhas certas de discursos.

Fazemos ressalva para algumas conjunções que não foram utilizadas pelos estudantes em nenhum momento, como as concessivas (embora, se bem que, ainda que, apesar de, mesmo não) que estão ligadas a quebra de expectativa. Apesar que, percebeu-se que em algumas situações o estudante queria fazer concessão (era esse o sentido) e ele fez refutação. Quer dizer, ele exprimiu a concessão através da refutação. E as condicionais (se, caso, contanto que, desde que, a não ser que). Ou mesmo algumas que foram utilizadas nos textos diagnósticos e depois caíram seu uso nos textos após a intervenção como a explicativa (porque), com certeza foi substituída por outra conjunção. Mas salientemos o caso de conjunções que não apareceram nos textos diagnósticos e apareceram nos textos após a intervenção, como a contrastiva (todavia), um conector ligado à contra-argumentação.

A evolução no percurso foi percebida. Os estudantes entenderam a importância da SD e apesar das dificuldades conseguiram avançar e buscar adquirir uma literacia em escrita argumentativa que possa lhes garantir poder e participação na sociedade, como também tentar ingressar em uma universidade passando pela redação do ENEM.

11.1 Síntese de proposta didática aos professores de língua portuguesa

Como proposta didática pedagógica propomos a construção de textos argumentativos pelos estudantes de maneira organizada em uma sequência didática. De acordo com Costa (2016) os textos argumentativos são construídos através de uma organização de períodos numa macroestrutura (de que depende a coerência textual) e numa microestrutura (através de conjunções ou conectores de que depende a coesão textual).

Dessa forma, pela perspectiva de Camps e Dolz (1995) e também Brassart (1990) citado por Costa (2016), os elementos da macroestrutura correspondem a uma sequência a ser seguida, determinando assim a organização e a coerência e coesão do texto. E o professor que seguirá a sequência poderá orientar os seus estudantes a observar a seguinte organização:

- 1 - Enunciação clara de um ponto de vista.
- 2 - Justificação do ponto de vista.
- 3 - Presença e quantidade de argumentos a favor desse ponto de vista.
- 4 - Integração de contra-argumentos acerca de outros pontos de vista.
- 5 - Formulação de uma conclusão (Camps & Dolz, 1995, p. 186).

E sobre as análises da microestrutura do texto argumentativo, pela perspectiva de Costa (2016), o professor deverá observar e orientar o estudante a utilizar os conectores que configuram a coesão do texto, como as conjunções, por exemplo: porque, que, pois, mas, contudo, embora, a não ser que, etc.

Assim, de maneira sucinta, propomos uma pequena sequência didática, como já citado anteriormente em nossa metodologia, em detalhes, na página 68, no entanto, aqui reformulada de maneira funcional e adaptada a aulas diárias dos professores de língua portuguesa como orientações mais gerais:

01	Fazer um diagnóstico inicial sobre a capacidade de escrita argumentativa dos estudantes através de produção de texto sem uma preparação específica.
02	Explicar aos estudantes o conceito de coerência do texto e os elementos da macroestrutura (organização e sequenciação).
03	Observar na microestrutura textual como o estudante conectou as suas ideias utilizando ou não as conjunções.
04	Oportunizar ao estudante o acesso a diferentes exemplos de textos com argumentações a favor, contra e tomadas de posição.
05	Produção de texto final com o mesmo tema do módulo 1 para que o professor observe a evolução ou não do estudante e possa intervir.

Considerações finais

Iniciam-se as considerações finais, partindo da questão de partida e da problemática e enquadramento teórico em que essa questão se integra. Em seguida passamos aos resultados procurando concluir se eles correspondem aos objetivos. Para isso fazemos uma ligação entre as entrevistas a professora convidada e as análises dos textos argumentativos dos estudantes. Após sistematização das conclusões refletiremos sobre outros possíveis caminhos investigativos, no campo da escrita do texto argumentativo.

Procurou-se nesta pesquisa investigar se uma sequência didática apropriada à produção de textos permitiria que estudantes do terceiro ano do ensino médio adquirissem uma competência de escrita argumentativa. Assim, a questão de partida que originou a realização do estudo foi: como ligar a gramática implícita, em cada indivíduo, a uma gramática funcional que seja base de uma literacia geral e desenvolvimento do pensamento crítico pelo domínio do texto argumentativo?

O referencial teórico foi dividido em três momentos. No primeiro foram abordados dois conceitos de gramáticas, a internalizada e a normativa. Além disso, tratou-se de entender os estudos linguísticos sobre formalismo e funcionalismo. Trouxemos os autores Luft (1985), Neves (1994, 1999), Possenti (1996) e Perini (2003) para embasar teoricamente o que pesquisamos. No segundo momento trouxemos a explicação do conceito de gramática funcional, seu ensino e a língua portuguesa. Os autores que aqui se apresentam para discutir a teoria são Halliday (2004) e Neves (1994, 1999), buscando conceituar a gramática como instrumento de organização da comunicação nas línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social.

Já no momento terceiro foi falado sobre competência comunicativa, sobre PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) sobre produção textual e sobre os gêneros textuais. Apareceram, entre outros, Hymes (1972), PCN (MEC, 1998), Adam (1987), Allal (2015), Bakhtin (1997), Martin e Rose (2008) entre outros. Nesse universo de competências e produções textuais têm-se os objetivos dos PCN como uma prática de produção de texto essencial na educação. Aponta para uma organização na produção de textos pelos estudantes de modo a atender às múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso.

Percebeu-se que a produção textual dos estudantes, a escrita de texto dissertativo-argumentativo, deve ser direcionado para uma funcionalidade concreta que lhes dê poder e

participação tanto em sala de aula, como fora dela, pois antecipa um aprendizado que direcione o estudante para as tarefas diárias da linguagem nos contextos sociais em que ele esteja inserido. Nesse caminho, observou-se ecos da teoria funcionalista, que deve ser regular no uso que fazemos da linguagem (seja oral ou escrita). Além disso, pautar as aulas em objetivos claros (também) de produções contrariando práticas muito comuns em sala de aula como, por exemplo, o ensino meramente gramatical e descontextualizado.

Observou-se pelos caminhos teóricos da investigação que ter uma gramática internalizada é importante para o contexto na hora da produção textual, pois toda a cultura e experiências vividas pelos estudantes fora do universo da escola devem ser levadas em consideração e envolvidas em suas linguagens. Lembrando que durante a sequência didática o estudante participou de debates, momentos de discurso oral onde eles puderam externalizar as suas vivências e contextos do dia a dia, inclusive variações. Corroborando com esse planejamento de aulas mais voltadas para os discursos contextualizados, o ensino da gramática normativa precisa ser ensinado não para memorizar regras descontextualizadas e longe da realidade do estudante, mas pode ser adaptada a um ensino produtivo e que faça sentido. Sabe-se que a escrita precisa também ser justificada quando a variedade utilizada for a padrão, e para tanto é necessário recorrer às regras formais. A gramática pode ser ensinada sem ser necessário falar somente de regras, mas falar principalmente de sentidos, pois na hora da produção textual os estudantes precisam fazer textos funcionais e contextualizados buscando adquirir uma competência discursiva em suas produções textuais.

Baseados nessa teoria de funcionalidade, buscamos criar uma sequência didática para ser vivida durante um período de oito meses em sala de aula. Nessa sequência os estudantes tiveram a oportunidade de intervir, pois tiveram momentos de debates e de escrever sobre temas polêmicos. O objetivo maior foi fazer com que os estudantes conseguissem adquirir uma competência de escrita argumentativa permitindo que os estudantes ingressem na universidade e tenham sucesso na vida.

Uma professora foi convidada a participar da pesquisa e seguiu os módulos da SD chegando a conclusões sobre essa prática. Fizemos entrevista com ela e foi observado que, apesar de ela ser experiente na área, ainda não tinha aplicado a SD com esse objetivo e achou interessante que os estudantes gostaram e quiseram chegar até o fim e ver os resultados, já que o primeiro texto e o último texto tinham temas iguais, justamente, para haver comparação após a intervenção. A professora percebeu que alguns estudantes desanimavam no caminho

porque não iriam fazer nenhum exame público externo para ser testado, mas observou que outros estudantes estavam bastante entusiasmados porque conseguiram evoluir no percurso.

De modo diferente da turma da professora convidada, os nossos estudantes se mostraram mais entusiasmados ao serem chamados a participarem da pesquisa. No percurso o entusiasmo deu lugar a escolhas, e muitos optaram por não fazerem o ENEM, por diversas razões, e uma delas é por não acharem ter condições de ingressarem em uma universidade. Mas, os relatos deles mostraram, no final, que valeu a pena a experiência de se prepararem para escreverem seguindo um roteiro pré-estabelecido. Para a vida levariam aquele aprendizado e experiência.

O resultado das produções textuais correspondeu positivamente à pergunta de partida e objetivos. Foram escritos textos ao longo da SD, lembrando que todos foram significativos para a pesquisa, mas à medida que iam sendo lidos e corrigidos, também iam sendo separados os mais exemplificativos, assim 90 estudantes produziram 8 textos em um período de oito meses, isso dá um total de 720 textos. Mas, foram escolhidos nove textos entre os melhores, médios e fracos das duas professoras ($9+9=18$), assim tem-se (18×8 meses) 144 textos (estes se encontram nos Anexos A a R). Porém, a análise que se faz em profundidade é dos 18 primeiros textos dos estudantes, que consideramos os diagnósticos (9 da professora convidada e 9 da professora investigadora), e os 18 últimos textos, após a intervenção, do mesmo tema, e na mesma sequência de estudantes. Dessa forma, temos (18×2) 36 textos sendo analisados em profundidade na tese. Tendo em conta que são 18 considerados diagnósticos e 18 considerados após intervenção.

O resultado apontou que houve, sim, uma mudança de postura na escrita dos estudantes ao final da SD, e mesmo aqueles considerados mais fracos incluídos nos 18 selecionados em determinados momentos se destacavam na utilização de alguma conjunção e de alguma tomada de posição. A análise teve como referência Costa (2016) e Camps e Dolz (1995) em seus aspectos gerais de organização e análise. Foram feitas observações no uso de algumas conjunções pelos estudantes no intuito de evoluírem em seus argumentos a favor e contra e tomadas de posição e, percebeu-se que nem todas as conjunções eram utilizadas pelos estudantes, mesmo aqueles considerados melhores e que existiu uma dificuldade em utilizar contra-argumentos nos textos, apesar de terem avançado. Uma outra observação importante, é que o avanço não esteve presente na quantidade de argumentos ou dos conectores (conjunções) utilizados pelos estudantes, mas no uso adequado mesmo em menor quantidade, ou mesmo a escolha de um outro termo que substituísse o conector sem prejuízo para o

entendimento do texto. Essa análise de conjunções demos o nome de microestruturas. Lembrando que por razões de tempo e prioridade optamos em fazer as análises das microestruturas, como elementos de coesão do texto, apenas as conjunções coordenadas e subordinadas.

Em pormenor, também analisamos os elementos da macroestrutura textual (organização e sequenciação entre introdução, desenvolvimento e conclusão) dos textos diagnósticos e dos textos após a sequência didática. Nas análises e leituras dos textos diagnósticos observou-se que os estudantes apresentaram uma escrita com sequenciação lógica e organizada, além de coerente para as produções e nível dos estudantes. Apenas seis textos apresentaram mais de um argumento, isto é, ou eram a favor ou contra do tema proposto sem refutações e do total de dezoito textos, apenas doze fizeram a conclusão. Já nos textos após orientação esse número mudou e, dos dezoito textos entre os melhores, médios e fracos, quatorze já apresentaram contra-argumentação e dezessete deles fizeram conclusão. Então, vê-se que houve uma evolução na escrita argumentativa.

Lendo os textos dos módulos após intervenção entre melhores, médios e fracos percebeu-se que os estudantes tiveram interesse em utilizar mais conjunções para justificar os argumentos, mas existe uma dificuldade em avançar nesse sentido, pois as limitações na competência os impedem. Lembrando que o ensino de escrita argumentativa só é feito nos terceiros anos, já no final do ensino médio, aqui no Brasil.

Essa pesquisa trouxe uma proposta de sequência didática baseada no esquema de Camps e Dolz (1995), que pode ser utilizada pelo professor em sala de aula facilitando o progresso dos estudantes para adquirir a competência comunicativa, particularmente para o texto argumentativo. Ela pode ser adaptada para outras modalidades, inclusive para o ensino fundamental. Pois, percebeu-se que, se o estudante tivesse tido acesso a essa SD antes, ele teria avançado mais.

Observamos eu e a professora convidada que os estudantes ficaram muitos anos decorando as conjunções (no ensino fundamental), mas não sabiam como usá-las de modo significativo, aliás, utilizavam em exercícios mecânicos, e quando foi preciso utilizar essas conjunções em uma situação de uso funcional como a escrita de textos argumentativos, muitos não sabiam o sentido e não as utilizaram.

Como afirmam os autores citados no referencial no que diz respeito à funcionalidade da língua e do ensino de português, constatou-se que, não conseguimos fazer com que nosso estudante avance memorizando regras. Observou-se também que muitos eram bons em falar

na hora do debate, mas na hora de transcrever para o papel não conseguiam, sentiam dificuldades e também não iam pesquisar para melhorar no próximo debate, por mais que fosse falado pelo professor, pois os estudantes estavam muito acostumados a decorar exercícios com conjunções, e não estavam acostumados a empregá-las nas situações dentro de sentidos que tivessem coerência e as justificasse.

O uso deste ou daquele conectivo (conjunções) como elemento de coesão foi a parte de maior protagonismo nos textos, pois foi percebido que, após a sequência didática aplicada em um período de oito meses, os estudantes conseguiram, mesmo que não todos, utilizar conjunções em diferentes situações como tomada de posição e como argumentação com mais segurança. É importante ressaltar que, para a realidade dos estudantes oriundos de uma zona rural do Nordeste do Brasil e de uma cidade do interior, conseguir utilizar tais conjunções em momentos de fala e de escrita sem precisar fazer testes orais para decorá-las foi um momento de prazer, pois tudo foi considerado positivo e um grande avanço para eles.

Ficou muito visível que a presença da gramática internalizada aparece em todos os textos. A questão da vivência pessoal de cada um, as suas experiências falavam sempre muito alto, inclusive trazendo exemplos corriqueiros e os aproximando do texto. Nessa hora foi necessário trazer conceitos gerais de gênero dissertativo e as suas características e objetivos, e tentar fazê-los entender que os sentidos precisam ser explorados de maneira convincente. Apesar de os estudantes externalizarem na escrita as suas vivências todo o tempo, eles perceberam que os pontos de vista poderiam ter repertórios culturais oriundos de pesquisas e estudos de outros naquele tema e que os seus olhares particulares poderiam crescer e ficar embasados com profundidade.

Ao final do percurso de oito meses com debates, leituras e escritas ficou entendido que o tempo foi pouco para que os estudantes pudessem adquirir uma competência de escrita argumentativa, e que como a professora convidada falou em sua entrevista, as dificuldades que apareceram no caminho foram, também, fatores a dificultar o trabalho pedagógico, como, por exemplo, salas de aula quentes e apertadas. Na verdade, a sequência didática deveria ser vivenciada durante os três anos do ensino médio, se levarmos em consideração todas as impossibilidades de escrita que apareceram no caminho.

Para muitos estudantes conseguir escrever um texto utilizando conjunções adequadas da argumentação é uma tarefa difícil, levando em consideração as suas realidades e as lacunas que o ensino público do fundamental lhes ofertou. Chegam ao ensino médio querendo cobrir

todas as falhas deixadas pelo caminho, mas percebem que outras falhas aparecem e que a falta da prática em escrever e debater tem consequências em suas vidas.

Naquele ano, dos 90 estudantes que fizeram parte da pesquisa, 40 não se inscreveram no ENEM e dos 50 restantes 20 conseguiram ingressar em universidades públicas. Percebe-se então que houve um progresso e houve sucesso em relação aos que se inscreveram naquele ano, se levarmos em consideração o contexto social dos estudantes. Sobre a redação, especificamente, ela é um gênero opinativo, em que o autor apresenta e defende sua opinião frente a um determinado tema, normalmente polêmico, buscando, por meio da sustentação ou da refutação de outras opiniões, convencer e influenciar o leitor, no caso uma banca de corretores do júri do ENEM, e os estudantes precisam ter a competência para tanto. E, para isso, é preciso, como diz Allal (2015, p.12) escrever, reescrever e avaliar todo o processo.

Para estudos futuros, como proposta pedagógica agregando ao ensino de língua portuguesa a produção de textos, mais comumente, os argumentativos, sugere-se discussões sobre sequências didáticas em sala e oficinas de redação, onde o estudante possa ter acesso às construções de textos argumentativos levando em consideração a organização geral da macroestrutura (introdução, desenvolvimento e conclusão) enquadrando-se no domínio do debate de problemas sociais controversos.

Portanto, como perspectivas futuras, trabalhos acadêmicos nesse eixo, proposta de escrita argumentativa, devem contribuir para a melhoria da ação docente em sala de aula, buscando efetivamente o avanço do processo de aprendizagem dos estudantes. É importante frisar que nesse contexto atual, muitos profissionais precisam se adaptar ao uso do recurso metodológico para efetivar as suas aulas. Por isso faz-se necessário trabalhos acadêmicos com esse cunho, trazendo a sequência didática às escolas do interior do país, também, como mais uma oportunidade eficiente de escrita e reescrita. Quer dizer que oficinas de redação, sequências didáticas (como a que sugere esta tese), esquemas, enfim muitos caminhos e estratégias o professor pode ter para decidir qual metodologia usar para ensinar o seu estudante a ter competência argumentativa em suas escritas, quer na escola, quer na sociedade.

Referências

- Adam, J.-M. (1987). Types de séquences élémentaires. *Pratiques*, 56, 54-79.
<https://doi.org/10.3406/prati.1987.1461>
- Allal, L. (2015). Le rôle de la co-régulation dans des activités de production textuelle. *Lecture*, (3), 1-14.
- Antunes, I. (2005). *Lutar com palavras: coesão e coerência*. Parábola Editorial.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, F. P. (1995). *Pesquisa-ação emancipatória e prática educacional dialógica em ciências naturais* [Tese]. Universidade de São Paulo.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1996). *A literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Conselho Nacional de Educação/Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/estudos-e-relatorios/outros/799-a-literacia-em-portugal-resultados-de-uma-pesquisa-extensiva-e-monografica>.
- Bakhtin, M. (1997). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (8ª ed). São Paulo: Hucitec.
- Brassart, D. (1990). Le D'veloppement des capacités discursives chez L'enfant de 8 à 12 ans. *Revue Française de Pédagogie*, 90, 31-41.
- Breton, P. (2003). *A argumentação na comunicação* (2ª ed.). EDUSC.
- Bronckart, J-P. (1999). Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo. EDUC.
- Camps, A., & Dolz, J. (1995). Enseñar a argumentar: un desafío de la escuela actual. *Comunicación, Cultura y Lenguaje*, 25, 5-8.
- Cereja, W. R., & Cochar, T. M. (2013). *Português: linguagens 3* (9ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Coimbra, M. N. C. T. (2011). *O círculo da escrita e o texto argumentativo e a consciência (Meta) linguística no ensino secundário* [Tese]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Cardoso, A., & Sousa, O. C. (2010). *Desenvolver competências em língua: percursos didácticos*. Edições Colibri.
- Costa, A. L. (2016). No limiar da escrita argumentativa: um estudo exploratório. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (2-10), 173-203.
<https://doi.org/10.21747/2183-9077/rapl2a8>

- Dolz, J., Noverraz, M., & Schneuwly, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In B. Schneuwly & J. Dolz (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola* (R. Rojo & G. Cordeiro: Trad., pp. 95-128). Campinas: Mercado de Letras.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto Editora.
- Galvão, V. C., & Neves, M. H. M. (2017). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. Parábola Editorial.
- Geraldi, J. W. (Org.). (1997). *O texto na sala de aula* (3ª ed.). Ática.
- Gouveia, C. (2009). Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, 16(24), 13-47. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795>
- Halliday, M. A. K. (2004). *An introduction to functional grammar*. Arnold.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar*. Hodder and Stoughton Educational.
- Hymes, D. 1972. On communicative competence. In J. B. Pride & J. Holmes (Eds.). *Sociolinguistics* (pp. 269-293). Penguin Books.
- Hymes, D. (1974). Hacia etnografías de la comunicación. In P. L. Garvin, & Y. Lastra. *Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística*. UNAM.
- Koch, I. G. V., & Travaglia, L. C. (2002). *Texto e coerência* (8ª ed.). Cortez.
- Luft, C. P. (1985). *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. L&PM.
- Martin, J. R. & Rose, D. (2008). *Genre relations: mapping culture*. Equinox.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento* (11ª ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139-153.
- Ministério da Educação [MEC]. (2006). *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias* (Vol. 1). Ministério da Educação.
- Ministério da Educação e Cultura [MEC]. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino médio*. Ministério da Educação.
- Neves, M. H. M. (1994). Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa Revista de Linguística*, 38, 109-127.
- Neves, M. H. M. (1999). Discurso e gramática no funcionalismo. *Revista Estudos Linguísticos*, 28, 30-40.

- Neves, M. H. M. (2002). *Gramática de usos do português*. Editora Unesp.
- Neves, M. H. M. (2003). *Que gramática estudar na escola?* Editora Contexto.
- Perini, M. A. (2003). *Sofrendo a gramática*. Ática.
- Perrenoud, P. (2002). *Construir as competências desde a escola*. Artes Médicas.
- Peyronie, H. (1992). Observation participante interne. *Les Sciences de L'éducation Pour Une Ère Nouvelle*, 1, 68-74.
- Popper, K. (1992). *Em busca de um mundo melhor*. Fragmentos.
- Possenti, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. ALB/Mercado de Letras.
- Rincón, C. C. A. (2017). Unidad 11: *La competencia comunicativa*. <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/boa/contenidos.php/cb10887d80142488399661377b684b60/511/1/contenido/capitulos/Unidad11CompetenciaComunicativa.PDF>
- Sestito, M. (2020, 5 de julho). *Posso fazer perguntas na redação?* Stoodi. <https://www.stoodi.com.br/blog/redacao/posso-fazer-perguntas-na-redacao/>
- Silva, R. V. M. (1997). *Contradições no ensino de português*. Contexto.
- Sousa, K. M. (2007). As regras de construção dos gêneros discursivos produzidos na escola. In Fernandes, C. A., & Santos, J. B. C. (Orgs.). *Análise do discurso: unidade e dispersão* (Vol. 1). Entremeios.
- Travaglia, L. C. (2001). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. Cortez.
- Travaglia, L. C. (2007). A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *ALFA*, 51(1), 39-79.
- Travaglia, L. C. (2017). Competência comunicativa. In I. C. A. S. Frade, M. G. C. Val, & M. G. C. Bregunci (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. UFMG/Faculdade de Educação. <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossariocelae/referencia/travaglia-1-c-gram-tica-e-intera-o-uma-proposta-para-o-ensino-de-gram-tica-s-o-paulo-cortez-2009-paulo-cortez-2011>
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.
- Vieira, S. R., & Brandão, S. F. (2007). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. Contexto.

Apêndices

Apêndice A – Guião de Entrevista 01

Temática: Produção textual argumentativa, em turmas de terceiro ano do ensino médio, na perspectiva da linguística sistêmico-funcional

Entrevistada: Professora de língua portuguesa de uma turma do terceiro ano

Objetivos da entrevista:

- Fazer entender a motivação da entrevista e dialogar com o entrevistado sobre a problemática da pesquisa.
- Caracterizar a professora entrevistada em termos acadêmicos e profissionais.
 - Caracterizar a turma que fará parte da amostra.
 - Perceber a concepção da entrevistada a respeito da competência de escrita argumentativa desenvolvida no ensino médio.
 - Perceber a percepção da entrevistada a respeito da teoria da linguística sistêmico-funcional e as competências para a redação do ENEM.
 - Recolher informações sobre a metodologia adotada na sequência didática do texto argumentativo, na visão da professora.

Data: Abril de 2018

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos (aspectos a serem abordados na entrevista)	Observações	Proposta de formulário de perguntas
Bloco A Motivação da entrevista / resumo geral da temática abordada.	- Conseguir que a entrevista se torne oportuna. - Motivar o entrevistado. - Acordar os termos de utilização da informação.	- Apresentação do entrevistado. - Motivos da entrevista. - Objetivos. - Permissão para gravar a entrevista.	- Entrevista semi-diretiva. - Receber o entrevistado em um lugar tranquilo. - A hora e o local da entrevista foram marcados.	- Posso gravar nossa entrevista? Ela será muito importante para minha pesquisa. Sugiro anonimato no registro escrito da entrevista para se sentir à vontade para responder as minhas perguntas.
Bloco B Perfil do entrevistado.	- Caracterização da professora entrevistada.	- Formação acadêmica e profissional. - Tempo de serviço. - Realização profissional. - Interesses pessoais. - Expectativas profissionais. - Posicionamento em relação à	- Estar a tenta as reações da entrevistada e anotá-las. - Mostrar abertura para a compreensão das situações apresentadas.	- Qual a sua formação acadêmica? Tem especializações? Se sente realizada como professora dessa área? Quais suas áreas de interesse pessoais? Que expectativas para o futuro enquanto professora nesta área? Pretende ascender na profissão? Tem alguma frustração enquanto professora pública?

		diversidade de seus alunos.		
Bloco C Caracterização da turma escolhida para a amostra.	- Caracterizar a turma em termos estruturais. - Caracterizar a turma em termos sócio-econômico e social. - Caracterizar as relações interpessoais: aluno e professor.	- Faixa etária. - Número de alunos. - Organização da sala/ estrutura. - Fatores externos e internos que dificultam a aprendizagem ou facilitam. - Desempenho escolar: áreas fortes e fracas.	- Ter atenção as reações do discurso da entrevistada.	- Qual a faixa etária dos alunos do terceiro ano que estão em sua turma? Estes alunos estão fora da faixa? Existe uma distorção idade / série? São quantos alunos na sala? O espaço é favorável ao ensino aprendizagem? Existem fatores externos que dificultam a aprendizagem dos alunos? Quais são as áreas fortes e fracas dos alunos em relação ao desempenho escolar em sua disciplina? Você percebe que eles sentem mais dificuldades em quais partes do currículo obrigatório?
Bloco D Percepção da entrevistada a respeito do ensino de língua portuguesa e as gramáticas.	- Caracterizar as diferentes gramáticas possíveis de utilização em sala para o ensino e aprendizagem. - Expressar de que modo a literacia influencia na aprendizagem e sua importância. - Expressar até que ponto o ensino de língua portuguesa deve ou não basear-se na gramática normativa.	- Conceitos gerais de Gramáticas: implícita e gramática normativa. - Importância do ensino de gramática normativa na escola. - Literacia como junção das gramáticas ao ensino em busca de uma formação completa e participativa.	- Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar respostas coerentes.	- Você concorda com uma gramática implícita do aluno? E como essa gramática auxilia ou não no ensino e aprendizagem do mesmo? Existe relação entre essa gramática e a gramática normativa? Você acredita que o ensino tradicional ajuda na formação do aluno para que ele adquira poder na sociedade e participação? As regras da gramática normativa são importantes? Você trabalha em sala de aula com os alunos buscando compreender as suas evoluções a respeito de suas escritas? E isso tem a ver com a gramática normativa ou com a gramática implícita? Você entende que para nada servirão as aulas de língua portuguesa se o aluno não consegue ter uma habilidade para escrever textos com competência? Você faz alguma crítica ao ensino tradicional baseado em regras de gramática?
Bloco E Percepção da entrevistada a respeito da linguística sistêmico-funcional e as competências da	- Caracterizar a teoria sistêmico-funcional. - Dizer se e como aplica a linguística funcional na sala de aula.	- Conceito de linguística sistêmico-funcional. - Aplicação da teoria sistêmico: possível ou não. - Conceito de competência.	- Prestar atenção ao posicionamento da professora no momento de suas respostas.	- Como uma gramática funcional ajudaria em suas aulas? Uma teoria que abordasse diferentes funções da linguagem e partisse do texto e do contexto e não apenas das normas ajudaria na sua metodologia de ensino aprendizagem? O que você me diria sobre isso? Você conseguiria conceituar linguística funcional? Correções de acertos e erros todo o tempo é importante para a formação de competência na hora

redação do ENEM.	- Dizer se e como desenvolve competência de escrita argumentativa. - Dizer como compreende as competências exigidas na redação do ENEM.	- Competência argumentativa. - Competências da redação do ENEM versus competências argumentativas.		de o aluno aprender? Você tem conhecimento das 5 competências exigidas na redação do ENEM? Você faria alguma crítica a elas? O tempo dedicado às aulas de língua portuguesa na escola é suficiente para o aluno obter uma competência de escrita argumentativa? O aluno sai do ensino médio preparado para participar de uma seleção externa, como o ENEM?
Bloco F Percepção da entrevistada sobre sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa.	- Conceituar sequência didática. - Caracterizar esquema argumentativo para o melhor aprendizado do aluno. - Caracterizar competência argumentativa no final do ensino médio.	- Conceito de sequência didática. - Importância de se fazer e seguir uma sequência didática. - Apresentar ao aluno um roteiro a seguir, um esquema.	- Disponibilidade de dialogar para maiores esclarecimentos sobre a temática abordada caso seja pertinente.	- Você acredita que as aulas de língua portuguesa poderiam ser organizadas para o aluno adquirir uma competência de escrita? Como são organizadas as suas aulas de escrita argumentativa? Você acredita ser possível ensinar uma competência em sala de aula e não permitir que o aluno leve o tema exclusivamente para desenvolver em casa? Seria possível acompanhar o aluno através de uma sequência didática para que ele adquirisse essa competência argumentativa? Qual das duas modalidades de ensino funcional ou tradicional é aplicável à formação de competências de escrita e teriam mais resultados para que o aluno adquirisse poder? Ao final de uma sequência didática você acredita que a aprendizagem será alcançada com mais facilidade que sem ela? Em que medida todos os alunos alcançarão essa competência? Quais possíveis problemáticas aparecerão durante essa sequência didática? É possível ensinar as regras da gramática normativa no percurso da sequência? Quais as suas expectativas para utilizar esta sequência? Ao final da sequência poderemos ter essa conversa novamente para vermos o que mudou?

Apêndice B - Protocolo da Entrevista 01 à Professora

Data: abril, 2018

Local: Sala de aula

A entrevista iniciou-se com uma apresentação da entrevistadora, em seguida informamos a entrevistada sobre o objetivo do trabalho e solicitamos a sua colaboração, assegurando a confidencialidade da informação prestada e o anonimato dos sujeitos. Ainda, pedimos autorização para gravar a entrevista. No final agradecemos a colaboração da mesma e perguntamos se depois poderíamos ter uma outra conversa no final da sequência didática que seria aplicada.

Entrevistadora: Qual a sua formação acadêmica?

Professora: Eu sou formada em letras e sou pós-graduada em português.

Entrevistadora: E se sente realizada como professora?

Professora: Sim... foi a profissão que eu escolhi desde criança e gosto muito do que faço

Entrevistadora: E tem outras áreas de seu interesse pessoal?

Professora: Sim...eu queria fazer psicologia... já para me ajudar como professora também.

Entrevistadora: E quais as suas expectativas para o futuro enquanto professora nesta área?

Professora: Eu pretendo fazer mestrado logo.

Entrevistadora: Na área de língua portuguesa? E pretende crescer na profissão?

Professora: Com o mestrado e também crescer na profissão... ganhar mais conhecimento na área.

Entrevistadora: E sair do ensino médio ou não?

Professora: Não... eu continuaria no ensino médio.

Entrevistadora: A senhora tem alguma frustração enquanto professora pública?

Professora: Sim...em encontrar muitos alunos com dificuldades que deveriam ter sido consertadas...talvez...lá no ensino fundamental 1, a gente pega aqui no ensino médio com muitas dificuldades, tanto de leitura quanto de escrita.

Entrevistadora: E qual a faixa etária desses seus alunos, os alunos que a senhora trabalha no terceiro ano, qual a idade deles?

Professora: Dezesseis ou dezessete anos.

Entrevistadora: Eles estão fora da faixa ou é essa a idade mesmo?

Professora: Não... é esta a idade mesmo.

Entrevistadora: Então não existe distorção idade e série?

Professora: Não

Entrevistadora: São quantos alunos por sala?

Professora: Quarenta

Entrevistadora: E a senhora acredita que o espaço é favorável ao ensino e aprendizagem?

Professora: Não... primeiro eu acho que essas bancas que são mesinhas e cadeira... elas ocupam um espaço muito grande e não dá para fazer aulas com um círculo...por exemplo, então...isso não favorece o nosso trabalho.

Entrevistadora: As salas são ventiladas?

Professora: Não muito também...são muito quentes.

Entrevistadora: Existem fatores externos que dificultam a aprendizagem dos alunos? A senhora acredita que existe?

Professora: Muitas vezes sim, nós às vezes nos sentimos assim...um pouco desacobertas...vamos dizer assim, pela gestão, e em muitos projetos em que a gestão acha que os alunos devem está o tempo inteiro dentro de uma sala de aula...não podem sair para ir para outros ambientes para fazerem trabalhos, grupos de estudos, então isso, muitas vezes dificulta o meu trabalho.

Entrevistadora: A senhora consegue enxergar no seu aluno em relação ao desempenho dele alguma área que seja mais forte e outra mais fraca?

Professora: Ehh... por enquanto eu ainda não tenho esse diagnóstico porque esses alunos não foram meus alunos do ano passado e eu ainda estou em processo de avaliação com eles e não tenho esse diagnóstico preciso.

Entrevistadora: De acordo com as partes do currículo obrigatório, a senhora então, não está conseguindo perceber nenhuma dificuldade que ele tenha, todos estão similares? Iguais? Seja na linguística, seja na literatura, na produção e interpretação de texto? Eles estão sem nenhuma evolução, que a senhora perceba?

Professora: Ehh.. eu percebo assim.. que as dificuldades deles são muitas, principalmente na questão escrita, isso já deu para diagnosticar, que eles têm uma dificuldade muito grande porque eles querem muito escrever como fala.

Entrevistadora: Entendi... A senhora concorda com uma gramática implícita do aluno? A senhora concorda que o aluno chega na escola com alguma coisa já pronta? Ou a senhora acredita que ele é uma tábua rasa?

Professora: Eu acredito que ele já chega com uma gramática desde quando eles começam a falar porque eles fala com uma certa concordância, então esta gramática já está internalizada neles.

Entrevistadora: E a senhora acredita que essa gramática auxilia no ensino aprendizagem? Ou ela acaba atrapalhando?

Professora: Auxilia... com certeza. A gente tem de partir do que ele já sabe e das dificuldades para poder inserir a gramática normativa.

Entrevistadora: Então a senhora acredita que existe essa relação entre a gramática implícita com a normativa?

Professora: Eu acho que a gente tem de fazer um elo entre as duas, mostrar pra eles que deve sim haver uma evolução, apesar do que eles já sabem, eles precisam aprender a linguagem da gramática normativa para que saiba utilizá-la quando for preciso.

Entrevistadora: A senhora acredita que o ensino tradicional ajuda na formação do aluno para que ele adquira poder na sociedade e tenha uma participação efetiva? Essa gramática tradicional está ajudando?

Professora: Não...partindo dela somente! Não. É como eu já falei...se a gente parte da gramática que ele já conhece, que ele já vem pra escola sabendo, essa gramática tradicional pode ter alguma funcionalidade, mas se a gente ignora o que ele já sabe, não vai ter evolução.

Entrevistadora: Então... a senhora acredita que as regras da gramática normativa, elas são importantes ou não?

Professora: Acho que são sim, para que ele saiba utilizar nos contextos linguísticos que exige a língua culta.

Entrevistadora: A senhora trabalha em sala de aula com os alunos buscando compreender as suas evoluções a respeito de suas escritas?

Professora: Sim...primeiro eu procuro diagnosticar o que ele já sabe, quais as dificuldades para a partir dali criar meios com que ele evolua na escrita.

Entrevistadora: E isso a senhora acredita que tem a ver com a gramática normativa ou com a implícita?

Professora: Como eu já falei...eu acho que as duas têm que caminhar juntas para haver uma evolução.

Entrevistadora: A senhora entende que para nada servirão as aulas de língua portuguesa se o aluno não consegue ter uma habilidade para escrever textos com competência ou não?

Professora: Sim... acho que as aulas de língua portuguesa têm que ter essa função de mostrar ao aluno a funcionalidade dessa nossa língua, que ele não veja as aulas como uma coisa distante da vida dele.

Entrevistadora: A senhora faz alguma crítica ao ensino tradicional baseado em regras de gramática ou não? A senhora acredita que essa gramática implícita pode caminhar perfeitamente com a gramática tradicional ou não?

Professora: Eu faço uma crítica muito grande...desde que comecei fui de trabalhar somente as regras gramaticais como colocar a gramática normativa, sempre busquei partindo das dificuldades dos alunos, dos textos deles para inserir essa gramática nessas regras.

Entrevistadora: Então...baseada nessa resposta que a senhora deu, como então, uma gramática funcional ajudaria em suas aulas? Veja que o nome mudou totalmente, tradicional para funcional, como ela iria lhe ajudar?

Professora: Eu tenho trabalhado bastante com o livro de Cereja Cochar Magalhães.

Entrevistadora: Que é um livro importante aqui no Brasil?

Professora: É um livro muito importante aqui no Brasil e ele já mostra essa gramática funcional quando questiona a partir dos textos o uso da linguagem culta, para que o aluno ali perceba a funcionalidade da língua.

Entrevistadora: Uma teoria que abordasse diferentes funções da linguagem e partisse do texto e do contexto e não das normas, mudaria então na sua metodologia de ensino e aprendizagem?

Professora: Com certeza! Muitas vezes eu sinto dificuldade em encontrar material, quando não é esse livro que eu citei que trabalho a gramática com funcionalidade.

Entrevistadora: Então... baseada nisso que conversamos, a senhora conseguiria me dá um conceito de gramática funcional?

Professora: Seria uma gramática voltada para o texto, onde a partir dali fosse mostrado a gramática normativa não solta como antigamente era, que só era trabalhada somente em frases, palavras soltas.

Entrevistadora: Baseada nisso que a senhora está me respondendo, a senhora acredita que correção de erros e de acertos nos textos dos alunos e nas atividades deles o tempo todo é importante para a formação dessa competência dele? Em que medida, até que ponto isso é importante ou não na formação dele?

Professora: Na verdade, trabalhar o “erro” sendo destacado o tempo todo eu não acho que seria interessante, mas sim, tentar mostrar pra ele, pra que ele perceba o que está errado e não somente o que acha.

Entrevistadora: Eu não entendi. A senhora tem conhecimento das competências exigidas na redação do ENEM?

Professora: Sim... eu sempre trabalho essas competências.

Entrevistadora: E a senhora faria alguma crítica a elas? Ou a senhora aceita e concorda com elas? A senhora entende que elas levam o aluno a ter uma competência? Essas cinco competências?

Professora: Sim!

Entrevistadora: O tempo dedicado às aulas de língua portuguesa na escola é suficiente para o aluno obter uma competência de escrita argumentativa e que ele consiga adquirir as competências para fazer a prova, a redação do ENEM?

Professora: Não! Eu sempre falo que é muito pouco tempo que a gente tem. São seis aulas, mas a gente tem que trabalhar nessas seis aulas: redações, textos argumentativos, na verdade...literatura, temos que trabalhar a gramática, em fim...são muitos conteúdos e fica o tempo muito curto.

Entrevistadora: Qual o seu ponto de vista em relação ao aluno. Como ele sai do ensino médio? A senhora acredita que ele sai preparado para participar de uma seleção externa como o ENEM, para concorrer com outros alunos?

Professora: Eu acho que alguns sim. Acredito que não seja a maioria, até porque muitos não estão motivados a aprender, muitas vezes, a gente tenta fazer com que eles queiram aprender.

Entrevistadora: A senhora acredita que às aulas de língua portuguesa poderiam ser organizadas justamente para o aluno adquirir uma competência de língua escrita? Toda a metodologia, toda a prática, toda a organização da sala tivesse como fim fazer com que o aluno adquirisse essa competência de escrita? Ou a senhora acha que não?

Professora: Dependendo do jeito que a gente planeja a aula, eu volto um pouco atrás, a gente pode sim organizar essas aulas, objetivando chegar a isso, ao aluno argumentar, seja na aula

que estejamos falando de literatura, seja na aula de gramática, todas elas. Resumindo, algo que levasse ele a argumentar.

Entrevistadora: Como são organizadas as suas aulas de escrita argumentativa?

Professora: A primeira coisa que eu faço é lançar um debate sobre algum assunto polêmico, acontece e depois disso é que vamos partir para a escrita.

Entrevistadora: A senhora acredita ser possível ensinar uma competência em sala de aula e não permitir que o aluno leve o texto exclusivamente para desenvolver em casa? A senhora acredita que aquele tema possa ser desenvolvido na sala?

Professora: Em minhas aulas eu não deixo que ele leve para casa, eu prefiro que seja feito na escola para que eu esteja acompanhando esta escrita.

Entrevistadora: A senhora acredita sim que é possível acompanhar através de uma sequência didática?

Professora: Sim... eu acredito.

Entrevistadora: Qual das duas modalidades de ensino: funcional ou tradicional a senhora acredita ser aplicável a competência escrita? E teriam mais resultados para o aluno adquirir poder?

Professora: Muito mais a funcional do que a tradicional...com certeza

Entrevistadora: Ao final de uma sequência didática a senhora acredita que a aprendizagem será facilitada?

Professora: Sim... com certeza. Eu trabalho muito com sequências didáticas e vejo que o resultado é bem mais proveitoso.

Entrevistadora: E como a senhora acredita que todos os alunos acompanharão e alcançarão essa competência?

Professora: Não... eu não acho que todos vão. Seria uma utopia dizer que todos vão acompanhar essa sequência.

Entrevistadora: A senhora acredita que quais problemas aparecerão nesse percurso?

Professora: É como eu já falei... a questão das dificuldades que eles já veem com elas, a gente trabalha...mas muitas vezes não consegue chegar ao objetivo.

Entrevistadora: A senhora acredita, então, que durante este percurso é possível ensinar as regras da gramática normativa?

Professora: Sim...com certeza. Porque como a gente vai identificar, como eu já até diagnostiquei um pouco, eles escrevem do jeito que falam, então, eu vou poder trabalhar isso, também, com a gramática normativa.

Entrevistadora: A senhora foi escolhida por mim para podermos trabalhar juntas a metodologia de minha tese de doutoramento, e eu lhe agradeço por isso, e gostaria de saber quais são as suas expectativas para utilizar esta sequência? Apesar da senhora já trabalhar, talvez, não com o olhar construtivista da língua.

Professora: Minha expectativa é de que dê tudo certo, porque assim vai ser uma coisa nova para mim, apesar de já utilizar dessa prática de sequência didática de trabalho com debates

antes do aluno começar a construir o seu texto, de trabalhar com uma gramática mais funcional. De tudo isso que já falei será um desafio para mim, e eu fiquei muito feliz em ser convidada a participar dessa metodologia, até porque eu sei que vou adquirir mais conhecimentos para a minha prática.

Entrevistadora: A senhora acredita que o seu olhar para o ensino de língua portuguesa para o ensino do texto argumentativo em sala, pode mudar?

Professora: Sim... com certeza. Porque eu acho que eu já estou no caminho certo, mas como eu falei, eu vou adquirir ainda mais conhecimento para melhorar a minha prática.

Entrevistadora: Ao final dessa sequência didática, que deve durar umas três unidades, e deveremos acabar só em vésperas do ENEM, provavelmente, nós poderemos ter uma nova conversa sobre este assunto? Para vermos o que mudou ou não em relação a sua prática?

Professora: Sim... com certeza.

Apêndice C – Guião de Entrevista 02

Temática: Produção textual argumentativa, em turmas de terceiro ano do ensino médio, na perspectiva da linguística sistêmico-funcional

Entrevistada: Professora de língua portuguesa de uma turma do terceiro ano

Objetivos da entrevista:

- Dialogar com a entrevistada fazendo-se entender a respeito da motivação que as levaram a se encontrar novamente.
 - Caracterizar a turma que fez parte da amostra.
 - Perceber a percepção da entrevistada a respeito da sequência didática aplicada em suas aulas durante oito meses do ano curricular.
 - Perceber a concepção da entrevistada a respeito da conscientização das cinco competências do ENEM e a comparação com a sequência didática desenvolvida durante o ano.
 - Recolher da entrevistada o seu entendimento a respeito da possível ou não aplicação desta metodologia em outras turmas em anos subsequentes.

Data: Janeiro de 2019

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Tópicos (aspectos a serem abordados na entrevista)	Observações	Proposta de formulário de perguntas
Bloco A Motivação da entrevista / resumo geral da temática abordada.	- Conseguir que a entrevista se torne oportuna. - Motivar o entrevistado. - Acordar os termos de utilização da informação.	- Apresentação do entrevistado. - Motivos da entrevista. - Objetivos. - Permissão para gravar a entrevista.	- Entrevista semiestruturada. - Receber o entrevistado em um lugar tranquilo. - A hora e o local da entrevista foram marcados por acordo.	- Até que enfim encontramos novamente depois de oito meses aplicando uma sequência didática. Será que eu posso, novamente, gravar nossa entrevista? Como você sabe, esta entrevista é muito importante para minha pesquisa. Sugiro anonimato no registro escrito da entrevista para se sentir à vontade para responder as minhas perguntas. Na verdade, será uma conversa com a intenção de criar uma interação entre nós, já que eu também apliquei a metodologia em uma turma.
Bloco B Perfil do entrevistado.	- Caracterização da professora entrevistada.	- Formação acadêmica e profissional. - Tempo de serviço. - Realização profissional. - Interesses pessoais. - Expectativas profissionais.	- Estar atenta as reações da entrevistada e anotá-las. - Mostrar abertura para a compreensão das situações apresentadas.	- Como em outro momento já conversamos a respeito de sua formação acadêmica, creio ser desnecessário perguntá-la novamente. Apenas gostaria de saber se durante o ano letivo, de 2018, você fez algum curso ou participou de algum congresso ou formação continuada na área de língua portuguesa? Ou em outra área? Tinha interesse em particular por algum curso ou formação e não teve oportunidade? Quais as suas expectativas como profissional

				para o ano de 2019?
Bloco C Caracterização da turma escolhida para a amostra.	- Caracterizar a turma em termos estruturais. - Caracterizar a turma em termos socioeconômico e social. - Caracterizar as relações interpessoais: aluno e professor.	- Faixa etária. - Número de alunos. - Organização da sala/ estrutura. - Fatores externos e internos que dificultam a aprendizagem ou facilitam. - Desempenho escolar: áreas fortes e fracas.	- Ter atenção as reações do discurso da entrevistada.	- Quantas turmas de terceiro ano você tinha e lecionava a disciplina de língua portuguesa? - Qual foi o critério adotado para escolher trabalhar a sequência didática com determinada turma? – Como foi sua relação com os estudantes durante o ano letivo? - O espaço onde aconteciam as produções textuais era adequado? - Os estudantes tiravam dúvidas durante o processo de suas escritas? - Quais fatores dificultaram para que o trabalho não saísse da forma esperada? – O que você pontuaria como de maior relevância durante o momento em que os estudantes estavam escrevendo seus textos?
Bloco D Percepção da entrevistada a respeito do ensino de língua portuguesa e uso das gramáticas.	- Caracterizar as diferentes gramáticas possíveis de utilização em sala para o ensino e aprendizagem. - Expressar de que modo a literacia influencia na aprendizagem e sua importância. - Expressar até que ponto o ensino de língua portuguesa deve ou não basear-se na gramática normativa.	- Conceitos gerais de Gramáticas: implícita, gramática normativa e funcional. - Importância do ensino de gramática normativa na escola. - Literacia como junção das gramáticas ao ensino em busca de uma formação completa e participativa.	- Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar respostas coerentes.	- Como já conversamos sobre esta temática antes, estou certa em pensar que gerou expectativa a respeito do tema, e de como seria trabalhar com uma nova proposta durante o ano de 2018. - Você conseguiu trabalhar em sala de aula os diferentes conceitos de gramática em situações diversas, principalmente a implícita, a normativa e a funcional? Tentou levar o estudante a compreender que uma gramática, necessariamente não precisa excluir a outra? O estudante preocupava-se mais com os elementos da estrutura do texto e a literacia (a competência de argumentar) ou ele estava mais preocupado em colocar os elementos da microestrutura, como as conjunções e as regras normativas? - Você conseguiu explicar os elementos da microestrutura do texto sem necessariamente falar em regras da gramática normativa e sem fazê-los decorá-las longe do contexto? - Você conseguiu organizar-se para tanto como sugeria a sequência (2 aulas geminadas para essa proposta)? – Ou no meio do percurso alguns

				estudantes não conseguiam finalizar seus textos e os levavam para casa? – Você percebeu o estudante mais participativo, principalmente nos debates? – O estudante conseguia colocar no seu texto aquelas ideias ditas nos debates? Ou ele sentia dificuldade para a competência escrita?
Bloco E Percepção da entrevistada a respeito da linguística sistêmico-funcional e as competências da redação do ENEM.	- Caracterizar a teoria sistêmico-funcional. - Dizer se e como aplica a linguística funcional na sala de aula. - Dizer se e como desenvolve competência de escrita argumentativa. - Dizer como compreende as competências exigidas na redação do ENEM.	- Conceito de linguística sistêmico-funcional. - Aplicação da teoria sistêmico: possível ou não. - Conceito de competência. - Competência argumentativa. - Competências da redação do ENEM versus competências argumentativas.	- Prestar atenção ao posicionamento da professora no momento de suas respostas.	- Essa sequência didática de base funcional ajudou em suas aulas? - Na sua percepção o tempo dedicado às aulas de língua portuguesa na escola foram suficientes para o aluno obter uma competência de escrita argumentativa? O estudante saiu do ensino médio preparado para participar de uma seleção externa, como o ENEM? - Você acredita que apenas no terceiro ano do ensino médio o estudante deve fazer aprendizagem concreta sobre textos argumentativos? – Você acredita que uma sequência destas, organizada em bases funcionais, poderia ser utilizada por toda a escola durante o ano letivo?
Bloco F Percepção da entrevistada sobre sequência didática em busca de obter competência na escrita argumentativa.	- Conceituar sequência didática. - Caracterizar esquema argumentativo para o melhor aprendizado do aluno. - Caracterizar competência argumentativa no final do ensino médio.	- Conceito de sequência didática. - Importância de se fazer e seguir uma sequência didática. - Apresentar ao aluno um roteiro a seguir, um esquema.	- Disponibilidade de dialogar para maiores esclarecimentos sobre a temática abordada caso seja pertinente.	- Qual das duas modalidades de ensino, funcional ou tradicional, você percebeu ser mais aceitável pelos estudantes? - Você conseguiu comparar a competência na hora de escrever e na hora dos debates? Em que medida todos os estudantes alcançaram essa competência? - O mesmo tema sendo aplicado na primeira e na última redação para nível de comparação foi essencial para averiguar a evolução dos estudantes? -Eles perceberam que evoluíram? – Como você distinguiria os estudantes que tiveram acesso às cinco competências exigidas no ENEM com os que tiveram acesso a sequência didática para adquirir

				uma competência argumentativa? - A partir desta sequência didática e desta nova experiência com a produção textual você pretende modificar a sua metodologia em sala de aula?
--	--	--	--	---

Apêndice D - Protocolo da Entrevista 02 à Professora

Data: janeiro, 2019

Local: Sala de aula

A entrevista iniciou-se felicitando a entrevistada, já que esta foi a segunda entrevista em um intervalo de 9 meses, em seguida informamos a entrevistada sobre o objetivo do trabalho e solicitamos a sua colaboração assegurando a confidencialidade da informação prestada e o anonimato dos sujeitos. Ainda, pedimos autorização para gravar a entrevista. No final agradecemos a participação da mesma.

Entrevistadora: Até que enfim professora encontramos-nos novamente depois de oito meses aplicando uma sequência didática. Boa noite!... será que eu posso, novamente, gravar nossa entrevista?

Professora: Pode sim..., boa noite.

Entrevistadora: Como a senhora sabe.... esta pesquisa...é muito importante para mim e não se preocupe porque ela ficará no anonimato. E na verdade será uma conversa com a intenção de criar uma interação entre nós, já que eu também apliquei a metodologia em uma turma minha de língua portuguesa. Então... como em outro momento conversamos a respeito de sua formação acadêmica... creio ser desnecessário perguntá-la novamente. Apenas gostaria de saber se durante o ano letivo de 2018 a senhora fez algum curso ou participou de algum congresso ou formação continuada na área de língua portuguesa?

Professora: Sim... apenas formações continuadas que o estado oferece para nós professores.

Entrevistadora: E fez em outra área ou só essa de língua portuguesa que o estado oferece?

Professora: Só em língua portuguesa.

Entrevistadora: A senhora tinha interesse no ano de 2018 em participar de algum outro curso ou alguma outra formação e não teve oportunidade?

Professora: Sim... eu ainda tentei o mestrado pelo Prof letras, mas não consegui alcançar a nota suficiente para entrar.

Entrevistadora: E agora neste ano de 2019...quais as suas expectativas... a senhora está cursando algum curso diferente, novo?

Professora: Sim... iniciei uma pós-graduação em linguística e formação de leitores à distância.

Entrevistadora: vamos falar agora das suas turmas de 2018. Quantas turmas de terceiro ano a senhora tinha e lecionava no ano de 2018 a língua portuguesa?

Professora: Duas turmas

Entrevistadora: Qual foi o critério que a senhora adotou para escolher trabalhar a sequência didática com determinada turma?

Professora: não... eu escolhi aleatoriamente.

Entrevistadora: Não foi pela idade?

Professora: Não

Entrevistadora: Como foi a sua relação com os estudantes durante o ano de 2018? Como foi essa turma que a senhora escolheu aleatoriamente?

Professora: Foi muito boa... todas atividades propostas eles sempre fizeram sem reclamar.

Entrevistadora: O espaço onde aconteciam as produções textuais era adequado?

Professora: Era na sala de aula... eu não acho tão adequado porque uma turma com 45 aluno, com umas bancas que não são muito adequadas também... o espaço fica também muito apertado e fica sem ventilação... não temos é... ar condicionado.

Entrevistadora: Os estudantes tiravam dúvidas durante o processo de suas escritas? Eles perguntavam alguma coisa... eles reclamavam?

Professora: Muito pouco. Apenas dúvidas de ortografia.

Entrevistadora: E quais fatores dificultaram para que o trabalho não saísse da forma que a senhora esperava? Foi justamente este fator do ambiente?

Professora: Sim... muitas vezes o calor, o desconforto, falta de ventilação, como eu falei, isso eu acho que atrapalhava, mas só isso.

Entrevistadora: E o que a senhora pontuaria como de maior relevância no momento em que os estudantes estavam escrevendo seus textos? O que a senhora mais percebeu durante todos os oito meses que a senhora olhava e pontuou. Aconteceu algum fato?

Professora: A preocupação deles em escrever bem o tempo todo... acho que isso foi um dos fatores.

Entrevistadora: Como nós já conversamos sobre esta temática antes... há oito meses atrás... há mais de oito meses na verdade... porque terminamos tudo em dezembro e estamos em janeiro. Estou certa em pensar que gerou expectativa a respeito do tema na época e de como seria trabalhar com uma nova proposta durante o ano de 2018. A senhora criou uma expectativa na época ou não? Foi natural?

Professora: Sim... ehhh... por está participando de um trabalho diferente... eu fiquei com uma grande expectativa... porém... eu percebi que muitas coisas da situação didática que eu estava seguindo... já eram coisas que eu fazia antes... então... isso não foi tão difícil pra mim.

Entrevistadora: Talvez a senhora percebeu que já trabalhava a sequência didática e não sabia que aquilo já tinha sido referenciado por algum estudioso e isso é interessante pontuar.

Professora: Com certeza... principalmente a questão dos debates antes da escrita dos textos... isso eu já fazia... então eu achei que estava no caminho certo... me certifiquei disso.

Entrevistadora: A senhora conseguiu trabalhar na sala de aula os diferentes conceitos de gramáticas em situações diversas... principalmente a implícita, a normativa e a funcional... sem que o aluno percebesse isso? De uma forma natural? Como foi que isso aconteceu?

Professora: Sim.

Entrevistadora: Tipo assim, em que momento a senhora trabalhou... permitia que o aluno escrevesse sem a senhora dá dicas da redação, por exemplo? Como isso aconteceu? O momento que a gramática normativa entrou... o momento que a gramática implícita entrou.

Professora: Nas aulas em que se precedia as escritas dos textos...eu sempre trabalhava com eles em leituras de textos diversos, em literatura, isso mostrando sempre a gramática normativa, a gramática funcional e a implícita estava presente nas minhas aulas.

Entrevistadora: E a funcional creio que estava nos textos que a senhora sempre afirma que trabalhava. Tentou levar o estudante a compreender que uma gramática, necessariamente, não precisa excluir a outra? O aluno percebeu isso? Ou ele ainda tinha implicitamente incutido de que a aula de língua portuguesa só é boa e válida quando é baseada em regras, dessa tida gramática normativa? Ele percebe que a gramática está incutida no texto de uma maneira funcional? Que quando ele fala...mesmo com variações...ali tem gramática? A senhora percebe que o aluno saiu com essa compreensão?

Professora: Eu os fiz pensar sobre isso...chegar a conclusão de que eles já conhecem a gramática...que é a língua materna deles e nas aulas de linguística eu sempre citava isso...que não tem certo e nem errado e que em diversos contextos linguísticos é que eles têm que saber a língua culta, como usar e tudo mais.

Entrevistadora: E ele perceber...pelo menos o que eu percebi na minha...que o que ele traz de casa é tão importante...muitas vezes não é valorizado e dá poder a ele para que ele possa falar e a partir dali podar o que ele fala...isso eu também pontuo...pela experiência que eu também tive na minha turma.

Entrevistadora: Pelo o seu olhar...pela maneira como a senhora observou durante esses oito meses...a senhora acredita que esse estudante...ele...estava preocupado na hora que ele escrevia o texto...ele estava mais preocupado em organizar o texto com introdução, desenvolvimento e conclusão, com o que nós chamamos de macroestrutura do texto ou ele estava mais preocupado com a microestrutura? Ele preocupava-se com a conjunção, com a pontuação? Qual é o seu olhar diante disso? Qual era a maior preocupação desse estudante?

Professora: A maior preocupação deles era com a macroestrutura, com a introdução, desenvolvimento e conclusão.

Entrevistadora: A senhora conseguiu explicar os elementos da microestrutura? Explicar as conjunções do texto? Sem necessariamente falar em regras de gramática normativa e sem fazê-los decorar? A senhora percebeu essa maturidade?

Professora: Sim... percebi...eles conseguiram organizar as ideias usando esses conectivos...sem necessariamente decorar.

Entrevistadora: A senhora conseguiu organizar-se para tanto, como sugeria a sequência? Duas aulas foram necessárias? Deu certo em duas aulas geminadas fazer essa proposta?

Professora: Sim... deu...eles conseguiram.

Entrevistadora: Ou no meio do percurso, em algum momento...alguns estudantes não conseguiram finalizar seus textos e acabaram levando pra casa para terminar? Aconteceu algum imprevisto e precisou isso acontecer?

Professora: Não...de levar pra casa não. Aconteceu em algum momento eu pedir a aula do outro professor ...um restante de aula...mais tempo para ele concluir, mas não levar pra casa.

Entrevistadora: Até porque os alunos têm tempos diferentes...enquanto um termina em duas aulas o outro precisaria de uma tarde inteira. A senhora percebeu o estudante mais

participativo nos debates...principalmente nos debates... a senhora percebeu que tinha diferença quando ele escrevia? Todos participavam do debate, por exemplo?

Professora: Não...nem todos participavam.

Entrevistadora: Eram sempre os mesmos?

Professora: Sim...infelizmente...sim

Entrevistadora: a questão da evolução daqueles que estavam mais atrasados ainda continua a desejar porque não conseguem desenrolar...não é?

Professora: Éhh... nisso eu não consegui ver muitos avanços em muitos não...mas...muitos que muitas vezes não escreviam com mais...(esqueci a palavra)

Entrevistadora: Com mais competência argumentativa?

Professora: Alguns deles se destacavam também nos debates.

Entrevistadora: Então...o estudante conseguia colocar no seu texto aquelas ideias ditas nos debates? A senhora percebia isso...que aquele bom estudante...que debatia com coerência...que tinha desenvoltura e, também não era inibido...que isso também não quer dizer que ele não tenha a competência. A senhora percebia que na hora do texto ele conseguia botar aquelas mesmas ideias no papel? Ou as vezes ele não tinha a competência escrita?

Professora: Sim...percebia que muitas vezes ele não tinha a competência escrita.

Entrevistadora: Essa sequência didática de base funcional...ela ajudou em suas aulas ou no percurso a senhora percebeu e até no começo a senhora percebeu que já trabalhava isso? Ela veio a acrescentar? Ou não? Foi algo novo?

Professora: Veio acrescentar a questão de no início...que a proposta mostra que a gente não deveria passar nenhuma dica de escrita e tal...como escrever o texto e entregar pra eles e não falar nada e depois a última redação ser sobre o mesmo tema depois de todo o processo da sequência didática que a gente seguiu durante os oito meses.

Entrevistadora: então... na sua percepção o tempo dedicado as aulas de língua portuguesa na escola foram suficientes para o aluno obter essa competência de escrita argumentativa? Então tudo isso funcionou? Ou a senhora acredita que precisaria de mais tempo?

Professora: Funcionou, mas...eu acho que ainda é pouco tempo de aula de língua portuguesa.

Entrevistadora: A senhora acredita que o estudante, estes estudantes de 2018, saíram do ensino médio preparados para participar de uma seleção externa, como o ENEM?

Professora: Sim...acho que a maioria sim. Eles mesmos analisaram no final do ano que muito ajudou a eles na redação do ENEM foi essa sequência que foi seguida durante o ano.

Entrevistadora: A senhora acredita que apenas no terceiro ano do ensino médio o estudante deve fazer aprendizagem concreta sobre textos argumentativos? Que o terceiro ano já basta?

Professora: Não...deve vir desde o ensino fundamental essa prática.

Entrevistadora: A senhora acredita que uma sequência destas...então... organizada em bases funcionais poderia ser utilizada por toda a escola durante todo o ano?

Professora: com certeza!

Entrevistadora: Primeiros anos, segundos e até mais além...ir para as séries iniciais e fundamental também. Por quê?

Professora: Porque isso já vai despertando neles a criticidade e ficar para o terceiro ano apenas...talvez não dê tempo d'ele desenvolver essas competências.

Entrevistadora: Qual das duas modalidades de ensino, que são as duas grandes vertentes do ensino, a funcional ou a tradicional a senhora percebeu ser mais aceitável pelos estudantes? Qual que ele se sente mais confortável...quando ele vai estudar? Quando eles chegam na escola...eles esperam encontrar aulas funcionais ou aulas tradicionais?

Professora: Muito mais as funcionais.

Entrevistadora: Ele espera?

Professora: talvez ele espere a tradicional...mas a que mais ele gosta...são as funcionais.

Entrevistadora: A senhora conseguiu comparar a competência que ele tinha na hora de escrever e a competência que ele tinha na hora de falar? A senhora consegue fazer essa comparação? D'ele falando d'ele escrevendo? Nesse percurso...a senhora acha que avançou igualmente?

Professora: São poucos que têm a diferença...geralmente a maioria que fala bem no debate...que se desenrola...escreve também quando vai para o papel, escreve bem...mas...têm algumas exceções...como eu falei.

Entrevistadora: Em que medida a senhora acredita que esses estudantes alcançaram esta competência de ter tanto a oralidade quanto a escrita? Em que medida todos conseguiram alcançar? Todos conseguiram alcançar?

Professora: Não...nem todos. A gente vê que infelizmente muitos não avançam porque também não têm muito interesse, mesmo a gente fazendo todo o trabalho, todo o processo...muitos não querem nem fazer ENEM, também não querem fazer vestibular, só querem terminar o ensino médio e acabam não se interessando.

Entrevistadora: A senhora acredita que se não fosse no período da aula em si, do currículo obrigatório que ele tem de está na escola, se fosse um outro horário, em um outro momento...talvez ele iria progredir mais? Longe daquela formalidade da sala de aula? Se fosse mais informal e fossem encontros em outros horários esse aluno iria gostar mais e despertar mais e conseguir fazer? Avançar na competência escrita e na competência oral? Tipo...o trabalho que a senhora já faz em um horário à noite, por exemplo?

Professora: para aqueles que querem alguma coisa...que querem avançar...que percebem que precisam...sim. Porque muitos vão para esses horários extra porque acham que isso vai ajudá-los a melhorar até porque eles sabem que quanto mais praticarem o texto argumentativo...melhores eles ficarão...ganharão mais competência...então isso...eu acho que ajuda sim.

Entrevistadora: A senhora acredita que o mesmo tema sendo aplicado na primeira e na última redação, para nível de comparação foi essencial para averiguar a evolução dos estudantes?

Professora: Sim...achei muito interessante e eles mesmos perceberam também. Perceberam que evoluíram.

Entrevistadora: E alguns perceberam que não evoluíram?

Professora: Também...com certeza.

Entrevistadora: Como a senhora distinguiria os estudantes que tiveram acesso as cinco competências exigidas no ENEM com os que tiveram acesso a sequência didática para adquirir uma competência argumentativa? A senhora consegue perceber a diferença?

Professora: Não deu para chegar em uma conclusão a respeito disso.

Entrevistadora: A evolução entre eles foi igual? A outra turma que a senhora não aplicava a sequência... a senhora acredita que evoluiu igual a que a senhora aplicava?

Professora: Não...essa turma que eu acompanhei melhor evoluiu mais...porque acompanhei mais de perto...a outra não deu pra fazer a mesma sequência...então deu pra ver mais os avanços dessa turma.

Entrevistadora: A partir desta sequência didática e desta nova experiência com a produção textual, a senhora pretende modificar a sua metodologia? Ou melhorá-la? Ou aperfeiçoá-la? já que a senhora já trabalhava dessa forma...Éhhh em sala de aula. A partir desse olhar...como a senhora pretende caminhar agora em 2019?

Professora: Pretendo seguir essa orientação de iniciar sem dá dicas aos alunos...pedir primeiro um texto argumentativo sem dicas e depois fazer a comparação ao final do ano com o mesmo tema...ver o avanço.

Entrevistadora: Isso fez a senhora ter um olhar bem claro e bem objetivo com o mesmo tema? A senhora de alguma forma pretende continuar utilizando esta sequência pelo menos com esse olhar da primeira e da última redação? Essa parte foi funcional para a senhora?

Professora: Ajudou bastante.

Entrevistadora: A senhora conseguiria colocar isso na sua metodologia diária? Seria uma prática diária? Não seria abolido?

Professora: Sim...com certeza vou aproveitar muito essa dica.

Entrevistadora: Finalizou com agradecimentos...

Apêndice E - Proposta de Redação 01 e 08 (Diagnóstica e Comparativa): Aborto, um direito ou uma proibição

ESCREVA UM TEXTO ARGUMENTATIVO COM O TEMA: **ABORTO, UM DIREITO OU UMA PROIBIÇÃO**

ESCREVA UM TEXTO COM NO MÍNIMO 25 LINHAS E NO MÁXIMO 30

LEIA OS TEXTOS MOTIVADORES ABAIXO,

TEXTO 01: Atualmente, vivemos em uma sociedade desprovida de valores, onde é comum matar, roubar e usar drogas, onde o prazer sexual vem acima de idade, de sexo e de maturidade suficiente para assumir as consequências de uma futura gravidez, devido a isso, dia após dia, vemos que o número de abortos tem aumentado. E junto com isso, vem a dúvida, deve-se ou não tornar legal o aborto?

As circunstâncias gritam que sim, vemos que em um aborto, muitas meninas morrem, porque ainda não tem seus corpos fisicamente preparados para uma gravidez, muito menos para a realização de um aborto. Vemos também que existem muitas meninas, que desejam abortar seus filhos, pois a relação foi forçada ou foi fruto de um estupro. Ainda vemos que, muitas mães que não conseguem abortar seus bebês, depois do nascimento o jogam na rua, ou o deixam largado, sem cuidado, gerando mais problemas futuros à sociedade. (AUTOR DESCONHECIDO)

TEXTO 02: uma em cada cinco mulheres aos 40 anos terá abortado ao menos uma vez. De acordo com os dados, em 2015, 417 mil mulheres nas áreas urbanas do Brasil interromperam a gravidez, número que sobe para 503 mil se for incluída a zona rural. O tema volta ao debate depois que uma nova ação chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo a descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação, em qualquer situação. Segundo a pesquisa, a mulher que aborta tem entre 18 e 39 anos, é alfabetizada, de área urbana e de todas as classes socioeconômicas, sendo que a maior parte (48%) completou o ensino fundamental e 26% tinham ensino superior. Do total, 67% já tinha filhos. A pesquisa aponta ainda que a religião professada não é impeditivo para o ato, pois 56% dos casos registrados foram praticados por católicas e 25% por protestantes ou evangélicas.

"Há tanto aborto no Brasil que é possível dizer que em praticamente todas as famílias do país alguém já fez um aborto – uma avó, tia, prima, mãe, irmã ou filha, ainda que em segredo. Todos conhecemos uma mulher que já fez aborto", conclui o levantamento, que trata o tema como saúde pública. (AUTOR DESCONHECIDO)

TEXTO 03: A grande polêmica é que o aborto no Brasil é considerado um crime, pelo fato de ir contra um dos nossos direitos. Segundo o art 5º de nossa Constituição Federal, todos nós temos direito à vida, e a inviolabilidade da mesma. Porém, ele é "permitido" em três casos que são o de anencefalia, (quando o feto nasce sem parte do cérebro), e quando a gravidez coloca a vida da mãe em risco, e quando é um caso provado de estupro. Como é um crime, a pena pode ser de quatro a dez anos, dependendo do caso. (AUTOR DESCONHECIDO)

TEXTO 04: "Eis porque o aborto é um pecado tão grave. Não somente se mata a vida, mas nos colocamos mais alto do que Deus; os homens decidem quem deve viver e quem deve morrer."

(MADRE TEREZA DE CAUCUTÁ)

Apêndice F - Proposta de redação 02: O aumento da depressão entre os jovens no Brasil

O AUMENTO DA DEPRESSÃO ENTRE OS JOVENS NO BRASIL

TEXTO I

O número de jovens acometidos pelo mal da depressão está cada vez maior na modernidade. Alguns fatores desencadeantes são a pressão com vestibulares, instabilidade emocional, ansiedade e o imediatismo não atendido. O uso de drogas e entorpecentes também é um fator que pode causar a doença, além do vício nas redes sociais, que pode expor o jovem a uma busca excessiva pela aceitação e pelo ideal estético, constantemente instigados pela comparação feita, o que acaba frustrando-o. É importante pensar nas causas, consequências e propor mudanças para essa realidade cada vez mais expressiva na sociedade.

TEXTO II

A adolescência é uma fase de complicada, de muitas descobertas, transições e conflitos. Por isso, é comum que o adolescente apresente algumas mudanças comportamentais características da idade. No entanto, essa fase também é um momento da vida vulnerável à depressão e, justamente pelas crises normais da adolescência, o diagnóstico pode ser um pouco complicado.

Com tantas transformações no corpo, surgimentos de novas responsabilidades e dúvidas sobre o futuro, é normal que o adolescente tenha mudanças repentinas de humor e se sinta mais irritado, desanimado, confuso e incompreendido. O problema começa quando esses comportamentos duram mais que duas semanas e impedem que o adolescente vá à aula, saia com os amigos e realize suas atividades normalmente, o que já pode significar um quadro de depressão ou ansiedade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, 13% dos adolescentes sofrem com depressão. Com isso, toda a rotina é interrompida, pois o depressivo não consegue conduzir sua vida de maneira normal. A depressão, quando não tratada, se torna cada vez mais grave e mais intensa, conduzindo a diversos casos de suicídio, sendo uma das maiores causas de morte entre jovens. O suicídio é a consequência mais grave da doença, mas não é a única, pois ela afeta múltiplas funções e causa danos psicossociais significativos.

Escreva um texto argumentativo de até 30 linhas. Seu texto deve estar organizado em uma macroestrutura (coerência do texto) da seguinte forma:

- 1) Enunciação clara de um ponto de vista (não é fato)
- 2) Justificação do ponto de vista (com evidências)
- 3) Presença de argumentos a favor (pode ser só a favor)
- 4) Presença de argumentos contra (pode ser só contra/ ou refutação)
- 5) Formulação de uma conclusão (uma solução às problemáticas levantadas que não agride os direitos humanos)

Apêndice G - Conceito de família no século XXI

Proposta de Redação: Conceito de família no século XXI

A partir da leitura do texto motivador seguinte e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo, em norma padrão da língua portuguesa, sobre o tema **Conceito de família no século XXI**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Se Estatuto da Família for aprovado, STF o declarará inconstitucional

Circulou na imprensa a notícia de que o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), criou no dia 10 de fevereiro, uma comissão especial para acelerar um projeto que reconhece como família apenas os núcleos sociais formados pela união de um homem e de uma mulher. É o Estatuto da Família de autoria do Deputado Anderson Ferreira (PR-PE).

O projeto, em seu artigo 2º, afirma que “define-se entidade familiar como núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio do casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”(…)

Há no discurso uma clara visão utilitarista: a família de pessoas do mesmo sexo não cumpre sua função última, “ser base da sociedade”. Haveria duas famílias: as úteis e as inúteis para a base da sociedade. É argumento que já legitimou atrocidades em passado não tão remoto.

TEXTO II

Novas configurações de família trazem desafios de lidar com realidades distintas e multiplicidade de amores

As configurações formadas por recasamentos, uniões homoafetivas, paternidade ou maternidade socioafetivas convivem com o modelo tradicional familiar

(...)As famílias heterossexuais também constroem ou reconstróem arranjos que fogem ao tradicional. A maior vantagem de toda essa mistura é, sem dúvida, o exercício da tolerância mútua, que deverá desaguar na ampliação da aceitação da diversidade na sociedade. “Os coleguinhas da escola passam a aceitar composições familiares diferentes das suas”, diz a psicanalista e pedagoga Cristina Silveira. Para ela, as dificuldades apresentadas por uma criança que é fruto de um casal heterossexual são parecidas com aquelas que vêm de um lar homoafetivo. “O importante mesmo é o amor. A formação de famílias diferentes das tradicionais e de lares homoafetivos são uma realidade e isso faz muito tempo. As pessoas estão dando um jeito de se adequar”, afirma.

Em qualquer caso, porém, se por um lado a nova realidade aumenta a tolerância com as diferenças e estimula a convivência com a diversidade, formar uma família equilibrada e saudável continua sendo um enorme desafio. “Com as novas configurações familiares, passam a existir uma multiplicidade de amores, de diversidade de comandos, de autoridade e de regras. Tudo isso cria novos problemas”, avisa a psicoterapeuta de família Cláudia Prates.

TEXTO III

Quem é a sua família? Se ela não segue os moldes tradicionais, ela pode ser considerada menos válida? Parece óbvio que a resposta é não. Entretanto, principalmente no caso de composições envolvendo casais homossexuais e praticantes do poliamor, a resposta para essa pergunta não raro vem com um “sim”, recheado de preconceito e desinformação. Também respondem dessa forma alguns parlamentares em Brasília.

Apêndice H - Estatuto do desarmamento e a violência endêmica no Brasil

ESTATUTO DO DESARMAMENTO E A VIOLÊNCIA ENDÊMICA NO BRASIL

Leiam atentamente os textos abaixo para fazermos um debate observando os argumentos a favor e as refutações:

TEXTO I

"O debate sobre o desarmamento no Brasil é fortemente contaminado por seus defensores, que mais trabalham com rótulos e desqualificação de seus adversários do que com a verdade e princípios. Eles têm como objetivo passar a mensagem de que estão certos, por mais que transgridam valores e manipulem as estatísticas a seu bel-prazer".

Já na própria colocação do problema, os parlamentares que defendem a liberdade de escolha e o direito à autodefesa são tidos por representantes da "bancada da bala". A perversão é total. Note-se que a liberdade de escolha e o direito à autodefesa são pilares de uma sociedade livre e democrática. Não se trata de nenhum direito de matar, mas do direito de conservação da própria vida.

Os que advogam pelo desarmamento dos cidadãos almejam que o cidadão fique completamente desguarnecido diante de criminosos que invadem suas residências. Os cidadãos não escolhem seus representantes para que estes suprimam sua liberdade de escolha. Posso perfeitamente pretender não ter nenhuma arma, mas isso não significa que o meu direito deva ser abolido".

Denis Rosenfield – Professor de filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou os livros: Descartes e as peripécias da razão (1996) e Justiça, democracia e capitalismo (2010), entre outros.

TEXTO II

"(...) O Estatuto do Desarmamento é um instrumento importantíssimo na proteção da vida, bem maior do ser humano. Escrevo esta defesa como uma opinião técnica de um delegado da Polícia Federal amparado pela experiência no Rio de Janeiro, onde há uma cultura das armas. As apreensões em números cada vez maiores realizadas pelas nossas polícias estão aí para ratificar a necessidade do Estatuto do Desarmamento.

De acordo com o Instituto de Segurança Pública, apenas no primeiro trimestre deste ano, foram apreendidas no Rio 2.441 armas, entre fuzis, revólveres, pistolas, espingardas, escopetas, rifles, carabinas e metralhadoras. O acesso fácil às armas ilegais nos causa inúmeras tragédias. Não poderia deixar de lembrar o massacre

de Realengo, no qual uma pessoa portadora de sérias perturbações mentais executou 12 crianças com um revólver calibre 38.

A arma foi adquirida em uma transação ilegal, que envolveu o assassino, um vigia desempregado e 12 um chaveiro. O Rio de Janeiro apoia o Estatuto do Desarmamento. A prova disso foram as várias campanhas feitas para entregas voluntárias de armas de fogo e munições.

É muito claro: armas devem ser usadas por quem tem habilitação para isso, que são as forças policiais, e sempre no estrito cumprimento do dever. A sociedade civil precisa entender que ter uma arma em casa não apenas fornece uma falsa sensação de segurança, como, não raro, pode acabar parando nas mãos de alguém que, não habilitado para seu uso, acaba cometendo um crime. Inclusive contra o dono dessa arma (...)"

Apêndice I - A influência da ciência na sociedade

LEIA OS TEXTOS MOTIVADORES ABAIXO E ESCREVA UM TEXTO ARGUMENTATIVO, NO MÍNIMO COM 25 LINHAS, RESPEITANDO AS NORMAS DE ESCRITA FORMAL, CUJO TEMA SERÁ:

A INFLUÊNCIA DA CIÊNCIA NA SOCIEDADE.

TEXT01

A ciência e a sociedade

As sociedades têm sofrido alterações ao longo do tempo e, consequentemente, a ciência também as sofreu. Por exemplo, durante a primeira metade do século XX, quando o mundo estava envolto em guerra, os governos disponibilizaram financiamento para que os cientistas fizessem investigação com vista a aplicações militares — pelo que a ciência progrediu nessa direção, desvendando os mistérios da energia nuclear. Noutros tempos, forças de mercado têm impulsionado o progresso científico. Por exemplo, empresas modernas que procuram gerar rendimentos através do tratamento médico, da produção de fármacos, e da agricultura, têm dedicado cada vez mais recursos para investigação em biotecnologia, resultando em avanços significativos na sequenciação do genoma e em engenharia genética. Em contrapartida, as fundações modernas, financiadas por particulares, podem investir o seu dinheiro em projetos que considerem ser socialmente responsáveis, encorajando a investigação em tópicos como as tecnologias de energias renováveis. A ciência não é estática; muda ao longo do tempo, refletindo as alterações que ocorrem nas sociedades em que está inserida.

TEXT02

Diálogo entre ciência e sociedade

A ciência que avança cada dia mais em relação a sociedade, consegue realizar descobertas essenciais que melhora a qualidade de vida, diminuindo a taxa de mortalidade de diversos países. Tendo em vista a difícil linguagem usada neste meio de estudo dificultando a compreensão popular, como também a as desconfianças e o forte apego a costumes regionais e culturais.

Revistas técnicas como a Science ou a Discovery, trás abordagem sobre o avanço no conhecimento científico, tais como conhecimento em um novo vírus que pode tratar doenças como a Ebola ou a febre amarela na África. Entretanto, a notícia não chega ao público geral sendo difundida e argumentada de diferentes pontos de vista por jornalistas ou meios de comunicação causando assim, grande problema entre a sociedade pelo seus costumes morais ou religiosos como o Brasil, não confiando nas pesquisas realizadas.

A ciência e a tecnologia influencia todos os aspectos das sociedades contemporâneas, há um vasto hiato entre a ciência e a sociedade que não permite uma completa interação e comunicação entre estas duas realidades, pelo fato da sua palavra ser muito técnica ou diferente ** habitual da população.

Desta forma é difícil construir uma relação de confiança, compreensão e cooperação. Aproximar a ciência e a sociedade é a solução para o aumento da literacia científica e participação pública na investigação feita em benefício de todos. O papel da comunidade científica na desmistificação ** envolvimento ** público na ciência é crucial. Os investigadores desempenham um papel fulcral na disseminação da informação científica, mas a complexidade de muitas questões científicas tornam complicada a missão de transmitir o conhecimento ao público.

Apêndice J - As dificuldades dos imigrantes refugiados

LEIA OS TEXTOS MOTIVADORES E DEPOIS ESCREVA UM TEXTO ARGUMENTATIVO SOBRE O TEMA: **AS DIFICULDADES DOS IMIGRANTES REFUGIADOS**. ESCREVA NO MÁXIMO 30 LINHAS E NO MÍNIMO 25 LINHAS.

TEXTO 1: O caminho que os refugiados têm de seguir para fugir das opressões em seu país é longo e repleto de dificuldades. Estas que se iniciam na tentativa da fuga e que continuam na tentativa de se obter paz e liberdade numa nova vida em outro lugar. Os grupos de refugiados, sejam esses de qualquer lugar do mundo, convivem com riscos iminentes de morte e perseguição, tanto por parte de seus opressores, quanto por parte dos habitantes dos países que os abrigam. Além das dificuldades de ter que recomeçar a vida em outras nações, com costumes e culturas diferentes das suas, os povos que fogem de seu país em busca de uma vida mais segura, têm de viver com graves problemas como a xenofobia, racismo e até mesmo com a recusa de alguns países em receber imigrantes refugiados por conta de crises políticas ou econômicas. A situação complicada dos imigrantes precisa ser vista de forma mais humana e social, e não somente de forma política e econômica como vêm acontecendo ultimamente. É preciso abrigar e ajudar essas pessoas para que elas possam ter a perspectiva de uma vida melhor e livre de riscos. (anônimo)

TEXTO 2: O que diferencia um imigrante de um refugiado?

Imigrante é, de forma simples, o nome que se dá àquele que sai de seu país para morar em outro. E isso pode acontecer pelos mais diversos motivos: tem quem vá para procurar trabalho, para estudar ou até mesmo só para mudar de ares. E existem muitas nuances de classe e origem no meio de tudo isso: esse texto bem bacana do Guardian (em inglês, infelizmente) fala, por exemplo, sobre como o termo “imigrante” costuma ser aplicado para aqueles saídos de países periféricos, sempre carregado de uma aura que varia entre o “coitadinho” e o “sanguessuga de países ricos”, enquanto o “expat” (um apelidinho para “expatriado”) é usado para o europeu de classe média (ou alta) que resolveu sair por aí dando rolê.

O que tem gerado esse boom de notícias sobre o assunto é, principalmente, a migração de sírios. A Síria vive um momento de conflitos internos diversos e violentíssimos, que envolvem o temido Estado Islâmico, as forças oficiais do ditador Bashar Al-Assad e frentes menores igualmente sanguinárias, como a Al Nusra — situação em que, como diria muito bem um amigo, se jogar todo mundo num Juicer, não sai meio copo de coisa que presta —, além dos exércitos de resistência curdos — que, por outro lado, renderiam vários copos de coisa que presta. A solução para muitos dos habitantes, então, tem sido procurar asilo em outros países, principalmente dentro da Europa e, de forma ainda mais específica, a Alemanha.

E como o Brasil está nisso tudo?

Apesar de estar geograficamente mais distante da principal origem de refugiados atual, a Síria, o país tem recebido um número notável de refugiados vindos de lá — desde 2011, foram cerca de dois mil pedidos de asilo aceitos, o que parece pouco perto dos quase quarenta mil da Alemanha, mas notável se comparados aos 1200 dos Estados Unidos.

Uma experiência bem interessante de se conhecer é a Ocupação Leila Khaled, que existe no bairro da Liberdade, no centro de São Paulo, formada por refugiados sírios que, sem conseguir pagar os aluguéis exorbitantes da cidade, ocuparam um prédio comercial abandonado.

Apêndice K - Variação linguística e situações de uso social

ESCREVA UM TEXTO ARGUMENTATIVO COM O TEMA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SITUAÇÕES DE USO SOCIAL

NO MÍNIMO 25 E NO MÁXIMO 30 LINHAS.

LEIA OS TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO 1: A **variação linguística** é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta. As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros. Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao *status*. O português falado em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, por exemplo, pode ganhar o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas, na verdade, essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a nossa língua portuguesa.

TEXTO 2: A língua é dinâmica e está sujeita a inúmeras variações. Essa peculiaridade de toda e qualquer língua é o que chamamos de **variação linguística**, que está sujeita ao contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes estão integrados. Essa pluralidade da língua é facilmente observada no Brasil, um país de extensão territorial e multiplicidade cultural significativas. As variações linguísticas acontecem porque, tendo em vista que a função primordial da língua é a comunicação, os falantes arranjam e rearranjam a língua de acordo com a necessidade de interação social.

Uma vez que essas variações visam à comunicação, jamais devemos considerá-las erros. Ao apontarmos essas alterações como erro, estamos cometendo o que chamamos de “preconceito linguístico”. Como todo preconceito, age-se maquiavelicamente em defesa de um dado status imposto como mais adequado e, por vezes, mais “bonito”.

Infelizmente, esse equivocado comportamento é corriqueiro aqui no Brasil. Você já deve ter visto afirmações pejorativas em relação à fala de quem mora no interior, por exemplo. Esse julgamento, em vez de contribuir para que sigamos em um processo educacional democrático, cria barreiras para o enriquecimento de nosso patrimônio cultural. A língua é responsável, segundo Biderman¹ (1899), por transmitir a herança cultural de um povo que carrega aspectos de vida, das crenças e valores de uma sociedade.

TEXTO3:



Anexos

Anexo A – Redações Estudante A – Melhor – professora convidada

Redação 1 – estudante A- melhor

1 O aborto é discutido no Brasil de uma
2 forma positiva e negativa, pois depende
3 da situação que está sendo vista em ambos
4 os lados.
5 Como exemplo pode-se citar uma mu-
6 lher que sofre uma violência sexual e oca-
7 lha obtendo uma gravidez indesejável. Nesse
8 tipo de situação a vítima na maioria das ve-
9 zes acaba sendo obrigada a praticar o
10 aborto, pois a pessoa com que se relaciona-
11 mos não tem nenhum tipo de laço afetivo,
12 dessa forma o bebê acaba sendo rejei-
13 do por a vítima.
14 Entretanto é proibido por lei o aborto,
15 pois o bebê não pode escolher entre a
16 vida e a morte. Dessa forma quem comete
17 o ato de aborto acaba sendo autor do
18 próprio crime. Na sociedade as muitas reli-
19 giosas que não aceitam o aborto, pois
20 dizem que Deus não permitiria um ato
21 de crueldade ao ser-humano. Porém as
22 grupos feministas que aceitam o abortar-
23 tis pois dizem que a mulher é dona do seu
24 próprio corpo e que podem decidir o que
25 fazer com ele.
26 Conclui-se que ao tocar neste assunto
27 não se fala do que a mulher sofre co-
28 mo também o bebê que está sendo citado.
29 Deve-se pensar em como ajudar ambos
30 os lados e se solucionar corretamente.

Redação 2 - estudante A – melhor

1 Ao se examinar alguns jovens moços
2 vê-se que uma grande maioria
3 sofre de depressão, prejudicando assim
4 a vida social e profissional na adoles-
5 cência, sendo também considerada
6 como doença por médicos e psicólogos.
7 Pode-se mencionar, por exemplo, uma
8 das causas da depressão o uso de dro-
9 gas prejudicando o funcionamento do tal, o
10 uso excessivo das redes sociais afeta
11 da comunicação com a família e ami-
12 gos, a fase de transformação física e
13 mental havendo assim mudanças de
14 humor, atitudes e personalidade.
15 Em consequência disso, vê-se a todo
16 instante uma preocupação com a mi-
17 seria de suicídios entre os adoles-
18 centes, que vem crescendo a todo mo-
19 mento, quando se toca neste assunto
20 deve-se lembrar que o suicídio não é
21 uma forma de chamar atenção, mais sim
22 uma maneira de aliviar a dor que os
23 autores da depressão têm.
24 Em vista das argumentações mencio-
25 nadas deve-se refletir um apoio da fa-
26 mília, amigos, psicólogos e até mesmo
27 escolas com palestras e formas de ensinar
28 que não prejudicam a vida emocional do ado-
29 cente. Refletindo assim uma vida social e de
30 esperança para o jovem.

Redação 3 - estudante A - melhor

Verifica-se uma mudança no século XXI em relação à família, que está representada mundialmente e causando debate entre a sociedade, havendo assim alterações políticas e sociais.

Atualmente, observa-se que uma nova diversidade está sendo apresentada, contrastando a família tradicional, formando assim uniões LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros ou transgêneros), que apresentam atitudes pessoais, culturais, religiosas e principalmente no que se refere ao ensino e aprovação de leis.

Em consequência disso, nota-se uma repressão da sociedade, pois existe inúmeras casos de agressões físicas, verbais e em casos mais graves homicídios. Apesar disso, diversas conquistas foram alcançadas por a comunidade transsexual como o casamento gay, adoção por casais homossexuais, mudança de nome, cirurgia de mudança de sexo, entre outras conquistas.

Dessa forma é importante que o nível de intolerância seja diminuído para a sociedade e que os parlamentares aprovem leis que facilitem a vida social da comunidade, tornando assim a serem vistas como seres humanos.

Redação 4 - estudante A - melhor

Antes de se examinar o desenvolvimento no Brasil e suas causas e consequências, pode-se notar que as opiniões na sociedade em que vivemos são diversas e muitas delas podem prejudicar ou ajudar os cidadãos do nosso país alterando os direitos humanos.

No que se diz respeito, os parlamentares que defendem a autodefesa estão dispostos a armar uma sociedade com posse de arma, escolhendo assim defender a violência colocando em risco a vida de um civil, pois a vítima pode não estar pronta para esse tipo de situação, sendo exposta a morte, quebra de armas e até mesmo paralisação de membros.

Tendo em vista disso o armamento não pode ser de acesso a qualquer pessoa, mesmo sendo exposto a certos perigos, isso pode ser alterado se passar aos olhos. O campo de armas também pode ser suprido de venda, roubo, troca e até mesmo doação, sendo colocada em mãos erradas, causando tragédias na sociedade.

Dessa forma é importante que o Instituto de Segurança Pública prepare um documento na segurança do nosso país habilitando somente pessoas físicas, pois o Brasil não está pronto para conceder o armamento para a nossa população brasileira.

Redação 5 - estudante A – melhor

1 Tendo em vista a ciência em relação a
2 sociedade, esta não se ocupa um espaço
3 importante como resulta também um per-
4 ocupante, dessa forma o progresso cientí-
5 co está cada vez mais forte, apesar da
6 distância que a sociedade tem em ques-
7 tão de conhecimento com a ciência.
8 Buscando sempre avançar, a ciência
9 está a nos ajudar e proporcionar um
10 aumento da nossa qualidade de vida e
11 bem-estar da saúde, com aplicações
12 de medicamentos obtendo melhores físi-
13 cas e mentais, aplicando armas militares,
14 curando vírus e doenças que afetam os fa-
15 milhar em aspectos gerais.
16 Entretanto alguns avanços estão a difi-
17 cultar a vida dos cidadãos, colocando em
18 risco de morte e perigo, como as bom-
19 bas nucleares e vírus que possuem
20 possibilidade de explodir e transmitir
21 radiação para a saúde não só hu-
22 mana como animal.
23 Portanto deve-se investir na ciência
24 com aspectos positivos, possibilitan-
25 do que o MCTIC (Ministério da Ciência, Tec-
26 nologia, Inovação e Comunicação), pos-
27 suia obter novas formas de ajudar a
28 sociedade e assim aumentar o reco-
29 nhecimento científico e técnico da ciên-
30 cia.

Redação 6 - estudante A – melhor

1 Valtado aos refugiados que se obrigam
2 em países "seguros" por estarem corren-
3 do risco de vida, recebe-se expressões
4 de todos os lugares, por causa das dein-
5 qualidades sociais e patriotismo, porém re-
6 no isto a melhor maneira de se agir?
7 Deve-se obrigar imigrantes que estão a ca-
8 minha de novas perspectivas de vida, pois pro-
9 curam obter paz e liberdade ocupando um lo-
10 ção social digno no país receptor e estão
11 dispostos a oferecer benefícios sociais.
12 Por outro lado as dificuldades de visto
13 permanentemente continuam colocando os refu-
14 gidos, além disso coloca em risco a polí-
15 tica e a economia social do país as-
16 pedindo de imigrações.
17 Porém a sociedade pode usar os
18 imigrantes para enriquecer o país, aumen-
19 tando seu índice cultural e buscando
20 formas de aprimorar recursos socia-
21 is e econômicas, obtendo novas visões
22 e turismo estrangeiros.
23 Dessa forma os governantes de-
24 vem buscar uma integração social
25 oferecendo empregos, estudo e abrigo
26 com condições de vida melhores respei-
27 tando os direitos patriotas.
28
29
30

Redação 7 - estudante A – melhor

1 Tendo em vista o modo em que a
2 forma oral se propaga, surgindo assim
3 variedades linguísticas, observa-se uma difi-
4 culdade de compreensão e por outro lado uma
5 facilidade de idiomatização nos seus falantes, será essa
6 uma forma de escrita da linguagem formal?
7 Deve-se considerar que grande por-
8 te da população sofre de analfabetismo pe-
9 judicando sua linguagem e com isso expo-
10 stos a preconceito, por isso o meio de comuni-
11 cação oral, além de ganhar uma extensão
12 da pluralidade da língua no país.
13 No entanto as necessidades como tem
14 erros gramaticais, que podem causar a ris-
15 ca de alterações na mesma forma, requi-
16 rido assim situações nas trabalhos
17 escolas e no dia a dia social.
18 Porém as inúmeras variedades tem
19 propriedade cultural, pertencentes aos con-
20 tintos históricos e geográficos, aumentando
21 a interação e enriquecendo o potên-
22 cial de toda a população.
23 Logo o sistema educacional de-
24 ve oferecer um meio de integração para
25 os estudos, prevendo as variedades lin-
26 guísticas da sociedade, com objetividade fun-
27 damental de ampliar a língua formal
28 e respeitar a dinâmica social.

Redação 8 – Estudante A- melhor

1 Observa-se que no Brasil o aborto é uma
2 questão polêmica que provoca discussões éticas,
3 morais e religiosas, colocando em risco a vi-
4 da, pois trata-se de gestante e do feto que so-
5 frem consequências dramáticas, será o abor-
6 to uma forma segura para salvar as vidas?
7 A princípio, as mulheres possuem um
8 direito à liberdade de escolha, onde foi conquista-
9 da desde a primeira fase do feminismo, porém
10 tal escolha pode ocasionar graves riscos à vi-
11 da, além disso está afetando a vida do bebê
12 e dependendo do caso acusado de um crime.
13 Portanto, a opção deve ser observada
14 como um fruto de assassinato, pois aca-
15 ba tirando o direito a vida, colocando
16 assim a sociedade em oposição as le-
17 is impostas sobre o aborto.
18 Por outro lado, as mulheres estão
19 expostas a várias doenças, por isso a pro-
20 teção de estupro, feto com deformações con-
21 genéticas e gravidez em risco por várias circunstân-
22 cias deve-se deixar as decisões das mulheres.
23 Diante disto, a saúde tanto física como
24 mental é criada em primeiro lugar mas realiza-
25 ções de leis, é função do governo federal pro-
26 vetar de ajuda, atenção e palestras nas
27 comunidades, e mais casos de modo "especial"
28 programas específicos de ajuda.

Anexo B – Redações Estudante B – Melhor – professora convidada

Redação 1 – Estudante B- melhor

1 muito se tem discutido acerca desse assun-
2 to bastante polêmico. O aborto é o ato de ti-
3 nar o feto antes mesmo do tempo determina-
4 do para o seu nascimento, perdendo em risco a
5 vida da mãe e do bebê.
6 O aborto é assegurado por lei e permite que
7 a mulher aborte, em caso de risco na gravidez
8 ou estupro, porém, muitas ~~braderam~~ mulheres
9 e até mesmo meninas que engravidam sem o
10 consentimento dos pais procuram o aborto
11 clandestino, que muitas vezes não tem o devido
12 cuidado e acabam morrendo ou ficando cle-
13 rentes. Contudo, esse ato está longe de ser resol-
14 vido. Muitas pessoas consideram isso um crí-
15 me da mulher, já outros consideram isso ato
16 errado, pois, envolve a vida de um inocente.
17 Embora seja difícil controlar o número
18 de abortos no país, o ministério da saúde
19 juntamente com o ministério da educação
20 deveriam promover palestras, campanhas e pro-
21 jetos nas escolas e lugares públicos, onde exal-
22 tariam a importância de se prevenir e evitar
23 uma gravidez não desejada. Tendo isso em vis-
24 ta, muitas mulheres pensariam duas vezes
25 antes de ter relações sexuais sem o uso de
26 preservativos.
27

Redação 2 - estudante B – melhor

1 A depressão vem se tornando cada vez mais
2 presente na vida das pessoas, isso se dá pelas mu-
3 tas transformações tanto físicas, quanto emu-
4 cionais que acontecem a todo momento.
5 Em primeiro plano, deve-se notar que essa
6 doença é caracterizada pelas mudanças de hu-
7 mor, distúrbios, desativação e isolamento. Por-
8 se sentido, as redes sociais e os meios de comu-
9 nicação têm grande influência no pensamento
10 do indivíduo, e que a todo tempo vemos a
11 apelo às imagens e ideias de beleza pelo
12 ideal estético, gradualmente puto, através de com-
13 parações, o que acaba prejudicando ainda mais
14 a mente do adolescente.
15 Além disso, observa-se que a postura dos
16 pais diante dessa situação pode influenciar ba-
17 tante, uma vez que eles mal acostumam seus filhos
18 grande assim um adulto ansioso. Nesse sentido, é
19 desproporção das crianças para a vida adulta e a
20 perda de mudanças na relação as responsabilida-
21 des ao tornarem alunos físicos para a aquisição
22 da depressão.
23 Tendo em vista a realidade brasileira, é ne-
24 cessário que a família busque ajuda de psico-
25 logos e profissionais dessa área, a fim de
26 proporcionar aos depressivos uma forma dife-
27 rente de ver o mundo, para que possam lidar
28 melhor com suas mudanças. Dessa forma, não é
29 possível contar com o número de depressivos
30 no país.

Redação 3 estudante B – melhor

1 O conceito de família tem sido configurado e a
2 padão normal e socialmente aceito tem mudado ao
3 longo dos anos, visto que a má aceitação dentro da so-
4 ciedade, aliado ao desprestígio praticado contra os
5 membros dessa nova configuração, podem influen-
6 ar na sua convivência em vários âmbitos.
7 Uma vez que, a sociedade insuportável de hoje que
8 a família deveria ser formada pela união de um
9 homem e uma mulher. Além disso, vale lembrar
10 que, o Brasil é um país de maioria heterossexual, nas-
11 cido e criado sob uma cultura machista, des-
12 ti para, ao ver casos de mesmo sexo a sociedade
13 de se ver humilhada e se desprezando.
14 Contudo, os casais nem sempre aceitam sem-
15 pre entre pessoas de sexos opostos, de fato, os ca-
16 sais que rompem essa nova configuração como
17 indivíduos portadores de direitos, querem formar
18 suas famílias e serem aceitos por suas diferenças.
19 Mesmo com o aumento de sua liberdade na sociedade,
20 os casais homossexuais ainda não são alvo de pre-
21 conceito, devido a discriminação de povo.
22 Tendo em vista essa realidade, é necessário que
23 o STF (Supremo Tribunal Federal) e a sociedade tra-
24 balhem juntos para aceitar esse processo de acei-
25 tação. Ademais, a família e o sistema educacio-
26 nal brasileiro devem proporcionar os ensinamentos
27 educacionais relacionados a questões críticas/análises
28 para que, já na adolescência, possam entender e res-
29 pitar as mudanças da sociedade. Dessa forma, só-
30 na possível conter uma barreira.

Redação 4 – estudante B – melhor

1 Nota-se que o Brasil é um país com índice de sus-
2 tabilidade elevado, logo, a posse de armas não seria a
3 melhor forma de garantir a segurança dos cidadãos.
4 Além disso, sabe-se que o Brasil é fortemente controla-
5 do pelos seus representantes.
6 Infelizmente, assim, que a utilização de armas é um
7 recurso abusivo, uma vez que a cidadania se tornou
8 portadora da mesma poderia usar não só para sua
9 segurança, mas também para outros fins, podendo se
10 facilmente induzido pelo sentimento de raiva e ving-
11 gança, tendo espaço para cometer um crime.
12 É importante lembrar também que a cidadania in-
13 teriorado no ponto de armas passaria por testes psi-
14 cológicos, onde seriam analisados sua saúde men-
15 tal, porém, não se sabe até quando sua saúde
16 mental vai continuar intacta, levando em conta que
17 a arma pode acabar sendo roubada, ou posta a
18 venda, acabar sendo em mãos erradas. O Bra-
19 sil não está totalmente preparado para uma res-
20 ponsabilidade como essa.
21 Tendo em vista a realidade brasileira, é neces-
22 sário que o Instituto de Segurança Pública jun-
23 tamente com a sociedade civil busquem outros me-
24 ios que possibilitem a liberdade de escolha e o di-
25 rito a autodifesa dos cidadãos, sem colocar a vi-
26 da da maioria em risco. Dessa forma, não possi-
27 vil controlar o número de pessoas matas por
28 armas de fogo ilegais.

Redação 5 – estudante B – melhor

Com o passar do tempo a cidade tem crescido cada vez mais, trazendo melhorias na qualidade de vida das pessoas, mas a difícil situação econômica na última década dificultando a remuneração popular, causando desconfortos em parte da sociedade.

O aumento da cidade tem trazido benefícios, como a melhoria na área da educação, saúde, segurança e produção de empregos, resultando em grandes avanços na infraestrutura e melhoria econômica. Entretanto, parte da sociedade tem preferido voltar a própria sociedade.

Apesar de trazer vários benefícios, alguns grupos ainda tem usado a cidade para fazer negócios e lucrar, deixando uma má impressão em parte da população. Por outro lado, grande parte da população já possui um bom conhecimento e sabe muito sobre a cidade, já possui um bom conhecimento e sabe muito sobre a cidade.

Causando problemas de segurança e segurança de trânsito no trânsito, fazendo com que a circulação e comunicação entre a cidade e a sociedade difícil, causando problemas com princípios morais e religiosos, já que a população tem um certo medo.

Portanto, uma melhor relação entre a cidade e a sociedade é a solução para a melhoria da infraestrutura dentro da cidade, fazendo uma melhor participação da cidade na sociedade, sem gerar conflitos, sendo usado para a melhoria de todos.

Redação 6 – estudante B – melhor

Desde em vista o cenário atual, é notável o aumento no número de refugiados no país. A busca por uma vida melhor com paz e liberdade é o principal motivo da migração dos grupos de refugiados. Contudo, os mesmos ainda convivem com riscos de morte e preconceito.

Com primeiro plano, deve-se notar que o Brasil tem recebido um número significativo de refugiados e compado aos Estados Unidos. Essa situação precisa ser encarada de forma mais humana, fazendo com que o indivíduo não fique desvalorizado e sem apoio, longe de expressões políticas e econômicas.

Adicionalmente, é preciso cuidado quando se trata de migração, pois são culturas e povos diferentes. Devendo-se em conta também os diversos tipos de doenças que podem ser trazidos para o país. Pode-se citar também a aglomeração nas cidades das grandes cidades como é o caso de Buenos Aires, em São Paulo.

Logo, o governo Federal, juntamente com a ONU (Organização das Nações Unidas) devem promover leis que permitam que os imigrantes refugiados possam entrar no país de forma segura, incluindo exames médicos, e outros para que tenham uma vida melhor, principalmente a segurança da população. Dessa forma, não possível combater esse impasse.

Redação 7 – estudante B – melhor

1 A variação linguística é a pluralidade da
2 língua e por ser um sistema aberto e mutável ge-
3 neta diferentes pronúncias. Nota-se, que cada in-
4 tado possui um tipo único de fala. Dada a tais
5 alterações da língua o termo "paralela linguis-
6 tica", presente no âmbito social.
7 Com parâmetros claros e importantes destaca-
8 que as alterações vieram, principalmente, a comu-
9 nicação das indivíduos na sociedade. Sendo in-
10 ta em vista, é compreensível que a pessoa me-
11 dique e adapte a fala às suas necessidades.
12 Também a língua não se move social para al-
13 umas das partes, ainda há julgamentos e barreiras
14 que impedem esse acontecimento, e estas longi-
15 de serem combatidas.
16 Nota-se também, que as condições econô-
17 micas e culturais influenciam bastante nesse quesito,
18 uma vez que a alta escolaridade proporciona uma
19 interpretação e formas distintas de uma mesma
20 cultura no cotidiano. No entanto, as influências não
21 distintas e podem variar de acordo com a comu-
22 nidade na qual estão inseridos.
23 Logo, o Ministério da Educação juntamente
24 com a CAS (Comissão de Assessoria Social),
25 diversas promoções palestras e projetos em
26 escolas e lugares públicos, conscientizando a so-
27 ciedade a importância de todas as formas de
28 pronúncia para o enriquecimento da cultura. De
29 uma forma, não possível combater esse insur-
30 to.

Redação 8 - estudante B - melhor

1 O aborto é considerado como pecado e con-
2 tituição Brasileira. Porém, é notório o aumento no
3 número de abortos clandestinos no país. No entanto,
4 a discussão sobre a legalização do aborto é pre-
5 quente, uma vez que divide as grandes massas de
6 mulheres mortas após tais procedimentos.
7 Substituído, é importante ressaltar que as mu-
8 lheres de baixa renda e meninas menores de idade
9 são as que mais procuram por esses procedimen-
10 tos, colocando suas vidas em risco. Uma vez que
11 adolescente com medo do julgamento da família
12 e sem maturidade suficiente para assumir uma
13 futura gravidez, vê o aborto como melhor opção.
14 Ainda assim, esse procedimento é perigoso e
15 pode trazer inúmeras complicações para a saúde
16 da mulher. E em cada 5 mulheres há pelo menos um abor-
17 to, aponta pesquisas realizadas em 2013, chegando
18 a mais de 1 milhão de casos por ano quando o abor-
19 to não ocorre é ter o bebê e longo na sua vida so-
20 cial, gerando futuros problemas à sociedade.
21 Logo, é necessário que o Ministério da Saú-
22 de, juntamente com o Sistema Educacional pro-
23 movam palestras e campanhas afins de conscien-
24 tizar a sociedade acerca desse assunto e a im-
25 portância de um planejamento e métodos con-
26 traseptivos para evitar uma futura gravidez
27 indesejada. Dessa forma, não possível combater
28 o número de abortos no país e qualquer um ta-
29 bu.

Anexo C – Redações Estudante C – Melhor – professora convidada

Redação 1 – estudante C - melhor

1 O Brasil, ao cabo de poucos anos, um levante de debates
2 sobre direitos e proibições em alguns aspectos políticos e i-
3 dialógicos. Não sendo para os deliberadores tomar sobre a
4 inacessível porte de armas e diminuição da maioridade
5 penal discute-se também a questão do aborto, um ato de
6 caráter inibidor e de sumo.
7 É parte constituinte das cláusulas pétreas, conforme o ju-
8 rídico de Rousseau, que cada indivíduo, desde a
9 concepção tem o direito de ser livre. Isto,
10 por se não, desmante a falácia de que o aborto pode ser
11 considerado um método anti-concepcional, isto que
12 a ação ocorre quando o feto já está formado e tem
13 uma sua personalidade e morte por definição.
14 Sob um olhar demagógico, ver-se-á, também, que
15 há acumulação ao tema, a corrupção moral e segun-
16 dos interesses do ser humano, como por exemplo, o
17 paracaso na medicina em que médicos, profissio-
18 nais que deveriam manter a vida, cortam seu cus-
19 curso sobre cânones políticos pela abertura de um
20 novo nicho econômico a partir do aborto.
21 Dado o exposto, pois, diante da constituição, órgão
22 de maior hierarquia no setor judiciário brasileiro,
23 é mister que o Ministério Público, simultanea-
24 mente com os Deputados Humanos, que uma cor-
25 ração intragovernamental, que faça o abrandamento da
26 penalidade quando for inibidorado o regime da
27 lei, a fim de que este ato de sumo se torne
28 retrocedido e passe a ser visto como anacronismo.
29
30

Redação 2 - estudante C – melhor

1 Um cenário deprimente de cabelos arrancados, rela-
2 mento social e pilulas jogadas ao chão numa tentativa
3 de suicídio. Eis um duro rubro da economia brasileira
4 lamentada por muitos brasileiros: a depressão. Uma ma-
5 temática maciça, que pode ser reduzida pela inter-
6 venção do setor familiar e governamental.
7 Ademais, conforme estudos sociais, nota-se que a doença
8 possui causas do meio de vida. O psicólogo, Esmélio Dur-
9 Rheum, analisou que duas das três consequências de um re-
10 sultado tem influência direta de uma depressão, seja ele
11 anormal ou que sofre influência do meio como a impe-
12 riosa da beleza estética ou consumo exorbitante de bens e,
13 a respeito, na qual o indivíduo se sente excluído a
14 uma falta de expectativa.
15 Além disso, a constituição diz que o Estado, a fa-
16 mília e a sociedade desempenham um papel im-
17 portante na luta contra a depressão de jovens. Logo,
18 é evidente que as instituições, em geral, não estão
19 cumprindo o seu papel, uma vez que a grande maioria
20 dos jovens acometidos desta doença, por não terem
21 um atendimento adequado, sofrem com os rigores.
22 Dadas as expostas consequências, é mister de que
23 agentes governamentais e a sociedade no geral devam
24 se mobilizar. É cabível, portanto, que a OMS, organi-
25 zação mundial de saúde, disponibilize psicólogos
26 nas instituições escolares a fim de que o tratamento
27 seja realizado o mais próximo possível. Ademais, a
28 família tem o dever legal de apoiar e bus-
29 car um profissional sempre que notar em mudanças
30 da doença, além, não, o contrário deprimente não são consequências.

Redação 3 – estudante C – melhor

1 Não sendo páris o amor duplamente de filhos, abandonados, pais com autoridades burocráticas e um lar ruinoso por
2 sidos e Brasil enfrenta atualmente outro desafio no âmbito
3 sócio-familiar: a aceitação dos vários modelos de concu-
4 to de família, um problema enraizado culturalmente que,
5 mediante a intervenções educacionais, pode ser reduzido.
6 Em primeiro plano, é válido ressaltar que um dos cânons
7 do atual conceito de família é a união homossexual. Sem
8 embargo, é incontestável que o Brasil é um país genuina-
9 mente cristão, por conseguinte, há uma cultura infiltrada
10 que rejeita todos os ritos sociais, um deles é o casamento
11 religioso. A autoridade máxima de uma institui-
12 ção cristã jamais permitirá, por dogmas e pre-
13 sumções, que indivíduos do mesmo sexo tenham
14 uma união estável. Assim, é compreensível que este caso
15 se limite apenas à união civil.
16
17 Outrossim, parafrazando o axioma do filósofo Aristó-
18 tes, que consiste na primazia de o homem por um a-
19 nimal político, tendo em vista que é o único que tem
20 o poder de influenciar, discutir e, principalmente de
21 estabelecer relações com sentimentos é possível perceber
22 que o ser humano, racionalmente, não desenvolve
23 uma união estável pelo objetivo de reprodução como
24 os outros animais, logo, o princípio de que casais homos-
25 sexuais não podem se relacionar porque não podem reproduzir é falaz.
26
27 Dado o exposto, cabe ao MEC (Ministério da Educação),
28 que implanta na base comum curricular Infantil, trabalhos
29 dinâmicos que envolvam os mais variados tipos de con-
30 tatos familiares, para que este movimento não fique res-
31 trito a dogmas religiosos, num propósito de maior preconceito.

Redação 4 – estudante C- melhor

1 É incontestável que tomar decisões repetidas com o intuito
2 de obter resultados diferentes é inútil, mas Aristóteles já afir-
3 mava e é fato, trazendo para a nossa realidade, que as agendas
4 políticas, no entanto, agregam problemáticas intrínsecas à
5 conduta do ser humano e a lei do estatuto de desenvol-
6 vimento é um exemplo recente disso.
7 Em primeiro plano, sob a ótica da cultura das posições equivo-
8 cadas do poder executivo, há-se acertada os pareceres do
9 filósofo aristotélico sobre a perspectiva de desenvolvimento
10 civil, tendo em vista exemplos de países vizinhos, tal co-
11 mo Colômbia, Venezuela e Cuba que, após implementa-
12 rem tal doutrina, houve, por conseguinte, um aumento ex-
13 perimental da violência endêmica, assim como ocorre atu-
14 almente no Brasil.
15 Sem embargo, é parte constituinte da legislação brasileira,
16 órgão de maior hierarquia sobre os poderes executivos, que
17 tem a ciência, naturalmente brasileira, tem por direito
18 a auto-defesa decorrente de um dos três pilares fun-
19 damentais da construção social da sociedade ocidental
20 que é o direito romano. Estes são assegurados também
21 do direito de livre evolução, constituído pela filosofia que
22 põe em evidência que o poder executivo, simultanea-
23 mente com a alta corte do legislativo, ratificam a neces-
24 sidade do Estatuto do Desarmamento, tornando o de-
25 creto facultativo, além de reforçar a segurança
26 pública a fim de que não se torne frequente o uso
27 indiscriminado de armas por parte da população e melho-
28 re o recesso da violência.
29
30

Redação 5 – estudante C – melhor

Salas climatizadas, profissionais decentes mal capacitados e remunerados, murros na consumação de chamras e um enorme "furo de conta". Foi um duro milhês de uma nação que há muito deixa a digressão no seu potencial educacional e sobretudo científico decorrentes do descaso por parte do xtor executivo e que acarreta, por conseguinte, o decréscimo da soberania nacional e a qualidade de vida dos nativos.

Som entorge, em conformidade com os palanars de fillo- pelo eliminista do século XIX, Emmanuel, tant na qual há a deira de que a humanidade se transforma naquilo em que foi, humanizou a sua caução, é claro um que, partindo desta preposição os rumos que a intão reba- ta imagem do Brasil, no puma, como prova tem-se as fragilidades dos incensos para com o fluxu de língua Portuguesa Nacional em 2011, com o Instituto Butanta em 2009 e recentemente o fluxu Nacional do Rio de Janeiro que (furo) acarretou em prejuízos innumera- reis.

Nautra perspectiva, porém o possível por a lista, quora por parte do Gpumo com grande represente, na Revolução Fran- sca, por exemplo, o descaso legitimou com cabeças cortadas e em uma revolução no Brasil, inutilmente o impasse se temeu como resultado indignação.

Nore contextu deponerá-se pois, mais que necessário que ONGs de nus científicos sejam criadas para que possam encarregar de investir neste campo através de projetos inovadores e competições para que a pátria venha não só para uma futuramente como um refle- xo de lucrat.

Redação 6 – estudante C – melhor

Quem os reparados de seus pais, como, desemprego, abandono da pátria e pré-concursos mal formulados por "anti- buer". Foi uma dura realidade dos problemas enfrentados pe- los imigrantes em todo o mundo, mormente. Problemas mes, a- carretados por conflitos históricos que, com ações sociais e políticas podem ser amenizadas.

É incontestável que os motivos que levam indivíduos a buscarem refúgio em outros países são culturais, antes da untagem dos anos, especificamente antes de 1914, por exemplo, os países fu- duos tiveram deslocados - os expatriados como chama o bom europeu - em debimento dos conflitos que queridários. Por xi- culos tiveram de lidar com um cenário de guerras, tal qual contra os Babilônios, Egípcios, e até até mais recente contra os nazistas que, por conseguinte, após a Segunda Guerra Mundial, foi criada uma cooperação, intergovernamental, mais conhecida como Organização das Nações Unidas (ONU) que, além de lhes estabelecerem território fixo, achamou os Direitos huma- nos que é de extrema importância para a garantia dos direitos individuais de ser humano. É perceptível, portanto, a importân- cia de um órgão social que não tem vínculos políticos e, por isso, não se limita a competências políticas.

Dado o exposto, tendo em vista a relevância que u- ma instituição intergovernamental desempenha, é necesá- rio que, em cada país, instituições religiosas, simultane- mente com sindicatos privados busquem o aval do go- verno para estabelecerem febrars vínculos de glosolhumi- to para receberem imigrantes e, assim, porém em prática a filosofia dos Direitos Humanos de qual, con- tradiçionalmente, os países contra imigração tanto des- fectam.

Anexo D – Redações Estudante D – Melhor – professora investigadora

Redação 1 – estudante D - melhor

1 O aborto tem ganhado uma grande im-
2 portância nas discussões públicas, devido as suas
3 grandes questões: Aborte assassinato ou não?
4 É o que pensa a mulher tem o direito de ter
5 o feto? Quais as consequências para a saúde da
6 mulher?

7 O direito da mulher tem sido muito mais
8 recente, em relação ao aborto. Ela tem direito
9 de ter o direito sobre o seu corpo, no entanto
10 o feto, no início da mulher já é considerado
11 por muitos cientistas uma vida, assim o
12 aborto não produz aborto.

13 As consequências para a saúde da mulher que
14 produzem o aborto são maiores, como câncer
15 de mama, devido a gestação, parcialmente não
16 completa, diferenças devido ao estresse e a alta con-
17 tagão de culpa, problemas no ovário e entre em
18 geral.

19 Entendendo uma gestante ainda mais dessas
20 problemas são a forma como o feto é inserido
21 não feto de forma perfeita, muitas vezes
22 mulheres no ato, porque não feto de forma
23 perfeita e sua formação.

24 Devemos respeitar a mulher sobre as
25 consequências do aborto, para a sua saúde. As
26 coisas devem ser feitas como pessoas uma
27 gestante, entendendo a mulher completamente o abor-
28 to como a mulher decide, pois os riscos para a
29 saúde de muitas mulheres e futuros filhos tem
30 que ser pensado.

Redação 2 – estudante D – melhor

1 A depressão no Brasil é uma patologia
2 muito comum, que os jovens tem enfrentado.
3 Tem momentos difíceis de viver, como a
4 segunda guerra mundial por exemplo, onde houve
5 de muitos e seus problemas psicológicos são
6 muito mais.

7 Entendendo a depressão no Brasil tem de
8 entender cada vez mais no século XXI, entre os jovens
9 principalmente. As causas: social, familiar e pessoal
10 não são as mesmas que afetaram a população
11 desde os jovens. A depressão, e chega ao ponto de
12 suicídio, que é o suicídio.

13 Todavia também a falta de informação
14 em conhecimento sobre essa doença pode dificultar
15 de a detecção ou prevenção da mesma. A família
16 muitas vezes não consegue ajudar para a formação
17 dessa doença, pois uma das causas é a falta de
18 um exemplo de estabilidade emocional, de não ter
19 a quem recorrer no caso de uma doença, ou em
20 alguma situação difícil da própria vida.

21 Portanto, devemos como sociedade prestar
22 atenção e ajudar os jovens dessa maneira, não só
23 em afetar o processo de maturidade dele. Os estudos
24 devem ser feitos por psicólogos, que são especialistas no caso,
25 e também com outros profissionais que são a depressão
26 e a importância de falar sobre isso com eles, pois
27 tipicamente a doença já é o início da depressão
28 porque sobre a doença, pois podemos entender
29 a importância e a importância de falar sobre a de-
30 pressão.

Redação 3 – estudante D – melhor

1 A modernização vem substituindo o per-
2 sonato da sociedade a respeito da família
3 e sua importância. A história mostra-nos que
4 a família é o pilar central de qualquer sociedade
5 de, e que quando substituída a sociedade tende
6 a se desmoronar.

7 A família tradicional vem sofrendo
8 forte ataque do meio: jornais, revistas, mídias etc.
9 A todo momento tenta-se mudar novos con-
10 ceitos de família, para subverter a sociedade a
11 caprichos de algumas pessoas e assim não fazer uma
12 confusão geral.

13 Além disso, novas constituições e leis
14 são as que fazem que toda família seja conside-
15 ra de pai, mãe e filhos. Estabelecendo quem são
16 os constituintes como "novas" famílias. Fami-
17 lias e desmoronando a família como um
18 po a constituição.

19 Portanto, não se pode defender e en-
20 fregar a constituição e com isso defender a fa-
21 mília. É claro, constituições em países de
22 democracia, democracias de qualquer tipo
23 do mundo. Deixar as leis públicas com
24 mais eficácia no sentido a qualquer tipo de
25 processo contra a família por parte da consti-
26 tuição de 1988.

Redação 4 – estudante D – melhor

1 O artigo de desenvolvimento dual,
2 inclui um direito básico de constituição, que
3 é a subordinação ao poder legislativo, que
4 é que o poder executivo não pode ser
5 mais poderoso, pois existem muitas limitações
6 e isso não é o que se quer para o país.

7 No sentido da constitucionalidade a
8 não é o mais eficaz, mas uma coisa
9 não tem como defender-se, ou defender
10 decisões. Em estados democráticos que foram
11 mais eficazes de instituições democráticas, a
12 constitucionalidade é muito mais que as
13 decisões.

14 Também deve-se lembrar que o legi-
15 slativo é o mais eficaz, não pode ser conside-
16 rado ligado a constitucionalidade, porque não
17 tem uma das de violações que não são
18 crimes, mas uma petição que não é uma
19 violação em termos de lei.

20 Portanto, a pessoa que vai processar
21 uma coisa deve atender a alguns requi-
22 sitos, pois não tudo o cidadão tem espe-
23 ridade de processar. A coisa deve ser feita de
24 uma forma correta, não de forma errada.

25 Portanto, o governo tem que fazer va-
26 lido a constituição, onde garante o direito a
27 legítimos direitos e concede as condições de um
28 o direito a processar uma coisa, e assim
29 fazer valer um sistema de 200 mil 75% da
30 população brasileira em a favor da família como.

Redação 5 – estudante D – melhor

1 A ciência a partir do século XX, come-
2 çou a ter forte influência na sociedade,
3 igualando-se que de sempre substituindo a
4 religião. A igreja quando começou a pagar
5 os cientistas não imaginava que estaria
6 dando início a uma revolução e a uma
7 revolução pagando cientistas.
8 A ciência tem sido um meio impor-
9 tante importante para o desenvolvimento.
10 Ela proporciona descobertas no campo da
11 saúde, passado, universo, que de sempre
12 provinha das ideias do filósofo.
13 Entretanto não são só as ideias e
14 descobertas da ciência, da tecnologia e dis-
15 tribuição, e as que contribuem a melhorar
16 a vida. Ela disciplina as pessoas, melhora
17 as formas de vida, de manipulação em ma-
18 na, muitas descobertas e descobertas no
19 progresso científico.
20 Contudo a ciência nos trouxe boas
21 e prejudicadas no presente e a ideia de au-
22 tenticidade, porém, em muitos casos a destrui-
23 ção é inevitável, como a destruição mundial
24 da vida de exemplos.
25 Portanto o estado tem que con-
26 trolar os meios de fiscalização da ciência,
27 mas é claro, não é o mesmo científico
28 tem que cada vez mais pagar a ideia
29 de que mais, e assim, proporcionar uma
30 ciência "boa", com poucas falhas e pagar.

Redação 6 – estudante D – melhor

1 O problema é um problema e
2 um dos problemas antigos da humanidade
3 é o que tem sido um dos temas mais
4 antigos, a guerra. No entanto, uma de suas
5 causas no século XX, onde as guerras destruí-
6 ram e foram destruídas.
7 Na Europa, não há mais e não há
8 mais, mas todos os dias, refugiados estão
9 em movimento no mundo, que tem sido uma
10 das dificuldades de encontrar refúgio em
11 outros países.
12 Também quando chegamos em outros
13 países a adaptação é muito difícil, as diferenças
14 impostas por novas culturas não são apenas cul-
15 turais, mas as que mais, das dificuldades, por-
16 que a sua fi não se adapta a novas culturas e
17 não é fácil de lidar com a grande quantidade de
18 diferenças entre a cultura do Brasil.
19 Contudo, os países que recebem os
20 refugiados, como política, não são os países
21 de os refugiados, dizem que se for necessário
22 que de guerra e de guerra os seus e costumes
23 dos países.
24 Entretanto todos os países devem olhar
25 para o direito mais básico de todos, a vida. Os
26 países os devem agir em favor da vida, não os
27 do seu país, mas da humanidade, fazendo e imple-
28 mentando políticas públicas de inclusão e acolhi-
29 mento de refugiados. Mas não é só isso, mas li-
30 brando as fronteiras, porque são necessárias.

Redação 7 – estudante D – melhor

1 Possui uma pais de multiplicação cul-
2 tural, linguística. Na medida que o mundo
3 que não existe o certo ou errado na fala, e
4 há uma de tudo formas correntes e ditas por
5 pessoas diferentes, pode ser esse por-
6 tanto idiossincrasia "diferença" que uma é melhor
7 que outra.

8 Portanto, a importância de conservar
9 não as variações das pessoas o certo e
10 o errado e o errado, e quando não defini-
11 mos essas variações de acordo com a diferença
12 de variação de variação de variação e variação de
13 fala antiga, mas que sejam variação
14 das variações das variações e variação de
15 língua portuguesa.

16 Porém, a importância das variações
17 são variáveis e benéficas para uma língua, no
18 Brasil principalmente, com suas formas de
19 cultura diferentes em todos os lugares. No es-
20 tudo é preciso uma alta cultura, mas não há
21 as todas essas, ou seja, há variações. Há uma por-
22 ta de sua liberdade. Por isso, é importante a cultura
23 e a forma de língua brasileira.

24 O estudo das variações de variação
25 nacional tem como objetivo de variação
26 as variações públicas e formas de variação
27 de língua, para que no âmbito educacional tenha-
28 mos uma unidade, mas as variações não de-
29 vem prejudicar as variações existentes, e com a
30 unidade das variações de língua brasileira.

Redação 8 – estudante D - melhor

1 Abaixo um diálogo entre a vida da es-
2 ta humana em um local, ou seja, mais popular,
3 vilão de mãe. Há uma situação que a pa-
4 dralidade de uma mãe que faz uma situação
5 entre a mãe e a mãe que se que se faz, na
6 ta por que todas as mães são as mães
7 e as mães?

8 Portanto, quando se trata de uma situação
9 humana, todos os dias, por isso, há uma situação
10 como a mãe, no entanto, há uma situação
11 para a mãe de mulher, de mãe, e quando se
12 trata de mãe e mãe, e uma mãe que tem, de
13 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e
14 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e
15 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e

16 Portanto, quando se trata de uma situação
17 humana, todos os dias, por isso, há uma situação
18 como a mãe, no entanto, há uma situação
19 para a mãe de mulher, de mãe, e quando se
20 trata de mãe e mãe, e uma mãe que tem, de
21 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e
22 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e

23 Portanto, quando se trata de uma situação
24 humana, todos os dias, por isso, há uma situação
25 como a mãe, no entanto, há uma situação
26 para a mãe de mulher, de mãe, e quando se
27 trata de mãe e mãe, e uma mãe que tem, de
28 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e
29 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e
30 mãe, e quando se trata de mãe e mãe, e

1	Muito de bom desempenho em relação aos
---	--

[illegible]

1. Muskele sind durch die Verengung der Muskelfasern

Redação 5 – estudante E – melhor

Muito se tem discutido o papel crucial da ciência na sociedade atual. Adicionalmente, a ciência amplia um olhar em relação às condições materiais e culturais, uma vez que discutem as causas e consequências humanas.

Em algumas áreas, pesquisadores fazem parte dessa discussão, abordam questões mais modernas, na desenvolvimento de novas ideias através criando sistemas e programas para resolver. Entretanto, a difícil linguagem científica torna bastante difícil a compreensão da realidade.

Em algumas áreas, a tecnologia tem ajudado no desenvolvimento científico em relação ao conhecimento e dados. Contudo, após a expansão da sociedade civil, também um mal entendimento dos dados, através usando de formas inadequadas, uma vez que comprometendo a base de informações.

Também em vista, nesta década, campanhas de conscientização na mídia para o conhecimento da ciência na população. Contudo, a difícil linguagem da comunicação da linguagem científica e muitas vezes de governo, fazem campanhas para criar uma relação com a sociedade civil.

Redação 6 – estudante E – melhor

Muito se tem discutido o conflito dos refugiados por oposição de seu país em guerra civil. Adicionalmente, a a disparidade de refugiados, implica uma comunicação na sociedade de país. Todavia, um grande número de refugiados passam por violações dos direitos humanos, incluindo a violação da sociedade.

Em algumas áreas, pesquisadores fazem parte da ONU (Organização das Nações Unidas), mostram que países desenvolvidos, uma vez que um país, podem abrigar 20% dos refugiados de todo o mundo. Adicionalmente, países de desenvolvimento, englobam um grande número de refugiados de todo o mundo, por consequentemente, também alguns desenvolvimento.

Em algumas áreas, também abordaram uma reportagem, em 2019, que chegou o mundo. Um grande número de refugiados, na guerra da Síria, após um massacre em um ambiente ilegal. Neste caso, refugiados de país em guerra civil. Todavia, um grande número de refugiados, uma vez que a presença de refugiados e a violação, através criando crises políticas e econômicas no país.

Torna-se evidente, portanto, a disparidade de refugiados no mundo. Em conjunto, com a ONU, países desenvolvidos, campanhas na mídia e muitos dos países sobre a comunicação e os direitos humanos. Refugiados, também são empregados. Assim, o governo Federal dos EUA, para ajudar os refugiados e um grande número na sociedade civil.

Redação 7 – estudante E – melhor

Muito se tem discutido, e presente
sintetizado na sociedade civil. Ademais, é sim-
ples que se manifeste a ideia de uma comuni-
dade. Nesse aspecto, podemos observar algumas
compreensões de contexto cultural e histórico. Uma
vez que, quando analisamos para interação social.
Em primeiro plano, o Brasil ocupa o nono
quinto lugar no ranking de maior país. Uma vez
que, possui 8514 milhões por milhões quadrados
de extensão territorial, assim, apresentando uni-
dades culturais linguísticas relacionadas ao con-
texto sociocultural, econômico e histórico. Todavia,
a população trata os diversos aspectos de per-
tencimento social como uma diversidade de pro-
cedimentos.
Em segundo plano, a língua tem a fun-
ção primordial de comunicação. Ademais, em 2009
a gramática passou por uma reestruturação. Não
obstante, a má compreensão da população a uma
nova formação gramatical, quando um tal de a
comunicação social.
Terma-se, portanto, portanto, a concepção
de uma língua de modo social de português
focado para a sociedade civil, e também a presen-
ça. Contudo, a manifestação da língua deve fazer
acompanhar para a inclusão e a população em
relação ao presente linguístico.

Redação 8 – estudante E - melhor

Muito se tem discutido, até que ponto a
língua é um crime. Ademais, quando se analisa a
a 127 de Código Penal e o artigo 129
uma vez que, a língua é um crime, a língua é um
crime de um crime, a língua é um crime de um
crime de um crime.
Em primeiro plano, a língua é um crime.
segundo da Constituição (Art. 129), quando se analisa a
de 20 a 40 anos de prisão, a língua é um crime de um
crime de um crime. Todavia, a língua é um crime de um
crime de um crime em uma língua, a língua é um crime de um
crime de um crime, a língua é um crime de um crime de um
crime de um crime, a língua é um crime de um crime de um
crime de um crime.
Em segundo plano, a língua é um crime de um crime.
segundo da Constituição (Art. 129), quando se analisa a
de 20 a 40 anos de prisão, a língua é um crime de um
crime de um crime. Todavia, a língua é um crime de um
crime de um crime em uma língua, a língua é um crime de um
crime de um crime, a língua é um crime de um crime de um
crime de um crime, a língua é um crime de um crime de um
crime de um crime.

Anexo F – Redações Estudante F – Melhor – professora investigadora

Redação 1 – estudante F - melhor

1	Atualmente, várias mulheres prevencam o aborto.
2	Algumas por terem novos denários, e muitas outras por
3	estarem procurando uma "educação". Mas é que parece
4	ser uma educação pode ser a chave para muitos proble-
5	mas. Existe também as mulheres que não têm condi-
6	ções para criar, e acabam tirando o feto, que não tem
7	como se defender.
8	Muitas vezes, por aquele feto já entra um pouco desen-
9	velado, o aborto pode trazer danos para a mulher, e
10	pode levar-la a morte, e se não levar a morte, pode dei-
11	rar muitas sequelas, tais como, dificuldade de emprega-
12	vidas, problemas no útero, e muitas outras.
13	Gêmeas de 13, 14 meses grávidas e com medo de contar
14	aos pais, e em muitas casas e rapazes que a engravidou
15	não quer assumir a criança, a gente muitas vezes ep-
16	forma por o aborto, por ser um meio mais acessível.
17	O aborto atualmente está proibido, e esse assunto sem-
18	pre está sendo discutido nos meios sociais, sendo muitas
19	vezes a favor, e, muitas contra.
20	Em muitas casas o aborto é aceitável, como em ca-
21	sas de estupro.
22	Portanto, o aborto não é a educação, existem outras for-
23	mas de resolver esse "problema", dando pra adoção, pedin-
24	do pra alguém da família. Mas além de causar problemas
25	para a mulher, pode causar a morte, além de ser mu-
26	ito arriscado, pois pode não matar o bebê e ele nascer
27	com alguma deficiência.
28	
29	
30	

Redação 2 - estudante F – melhor

1	A adolescência é uma fase muito complicada na vida
2	de muitas pessoas, onde podem passar por muitas compli-
3	ções, tanto físicas como psicológicas.
4	Com muita transformação no corpo, muita pressão
5	para poder substituir, depois de ter o corpo das aco-
6	ladas por sua própria sexualidade, que cada vez mais tem um
7	e pensamento de suicídio e auto-mutilações no próprio
8	corpo, e assim muitas pessoas sofrendo no mundo das
9	drogas, que também é um fator que contribui para isso.
10	Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)
11	13% das jovens sofrem com depressão, e assim a vítima
12	dessas coisas sendo interrompida, pois tendo a depressão
13	elas não conseguem ter uma vida normal e assim
14	estão perdendo alguns momentos que são importantes
15	para a vida acadêmica e social delas.
16	Portanto a depressão deve ser tratada, pois se não fi-
17	zer um acompanhamento certo, ela fica cada vez mais
18	grave e mais difícil de ser curada. Devemos ressaltar
19	também, que a família deve dar todo apoio, se não é tan-
20	tamente fácil, em casa.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 3 – estudante F – melhor

1 Hoje em dia, o conceito de família está se modificando
2 de e está se tornando cada vez mais normal um casal
3 homossexual formar uma família, sendo assim, mu-
4 lheres são discriminadas por escolherem um gênero dife-
5 rente de que é imposto por nossa sociedade atual.
6 As exigências sociais têm mudado e têm cau-
7 sado impacto muito grande nas considerações tradicio-
8 nais e conservadoras, mas elas não desistem e não
9 deixam de insistir ainda em um momento em que o
10 amor e a felicidade são consideradas e elementos
11 mais importantes.
12 O presidente da Câmara dos Deputados criou uma
13 comissão especial para analisar um projeto que reconhe-
14 ce como família apenas as núcleos sociais que são
15 formados pela união de homem e mulher, e se tal
16 projeto for aceite, o Supremo Tribunal Federal (STF)
17 declarará inconstitucional.
18 Nesse modo, é possível compreender que o no-
19 me padrão de família não são mais validas de que
20 as tradicionais, e as pessoas desistem por menos
21 tolerantes. Para isso acontecer, o governo deveria fazer
22 alguns projetos e algumas pesquisas que envolvam
23 as novas famílias, e devem ser incluídas nos meios
24 de comunicação para que entendam o valor de a-
25 mor independentemente de gênero.
26
27
28
29
30

Redação 4 – estudante F – melhor

1 O Ponto de armas no Brasil teve grande repercussão
2 em 2005, o presidente Luiz Inácio fez uma votação para sa-
3 ber quais parlamentares eram contra e a favor do estatuto
4 de desarmamento. Passaram-se alguns anos, e o estatuto por
5 validade para todo o território brasileiro.
6 Atualmente não temos uma boa segurança, e o pon-
7 to de armas ilegal está cada vez mais comum, causando gran-
8 des tragédias no nosso país. Muitos parlamentares opõem a
9 liberdade de escolha, e o direito de auto-defesa, e afirmam
10 que nenhum se trata de direito de matar, mas sim de con-
11 servação da própria vida.
12 O estatuto de desarmamento, é um instrumento im-
13 portante para a proteção da nossa vida, pois nos protege de
14 pessoas que pensam nos fazer mal no futuro, evitando as-
15 sim, massacres.
16 Portanto, para termos um ponto de armas legalizado, de-
17 vemos primeiro investir na segurança da população, e lo-
18 go depois conscientizar as pessoas que tiveram o ponto de ar-
19 mas, que use elas somente se precisar, evitando as vá-
20 rias tragédias.
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 5 – estudante F – melhor

1 A ciência tem sofrido algumas alterações ao lon-
2 go de tempo, podendo ser para causas boas ou não.
3 Ela começa cada dia mais, e assim, consegue ma-
4 nifestar descobertas essenciais que melhoram a qualidade
5 de vida, podendo diminuir a taxa de mortalidade de
6 muitos países.
7 Na metade do século XX, o mundo estava em
8 guerra, e o governo disponibilizou financiamento para
9 que os cientistas pudessem investigar com vista a
10 aplicações militares. Já nos dias atuais, a ciência tem
11 uma grande importância na área da saúde, aplicando
12 hormônios e ajudando em pesquisas para cura em di-
13 versos tipos de doenças.
14 Porém, a ciência também tem desvantagens, po-
15 dendo criar armas extremamente poderosas, sendo muitas de-
16 lés para causar mal a países que estão em guerra.
17 Entretanto, a ciência é muito importante para
18 a nossa sociedade, melhorando a qualidade de vida, e
19 proporcionando o cura de muitas doenças.
20 Porém, muitos países não estão pelo bem que ela faz,
21 fazendo assim, usar indelicadamente a ciência a serviço de
22 muitos males.
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 6 – estudante F – melhor

1 Atualmente, muitos imigrantes refugiados estão su-
2 gindo de seus países de origem atrás de ter uma perspec-
3 tiva de vida melhor e livre de riscos. O comércio que
4 eles têm de seguir para fugir das pressões nos pa-
5 íses em que moram, e longe e repleto de dificuldades
6 e assim muitos não aguentam e perdem e acabam mor-
7 rando.
8 Os países em que a maioria dos refugiados
9 vão, possuem grandes conflitos internos e instabili-
10 dade, portanto, eles procuram países em que possam
11 ter uma perspectiva e uma vida melhor para eles
12 e para a sua família.
13 Já tendo fugido, eles começam com riscos im-
14 portantes de morte e perseguição, tanto por parte dos habi-
15 tantes dos seus países, quanto por parte dos habitan-
16 tes dos países que os abrigam e tendo que enfrentar
17 com grandes problemas como fome e o racismo.
18 Porém, mesmo com todos os problemas eles ain-
19 da têm a ideia de paz e liberdade numa nova vida em
20 um outro lugar, mesmo tendo muitos riscos e perse-
21 guições e tendo que começar a vida em outra nação.
22 Dessa forma, precisamos abrigar e ajudar es-
23 sas pessoas para que elas possam ter a vida melhor,
24 com mais segurança e livre de riscos, e conscien-
25 tizar as pessoas para que não tenham preconceito.
26
27
28
29
30

Redação 7 – estudante F – melhor

1	A variação linguística é muito comum no
2	nosso país, principalmente porque vivemos em um
3	país que possui um único idioma oficial, e assim
4	a língua pode sofrer diversas alterações feitas por
5	seus falantes.
6	Como a língua é dinâmica, e está sujeita
7	a inúmeras mudanças, os diferentes sotaques de-
8	vem ser considerados como variações, e não co-
9	mo erros. Isso acontece porque muitas dessas varia-
10	ções são históricas e interessantes.
11	Tendo em vista as várias variações lingui-
12	sticas, quando consideramos um erro, estamos co-
13	fundando o que chamamos de preconceito linguístico.
14	Como todo preconceito, age-se em defesa de uma rí-
15	gida imposta como mais adequada e mais bonita.
16	As variações linguísticas acontecem porque
17	a função primordial da língua, é a comunicação,
18	os falantes ouvem e recriam a língua de acor-
19	do com a necessidade de interação social.
20	Uma forma, é preciso que todos saibam
21	que existem várias variações linguísticas nos pa-
22	íses, e conscientizar que o preconceito linguístico
23	em vez de contribuir para que suprimamos um prece-
24	do democrático, cria barreiras para o enriquecimen-
25	to de nosso patrimônio cultural.
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 8 – estudante F - melhor

1	Nos dias atuais, o aborto é considerado crime pe-
2	lo a parte de ir contra um dos nossos direitos: a vida.
3	Muitas que possuem muitas meninas que desejam abor-
4	tar seus filhos, por serem menores demais, por seu filho
5	ser fruto de um estupro, ou por terem medo dos pais.
6	Vivemos em uma sociedade desprovida de valores,
7	onde é comum matar, roubar e usar drogas, onde o
8	prazer sexual vem acima de idade e de maturidade po-
9	lítica, assumindo as consequências de uma futura gravidez.
10	Muitas que em um aborto, muitas meninas mor-
11	rem, por ainda não terem seus corpos preparados para a
12	realização de um aborto, e quando muitas não conse-
13	guem abortar depois do nascimento e jogam no lixo, ou
14	deixam longos períodos mais problemas futuros na saúde.
15	de.
16	Porém, ele é permitido se o feto tiver mal forma-
17	ção, quando a gravidez coloca a vida da mãe em risco,
18	ou se o feto for um caso previsto de estupro.
19	Uma forma, é preciso conscientizar as jovens so-
20	bria, as jovens que elas sabem se por acaso praticarem um
21	aborto, é necessário falar com os pais para eles verem
22	o que é melhor para a vida de suas filhas, para assumir
23	uma maternidade que não coloque a vida de nã-
24	quém em risco.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Anexo G – Redações Estudante G – Médio – professora convidada

Redação 1 – estudante G - médio

1	Hoje em dia a adoção de adoção é muito valorizada.
2	Por isso a adoção é muito de muitas maneiras, e
3	por isso a adoção é muito valorizada.
4	Por isso a adoção é muito valorizada.
5	Por isso a adoção é muito valorizada.
6	Por isso a adoção é muito valorizada.
7	Por isso a adoção é muito valorizada.
8	Por isso a adoção é muito valorizada.
9	Por isso a adoção é muito valorizada.
10	Por isso a adoção é muito valorizada.
11	Por isso a adoção é muito valorizada.
12	Por isso a adoção é muito valorizada.
13	Por isso a adoção é muito valorizada.
14	Por isso a adoção é muito valorizada.
15	Por isso a adoção é muito valorizada.
16	Por isso a adoção é muito valorizada.
17	Por isso a adoção é muito valorizada.
18	Por isso a adoção é muito valorizada.
19	Por isso a adoção é muito valorizada.
20	Por isso a adoção é muito valorizada.
21	Por isso a adoção é muito valorizada.
22	Por isso a adoção é muito valorizada.
23	Por isso a adoção é muito valorizada.
24	Por isso a adoção é muito valorizada.
25	Por isso a adoção é muito valorizada.
26	Por isso a adoção é muito valorizada.
27	Por isso a adoção é muito valorizada.
28	Por isso a adoção é muito valorizada.
29	Por isso a adoção é muito valorizada.
30	Por isso a adoção é muito valorizada.

Redação 2 – estudante G - médio

1	A depressão afeta milhões de pessoas no mundo,
2	de acordo com pesquisas feitas. É esse número vem
3	aumentando rapidamente durante muito tempo a
4	depressão foi um tabu da sociedade, pouco se sabia
5	e nada era feito a respeito.
6	Hoje já não a depressão manifesta-se por diversos
7	fatores, mas o principal é a tristeza excessiva. É comum
8	por resultados acadêmicos e um pouco mais de
9	combinar a por tristeza, resultando em uma pessoa
10	deprimida.
11	Muito de pessoas por diversos transformações
12	humanas, os jovens não têm a maturidade neces-
13	ária para lidar com certos problemas e assim
14	desenvolvem uma doença. Tendo muito sentimento
15	que geralmente vem acompanhado de sintomas de
16	ansiedade, dor e autonegatividade. Que se não trata-
17	dos dentro do indivíduo.
18	Devido a isso a depressão acaba por
19	se manifestar pela tristeza e pela tristeza
20	que a tem. Sendo assim a necessidade que a pais
21	para a depressão no aumento desta doença entre os
22	jovens, pois que pessoas tem a depressão mais
23	triste. Para combater a depressão e ajudar na
24	recuperação e preciso um espaço na mídia
25	para que psicólogos da área possam se
26	manifestar e recomendar a doença. É um tipo
27	de depressão que precisa de atendimento específico
28	para uma doença no SUS.
29	
30	

Redação 3 – estudante G – médio

Redação 5 – estudante G – médio

1	
2	A ciência trouxe grande parte da nossa atuali-
3	dade e a parte de ser difícil imaginar como seria o mundo
4	atual sem sua contribuição ao longo do tempo. Parti-
5	cularmente a questão dos medicamentos vem a diminuir
6	a taxa de mortalidade.
7	Muito disso a ciência tem sido a grande res-
8	ponsável pelas transformações tecnológicas que têm suplantado
9	as incógnitas envolvidas em conceitos de maior complexidade.
10	Ademais, a difícil linguagem científica seria um tabu na
11	conversação popular.
12	Em qualquer época, a criação de humanos melho-
13	res é uma grande obra da ciência. Entretanto, é mais
14	uma obra com uma duração ancestral, uma vez que
15	desde antes para sempre a história decide a evolução.
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 6 – estudante G – médio

1	É de conhecimento de todos que o mundo é um
2	lugar de conflitos e de muitas dificuldades. Entretanto, tendo
3	em vista a situação atual, a violação dos direitos huma-
4	nos e as más condições de vida, têm levado milhares de
5	pessoas de diversos países, a uma imigração indesejada.
6	Muito disso, pelas razões existentes, é a falta
7	de recursos que os refugiados não podem pagar pela sua
8	proteção e imigração precária. Todavia, a Europa
9	é uma região que sofre ataques islâmicos, assim cau-
10	sando um grande número de vítimas.
11	Já não podemos lembrar as dificuldades de
12	chegar em certos países, como a Alemanha, a França e a
13	Grã-Bretanha, países que os refugiados sofrem.
14	Ademais, uma reportagem mostra a morte de um mi-
15	lharde de pessoas devido a uma guerra no Iraque.
16	
17	Tendo em vista a situação dos refu-
18	giados e de outros estados que enfrentam a mesma
19	situação, devemos para conscientizar a população, di-
20	versificando como cada um pode contribuir para
21	uma melhoria de vida para esses refugiados.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 7 – estudante G – médio

Hoje muitos acreditam, ao mesmo tempo, que o aborto é um direito fundamental e que a vida humana começa no momento da concepção. Isso gera uma tensão entre os dois valores.

O Brasil não tem uma legislação clara sobre o assunto. A Constituição Federal garante o direito à vida e a liberdade de expressão, mas não especifica quando a vida humana começa. Isso deixa espaço para interpretações diferentes.

No Brasil, o aborto é considerado crime desde a Constituição Federal, em 1988. No entanto, há exceções legais em casos de estupro ou risco à saúde da gestante. Desde 2017, após o julgamento do Caso Fúlgida, o STF decidiu que o aborto é permitido nos primeiros 12 semanas de gravidez sem necessidade de justificativa médica.

Em 2022, houve uma mudança significativa na legislação com o Projeto de Lei nº 326/20, conhecido como "Lei da Anistia". Este projeto visa descriminalizar o aborto em qualquer estágio de desenvolvimento da criança.

Ainda assim, há debates intensos sobre o tema. Alguns defendem a proteção da vida desde a concepção, enquanto outros argumentam pelo direito de escolha da mulher. O Congresso Nacional está atualmente analisando o projeto, com expectativa de votação iminente.

Redação 3 – estudante H – médio

1. Coagula-se com muita frequência nos dias
2. de hoje a disputa entre os conceitos de fa-
3. mília. Ainda que algumas pessoas respiciem
4. o conceito de antigamente outras, possuem e vivem
5. um novo conceito que se tornou há muito
6. tempo de mesmo jeito porém de cores e formas
7. uma família.
8. Embora a lei proteja essas famílias, muitas
9. pessoas não respeitam, não entendem que uma
10. família de homossexuais possui amor um filho mais
11. do que uma família normal, mesmo que tenha
12. filhos não seja do pai porque não o amam
13. como a mãe, enquanto alguns casais geram o
14. filho e não o amam.
15. Quanto mais o tempo passa mais se mo-
16. dalgas são questões de pessoas do mesmo ge-
17. ro se casam e formam uma família e
18. até criam uma criança. Essas pessoas atingem o
19. seu objetivo sem terem nenhum problema
20. pelo motivo porém são preconceituosas e muitas
21. vezes acabam machucando não com a audiência
22. física, mas sim com o psicológico.
23. Ainda que não sejamos pelo mesmo respec-
24. tim essas pessoas homossexuais pois quando se
25. não ama igual a criança respeta o pro-
26. prio, o respeito é uma das coisas mais duras
27. que temos e precisamos usá-lo no mesmo di-
28. -o-ção.
29.
30.

Redação 4 – estudante H – médio

1. Coagula-se com muita frequência a situação
2. de estabulho do desenvolvimento e a revolução indi-
3. vidual no Brasil. Muitas famílias possuem armas de
4. fogo que na maioria das vezes é ilegal perante a lei,
5. algumas possuem essas armas somente para de-
6. fesa própria mas existe algumas dessas pessoas e ocu-
7. param usando para o mal.
8. Normalmente o uso de armas de fogo, só é
9. considerado legal perante a lei quando é usado por
10. profissionais habilitados como a polícia, segurança
11. ou militares. No entanto algumas pessoas desobedi-
12. cam as leis e ilegalmente possuem algum tipo de
13. armas de fogo em sua residência, algumas dessas
14. pessoas usam somente em defesa própria mas tam-
15. bém existem pessoas que usam constantemente para
16. o mal de algumas ou até mesmo em homenagem pró-
17. prio usando para acabar alguns estabelecimentos
18. comerciais ou residências.
19. Dessa maneira é de extrema importância termos
20. um país mais desenvolvido habilitado para
21. que os seus filhos cumpram constantemente a lei
22. e que essas pessoas não usem armas de fogo i-
23. legalmente e nem para o mal, pois cada vez mais
24. cresce a revolução no Brasil e é necessário que
25. tenha um foco sua parte para não haver tanta
26. revolução, ainda mais com o uso ilegal de ar-
27. mas de fogo.
28.
29.
30.

Redação 5 – estudante H – médio

1 Copula-se com muita frequência, a expulsão da Síria
2 nos dias de hoje, podendo ser usada tanto para o bem, quan-
3 to para o mal. No uso para o bem, dá-se a saída de
4 cada nação de uma terra, quando os governos não
5 e para o mal a Síria pode ser usada na expulsão de
6 pessoas de fora, ou de mesmo homem nublado.
7 A principal vantagem da expulsão da Síria, é que
8 dá saída para a nação na expulsão de indivíduos, quando
9 no tratamento de doenças, doenças, como o câncer, e ou-
10 tras muitas doenças, com índice de mortalidade altíssima.
11 Outro modo, os governos que expulsam uma população da
12 Síria, têm uma vantagem a mais para proporcionar im-
13 migração, dando uma saída para os indivíduos.
14 Porém, há muitos os desvantagens, onde uma expulsão
15 da Síria, é usada para o mal, por exemplo na expulsão de
16 pessoas nubladas, como de doenças, praticamente a morte
17 imediata, e também muitas outras de fora que não moram
18 na terra, usando para fora o mal.
19 Em outras, das partes mencionadas anteriormente a
20 Síria, cada dia mais, podendo ser usada no tra-
21 tamento de doenças, que para os mais humanos, podem ser
22 considerados indivíduos. Porém, pode ser usada na expulsão
23 de pessoas de fora e também nubladas, que consequentemente
24 pode ser usada para o mal, como de doenças
25 e outros.
26
27
28
29
30

Redação 6 – estudante H – médio

1 Copula-se com muita frequência, as di-
2 ficuldades dos imigrantes refugiados. Os grupos
3 de refugiados, independentemente do lugar de
4 onde eles venham, sofrem muito. Além disso
5 estão fugindo, existe o risco de morte, que
6 eles estão enfrentando, atravessando as fronte-
7 ras de vários países.
8 De qualquer modo, esses imigrantes es-
9 tão, tentando fugir de um lugar, que não mo-
10 raria dos seus, está enfrentando uma situa-
11 ção difícil, seja uma guerra ou qualquer
12 outro problema que os seus governos es-
13 tarem enfrentando um risco de vida iminente. E
14 estão tentando fugir, a procura de uma
15 qualidade de vida melhor.
16 Além disso, existe também um outro pro-
17 blema, que é alguns governos, de países que
18 esses refugiados estão se abrigando, não acei-
19 tam a entrada desses imigrantes, algumas
20 vezes, os mesmos não sabem para que foram,
21 os exemplos que estão com os imigrantes e
22 abriguem a eles a trabalhar, em troca de
23 algo, como comida e água.
24 Outro modo, é de alguma importância,
25 que cada governo, cada nação de uma
26 nação entenda o problema que eles estão en-
27 frentando e aceite cada um deles, oferecendo-
28 lhes o que é necessário para a sua sobrevivência
29 de cada um ter uma vida melhor, comida, água, etc.
30

Redação 7 – estudante H – médio

1. Coque-se com muita frequência, variação
2. linguísticas, diferentes de uma social, em um
3. mesmo país, encontra-se, muitas vezes, em um
4. quarta, que apesar de falar o mesmo i-
5. dioma, não muito frequente. Assim, existe também
6. o português, causado por essa variação, no-
7. malmente chamado de português linguístico.
8. Em um mesmo país, podemos encontrar
9. varias variações linguísticas, como por exemplo o
10. galego. No país, cada região tem o seu modo de
11. falar, como por exemplo, na região do norte, os
12. pessoas falam de uma maneira, na região sul,
13. de outra maneira, um diferente. Logo, isso
14. intende-se, o que uma pessoa, de outra região
15. que não quer com determinadas palavras, mesmo no
16. mesmo português e não usa palavras na região
17. onde vive.
18. Por, mesmo com tudo isso, ainda existe
19. o português linguístico, causado por essa varia-
20. ção presente na sociedade, um exemplo de
21. tipo de português é quando um vendedor
22. vende a mercadoria no sul, muitas vezes quando co-
23. ta em um comércio, fala alguma palavra que
24. não é usada na região, e chamado de "leitura"
25. e entre outros exemplos do tipo.
26. Outro modo, é de extrema importância,
27. repetir-se o português, no porque de, para
28. uma região que fala diferente de nós, não
29. quer dizer que de está falando errado, na ma-
30. ria do jeito e correto na região onde mora.

Redação 8 – estudante H - médio

1. Coque-se com muita frequência, a
2. questão do aborto, um direito, ou uma proibição.
3. Na maioria das vezes, o ato do aborto, praticado
4. de por adolescentes, onde em alguns casos, tem
5. relações sexuais interrompidas e não usam pre-
6. servativos e consequentemente, acabam engrave-
7. lando. Em outros casos a mulher deu o seu
8. laço e desistiu, a ter relações sexuais, com
9. a pessoa indicada e em momento que não po-
10. dem se defender.
11. Na maioria das vezes, a prática do abor-
12. to é cometida por adolescentes que não tem co-
13. nhecimento muito menos psicológico para
14. ter uma criança que "não" é uma criança
15. independente que por ela não tem responsabilidade
16. quando ela nasce. Para isso é fundamental
17. prever o ato do aborto, em vez de matar a
18. criança e deixar a mãe e o pai a responsável em um
19. estado de desespero.
20. Em outros casos, existe também a pro-
21. ibição indicada, mas que "não" tem de ser
22. realizada, como, por exemplo, o belga, que
23. da pela mulher, ou adolescente, onde a mulher
24. é obrigada a ter relações sexuais, não tem con-
25. dição de criar a criança, pois não é necessário
26. criar bem, que pode ter um direito e não de
27. como modo, é de extrema importância
28. quando forem ter relações sexuais, usar pre-
29. servativos para que não ocorra a gravidez indi-
30. cada e não abortar, pois é crime.

Anexo I – Redações Estudante I – Médio – professora convidada

Redação 1 – estudante I - médio

1	O aborto surge em dia está sendo comum em
2	tudo o mundo, os países praticam o ato
3	sem pensar no mal em que está causando
4	por cometer esse tipo de crime.
5	O aborto acontece, muitas vezes por motivos
6	como: os pais não criaram a situação, por
7	motivos financeiros, por deturbação da mãe ou
8	ela mesma sem pedir ninguém, sem seus
9	religiosos e não se protege e depois que conta-
10	re não querem nada com os consequências
11	que vem surge em seguida de que aconteceu.
12	Hoje em dia os países não são os mesmos
13	na normalidade surge temas um mundo li-
14	zou para que esse país acontecessem com con-
15	sequência não permitiu alguma para essas
16	práticas que praticam o ato de aborto, um
17	ser umente que mundo está se desenvolvendo
18	de no sentido do mal.
19	Atém o ministério da saúde declarou de-
20	ger mais campanhas para conscientizar todos
21	os mulheres a não cometer o ato, mais
22	potência mais disrupção sobre o assunto
23	em redes sociais, e também campanhas na
24	televisão falando sobre o assunto não im-
25	potência mas são países aplicando em meio
26	o sociedade.
27	
28	
29	
30	

Redação 2 – estudante I- médio

1	Sabemos que no Brasil temos muitos dos países
2	sofrem de depressão no entanto, a realidade é
3	atrasada por parte dos pais para melhorar a sa-
4	ludade mais que impede que esse depressão
5	se resolva no dia de hoje.
6	Em média de 13% dos países sofrem com a
7	depressão em todo Brasil, por esse motivo ado-
8	centando com esse doença não podemos com na
9	vida interrompida, mudam seu humor, não com-
10	partimento, ficam desmotivados e a mais por
11	ta de tempo querem fazer o, muitos desses
12	países preferem se isolar e tem uma vida
13	de exclusão com meio a sociedade e se ab-
14	temos muito fácil com motivos.
15	A depressão quando não tratada se torna
16	uma das mais intensas e grande nos países
17	de hoje em dia, o que é comum dos países
18	a cometer o suicídio por a doença também
19	tem doses psicológicas significativas.
20	Temos a ciência, por tanto, que exige-
21	mo a atenção dos pais no meio de vida,
22	de adolescente, precisamos um psicólogo do meio
23	que ajude no caso e que em redes sociais
24	podem ajudar com dicas emocionais
25	para que eles tenham a vontade de se de-
26	com e superar a doença, quem não deve
27	deixar a possibilidade de pessoas com de-
28	pressão não a ajudem mais nos os países
29	e superar a doença.
30	

Redação 3 – estudante I - médio

1 É fato que ao longo do tempo a sociedade
2 tem sofrido alterações e conseqüentemente a
3 ciência também sofreu, com isso sabe-se que
4 o problema da saúde se apresenta com um
5 Em conseqüência disso sabe-se que a ciên-
6 cia pode trazer inúmeros benefícios para a
7 sociedade ajudando assim pessoas portadoras de
8 doenças e surtos que afetam a população, de-
9 monando a taxa de mortalidade, fornecendo me-
10 dicamentos que ajudam a saúde, aplicação de
11 vacinas melhoradas para o uso dos países mu-
12 lidares.

13 Porém, por outro lado pode prejudicar muito a
14 saúde em questão do mau uso desta ferramenta
15 com falsificação de vacinas e uso indevido
16 nos que transmitem perigo como a gripe
17 que se tornou em epidemia que possui a
18 atmosfera com a velocidade e causa
19 danos irreversíveis.

20 Em relação aos fatos mencionados acima
21 deve-se considerar que a ciência tem um pa-
22 pel importante na sociedade e a conscientização
23 desta deve ser estimulada e fortalecida com
24 a prática do tempo e observando melhorias
25 a ciência em constante crescimento que
26 para obter muitos progressos científicos.

Redação 6 – estudante I – médio

1 Sabe-se que os refugiados possuem de
2 todos os direitos fugir para outros estados
3 em busca de melhorias, mas sabe-se que
4 não todos com uma vida a paz e a seguran-
5 ça onde não há a violência no meio
6 onde vivem.

7 Tendo em vista a falta de recursos, de-
8 ve a preocupação de que refugiados em busca
9 de fugir em que tenham uma vida
10 mais segura em busca de melhorias em seus
11 países e em busca de uma vida mais segura.

12 Por outro lado que eles busquem uma vida
13 melhor, não há a possibilidade de mudança
14 em seus países por as dificuldades econô-
15 micas no mundo são inúmeras e não
16 há a possibilidade de fugir para melhorar a vida
17 desses refugiados.

18 A vida é qual viver pode-se dizer
19 que é preciso não só ter uma vida e um
20 lado de uma pessoa mas também a vida
21 não de pessoas qualificadas pela falta de
22 segurança de não ter a segurança para viver
23 uma vida de melhor qualidade em busca de
24 Em conseqüência disso, é preciso que os pa-
25 ses tenham com uma vida com a vida a
26 estes refugiados, ajudando-os de uma forma
27 física que eles possam ter uma vida
28 física e também uma perspectiva de uma
29 vida melhor, viver de todos os direitos no
30 qual eles vivem.

Redação 7 – estudante I – médio

1 E de conhecimento geral que a linguagem
2 linguística não é usada da maneira e que
3 se sabe e que a estrutura dos textos não
4 dá o devido importância e essa estrutura
5 em consequência disso sabe-se que se
6 ocorre a prática de ensino em meio e por
7 plágio, pois uma boa parte dos textos não
8 possuem ideias e estruturas da forma que des
9 criam efeitos e muito também se des
10 isto em meio e exposto.

11 O conhecimento linguístico é muito
12 comum e está por todo lado, uma boa
13 de uma forma direta e indireta onde
14 acontece em meios sociais e também mu
15 na realidade de um mundo virtual em
16 redes, tornando-se uma coisa no qual dizem.

17 Por essas razões a linguagem de
18 sempre é pouco valorizada por não ser
19 tanto do conhecimento quanto do intelec
20 tual e muito-se que se sabe e muito do
21 a esse ponto fazendo com que isso.

22 Logo, o Sistema Educacional Brasileiro
23 deve proporcionar melhores condições no
24 meio linguístico dando a importância
25 de tal linguagem, pois que a educação
26 seja de forma igualitária e ensinar
27 uma parte do conhecimento da população
28 uma cultural.

Redação 8- estudante I - médio

1 Sabe-se que, no mundo atual tem-se
2 uma espécie de exclusão de pessoas como a de
3 do sexo tem uma diferença. É evidente que
4 o assunto é discutido mais não é do
5 o devido importância.

6 Em consequência disso sabe-se que a maior
7 via dos textos nos dias de hoje "desprezando"
8 essas coisas por serem coisas sem importância
9 em consequência disso mais por não se
10 trata de uma qualidade, sem intenção alguma
11 de gerar uma ideia.

12 Pois, sabe-se que quando acontece uma
13 qualidade, entende-se a intenção das pessoas
14 assim por exemplo, sendo por um estudo
15 ou sendo apenas por querer sexual, muitas
16 das vezes não se entende este estudo pois
17 muitas de mais em relação aos pais ou por
18 condições econômicas.

19 Sabe-se também que se acontece em
20 de a ser assim e isso não é respeitado pela
21 sociedade, assim de ser um tipo preconceito por
22 não de melhor dizendo em relação ao sexo
23 com.

24 Em virtude das coisas mencionadas é um
25 ponto que o Ministério da Saúde junto da es
26 tado e da família estão fazendo para re
27 duzir entre mulheres, não existe, sabe-se do
28 ser preconceito considerando os textos para
29 o uso de preconceitos para criar uma
30 qualidade indireta.

Anexo J – Redações Estudante J – Médio – professora investigadora

Redação 1 – estudante J – médio

O aborto é uma técnica de evitar o desenvolvimento de um feto, se utiliza de vários métodos, as mães que realizam em sua própria casa, ou em clínicas clandestinas, são mulheres que põem em risco a vida da mãe além de tirar a vida do feto.

Embora muitas vezes seja questionado socialmente como mulheres que engravidam e tem receio da reação de seus pais, ou mulheres que simplesmente não querem a criança por falta de condições ou mesmo responsabilidade.

A tese defendida por abortistas é a expressão que o corpo é da mulher, desta forma ela tem o direito de fazer o que bem entende com ele.

Os direitos humanos preveem em lei o direito a vida a toda ser humano, então não se pode a mãe da criança o direito da vida da criança, quem aborta está cometendo um crime, violando o direito a vida da criança.

A técnica de aborto pode ser executada com o auxílio da lei de far a evitar transtornos a um nascituro que foi interrompido, ou se a criança não tem chance de nascer viva, e se a gestante da mesma forma ameaçar a vida da mãe.

Redação 2 – estudante J – médio

O modelo de família tradicional não deve ser destruído, o sistema de pai, mãe e filhos é a base da sociedade, e de acordo com as instituições católicas, evangélicas, cristãs em geral não é aprovado outro modelo familiar.

Existem pais separados ou divorciados mas estes não rompem as relações de uma relação entre um homem e uma mulher, entretanto existem novos modelos como casais homossexuais, para uma família se desenvolver é necessário que haja amor, afeto entre seus componentes, de fato não existe nenhum modelo de família que poderia não dar certo neste requisito.

Até mesmo diante da lei que rege o nosso país é permitido, tanto porque a reprodução de fato as instituições religiosas devem ser respeitadas e as pessoas com duas esposas também, entretanto não seria possível ter esta união dentro de uma igreja, sendo ela homossexual.

Porém, o governo deve tomar medidas para prevenir o desentendimento entre os futuros pais, não se deve deixar em guarda uma criança na mão de dois homens, pois esta criança irá sofrer alguma alteração, assim de desvio do princípio religioso, que tem origem divina no futuro.

Redação 3 – estudante J – médio

1 um dos diversos fatores que geram a
2 depressão entre os jovens é o isolamento, devido
3 ao intenso acesso às redes sociais, tendo
4 em vista serem pessoas perfeitamente dinâmicas das
5 outras para terem curiosidade em suas
6 fotos e posts.
7
8 Estes adolescentes desviam para suas
9 famílias, dos estudos, e tem um bom compor-
10 tamento, não sendo compreendidos pelos mesmos
11 que estão em constante mudança devido
12 à pressão que estão sofrendo, buscam o
13 refúgio nas redes sociais, como forma
14 de entretenimento.
15
16 Mas como está a situação social
17 para eles, em concepção geral, eles terminam
18 de acordo e sendo imputados para
19 ter a percepção baseada nas redes sociais
20 investindo assim suas energias nisto, e
21 esquecendo de viver realmente a vida
22 com interação física entre os seus
23 familiares e amigos.
24
25 Políticas públicas como o caso
26 dos municípios devem ser melhoradas,
27 nas escolas públicas sobre motivação,
28 sobre como estes jovens podem explorar
29 suas melhores habilidades, instruir as
30 famílias a terem maiores diálogos, assim
31 o jovem não se desmotiva, se acalora e
32 não busca a aceitação dos outros.

Redação 4 – estudante J – médio

1 devemos ter os meios para controle de acesso
2 a alguém que pretende contra nossa vida, em uma
3 sociedade em que os índices de violência estão cada
4 vez maiores, uma arma pode fornecer uma
5 alternativa a mais para os cidadãos, embora não
6 todos estejam aptos a portar armamentos.
7
8 No Brasil temos uma grande tendência a
9 desarmamento, devido a nossos governantes não aceitarem
10 a população civil, pelo presente momento, o porte de
11 arma de fogo, mesmo com uma legislação estrita
12 que teve em 2005, em que o povo começou a
13 falar de terem porte e porte de armas, o
14 governo não aprovou completamente o porte
15 a todos.
16
17 Embora o governo poder estar se equivocando
18 ao supor que armas tornariam a sociedade
19 mais segura, países como o Estados Unidos tem
20 o porte liberado e baixos índices de violência
21 no entanto existe muitos especialistas de combater
22 a violência, com educação social e leis que
23 favoreçam o trabalho de novas forças de
24 segurança.
25
26 Uma arma não pode estar em mãos
27 despreparadas, o governo deve tomar iniciativa
28 de preparar os que têm acesso com mais
29 rigor aos instrutores e mais projetos de educação
30 social na população com porte em
31 mãos, e proporcionar também a quem for
32 preparado e tiver interesse de ter sua arma,
33 providendo assim a todos da sociedade.

LXVII

Redação 6 – estudante J – médio

Redação 7 – estudante J – médio

1 A língua portuguesa Brasileira, é um das
2 mais ricas, complexas e compostas idiomas falados
3 e escritos no mundo, e é preciso a salvaguarda
4 da mesma em seus diversos usos e formas, porque
5 que utilizamos como base fidedigna a sua variedade
6 Regional, tendem a sofrer preconceitos por parte
7 de pessoas arrogantes que supõem dominar o "portu-
8 gues superior".

9 Contudo existe a forma base do português
10 a norma culta, que devem ter as suas variações
11 variadas por regiões, idade, grupo social, etc. deve
12 existir a norma padrão para usos explícitos
13 em situações formais e em provas para facilitar
14 a comunicação e compreensão de todos, facilitando
15 seu aprendizado e consequentemente o uso.

16 No tocante as variedades faladas e escritas
17 não devemos compreendê-las em sua origem de
18 origem, mas não privar a ela título de origem
19 ou inferior aos outros, ao contrário de uma
20 identidade única as mesmas, relegando ao presen-
21 te em exemplo a região sulista com a variedade
22 existem alguns inconvenientes.

23 Tendo em vista estas proposições, as institui-
24 ções familiares devem de atentar em relação
25 a educação, na ensino da fonologia e gramática,
26 do português com suas variedades, principalmente
27 na ensino base onde as crianças e jovens devem
28 ter introdução de variedades de escrita e fala, e a
29 norma culta, sua gramática, deixando assim de
30 fazer preconceitos, distinções futuristas.

Redação 8 – estudante J - médio

1 O aborto tornou-se uma opção a mulher
2 nos que se encontram despreparadas ou incapazes
3 de ser mãe, no entanto a religião e a lei, no
4 caso do Brasil, não permite tais atos, o direito
5 de um ser humano acaba quando o do seu
6 próximo começa, mesmo sendo em seu direito
7 das leis.

8 A sociedade Brasileira em grande parte, não
9 concorda com o aborto, caracterizada em
10 conservadores da família, religiosos, todavia, onde
11 se encontra o direito a liberdade individual
12 e coletiva das mulheres, o corpo é a decisão
13 de aborto e dela, de fato, este assunto gera
14 uma impasse penal de direitos.

15 Tendo em vista também a consideração
16 religiosa que somos livres, livre arbítrio de
17 viver que o Senhor nos deu, católicos em exemplo
18, contudo existem restrições, pois a religião dos
19 não matar, e na lei de direitos humanos se
20 tem o direito a vida como principal, sobrepõe a
21 todos os outros.

22 Neste contexto é sugestivo que, as auto-
23 ridades da esfera política e religiosa se unam
24 com o propósito de incentivar as mulheres
25 a procurar apoio em casos especializados, e as
26 famílias devem alertar, para promover a
27 instrução necessária da decisão que se
28 deve tomar, tendo assim um controle con-
29 dante para a mulher e a criança em for-
30 mação.

Anexo K – Redações Estudante K – Médio – professora investigadora

Redação 1 – estudante K - médio

1 um assunto muito polêmico e, certamente, muito
2 controverso e a questão do aborto, de fato, é um as-
3 sunto que quando colocado em discussão, gera
4 e divide opiniões, mais ainda de certos e deter-
5 minados. Ser um direito para as mulheres, ou de-
6 ria ser proibido? As mulheres têm esse direito de
7 decidir? E em quais casos? São realmente mu-
8 tas as questões levantadas quando se fala de
9 aborto.
10 Embora, no Brasil, o aborto seja permitido
11 nas raras em que a mulher, tenha sido vítima
12 de abuso sexual, ou se a criança for incipiente,
13 ou seja, não tenha o cérebro, cabendo à mulher
14 a decisão; muitas mulheres fora destes requisitos
15 cometem o aborto em clínicas clandestinas, sem
16 a menor estrutura, arriscando suas próprias
17 vidas. Porém o que dá o direito a estas mulhe-
18 res, de tirar a vida de um ser vivo? Muitas
19 alegam que não estão preparadas para serem
20 mães, ou que não vão dar para suas vidas
21 para cuidar de uma criança, mas será que
22 essas respostas ainda são? acutas, mais mun-
23 do tão informada e globalizada, com tantas
24 formas de contracepção que existem.
25 Contudo, cabe a sociedade, e cada um dos
26 seus, se tem esse direito, ou não, precisa-
27 se ter ética e princípios morais para decidir,
28 sim ou não ao aborto.
29
30

Redação 2 – estudante K – médio

1 Os adolescentes dos dias de hoje são mais
2 desprezados e odiados - é que apesar da fase da
3 adolescência em si, seja complexa, na depressão
4 uma doença de todos os tempos, por que a homi-
5 nagem, sempre esteve exposta a este problema emocional-
6 espiritual, a forma de hoje é mais vulnerável a tudo de
7 pressão.
8 Ainda me resta que o período que estão ge-
9 ralmente passando de desenvolvimento: mudanças, tem mais
10 responsabilidades, e lidam com ideias de condu-
11 ta, ética, valores. Eles tem insegurança quanto ao
12 futuro e vivem acutas na sociedade, a ter liberdade,
13 eles tem mais informação do que a forma de anti-
14 gamente, a que pode atordoar a quem ainda não
15 tem tanta capacidade psicológica.
16 É por passarem por tantas situações, eles tem
17 suas tristezas, mais quando a tristeza é constante
18 e começa atrapalhar a vida e não tem um moti-
19 vo específico pode ser depressão, e isto é pericu-
20 loso pois são coisas sérias, e muitas vezes
21 tem a ver com de suas famílias por tudo, mas a
22 depressão é uma doença que pode levar o adolescen-
23 te a perder de sua própria vida.
24 Ainda lembrando que a depressão é um pro-
25 blema social, cabe as famílias, amigos, escola ter mais
26 atenção em seus filhos, acutas a fase para apoiar e en-
27 tregar o adolescente, pois cada um sabe suas dificuldades
28 e com ajuda familiar, médica as entende e passa as
29 palavras, procurando a cura, pois que o adolescente
30 das dias de hoje não sabe mais lidar sozinho.

Redação 3 – estudante K – médio

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Hoje dias de hoje a concepção de família mudou drasticamente, que a família é a célula da sociedade e que estas novas formas de conjunções de milhões de famílias parte da mesma realidade há muito tempo.

Em 2011 o Senado aprovou a união estável entre casais do mesmo sexo, apesar das muitas limitações ainda impostas a estes casais, é cada vez mais comum a adoção de crianças por estas casais homossexuais.

Por estas famílias serem consideradas "diferentes" podem ser vistas como não válidas, visto que crianças adotadas por estas famílias, podem sofrer intolerância na escola, na vida, por outra lado, podem ser a sua presença mais feliz.

O que mudou é uma quela da tradicional em um novo, onde se é mais aberto, segue padrões, a se seguir, mas pode se considerar marginal estas famílias, por não seguirem o padrão mais antigo.

Justa que a multiplicidade da mundo é cada vez mais instável, basta as famílias e as crianças, buscarem informação, e criarem injustas em políticas para informar pois esta é a maior arma para a preconceito, pois não é fácil desistir um pouco contraigido e talu, um novo a cidade, mas com o apoio da célula que é a família que se busca a solução.

Redação 4 – estudante K – médio

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

O Brasil é um país de muita violência. O que acaba levando ao desejo de justiça com as próprias mãos, cidadãos se armam com o intuito de se protegerem, mas quem deve proteção há sociedade não é o estado.

Proteção a vida é um direito de todos, mas um país armado, não poderia ser uma terra sem lei, tendo um justo que nem todos tem capacidade de psicológica para possuir uma arma.

Entretanto um indivíduo adquire uma arma de forma fácil e legal, há pouco a culpa a ideia de segurança, no entanto alguém sem capacidade de que a arma e comete um crime, causa esta das muitas tragédias em nosso país.

Tantidade das armas de desarmamento, a guerra permite a posse e a parte de armas os cidadãos poderiam se proteger, mas também coloca armas na mão de quem as usam: para que se a vontade é o país não mais uma vez a culpa, pois armas são armas.

Tendo um justo os benefícios e maléficos que uma arma pode nos trazer, basta as que quem, injusta mais um políticas públicas, para a segurança, para que a sociedade tenha proteção mais do que um maior que é a vida e o Brasil não seja mais tão violento.

Redação 5 – estudante K – médio

1 de cada dia a ciência tem melhorando e
2 prolongando a vida da nossa sociedade. Contudo a
3 parte de suas conquistas da também traz seus mali-
4 fícios, pois a sociedade se medica e a ciência a
5 compunha.
6 Contudo sua difícil linguagem ou de
7 sua com costumes e crenças, a distância um pou-
8 co, da população, que muitas vezes não na ciência
9 um assunto de pessoas ricas, ou de matriculas
10 de televisão ou ainda uma ferramenta para a mal.
11 Todavia a ciência tem um lado muito ge-
12 ti, com todos seus estudos sobre instrumentos mé-
13 dicos, agricultura, biotecnologia trazem mudanças
14 que afetam todos sem exceção um mesmo atuali-
15 dade, mudanças nunca imaginadas.
16 Logo a ciência mostra ao homem que
17 ele pode mais, e esse sentimento de poder pode
18 ser com que ele seja usado de forma ambigua-
19 sa, como aumentar o poder bélico de um país
20 só para mostrar sua hegemonia.
21 Se este problema é o seguinte: a
22 a ciência é o que o homem a faz dela,
23 é preciso uma linguagem mais acessível,
24 para a maioria mais que distanciar, e se usa-
25 da de forma correta, para ele continuar
26 melhorando e prolongando a vida, pois a ciên-
27 cia é um poder da nossa humanidade.
28
29
30

Redação 6 – estudante K – médio

1 O Brasil tem disputando cada vez mais o
2 Mas os olhos não são só de impiedosos ou timi-
3 tos que querem apagar as luzes e as migrações de massa
4 mas, são também de imigrantes que dirigem problemas eco-
5 nômicos e sociais procurando refúgio em outros países.
6 Além da procura por melhores condições de vida
7 que estes imigrantes imprimem por terem uma vida mais su-
8 mana, pedem também obstáculos quando encontram um
9 refúgio, a não aceitação, já é complicada começar a vida
10 em um lugar totalmente diferente e pior ainda sem ajuda.
11 É fácil perceber que a guerra de imigrantes é constante
12 e dessa forma muitas ocorrem que isto pode ser prejudi-
13 cial ao país, como a falta de drogas ou facilidade de
14 ser um tráfego para o país, mais que isto se tem tentado
15 de criminosos e que são com que eles não possam dirigir
16 o espaço como os próprios.
17 Todavia os refugiados tem muito a nos ensinar
18 em nossa sociedade, tanto culturalmente como social-
19 mente, eles nos ensinam mais coisas pois todos tem di-
20 culdade a uma vida digna, não só o Brasil mas todos
21 os países devem humanizar a forma como vivem.
22 Assim o governo deve investir na qualificação
23 das gentes, pois que esta migração não seja il-
24 gal e que dificulte a ação do governo, seja ajudando
25 a procurar as gentes, feitas campanhas para dar
26 os mesmos a sociedade, imigrantes imigrantes a
27 imigrantes para que não seja um país de não imi-
28 grante e tenham seus direitos, logo o Brasil precisa ter
29 a todos os olhos que disputa a
30

Redação 7 – estudante K – médio

1 O preconceito linguístico cria muitas mais
2 na sociedade brasileira de o Brasil é um país que tem
3 muitas variedades linguísticas, devido a fatores históricos,
4 culturais, sociais há muitas pre-juízos sobre a for-
5 ma de falar e da uso da língua em situações sociais.
6 Em nossa região a português é a idioma oficial,
7 porém dentro dele a grande variedade na forma de falar,
8 a língua ganha várias formas, que ~~na~~ é uma língua que
9 ganhou, constituída por padrões intencionais como "ca-
10 rutos" há uma má acatância sobre modos de falar.
11 Sob este prisma, pessoas que não falam da
12 forma considerada correta acabam por serem consi-
13 deradas sem intencionalidade, ignorantes, sem cultura e
14 recebem preconceitos por sua forma de falar, um ma-
15 ma pre-juizosa.
16 Exemplo disso são os merendeiros que sofrem
17 discriminação por sua forma de falar, porém não há
18 na língua, ou forma ou variedade linguística. É na
19 língua que a cultura, e constantemente a língua por-
20 tuguês é ampliada e é acrescentada novas formas.
21 É por isso que a língua pode-se diver-
22 sificar e aplicar simples, que não está uma su-
23 perior a outra, e quando divergirem em compo-
24 sas e nas escolas há a tendência de se julgar diver-
25 sas variedades linguísticas, para que não seja
26 mas uma das variedades da nossa sociedade.
27
28
29
30

Redação 8 – estudante K - médio

1 São que estamos perdendo nossos valores, de mi-
2 oim que queremos é bom pensar para si pensar, quis-
3 como a do aborto podem ser dados como matriculas? e abor-
4 to pode ser legalizado? ou não isto está acima de nós
5 sem precisar tomar decisões.
6 De fato é difícil opinar assuntos tão tabu e de
7 opiniões contrárias em nossa sociedade, porém a abor-
8 to já pode ser considerada um problema de saúde pública,
9 tendo em vista que uma em cada 5 mulheres já abortou ou
10 vai abortar, ao longo da idade, e que gradualmente esses pro-
11 cedimentos são feitos em clínicas clandestinas podendo li-
12 çar a mulher a morte.
13 Nessa área, não é uma questão de privacidade e mu-
14 lher de seu comportamento sexual, e nem existem milhões por
15 se aplicar, muitas vezes da mãe está preparada, psicologi-
16 camente nem uma criminalmente, mas tem motivações para
17 se matar, há também uma desigualdade de gênero pois
18 a mulher é a marginalizada pela sociedade e a educação da
19 criança, e a gestação pode ser feita de um estupro.
20 Todavia legalizar o aborto pode estar em um pe-
21 rigo mais alto do que os considerados por muitos pe-
22 losos, há questões de religiosidade, medicina, e uma re-
23 da que está sendo interrompida e todos têm direito a
24 vida, uma vez que já pode-se ouvir a batidinha da ca-
25 ração da mãe e a imagem da gestação e se a criança
26 não quer um acréscimo de duas pessoas por adoção.
27 Assim a gestação, a família e a sociedade diver-
28 gem e assim a vida e a morte são legalizadas em casos de
29 aborto, principalmente, educação de qualidade e assistência so-
30 cial, a mulher não precisa e com consciência má, pode decidir.

Anexo L – Redações Estudante L – Médio – pofesora investigadora

Redação 1 – estudante L - médio

1 O aborto é um caso muito sério e importante de se
2 falar, ao falar do aborto a pessoa está falando de um
3 ser humano, de um inocente, que não pode fazer nada
4 além de esperar a decisão de sua mãe, que
5 não escutei se quer o que esse ser venha ao mundo
6 além das "fórmulas".
7 Muitos costumam complicar falar sobre o aborto, dizem que é
8 uma coisa do outro mundo, mas na verdade não é
9 nada disso pois o aborto é, dele e sempre dele,
10 que se usa uma piluleta, um remédio para, um lixão.
11 Quando você decide abortar (parar) seu filho, você não
12 está tratando somente uma pessoa, se fôrmos mais que
13 isso, é seu filho, vem de dentro de você, é um ser
14 e um amigo, que não tem nem como se defender.
15 Você está fazendo o mal para si mesmo.
16 Antes de você pensar em abortar, pense antes de
17 dar a vida em se gestar, se você não quer ter um
18 filho, em um ato sexual se preserve ao máximo,
19 é uma maneira das vezes no caso do aborto,
20 a mulher engravidar por causa de erros, principalmente
21 mas se você não quer que o filho, você tenha e a
22 culpa é toda sua, não é do outro, não é do mundo.
23 Mas como ninguém manda na vida dos outros
24 cada um faz o que quer e a que pensa a vida é
25 sua e a consciência também, mas como todos sabemos
26 o aborto é uma piluleta e também, na minha opinião
27 um lixão horrível.
28
29
30

Redação 2 – estudante L – médio

1 Pode-se dizer que a depressão é uma coisa que
2 nem toda mundo tem, a depressão, é uma doen-
3 ça que algumas pessoas podem ter, que são pessoas
4 que não se integram com a sociedade, no seu
5 dia-a-dia.
6 Mas na verdade a depressão é uma coisa que
7 pode acontecer com qualquer pessoa, não só com
8 as com aqueles ou aquelas, que se integram com os
9 pessoas, mas sim também com aqueles que fala com todo
10 mundo, a depressão não é só a pessoa que vai ataca-
11 A depressão é uma doença muito séria, que pode
12 até levar a morte. Segundo a Organização Mundial
13 da Saúde, 13% dos habitantes sofrem de depressão, que
14 é um número muito alto. Alguns casos que podem levar
15 a depressão é ansiedade, vício em redes sociais, a família.
16 Também tem os sintomas da depressão que são
17 vários como o isolamento, isolamento da sociedade, o
18 uso de drogas, a perda de interesse, que é um dos
19 sinais, e o que pode ser o pior, e até mesmo é
20 a morte, o suicídio.
21 Mas sim, tem como prevenir a depressão, a coisa
22 que é a ajuda de amigos, tentar se integrar a sociedade,
23 o principal que é a coisa familiar, e para o caso das
24 que ficam isoladas, o governo pode ajudar com programas
25 sociais como ludotecas, futebol, esporte pelo governo
26 para que essas crianças e adolescentes, saiam de casa
27 e se tornem mais felizes, e com mais desenvolvimento.
28
29
30

Redação 3 – estudante L – médio

1 Na maioria das vezes, uma família é formada
2 feita por heterossexuais, que é um homem e
3 uma mulher. Mas de acordo com a lei criada desde
4 2003, duas pessoas do mesmo sexo pode se casar e
5 constituir sua família.
6 Parece-se que via sociedade, o aceitável pelo
7 povo, é o casal, homem e mulher, de sexos diferen-
8 tes. Porém, com as mudanças que a sociedade vem tendo
9 nesses anos, as pessoas estão cada vez mais se acostumando
10 com os casais de mesmo sexo.
11 Muitas pessoas falam, afirmam, que uma família
12 é feita por pessoas de mesmo sexo, depois da criação da
13 criança, ela ~~está~~ tem o mesmo carinho e amor
14 que os pais heterossexuais dão a essa criança,
15 por que são de sexos iguais.
16 Desde 2007, quando foi legitimado a adoção para
17 casais de mesmo sexo, no entanto, pesquisas com
18 mostram que as crianças tem o mesmo amor e carinho,
19 podendo ter até mais, que tem com pais heterossexuais
20 tem com os de mesmo sexo.
21 Assim, pode-se perceber que a ideia de que
22 as pessoas os casais gays estão cada vez mais sendo acei-
23 tos pela sociedade, e com a ajuda do governo
24 crianças têm, que podem ser melhorando a se-
25 mantendo esse respeito.
26
27
28
29
30

Redação 4 – estudante L – médio

1 No Brasil, o acesso para o desenvolvimento, está cada
2 vez ficando mais importante para a população brasileira. De
3 acordo com a Instituta de Segurança Pública, no primeiro trimestre
4 deste ano, foram apreendidos no Rio 2.441 armas, sendo
5 o acesso fácil de armas legais por causa inúmeros homicídios.
6 De acordo com os parlamentares, que defendem a
7 liberdade de expressão e o direito de auto defesa, dessa for-
8 ma o cidadão que anda armado, ele está apenas no direito
9 de sua própria defesa, que em caso de algum malvado ou
10 sequestro, ele armado tem o total direito de se defender
11 e conservar a sua própria vida, sem o direito de matar.
12 Mas, com o direito de andar armado, o cidadão
13 não tem os mesmos direitos que aquela que não está arma-
14 do, pois de armado vai gerar violência e violência causa
15 violência, causa morte. Entretanto, com a aceitação as
16 parte de armas, não vai ser uma boa coisa para a popula-
17 ção.
18 De certa forma, a aceitação iria ajudar e prejudicar
19 a população brasileira, o cidadão não se auto defende
20 mas também não seria todos que poderia ter a parte de
21 armas, por exemplo uma pessoa com distúrbio, mental
22 não poderia possuir uma arma.
23 Dessa forma o governo poderia ajudar de
24 alguma maneira, como projetos para que as pessoas auto
25 vigantes com autorizações, poderia ter a parte de arma, porém
26 que não possuíssem nenhum tipo de deficiência em algu-
27 do tipo.
28
29
30

Redação 5 – estudante L – médio

1 A ciência e a humanidade se relacionam uma
2 com a outra, de uma ajuda a outra para cada vez
3 melhorar, mais ainda. De modo que a humanidade
4 se vai crescendo a ciência vai evoluindo muito, uma
5 em função da outra.

6 Ao longo do tempo as duas têm sofrido alterações,
7 porém a ciência a cada dia que se passa tem evoluindo
8 muito, mais em relação a sociedade, entretanto ela não
9 consegue evoluir de uma forma tão grande sem a
10 ajuda da ser humano.

11 A humanidade consegue viver e evoluir
12 sem a ajuda da ciência, sem contudo a evolução
13 seria mais lenta e "fria", pois a ciência consegue
14 realizar descobertas científicas que melhoram a qualidade
15 de vida.

16 Dessa forma a ciência não só ajuda no crescimento
17 da humanidade, podendo criar a era das armas, nuclear
18 as, que é 100% ciência, e pode levar milhões de mor-
19 tes. Mas também ajuda muito, como a fabricação de remédios,
20 que ajuda em muitas doenças, muitos.

21 Logo, os países podem investir mais na
22 ciência, mas investimentos altos, que poderiam ajudar
23 mais as pessoas, como a fabricação de remédios
24 melhores, melhores e mais em fabricação de armas
25 químicas, que pode levar a morte.

Redação 6 – estudante L – médio

1 Ao pensar dos anos, a número de refugiados imi-
2 grantes está aumentando cada vez mais, e há países
3 países dando abrigo a esses imigrantes, porém quanto mais
4 aumenta a número de imigrantes, refugiados, os problemas
5 das também aumentam.

6 Esses imigrantes, ao sair de seus países, que
7 estão em grandes constantes, cheios de dificuldades,
8 eles saem de lá buscando uma melhor vida em
9 seus países, como paz, liberdade, vontade de
10 viver, sem se preocupar com a morte a todo tempo.

11 Porém, ao fugir de seus países, normalmente de seus
12 países esses países, não sabem quais problemas, por
13 exemplo, não tem trabalho de fulgor, não são fáceis, eles
14 não tem segurança de primeira, pensam fome, doenças,
15 etc. A dificuldade é enorme.

16 Os imigrantes, ao chegar em países que é alguns
17 eles não se dão conta de trabalho, paz e país, mas não se
18 dão conta de uma vida melhor, de trabalho, estudos, etc.
19 Contudo, tem dificuldades para aprender a língua, com
20 costumes, culturas diferentes dos seus, além dos problemas
21 de xenofobia, racismo, etc.

22 Dessa forma, com a número de imigrantes, refu-
23 gados e os problemas aumentando. Os países poderiam se
24 organizar e poder ajudar, fazendo mais abrigo e
25 dando oportunidades de trabalho, para esses países ensinar
26 um a outro, como: língua, cultura, etc. e também tentar

Redação 7- estudante L – médio

1 A Variação linguística está presente em todo
2 o Brasil, por exemplo, em quase todos os estados brasileiros,
3 as pessoas falam de um modo, em outro um outro
4 modo, muitas vezes usam formas um pouco diferentes,
5 e um dia e assim, uma Variação.
6 Ao falarmos que a Variação linguística "é" um
7 modo modo de falar, um dia "Estamos conhecendo um
8 "processo linguístico", mas a fim de falar de falar, há
9 os de idiomas de, muito, mas é um, e os apenas emigra
10 com a mesma cultura, a língua portuguesa.
11 Contudo, esses diferentes modos de falar variam
12 um país inteiro, também atapalia um pouco
13 a comunicação das pessoas de diferentes regiões, pois
14 cada "fala" tem um sentido diferente, alguns que
15 é falado.
16 Esses diferentes modos de falar, é facilmente
17 observados no Brasil, pois em Variação é imensa.
18 Praticamente, em cada estado brasileiro, tem um modo
19 linguístico de se falar, porém isso não altera uma
20 linguagem brasileira, e apenas "modos diferentes" de se falar.
21 Dessa forma, a Variação linguística no
22 Brasil, já faz parte do nosso dia a dia, para
23 que os brasileiros entendam, e governo poderia
24 oficializar, os modos diferentes de se falar, como uma
25 parte da fala brasileira.
26
27
28
29
30

Redação 8 – estudante L - médio

1 A falamos de aborto, estamos falando de
2 um crime ou de uma consequência, que pode se
3 dizer "legal", que é comum e qualquer mulher pode dizer
4 eu. De acordo com dados, em 2015, o número de abortos
5 é de 503 mil, que é um número, muito alto.
6 Segundo a lei da Constituição Federal, todos
7 não temos o direito a vida, porém, a vida do aborto
8 dependendo do motivo, pode-se usar ou não um crime,
9 e sem a total liberdade de mulher escolher se quer
10 ou não, mas não aquela que vive.
11 O aborto é considerado um crime, pois quem o
12 aborta está espedindo por um ser vivo, incapaz
13 de se pronunciar, mas que é um ser humano
14 igualmente a todos nós, e tem o seu total di
15 nito de vida.
16 Contudo, a mulher quanto aborta, ela tem
17 um os seus motivos, e também tem os seus
18 direitos, pois o feto é dela, e está dentro dela
19 e ela pode escolher se quer ou não, da a vida
20 e o direito de vida, aquele simples inocente.
21 Portanto, como para alguns o aborto é uma possi
22 ção e para outros um crime, e na constituição, temos
23 o direito a vida, mas com "exceções", então, o governo
24 poderia aprovar uma lei, simples e direta, depend
25 do de qualquer seja o motivo do aborto, se o aborto é
26 um crime ou não crime.
27
28
29
30

Anexo M – Redações Estudante M – Fraco – professora convidada

Redação 1 – estudante M - médio

1	O aborto: um direito ou uma proibição
2	O aborto, em casos extremos de mulheres,
3	que foram estupradas, deveria ser um direito,
4	pois que geram um "bebê" que não foi pela
5	deixação, e a força sem o consentimento da
6	vítima, a mulher deveria ter o direito de
7	escolher em abortar, isso seria uma escolha
8	da mulher.
9	A proibição deveria vir o partir de quando as
10	mulheres que não se preservam, e escolhem
11	o aborto como recurso de não continuar a
12	gravidez. Deveria existir uma lei onde se
13	poderia fazer o aborto, como ajuda de
14	médicos e psicólogos para ajudar a
15	mulher, a entender a situação que ela
16	passa, e ajudar na decisão final de
17	escolher se continuaria com a gravidez, ou
18	não. A mulher é quem escolhe com quem tem
19	relações, e o geram um "bebê" que tenha
20	a ser com quem ela escolheu, e não a
21	força e violência como acontece em muitos
22	casos na sociedade.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 2 – estudante M - fraco

1	O aumento da depressão entre os jovens no
2	Brasil, ao longo dos anos, esse número vem
3	aumentando, devido a forma que os pais educam
4	seus filhos. Tem-se em vista como uma das causas
5	o individualismo não atendido, uso de drogas e
6	entropimentos também um fator da doença.
7	Além disso, observa-se que pelo mal da depressão
8	é o que mais leva o adolescente a cometer o ato
9	de suicídio, uma vez que não sabe descobrir a
10	causa em imediato, e por isso continua ignorando
11	seu estado emocional, e afetando, seu status em
12	uma sociedade. Tem-se em vista desde cedo os
13	pais deixarem educar seus filhos com muita
14	rigidez e atitudes comportamentais, após sofrer
15	de a depressão, tem-se logo suicídio e por isso a
16	intensidade da doença.
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 3 – estudante M – fraco

1	Com o passar do tempo, a forma como as famílias
2	começaram a mudar de comportamento, já não são
3	mais consideradas como antes com tanta moder-
4	ação, nemham adotando coisas que se torn-
5	aram mais aceitáveis como a união entre dois
6	homens e duas mulheres que agora está sendo
7	mais aceita porque antigamente o padrão de
8	família era o pai e a mãe e os filhos e ficando
9	sem um qualquer familiar.
10	Muitas famílias homossexuais têm filhos
11	por meio da adoção que não é um processo
12	mais simples comparando no que se trata mais tem
13	alguns homossexuais que optam por ter filhos de
14	algum modo, mesmo que não seja.
15	As famílias homossexuais não são as mesmas que
16	seus filhos são homossexuais e nemham relação
17	de um de sexo, um qualquer os pais e os filhos
18	adotam eles como adotivos e não como filhos.
19	As pessoas que vivem em meios homossexuais
20	são mais tolerantes e respeitam a diversidade
21	de todos os seres que vivem em sociedade.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 4 – estudante M – fraco

1	A legalização de armas no Brasil, levava
2	a população a uma situação ainda mais de
3	inssegurança, um meio da civilização.
4	No Brasil, a violência tem sido cada vez
5	mais aumentando, e a taxa de homicídios
6	a cada momento se aumentando, principal-
7	mente nas cidades grandes. Isso seria
8	evitado se houve-se mais afeto e liberação
9	de todos para cada estado, sendo assim
10	a diminuição da violência no país e com
11	isso não a legalização de armas no Brasil.
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 5- estudante M - fraco

1 A ciência tem um papel fundamental na sociedade,
2 e vem evoluindo com o passar dos tempos. Em
3 pleno século XXI, tem países que usam a influência da
4 ciência para construção de novas tecnologias,
5 pesquisas, pois bem os países de usar em seus
6 setores tecnológicos e ciência, para estudar a população,
7 na causa de doenças imensas, preferem estar à
8 espera de outros países que não tenham. E os
9 avanços tão grandes da ciência ainda tem países
10 que não investem na área da saúde, no desenvol-
11 vimento de técnicas para doenças que não tem
12 cura ou ainda não tem medicamentos. Muitos
13 pesquisadores afirmam que empresas, medici-
14 nas de países não avançam de pesquisas de
15 doenças por causa que não possuem medicamento
16 ou quaisquer outra forma de avanço e lesão, com
17 um alto custo de seus medicamentos,
18 remédios, consultas entre outros, sendo que
19 seria um bom investimento para a sociedade,
20 reduzindo a taxa de óbitos e a superlotação
21 em hospitais.
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 6 – estudante M – fraco

1 O número de imigrantes em outros países
2 vem aumentando cada vez mais, porque imi-
3 grantes pessoas estão insatisfeitas com o país que
4 estão vivendo em seus países de origem, devido
5 de uma crise econômica que já dura anos.
6 Centenas de refugiados estão em busca
7 de condições de vida melhor, a paz que muitos
8 procuram de não ouvir sons de tiros diariamen-
9 te, de famílias civis de países vizinhos em
10 conflitos, todos procuram um só lugar onde
11 possam viver com suas famílias em paz.
12 Em um momento abito por milhares de
13 pessoas que a maioria passa por dificuldades,
14 por que não um país, aceitar cidadãos de outros
15 lugares, dar abrigo, oportunidades de
16 desenvolver a vida, principalmente de países
17 em conflitos, o limite é desconhecido quando
18 para um bom motivo a vida.
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 7 – estudante M – fraco

1	Há tempos, muitos citam o Brasil como
2	um país que tem uma variação linguística
3	bastante presente no idioma português, mesmo
4	que essa variação muda de cada região, ainda
5	que falando o mesmo idioma, existe uma diferença
6	que é o sotaque, um sotaque diferente, se mostra
7	com preconceito e indiferença.
8	Mais a cada variação por região o falar
9	de cada ser e fim de presença, qualquer
10	criação mostra sua forma de expressão sem
11	as mesmas mostram vergonha, sendo quem
12	realmente são, sem medo de serem felizes.
13	O começo de uma variação de linguagem
14	respeitada, seria o começo das escolas, e
15	mesmo tendo de cada que cada região
16	possui um modo de falar diferente e que
17	merece respeito por causa da forma que um
18	ser foi crescendo ao ver, ouvir, a forma
19	de quem está ao seu redor, aprendendo seu
20	modo de falar.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 8 – estudante M - médio

1	Um caso que vem aumentando inúmeras
2	vezes é o aborto, pesquisas afirmam que, em uma
3	fachetaria de mulheres no Brasil entre 18 a 39 anos,
4	alfabetizadas e de todas as classes socioeconômicas,
5	foi constatado fatos da prática do aborto.
6	Ainda que o caso do estupro seja permitido
7	em tais situações segundo o art. 5º de nossa
8	Constituição Federal, todos nós temos direito à
9	vida, mesmo que a prática do aborto seja proibida
10	por lei, existe práticas clandestinas que põem em
11	risco a vida tanto da mãe quanto do ser que ela
12	carrega em seu ventre.
13	A polêmica que é o aborto no Brasil,
14	deveria ser tratada em primeira lugar, quando
15	que mulheres fazem vítimas de estupro, causando
16	um estado psicológico da vítima abalado, e tendo
17	acompanhamento de médicos profissionais
18	orientando a mulher para optar pela continuação
19	da gravidez ou a interrupção da gestação, fazendo
20	que elas tenham conhecimento de uma maternidade
21	e si deixam levar pelo pânico social, sem tomar
22	as devidas decisões, quando não são optam
23	pelo aborto. Segundo com a gravidez e o nascimento
24	das regras por pressão familiar e populacional
25	elas após o nascimento do bebê as famílias não
26	longam-as, quando mais problemas futuros
27	o Sociedade.
28	
29	
30	

Anexo N – Redações Estudante N – Fraco professora convidada

Redação 1 – estudante N - fraco

1	O aborto é uma proibição, pois
2	é um ato de violência e acatou que
3	as mulheres não desejam ter filhos
4	e sua esposa e tirar o bebê. Antes
5	de nascer.
6	Pode causar vários danos no utero
7	e injetar no corpo, levar a
8	morte para a mãe em situação, co-
9	mo vai a consciência da pessoa e
10	acatamento que padra na justiça
11	para a vida inteira e não é de
12	pressão, tristeza e dor, suicídio
13	pelo medo que está na situação e
14	na alma, tudo isso é causado em
15	uma ou humana que mata o mundo
16	do inocente. E ainda mata a criança
17	como se tudo fosse um e que nada
18	se acatou.
19	Todos temos o direito de viver
20	em qualquer situação que esteja.
21	Como o próximo como a si mesmo
22	e cuidar. Então a tua consciência
23	limpa em que cada criança tem o
24	seu direito como todos temos de
25	ganhar o mundo que todos visamos.
26	Com projetos em colégios e sua conta
27	o aborto.
28	
29	
30	

Redação 2 – estudante N – fraco

1	Com influência da tecnologia
2	a preocupação com os jovens e
3	maiores. Sabemos que com a
4	organização Mundial de Saúde, 19
5	sabemos com a depressão e cada
6	vez fica pior a situação no
7	Brasil.
8	Além disso, observamos que
9	com o amadurecimento para a
10	vida adulta, pessoas que têm
11	várias mudanças no corpo e
12	que não é fácil relacionar a
13	estes assuntos, pois muitas não
14	entendem o motivo.
15	Devido a isso, que possível
16	contar a história, pode levar ao
17	suicídio, depressão, irritação
18	e fazer os pais perdarem a paci-
19	ência.
20	O Adolescente pode procurar
21	uma boa psicóloga e fazer
22	uma terapia psicológica
23	e com medicamentos. Assim vai
24	ficar melhor, feliz e viver a
25	vida com um jovem normal.
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 3 – estudante N – fraco

1 O ponto da década XXI tudo mudou,
2 em casa, nas ruas, famílias e a vida
3 está diferente da época. Os valores
4 foram da tradição para as coisas
5 modernas e tecnológicas, a tecnologia
6 não mudou e a vida mudou, a mistura da
7 modernidade e da época de pensar
8 das coisas humanas.
9 O ponto da sociedade é: tudo
10 quer e passa, por isso as coisas
11 mudam que não podemos esquecer
12 as lembranças e as dificuldades, por
13 isso os pensamentos das coisas não
14 pode não aceitar como a coisa
15 e com a que muda de lugar, por
16 isso que existe as coisas humanas.
17 Queremos esquecer todas as
18 coisas, mas a próxima coisa a
19 mesmo e se não podemos, não
20 amamos a vida, portanto, tem muita
21 violência no mundo, por falta de
22 coragem, paz, consciência e não
23 outras coisas, conscientização e
24 muito importante para não ser
25 mais problema e todas as
26 coisas de liberdade e principalmente
27 para os filhos.
28
29
30

Redação 4 – estudante N – fraco

1 O ponto se discute a importância
2 do desenvolvimento e a violência
3 no Brasil em defesa da vida
4 pois muitos amigos não querem
5 ilegal e violenta a violência
6 a morte em defesa em cadeia de
7 coisas sem movimento.
8 Os seres humanos com de-
9 sas mentais muito várias per-
10 as, mas é ilegal no nosso país,
11 e necessidade de urgência e se
12 chamar a polícia, pois os di-
13 tos humanos resolvem a justiça.
14 Se tem leis e para resolver
15 e obediência não é necessário a
16 argumentos no mundo e no Brasil
17 e local onde está e não são muito
18 durante a noite.
19 Queremos cada um fazer o seu
20 papel como gente e amor e pró-
21 ximo, não pode machucar nin-
22 guém, pois a que não queremos
23 para si então não deve para o
24 outro. A obediência seria muito
25 vidas e valores como na coisa
26 e na alma. O erro aqui é a or-
27 ção em tudo nosso ser.
28
29
30

Redação 5 – estudante N – fraco

Comenta-se com frequência o res-
peito da ciência em geral da hiperami-
dade, a ciência poderia ser melhor,
com o passar do dia-a-dia a tecnolo-
gia está mais rápida, pois as perso-
as estão ligadas em meios de comu-
nicação.

Pesquisas desempenham um pa-
pel importante para o presente e fu-
turo, porém algumas doenças não
tem cura, com conhecimentos ao
longo dos anos os meios de in-
venções científicas formam com-
plicada em realização de cura de
doenças como o câncer e várias ou-
tras enfermidades.

Os olhos, ouvidos, procuram a-
ran rendimentos e destruiu o mundo
em forma de violência.

É tão poderoso que os cientistas
realizam a sociedade com os elemen-
tos químicos e para conseguir desco-
bertas essenciais precisam de amor
e paz em nosso país. A Biologia a
saúde física como laboratórios.

Redação 6 – estudante N – fraco

O espírito da violência que
as pessoas possuem, uma parte au-
to país, pois têm as dificuldades eco-
nômicas, sociais e culturais em sua pro-
pria vida, família, trabalho e estudos.

Todos devem viver em paz e
construir uma paz, as pessoas que
arrim os habitantes de uma melhor
em que dia-a-dia e em seus pro-
jetos de construção, pessoas e as ge-
rações.

Vários países são violentos
mas o não tem justificativa para
vair de um lugar, se é assim, não
quem deseja ficar em um lugar
lugar.

É os danos afetivos a
ficar em uma região de pesquisa,
para tomar o direito de um lugar
em refúgio, casa e emocional.

Portanto, os imigrantes se-
pode uma razão de imigração
de escassez, assim necessitam
de mais casas, escolas, faculdades,
saúde, mercados, indústria e ali-
mentação, depois formar o amor
com a felicidade dos refugiados. É
preciso menos guerra e mais amor.

Redação 7 – estudante N – fraco

1 A determinação que a varia-
2 ção linguística tem é muito impor-
3 tante, mas qual é realmente esse fenô-
4 meno que acontece, a linguagem pode
5 sofrer?
6 Dessa maneira é possível per-
7 ceber que cada cidadão de região di-
8 ferente possui com a idiossincrasia por pre-
9 tencida linguística e falta de ap-
10 tudidão em questão dos "Ditos de-
11 manas" e a consciência de cada um.
12 O português do Brasil é de que
13 há forma de se falar em Portugal,
14 na fala pode ter variações, mais na es-
15 crita muitas vezes é diferente para os
16 estudos falados e entre outros.
17 As variações que se apresentam
18 nos países, no comportamento da voz
19 e entre outras outras sentenças, apri-
20 mo a língua e menos desorganizada.
21 Portanto, a herança cultural
22 da valorização em uma socie-
23 dade, estado ou país, é um processo
24 de educação e responsabilidade dos
25 seres humanos. O Brasil, que a por-
26 tuguês culturalmente deve ser
27 mais valorizada e é visto em ge-
28 ral.

Redação 8 – estudante N - fraco

1 Salvo-se que o aborto é um cri-
2 me que não tem volta, uma vez feita
3 pode continuar como se fosse droga ou
4 um pecado, assim aumentando a violên-
5 cia de um corpo ingente que não tem
6 culpa dos acontecimentos da realidade.
7 O aborto de que o embrião
8 na primeira semana é uma vida,
9 pois ninguém deve matar o próximo.
10 Temos a direito a vida, e não vale
11 ela. (Daniel Melgosa)
12 O aborto é muito importante,
13 pois se coloca a mulher em risco,
14 entupindo ou a feto nasce com defeito,
15 portanto de legal, pois não para o
16 bem da gestante.
17 É uma coisa que quer tirar
18 uma criança que nem nasceu para
19 corrigir outro problema que está na
20 ser humano que tem solução para
21 resolver com coragem e maturidade.
22 Portanto, a assistência da es-
23 tado proporciona ajuda a gestação,
24 e em caso de não a gestação e nece-
25 ssário de cidade, todavia as doc-
26 tores em ajudar as gestantes a
27 abortar para reduzir a dor que
28 não deseja a maternidade e a dispo-
29 sição da penúncia e o desrespeito
30 com a natureza e a vida.

Aberto não é bombardeio. Se falta de uma mulher, é
falta de o direito de viver porque possui características genéticas
diferente da maioria e logo, tudo o resto de sua condição
de vida em sociedade, porque ele também é um ser humano
completo igual a todos, incluindo as próprias, muitos imigrantes
gostam dos imigrantes, porque eles não têm seu país
fisicamente pertencendo para uma qualidade, é muito melhor para
um objeto, muitos imigrantes que chegam abastam seus próprios
filhos, muitos pais não conseguem abastar seus próprios filhos
do começo da qualidade, quando o bebê é morado o próprio
pai faz ele não sua, ou seja, em locais imigrantes, sem
cuidados, e quando mais problemas ainda para a sociedade
tudo isso não é uma coisa que, mesmo sendo um fato,
ele já tem vida, e um objeto para além a vida de
um ser que não tem culpa de nada. O bebê não sabe
se foi feito de um batismo, ou de uma falta de preservação.
Atualmente, vivemos em uma sociedade destruída de valores,
onde é comum matar os próprios irmãos, não tem
um deus, onde o futuro não se sabe, de tudo e
de profundidade suficiente para fazer uma coisa dessa com uma
sociedade, a cada dia que se passa o número de
casos relatados vem aumentando, os pais tem que ter
mais cuidados com seus filhos, eles são muito mais
pouco seguros, não podem destruir o moral de muitos
pessoas e abastar é uma escola de cada um, o ser humano
não possui uma natureza.

O movimento de desconstrução entre jovens vem aumentando cada vez mais, a desconstrução das normas sociais forma uma maneira de libertação de tudo que não nos representa. Por isso é na juventude das duas décadas seguintes, a sociedade torna-se mais a vida mais bonita, os valores mais jovens, as ideias são totalmente a o consumismo é valorizado, ali é um dos tempos que vivem na liberdade e a ideia que por isso, não há mais a ideia de ordem. Contudo, quando que a ordem não se mantém, mas de forma mais bela, atingido a beleza, não há conexão com a natureza, de vida, material e cultural da sociedade entre a natureza.

Quando deixamos, por exemplo, com o processo de construção o problema, a construção da sociedade das pessoas totalmente, incluindo um movimento de desconstrução, por isso, um movimento mais dentro, isso não tem um movimento com pessoas que se sente de tudo.

Redação 3 – estudante O – fraco

1	O conceito de família é uma das instituições
2	fundamentais da humanidade, já que a vida nasce
3	em sua essência a reprodução, pelo casamento, entre
4	dois indivíduos e outros filhos, em seu grupo social,
5	para a procriação, e ainda, outras organizações
6	de família designada como núcleo social, onde um
7	homem e uma mulher,
8	em que foge-se a natureza a natureza da figura
9	materna, como autêntica e humana a natureza
10	materna, no Brasil, por exemplo, homem, ou
11	uma vez, mesmo o homem, ao longo da história, de
12	uma sociedade, que progressivamente,
13	em suma, para a natureza a natureza e o casamento
14	de modo, organização de família, a longo prazo, foge-se
15	natureza que a ideia de família, ao mesmo, já existe,
16	dentro das instituições, de modo, natureza, e por isso,
17	a natureza do casamento, natureza e natureza, ao longo
18	da história, a natureza de uma sociedade, para
19	isso, para o Brasil, que, como a família, não existe,
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 4 – estudante O – fraco

1	O desenvolvimento no Brasil é fortemente
2	um dependente. Porque os cidadãos não têm
3	nem um tipo de segurança, por suas condições
4	de vida, que eles se sentem com mais
5	segurança, os crimes são mais utilizados por pessoas,
6	que praticam crimes, ou crimes, alguns crimes,
7	não se ligam com os crimes, e é isso que
8	fazem a que quer com a população.
9	Antes de usar as armas de fogo, primeiro
10	a cidade tem que ter a ideia da polícia,
11	o desenvolvimento, para poder, como utiliza-se, as
12	armas de fogo, já aumentando cada vez
13	o número de crimes, crimes.
14	O desenvolvimento é um instrumento
15	importante na história da vida, sem falar do
16	ser humano.
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 5 – estudante O – fraco

Muito sei sobre isso, hoje em dia a falta de conhecimento da ciência na sociedade para a implementação, mas a falta de conhecimento com consequência disso, não se pode mais sentir a falta de interesse dos farmacêuticos e químicos e de médicos de governo no desenvolvimento da ciência. Por isso, os investidores não devem abandonar e reduzir para o sofrimento dos pacientes que necessitam de remédios para combater a doença.

Além disso, tem passado por muitas alterações ao longo do tempo por falta de interesse por investimento certo para todos os casos e a cura de doenças principalmente a cura da câncer.

Quando se fala em câncer, o que foi observado nos parágrafos anteriores a ciência usou cada vez mais e melhor usado no tratamento de doenças para que os pacientes possam ter mais conforto e melhor qualidade de vida. Mas a luta contra o câncer ainda é uma grande luta, mas também tem usado armas e bombas nucleares sendo criadas, melhorando a qualidade da ciência.

Redação 6 – estudante O – fraco

A criança tem que ter um pouco de liberdade para não se tornar um ser muito controlado, mas, também, tem que ter limites, para não se tornar um ser muito livre e que não tenha a liberdade de fazer o que quiser, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle.

Quando se fala em liberdade, o que se quer dizer é a liberdade de fazer o que quiser, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle.

A liberdade de fazer o que quiser, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle, sem qualquer tipo de controle.

Redação 7 – estudante O – fraco

1 A variação linguística é um fenômeno que
2 pode ser compreendida, a língua pode ter várias
3 variedades que em seus falantes, a língua portuguesa
4 ela possui diferentes variedades, a idioma por uma das
5 variedades das podem ser consideradas, elas apresentam porque
6 a principal característica da língua é a comunicação.
7 Uma vez que as variedades vivem a comunicação
8 que delas são comunicadas, com toda a consciência
9 que se manifestam, em direção de um
10 dado, as diferentes falantes, vivem as variedades
11 como a variação e não como as variedades, em variedade
12 de toda a qualquer língua é que é chamado de
13 variação linguística, as variedades linguísticas apresentam
14 porque toda a língua que é chamada de principal
15 da língua, as falantes apresentam que apresentam, de modo
16 com a variedade.
17 A língua é dinâmica e está a variação
18 variedades, por exemplo, em vez de contribuir para
19 que sejam em um processo educacional, um país
20 de idiomas, territorial e multilínguas culturais
21 digressões.
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 8 – estudante O - fraco

1 Atualmente, o aborto é uma questão bastante
2 discutida e recente da legislação, desde 1968. Em 1968
3 de 1968 ou seja a saúde da mãe, porque
4 a legislação não permite que muitas mulheres tenham
5 a aborto, circunstâncias que são, visto que um
6 um aborto, muitas mulheres podem morrer, porque não
7 tem um bom tratamento para uma gravidez, muitas
8 mulheres fazem abortos duas vezes.
9 O aborto é uma grande problema para
10 a saúde pública, muitas vezes, pessoas a alguma
11 doença ou outra coisa da saúde, que elas não
12 conseguem a necessidade de não que elas não a
13 proibição, porque, com a saúde de mulheres a proibição
14 das doenças da mulher, o aborto é considerado um
15 crime porque, tem a vida de um ser humano
16 que não custa de nada.
17 Além de, geralmente, a obrigatoriedade de dados
18 sobre a saúde das mulheres, até a legislação
19 desvaloriza a vida humana, pois que as mulheres
20 devem morrer por um procedimento mais seguro,
21 com a saúde de quem não as mulheres do aborto,
22 além de, além a vida da mãe, um risco também.
23
24
25
26
27
28
29
30

Anexo P – Redações Estudante P – Fraco professora investigadora

Redação 1 – estudante P - fraco

1	O aborto é um assunto muito delicado e proibido.
2	um aborto não se pode fazer a menos de 12 semanas.
3	Como a mãe precisa de momento que uma mãe
4	precisa de um filho ela já pode ter um
5	filho que além de pagar o seu filho, ela vai en-
6	ter um filho a sua vida. Como todos nós
7	já sabemos o aborto é proibido, não vai ser
8	uma coisa, mas a lei é assim na Brasil é uma
9	lei que não muda, digamos isso porque os segun-
10	dos os familiares que dizem que o aborto é
11	uma coisa, não é assim, eles que, infelizmente, tem um filho
12	querendo-se em um filho. Então, geralmente
13	isso acontece, porque, essas pessoas não
14	tenham condições financeiras de ter um fi-
15	lho ou mais de um filho, ou até pelo custo de
16	um filho, pela coisa moral, moral, há de ser
17	por isso, pela coisa da lei, a lei é assim, por
18	isso, também, muita coisa para ter um filho,
19	também, para a pessoa não trabalhar. Por-
20	que os segun- a mãe chorar que está grávida,
21	como podemos dizer um filho, e isso é uma
22	coisa, não é uma coisa, e simplesmente, essa mãe
23	não está preparada para ter um filho, isso
24	também acontece, pelo simples fato de uma
25	mãe não, ou porque ela não tem condições
26	de ter um filho.
27	
28	
29	
30	

Redação 2 – estudante P – fraco

1	Segundo alguns também deprimidos.
2	Uma das coisas que podem levar um jovem a ter
3	a depressão pode ser porque o jovem não entende
4	a sua vida e para família não entende e fazem
5	e não sabem que está acontecendo, e não sabem.
6	A família não entende e fazem, porque o jo-
7	ven não se abre com a família, então, sempre tem
8	há uma grande dificuldade de comunicação en-
9	tre eles, realmente, aqui, não acontecendo com eles.
10	mas, a família precisa a sua mudança, e portanto,
11	precisa se abrir com a família e explicar aqui, não
12	acontecendo para ele, realmente, mudou e não com-
13	pletamente de nada, nem mais nem menos. É
14	possível que a família que a família precisa.
15	A família não precisa saber que está acon-
16	tecendo com seu filho, porque, dizem, mecon-
17	ta de não querir se abrir, em lugares prin-
18	cipalmente em lugares públicos, no entanto,
19	e depressão não é uma coisa, é uma coisa, é uma
20	coisa, é uma coisa, é uma coisa, é uma coisa.
21	A família, como todos os membros não preci-
22	sam de serem todos com eles e precisam um(a)
23	privilegiado(a) para resolver o problema da re-
24	lação, família, família ou não, pode chegar a
25	uma situação mais grave, como o suicídio.
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 3 – estudante P – fraco

1	A escola primária é uma boa educação?
2	A escola não é considerada uma escola primária
3	porque da educação quando os pais não pensam
4	isso fazem com que o indivíduo aprenda de ma-
5	lha forma sobre o conceito de família. É oportu-
6	do que o indivíduo vai adquirir de melhor for-
7	ma na sociedade.
8	As escolas estão tentando garantir
9	uma boa educação para que o indivíduo ad-
10	quiria nascer e desenvolver para o benefício
11	da sua formação seja em escolas públicas
12	ou particulares.
13	Porém, é preciso acreditar que para
14	que o indivíduo possa adquirir uma boa edu-
15	cação é preciso que os educadores lembren-
16	se de valorizar o aluno da melhor forma
17	possível e eficiente.
18	Os conhecimentos adquiridos na es-
19	cola é o começo de um conhecimento sobre o
20	conceito de família para que um indivíduo
21	tenha em mente o que é o conceito de família
22	quando em uma situação de família da mesma
23	forma.
24	Porém, se que para que tudo isso
25	aconteça é preciso que os políticos valorizem
26	as escolas para isso.
27	
28	
29	
30	

Redação 4 – estudante P – fraco

1	É impossível a liberação do porte de armas.
2	Uma arma não pode ser usada por pessoas que têm
3	habilitação e autorização para usar em casos de
4	emergência, onde quando tem que ter em mente
5	quais os riscos que uma arma pode trazer para
6	uma sociedade e para as pessoas que os responsáveis públicos
7	Todos nós cidadãos brasileiros sabe-
8	mos que o porte de armas não pode ser legalizado.
9	Por uma arma pode estar nas mãos de uma pe-
10	ssoa que não é habilitado, e isso pode ser uma pe-
11	ssoa que pode cometer um crime.
12	É claro que se todas as pessoas fo-
13	ressem uma arma nenhum criminoso se inti-
14	midaria e se aproximaria dessas pessoas para
15	praticar crimes e tirar a vida das pessoas
16	inocentes.
17	Se fosse legalizado o porte de armas um
18	indivíduo pode simplesmente tirar a vida de
19	uma pessoa, por muitas pessoas, como por
20	exemplo: por causa de uma discussão de mesmo
21	com a mulher sem razão.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 5 – estudante P – fraco

1	Os benefícios são malefícios da ciência na S.
2	A ciência na sociedade pode nos trazer alguns benefícios
3	e alguns malefícios. Dependendo de qual forma o ser
4	humano pretende usá-la, apartir da sua "compreensão"
5	e espargendo de que a ciência na sociedade pode nos
6	trazer de bem ou de mal.
7	A ciência pode nos proporcionar novos conheci-
8	mentos de ciência, novos para os povos mudam os
9	tempos do tempo. Podemos descobrir algumas doenças
10	a cura para elas. Podemos também descobrir algo
11	novos sobre a natureza e meio ambiente e etc.
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 6 – estudante P – fraco

1	A situação complicada dos imigrantes refugiados.
2	O nosso país não recebeu os que estão os imigrantes refu-
3	giados, mas não quis dizer que todos os países do mundo.
4	Os imigrantes não obrigados a fugir dos seus países, mas
5	indivíduos não natos de forma política e econo-
6	mica.
7	É possível observar que os imigrantes refugiados
8	não tem outra escolha a não ser fugir para outros pa-
9	íses em busca de paz e liberdade, desde que seja um bom
10	lugar para que possam viver, mesmo a vida com a
11	sua família de forma mais segura.
12	Se também sabemos que receber um imigran-
13	te refugiado é ajudar os direitos que eles trazem, e ajudar
14	os problemas econômicos e políticos. Ajudar os com um
15	país seja qual for o país, e ajudar todos os problemas
16	e estar ciente de que pode acontecer.
17	Os imigrantes precisam ser vistos de forma
18	humana e social. Tem que ser visto em seus países
19	apenas de trazerem alguns problemas, pois eles não têm
20	culpa de que está acontecendo em seu país, sendo indivi-
21	duos apenas que estão em paz.
22	Conclui-se que os imigrantes tem que ser
23	protegidos pelos países políticos dos seus países e receber
24	pelos países que os recebem.
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 7 – estudante P – fraco

1 a transição linguística no Brasil.
2 Quando um indivíduo trata os outros como animais,
3 está cometendo um crime e está sujeito a pagar por
4 ele. Tramo para que o governo de Pernambuco lin-
5 quetice. Como transição não ocorreu principal-
6 mente no Nordeste.
7 a transição linguística está sujeita aos
8 contextos históricos, geográficos e socioculturais. A maioria
9 de fala de muitos países podem ser diferentes, mas
10 isso não quer dizer que é errado, mas sim uma tra-
11 nsição linguística.
12 No entanto, falar de maneira errada é
13 transmitir para os seus dependentes que essa seja
14 a melhor maneira, para que eles possam se com-
15 preender de uma maneira melhor em uma variedade
16 para que eles não sejam o preconceito.
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Redação 8 – estudante P - fraco

1 Muitas pessoas praticam o aborto.
2 O aborto tem sido muito praticado no Brasil por
3 muitas mulheres. No meu ver, é mais errado uma
4 mulher ter que se livrar de um filho do que de um
5 que aborta-se ou deixa-se jogado na rua sem en-
6 dado.
7 Toda vez humano tem direito a vida. A
8 criança que se cria a cada dia dentro do ventre de
9 uma mulher é inocente e ela não tem culpa de que a -
10 contem-se ao mesmo tempo que se contem-se porque
11 que está ali.
12 No entanto, a mulher que foi alvo de um
13 estupro tem o direito de abortar uma criança que
14 ela não quer porque de ela não é inocente e não tem
15 culpa, ao menos até por não ter condições de criá-la,
16 por a família não aceitar, etc.
17 Abortar uma criança é está cometendo
18 de que além de está tirando a vida de uma a mãe
19 também está criando o risco de tirar também a
20 sua própria vida. Muitas delas não pensam no
21 risco que estão correndo.
22 Assim, entendemos que o aborto não
23 pode ser legalizado. Os órgãos públicos tem que
24 criar uma lei rígida em que o praticante de aborto
25 tem que pagar pela criança com a sua vida para
26 que diminua a maior parte do aborto.
27
28
29
30

Anexo Q – Redações Estudante Q – Fraco – professora investigadora

Redação 1 – estudante Q - fraco

1 O debate sobre alguns direitos e sobre outros uma polêmica. E por
2 que está se tornando cada vez mais frequente em nossa pais, não
3 quando os lares são porque isso acontece? Tem mulheres que preferem
4 ficar em lares por não ter condições de cuidar de filhos e fazer
5 casa ou porque trabalham, em outros lares das pessoas abster por
6 insegurança. Logo de mais não se expõe e ainda na base de sua
7 pais, e em outros lares de debate das pessoas fazem isso simplesmente
8 por vontade própria não querem ter filhos agora, por isso e várias
9 outras razões. Muitas vezes a vida de um pai que não dá para
10 as mulheres que querem praticar o debate, não é que isso não
11 seja tudo isso das suas razões. Para ter um filho é preciso ter
12 uma rede alguma dinheiro para cuidar de um filho (a) que nem todas
13 têm, também é lançado porque as mulheres que trabalham, por razões
14 praticam de sua imagem, e ter uma criança agora não dá para
15 de seu espaço. Já muitos das vezes as mulheres ainda tem razões
16 insegurança, em que não pais matam, o medo de perder a família
17 e tanto que não que não pais sabem das praticam uma criança
18 e outras coisas. As mulheres que abster porque simplesmente não
19 querem ter filhos agora, ou por falta de pai de um que não expõe
20 não quer a criança. Logo explicado existem muitas razões deste
21 ato, não é e não podemos muito simples.
22 Portanto, é necessário não praticar em lares para os pais e
23 os lares não se preocupando de tudo e de modo um pouco de
24 ganhar para que não seja muito mais para ninguém deve
25 ficar a vida de um pai, não podemos ler os pais para
26 que a família deve trabalhar. É importante que todos os pais possam
27 ter a ajuda de um lares, aqui deixo, em argumentar que abster.
28
29
30

Redação 2 – estudante Q – fraco

1 A grande parte dos lares de dependentes não se faz de
2 abster, cada vez mais lares estão se tornando um a dependentes e
3 mais impetuosa, a fase de abster é uma fase que se discute uma
4 grande fragilidade social que precisa disputar a dependentes, portanto
5 pensar sobre as razões porque que está várias pessoas no mundo.
6 É possível dizer que alguns lares fazem em dependentes somente
7 para manter alguns lares de família, logo é dos idosos, transados,
8 e em outras razões que não imensas, é os lares que não sabem lidar
9 com a doença de idade da velhice, esse é o caso que não é
10 difícil de se disputar.
11 Então deve-se ver alguns dos motivos biológicos que estão lares
12 não um debate nos motivos sociais da sociedade em geral, não
13 não são os lares que sabem lidar com essas doenças mas também os
14 adultos, porém no país de abster, logo grande maioria no
15 campo de lares individuais, por isso a idade que começa a diminuir
16 o mundo está vivendo. Entretanto por outro lado não se que das
17 biológicas, mas também um de uma comunidade familiar de lares, quando
18 não os pais mostram suas intenções nos filhos e se preocupam quando não
19 que não está saudável.
20 Então em relação a sociedade de dependentes, é necessário não praticar
21 em lares para os lares se mantiverem para ajudar um aos outros
22 e de mais importante pensar com a doença e de situação importante
23 a elaboração de governo para não praticar em lares, e a par-
24 tida dos pais (família) com mais cuidado, não abster para não
25 filhos. Então para não permitir ninguém os lares de dependentes e também
26 os lares de saúde.
27
28
29
30

Redação 3 – estudante Q – fraco

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 4 – estudante Q – fraco

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 5 – estudante Q – fraco

1	glos. Suidades, tem: várias mudanças em o tempo da tempo,
2	e consequentemente re. lida. Também, está classe que os países dos anos a
3	lida. os países, toda vez se tornando mais avançada, e com avanços
4	também, optam a sociedade com tecnologias inovadoras, que estão desafiando
5	em da população por melhores condições de vida e de trabalho.
6	Em primeiro plano, o mundo da tecnologia científica tem
7	para a população, mas também desafiando que foram as dificuldades de vida
8	de algumas pessoas, devido inclusive a lida. tecnologia mudando, mas
9	nas lida. mas a natureza dos países, países que estão com avanços mas
10	particularmente, inclusive, lida. que toda vez, mas não se avança mais lida.
11	em, mas desafiando toda vez, melhorando a vida das pessoas e
12	durando toda vez, países, mas lida. lida. e lida.
13	Em segundo plano, sabe-se que a lida. em mais a
14	tecnologia, desafiando. Há duas situações e lida. e, que faz os países
15	em, mas lida. a lida. lida. e lida. países, mas, lida. lida.
16	muitas, extremamente, tecnologias, países de lida. que se foram lida.
17	em, mas lida. países, países, países, países, países, países, países, países
18	iniciando, que países, países, países, países, países, países, países, países
19	lida. e, importante, os países, países, países, países, países, países, países, países
20	que não, países, países, países, países, países, países, países, países
21	o países
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 6 – estudante Q – fraco

1	Os refugiados, de qualquer lugar do mundo, sofrem
2	perseguições e de má vontade de muitos países que os refugi-
3	ados enfrentam para fugir dos países de onde são e para onde são
4	mas, eles também a lida. com lida. e lida. países, países, países, países
5	em, também, países, países, países, países, países, países, países, países
6	lida. de alguns países que estão sofrendo lida. países, países, países, países
7	Em primeiro plano, desafiando, a lida. países, países, países, países
8	refugiados em países. Sabe-se a dificuldade que é para países
9	em, lida. países, países, países, países, países, países, países, países
10	na lida. de países, países, países, países, países, países, países, países
11	e, desafiando, e países, países, países, países, países, países, países, países
12	atando, países, países, países, países, países, países, países, países
13	iniciando, países, países, países, países, países, países, países, países
14	durando, países, países, países, países, países, países, países, países
15	Em segundo plano, lida. a grande dificuldade dos
16	países que sofrem países, países, países, países, países, países, países, países
17	de países, países, países, países, países, países, países, países
18	dos países que sofrem países, países, países, países, países, países, países, países
19	em, desafiando, países, países, países, países, países, países, países, países
20	para, países, países, países, países, países, países, países, países
21	lida. e, importante, países, países, países, países, países, países, países, países
22	em, países, países, países, países, países, países, países, países
23	para, países, países, países, países, países, países, países, países
24	países, países, países, países, países, países, países, países
25	de, países, países, países, países, países, países, países, países
26	
27	
28	
29	
30	

Redação 8 – estudante Q - fraco

[illegible]

Anexo R – Redações Estudante R – Fraco – professora investigadora

Redação 1 – estudante R - fraco

1 O aborto mesmo que não precise é uma coisa muito
2 presente no nosso dia-a-dia. Milhões de jovens por imatu-
3 ridade e por medo acabam se comprometendo, não sabendo
4 as consequências que vem pela frente. Mas esta coisa
5 se erra? Afinal é uma coisa tirar a vida de
6 um inocente ou é um direito de fazer o que quiserem com
7 o próprio corpo?
8 A maioria dos jovens de hoje em dia se relacionam
9 sem a devida prudência e por consequência contraindo
10 doenças e gravidezes muitas vezes indesejadas, em mu-
11 tos dos casos os pais têm condições psicológicas e finan-
12 ciais acabam tirando a vida da criança e em muitos
13 casos a própria vida.
14 Muitos se perguntam "Por que ela fez isso?" "era só
15 uma criança, não tem culpa de nada" e realmente não
16 tem nenhuma. A sociedade e a igreja julgam como
17 um monstro a mulher que faz isso sem saber
18 as reais consequências.
19 Todos nós temos o direito de fazer o que quise-
20 mos com o nosso corpo, mas neste caso significa
21 que está tirando a vida de outra pessoa, vem dan-
22 o a ela e chuto de se defender. Hoje é proibido o
23 aborto e ele só acontece ilegalmente, muitas vezes
24 em clínicas clandestinas e os resultados não são bons.
25 Mas como podemos acabar com essa situação,
26 podemos fazer palestras sobre prevenção de doenças
27 e gravidezes, mas cabe o papel aos pais de ensinar
28 aos filhos que esta coisa é errada, afinal se não
29 fizessem a criança não é mais de a pessoa que
30 querem e não podem ter filhos.

Redação 2 – estudante R – fraco

1 Pode-se afirmar que a depressão é o nome
2 mais vilão atualmente atinge cerca de 350 milhões
3 de pessoas no mundo todo e a tendência é só aumentar.
4 quase todos os dias vemos casos nos jornais sobre
5 alguém que se matou devido a depressão.
6 Nos últimos anos se falou muito neste assunto.
7 Principalmente depois de muitos casos que ocorreram
8 na causa de um jogo chamado bola-aquela, onde
9 o jogador fazia vários desafios como se auto-mu-
10 tilar e se matar no final, foi comprovado que a
11 maioria dos que se suicidaram tinha depressão.
12 Também foi muito falado na série de TV da NET
13 ELIX "13 Reasons Why" onde a protagonista
14 sofria bullying e no fim se suicidava.
15 O bullying também é uma das maiores
16 causas, pois a vítima se fecha em si mesma
17 e acaba sofrendo de outros proble-
18 mas ligados a depressão um dos sintomas é se
19 sentir inferior às outras pessoas se sentir para-
20 do, sem vontade de viver, grande insegurança,
21 síndrome do pânico, transtornos na personalidade.
22 Mas o que poderia ser feito? O Ministério Público
23 poderia criar clínicas especializadas para ajudar
24 quem não tem condições de pagar o tratamento, po-
25 dria distribuir remédios para a população que tem
26 depressão universal, poderia fazer palestras de auto-
27 ajuda para pessoas com baixa auto-estima,
28 palestras de conscientização para pessoas se atuali-
29 zarem e fazer com que esses 350 milhões
30 de pessoas saiam desse mal.

Redação 3 – estudante R – fraco

1 Hoje o conceito de família mudou completamente,
2 tanto que não se constitui uma só forma de amor.
3 Porém não é tão fácil assim, sabemos que famílias
4 diferentes são bem vistas pela sociedade, afinal
5 são diferentes. Tanto que para uma casal heteros-
6 sexual adotar uma criança envolve uma grande burocracia.
7 Na maioria dos países europeus já não aceita
8 tanto casamentos, como adoções de crianças por co-
9 plos heterossexuais. Já no Brasil pouco vai ao en-
10 to de adoções de crianças por casais heterossexuais,
11 pois ali para isso gera muita burocracia e
12 muito custo para heterossexuais.
13 As próprias crianças, sofrem bullying nas
14 escolas por não ter pais de gêneros diferentes.
15 Muitos pensam que uma família heterossexual
16 já é mal a uma criança pois não são o
17 modelo que eles precisam, acham ali que ne-
18 cessariamente a criança será heterossexual também.
19 Até o próprio governo não quer aceitar, e nem
20 aprovar a adoção de crianças por casais
21 de pais da família convencional, afinal se
22 quem pode ter uma família são os casais he-
23 terossexuais.
24 Visto que não precisa ter uma família
25 para uma família convencional para ser um
26 lar feliz, a Estatuto da família deve ser apro-
27 vado. Pois teria muitas crianças de orfa-
28 natos lares onde elas não recebem carinho
29 nem amor e são muitas vezes abusadas e até
30 passam fome.

Redação 4 – estudante R – fraco

1 Muitos dizem que a liberação das armas no
2 Brasil seria bem, pois além de contribuir com a
3 segurança pública, contribuiria também com a for-
4 tificação. Porém não é isso que os números mostram, de
5 50 anos para cá a violência aumentou e muito.
6 Vemos casos toda hora, onde o marido chega em
7 casa muitas vezes bêbado, a violência doméstica já
8 é extremamente abusiva, e se esse homem tiver uma
9 arma? Consegue vai quem resolver isso com violên-
10 cia, é por isso que Portugal é a nossa realidade.
11 Diz que não a favor da paz e de porte de arma,
12 defendem que seria bom possuir uma, pois se preci-
13 zarem em um momento de violência já resolveriam
14 ali o caso e o problema. Inclusive eles defendem a ide-
15 ia que para possuir uma arma as pessoas teriam
16 que passar por um exame psicológico antes e por um
17 treinamento preparatório.
18 Mas e quem não tem condições de comprar
19 uma arma? Como teria condições de comprar e
20 ainda pagar pelo treinamento, e pagar pelo exame?
21 Estaria muito, sendo que muitas vezes buscam
22 em no mercado clandestino. Assim sendo os
23 que tem condições de ter, teriam, e os que não
24 ficariam com sua segurança em risco.
25 Assim concluímos que para que seja apro-
26 vada a liberação das armas, teria que ser mudada
27 muitas coisas, como por exemplo: investir na educa-
28 ção, fazer exames psicológicos e cursos preparatórios gra-
29 tuitamente, fazer muitas delegacias e prisões para
30 que o estado nos forneça segurança.

Redação 5 – estudante R – fraco

1 A ciência nasceu antes de nós, dada com
2 a sociedade. Mas em tempos modernos como na
3 período C.C. onde o homem da época já queria
4 saber sobre o universo, o que o envolvia.
5 Com o passar do tempo foi atualizando-se,
6 trazendo coisas que usamos até hoje. Bons exem-
7 plos são: Mendel e Darwin revolucionando a genética,
8 Newton a física, Darwin a Biologia.
9 Em contrapartida a ciência não agrada a
10 todos, na Idade Média e hoje em dia sempre foi cri-
11 ticada pela igreja. Pois ao contrário, a ciência dis-
12 corda que exista um Deus supremo.
13 A sociedade tem uma grande dependência
14 da ciência, sem ela não teria toda tecnologia que
15 existe agora. Com seus avanços descobriu a do-
16 ça e suas curas; tanto é que muitas doenças
17 perigosas foram erradicadas.
18 Assim sendo a ciência é necessária para
19 a sociedade, e com o tempo vai avançar mais. Tal-
20 vez em um futuro breve ela encontrará a cura
21 de muitas doenças e talvez Marte. Sabendo da
22 importância a MFC junto ao estado pode investir
23 para que se tenha laboratórios em escolas para
24 que os alunos possam aprender a teoria e a
25 prática, e os cientistas brasileiros nos represen-
26 tando.
27
28
29
30

Redação 6 – estudante R – fraco

1 De acordo com a Constituição Europeia dos
2 Direitos Humanos de 1951, os refugiados devem ser acolhi-
3 dos e não serem discriminados por religião, etnia, naci-
4 onalidade, e qualquer outro motivo. Contudo isso não é
5 a realidade, pois os refugiados acabam sendo vítimas de
6 xenofobia.
7 Pesquisadores citam que isso é a maior
8 crise de refugiados logo após a II Guerra Mundial,
9 a maior parte deles vindos da Síria, seguidos por
10 Iraque e países africanos, todos eles fugindo da guerra.
11 Logo, os países que acolhem, já não querem
12 mais a acolhida, pois as populações tem medo de jun-
13 tos aos refugiados vivem os terroristas, com isso
14 a entrada nos fronteiras fica muito mais compli-
15 cada e assim muitos deles perdem suas famílias
16 e também o direito de uma nova vida.
17 No Brasil, após a crise da Venezuela imi-
18 grantes estão vindo pelo norte do país começando uma
19 nova vida, sendo o Brasil um dos maiores acolhedores
20 de imigrantes refugiados, desde o terremoto do
21 Haiti onde ele acolheu as vítimas desta catástrofe.
22 Mesmo com as dificuldades pelo caminho,
23 quando chegam ao Brasil eles têm o apoio do Comê-
24 orgo que ajuda os refugiados a começarem uma
25 nova vida, tendo direito a moradia, cidadania,
26 a alimentação, e assim ter uma vida digna
27 junto aos seus.
28
29
30

Redação 7 – estudante R – fraco

1 Todas as nações possuem o seu idioma, e
2 junto a ele suas variações. O idioma português "abra-
3 silizado" recebe palavras de grego, latim, africano,
4 indígena, e próprio português, entre outros. Contudo,
5 mesmo historicamente o país tem suas variações
6 nas regiões, muito que ainda não procurem
7 logo, até nas emissoras de TV, e especia-
8 mente, em jornais, geralmente não se vê jorna-
9 listas falando fora da norma culta, em jornais
10 vendidos por exemplo, em regiões onde o sota-
11 que é mais ouvido, percebe-se que há uma ten-
12 dência a se falar, como se a variação de sua
13 região fosse errada.
14 Assim percebe-se também que mu-
15 ltas pessoas acabam não conseguindo entender
16 pela sua maneira de se expressar. Igualmente
17 pessoas que deslocam-se de seus estados para
18 outras, muitas vezes sofrendo ali "problemas
19 linguísticos" e ali não conseguindo uma comu-
20 nicação por serem variações diferentes.
21 Em termos destes problemas e
22 próprios genêrines junto ao Ministério da
23 Educação e Cultura devem fazer campanhas
24 nacionais para orientar a população, para
25 que tenham consciência que cada parte
26 do país mesmo historicamente ou especia-
27 mente possuem suas próprias expressões,
28 assim implantando-se o respeito às pessoas
29 de país.
30

Redação 8 – estudante R - fraco

1 No Brasil, o alivado é uma questão bastante polêmi-
2 ca, e suas características ligadas à religiosidade. Com isso, legi-
3 os e estudios concluíram que o alivado é uma forma de
4 adoração que vem aumentando com a passagem do tempo.
5 O alivado entre famílias tradicionais e bastante cristãs, co-
6 nhecem um ligado grande para quem o camelo.
7 Em algumas lugares o alivado é legalizado em algu-
8 mas países, com o objetivo de ser utilizado em casos ex-
9 cepcionais, quando a mãe sofre o parto de forma, e o feto
10 não está se girando no seu devido lugar. Entretanto, o ato
11 de alivado no Brasil é considerado um crime, pois muitas
12 pessoas morrem por não terem seus corpos pessoalmente
13 cuidados para uma operação, e nem para um alivado.
14 De acordo com os dados, uma em cada cinco
15 mulheres tendem a ter alivado pelo o menos uma vez na
16 vida. 4,17 mil mulheres interromperam a gravidez sendo ela
17 indesejada ou fruto de uma estupro. Em alguns casos
18 muitas mães não conseguem interromper a gravidez, e as-
19 sim abandonam seus filhos na rua com poucas cui-
20 dadas. Entretanto, há famílias nos lugares, muitas gestões,
21 criam seus filhos mesmo sendo um fruto de um estupro
22 sendo que todos têm muito direito a vida. Estabe-
23 limento, o alivado tendo um custo como um sei-
24 mo, e somente legalizado em casos de grande importância.
25 O governo deve ficar se interessado para onde praticam o
26 alivado clandestino, pois muitas mulheres e adolescentes não
27 sabem ao fazerem o aborto deves ficar atentos ao com-
28 portamento daqueles que os mulheres, pois mulheres de famí-
29 lias não sabem os filhos em problemas de saúde e estes di-
30 cam a adoção de crianças abandonadas.